

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Daniela Bernardino de Almeida

Lisboa, abril de 2013

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino
Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Daniela Bernardino de Almeida

Relatório apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob
a orientação da Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis

Lisboa, abril de 2013



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a) MARIA PAULA COLARES PEREIRA DOS REIS

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a) DANIELA BERNARDINO DE ALMEIDA

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrado do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 19 de ABRIL de 2013

O(A) Orientador(a)




Agradecimentos

Estar hoje a escrever o meu Relatório Profissional, posso dizer que é muito importante para mim, pois significa que muito em breve irei exercer a profissão com que sonhei desde sempre.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio de muitas pessoas às quais agradeço tudo o que fizeram por mim:

Em primeiro lugar quero agradecer ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, por me ter aceite na sua instituição, escola que desconhecia e pela qual fiquei fascinada desde o primeiro dia. Quero agradecer também a todos os docentes por todo o conhecimento e apoio que me foram transmitindo ao longo destes anos.

À Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis que acreditou em mim e aceitou-me como sua orientanda. À sua total disponibilidade desde o primeiro momento, por todo o apoio, paciência, dedicação e até pelo empréstimo de livros.

Aos dois Jardins-Escolas de Lisboa onde realizei os meus estágios, agradeço a todo o corpo docente e não docente, em particular à Diretora Maria Margarida Dias e às Educadoras Ana Sofia Lopes, Ana Mafalda Famalicão e Ana Gamito. Agradeço por todo apoio, críticas e conselhos, pois ajudaram-me a crescer profissionalmente e pessoalmente

Às meninas, Bárbara Viçoso, Marta Faria, Vanda Santos e Sofia Duarte, que estiveram comigo desde o primeiro dia de aula, formando assim o pentágono perfeito nos trabalhos de grupo, estágios e muitas aventuras ao longo destes quatro anos.

Não posso deixar de agradecer à loja, ETXART&PANNO do CascaiShopping onde trabalhei e às pessoas que fazem parte dela, as minhas colegas Ana Camelo, Fátima Rodrigues e Soraya da Graça, que ao longo de quase quatro anos e todos os fins-de-semana partilharam comigo momentos de alegria e sempre se prontificaram para me ajudarem a realizar o meu sonho profissional.

A toda a minha família, em especial aos meus pais, à minha irmã Joana e ao meu padrinho Carlos, pelo apoio incondicional, compreensão, sobretudo nos momentos mais críticos e por me ajudarem a realizar todos os meus projetos até ao mais ínfimo pormenor.

Para finalizar quero agradecer, ao meu namorado, pelos longos quilómetros de estrada que fez durante três anos para me apoiar quando me sentia desiludida comigo mesma, por todos os momentos partilhados, conselhos, amor e dedicação.

Muito obrigada a todos do fundo do meu coração!

Índice Geral

Índice de Figuras	XI
Índice de Quadros	XIV
Introdução	1
Capítulo 1 – Relatos Diários	11
Descrição do capítulo	13
1.1. 1. ^a Secção – Período de Estágio no Bibe Amarelo	17
1.1.1 Caracterização da turma	17
1.1.2 Caracterização do espaço	18
1.1.3 Rotinas	19
1.1.4 Áreas de conteúdo no Pré-Escolar	21
1.1.5 Atividades curriculares.....	22
1.1.6 Horário do Bibe Amarelo	23
1.1.7 Relatos diários.....	24
1.2. 2. ^a Secção – Período de Estágio no Bibe Encarnado	42
1.2.1 Caracterização da turma	42
1.2.2 Caracterização do espaço	42
1.2.3 Rotinas.....	42
1.2.4 Horário do Bibe Encarnado	43
1.2.5 Relatos diários.....	43
1.3. 3. ^a Secção – Período de Estágio no Bibe Azul	57
1.3.1. Caracterização da turma	57
1.3.2. Caracterização do espaço	57
1.3.3. Rotinas	59
1.3.4. Horário do Bibe Azul	59
1.3.5. Relatos diários.....	60

1.4.	4. ^a Secção – Seminário de Contacto com a Realidade Educativa (Estágio Intensivo)	79
1.4.1	Caracterização da turma	79
1.4.2	Caracterização do espaço.....	79
1.4.3.	Rotinas.....	80
1.4.4.	Relatos diários	80
1.5.	5. ^a Secção – Período de Estágio no 4. ^o Ano	84
1.5.1.	Caracterização da turma	84
1.5.2	Caracterização do espaço.....	84
1.5.3.	Rotinas.....	85
1.5.4.	Áreas curriculares disciplinares de frequência obrigatória.....	86
1.5.5.	Áreas curriculares não disciplinares	88
1.5.6.	Horário do 4. ^o Ano	90
1.5.7.	Relatos diários	91
1.6.	6. ^a Secção – Período de Estágio no 3. ^o Ano	105
1.6.1.	Caracterização da turma	105
1.6.2	Caracterização do espaço.....	105
1.6.3.	Rotinas.....	106
1.6.4.	Horário do 3. ^o Ano	106
1.6.5.	Relatos diários	106
1.7.	7. ^a Secção – Período de Estágio no 1. ^o Ano	123
1.7.1.	Caracterização da turma	123
1.7.2	Caracterização do espaço.....	123
1.7.3.	Rotinas.....	123
1.7.4.	Horário do 1. ^o ano	124
1.7.5.	Relatos diários	124
1.8.	8. ^a Secção – Período de Estágio no 2. ^o Ano	141
1.8.1.	Caracterização da turma	141

1.8.2 Caracterização do espaço.....	142
1.8.3. Rotinas.....	142
1.8.4. Horário do 2.º Ano	142
1.8.5. Relatos diários	143
Capítulo 2 – Planificações.....	163
Descrição do capítulo	165
2.1. Fundamentação Teórica	165
2.2. Planificações em quadro	165
2.2.1. Planificação da área curricular do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	170
2.2.2. Planificação da área curricular de Domínio de Iniciação à Matemática	173
2.2.3. Planificação da área curricular de Estudo do Meio	176
2.2.4. Planificação da área curricular de Matemática	180
Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação	185
Descrição do capítulo	187
3.1. Fundamentação Teórica	187
3.2. Avaliação da atividade da área de Conhecimento do Mundo	191
3.2.1. Contextualização	191
3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios	192
3.2.3. Grelha de avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo ...	193
3.2.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular	194
3.2.5. Análise do gráfico	194
3.3. Avaliação da atividade de Domínio da Matemática.....	194
3.3.1. Contextualização	194
3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios	195
3.3.3. Grelha de avaliação da atividade de Domínio da Matemática	197
3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular	198
3.3.5. Análise do gráfico	198

3.4. Avaliação da atividade de Português	199
3.4.1. Contextualização	199
3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios	200
3.4.3. Grelha de avaliação da atividade de Português	201
3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular	201
3.4.5. Análise do gráfico	202
3.5. Avaliação da atividade de Matemática	202
3.5.1. Contextualização	202
3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios	203
3.5.3. Grelha de avaliação da atividade de Matemática	205
3.5.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular	206
3.5.5. Análise do gráfico	206
Reflexão final	209
1. Considerações finais	211
2. Limitações	213
3. Novas pesquisas	213
Referências Bibliográficas	215

Índice de Figuras

• <i>Figura 1 – Horta do Jardim-Escola</i>	4
• <i>Figura 2 – Sala do Bibe Amarelo</i>	18
• <i>Figura 3 – Cantinho da leitura</i>	18
• <i>Figura 4 – Posição dos alunos na roda</i>	19
• <i>Figura 5 – Posição em que a educadora sentou as crianças</i>	25
• <i>Figura 6 – Posição das crianças sentadas</i>	29
• <i>Figura 7 – Peças dos Blocos Lógicos colocadas no quadro</i>	29
• <i>Figura 8 – Construção do olho</i>	31
• <i>Figura 9 – Elaboração da proposta de trabalho</i>	31
• <i>Figura 10 – Criança a sentir as superfícies do cubo</i>	34
• <i>Figura 11 – Peças que a educadora colocou no quadro</i>	35
• <i>Figura 12 – Crianças a fazerem sabonetes</i>	38
• <i>Figura 13 – Crianças a picotar</i>	39
• <i>Figura 14 – Criança a rasgar papel</i>	39
• <i>Figura 15 - Criança a colar</i>	39
• <i>Figura 16 – Sala do Bibe Encarnado</i>	42
• <i>Figura 17 – Cantinho da leitura</i>	42
• <i>Figura 18 – Crianças vestidas de Terra e Lua, a representar os movimentos efetuados pelas mesmas</i>	46
• <i>Figura 19 – Criança a colocar os algarismos por ordem crescente</i>	47
• <i>Figura 20 – Criança no quadro a falar da “sua” casa</i>	50
• <i>Figura 21 – Árvore genealógica e eu</i>	55
• <i>Figura 22 – Material das crianças</i>	55
• <i>Figura 23 – Bonecos feitos de rolhas</i>	55
• <i>Figura 24 - Moldura feita com arroz</i>	55
• <i>Figura 25 – Sala do Bibe Azul</i>	58
• <i>Figura 26 – Exemplo do jogo dos números</i>	61
• <i>Figura 27 – Crianças a tentarem fazer o quadrado</i>	61
• <i>Figura 28 – Criança a contornar</i>	61
• <i>Figura 29 – Criança a pintar</i>	61
• <i>Figura 30 – Calculadora Papy</i>	63
• <i>Figura 31 – Ditado de letras e desenho</i>	64
• <i>Figura 32 – Medalha oferecida pela educadora</i>	66
• <i>Figura 33 – Crianças a desenhar</i>	66

• <i>Figura 34 – Material distribuído pela educadora</i>	67
• <i>Figura 35 – Construção da ponte alta</i>	68
• <i>Figura 36 – Construção de um camião</i>	68
• <i>Figura 37 – Crianças a imaginar que estão dentro de um carro</i>	68
• <i>Figura 38 – Crianças a tingir papel de seda</i>	73
• <i>Figura 39 – Desenho elaborado por uma criança</i>	73
• <i>Figura 40 – Papel de seda tingido</i>	74
• <i>Figura 41 – Criança a percorrer com a boneca o itinerário realizado</i>	74
• <i>Figura 42 – Itinerário realizado por uma criança</i>	76
• <i>Figura 43 – Itinerário gigante</i>	76
• <i>Figura 44 – Pintura de giz e leite realizado por uma criança</i>	81
• <i>Figura 45 – Eu a contar a história</i>	82
• <i>Figura 46 – Sala do 4.º Ano</i>	85
• <i>Figura 47 – Aluno a pintar a capa</i>	93
• <i>Figura 48 – Alunos a decorar o saco</i>	95
• <i>Figura 49 – Prenda do dia do pai</i>	95
• <i>Figura 50 – Eu a lecionar a aula de Matemática</i>	101
• <i>Figura 51 – Aluno a realizar a atividade de matemática</i>	104
• <i>Figura 52 – Experiência</i>	104
• <i>Figura 53 – Aluna a trabalhar com o material Cuisenaire</i>	108
• <i>Figura 54 – Registo escrito da aula</i>	108
• <i>Figura 55 – Aluno a realizar a construção do poço</i>	110
• <i>Figura 56 – Representação de potências com o material Cuisenaire</i>	112
• <i>Figura 57 – Aluno a fazer a construção “Móvel de quarto”</i>	113
• <i>Figura 58 – Aluno a fazer a construção “Ponte Alta”</i>	113
• <i>Figura 59 – Aluno a resolver as situações problemáticas propostas</i>	113
• <i>Figura 60 – Cavalos para a aula de História de Portugal</i>	115
• <i>Figura 61 – Desenho sobre o dia da criança</i>	117
• <i>Figura 62 – Atividade realizada com guaches</i>	126
• <i>Figura 63 – Árvore Genealógica feita no quadro</i>	129
• <i>Figura 64 – Exercício de matemática (pictograma)</i>	131
• <i>Figura 65 – Aluno a realizar a proposta</i>	131
• <i>Figura 66 – Imagens e proposta sobre a Lenda do Verão de S. Martinho</i> .	138
• <i>Figura 67 – Aluna a colocar corante na experiência</i>	145
• <i>Figura 68 – Aluno a realizar a proposta de trabalho</i>	149

- *Figura 69 – Alunos a marchar* 150
- *Figura 70 – Alunas a cantar e a imaginar que lavam a roupa na ribeira* 150
- *Figura 71 – Programação por capacidades e valores (Román e Díez, 1994,22 citado em Pérez, s.d.)* 168
- *Figura 72 – Proposta de trabalho sobre a aula da visão* 191
- *Figura 73 – Gráfico circular com os resultados da atividade de Conhecimento do Mundo* 194
- *Figura 74 – Proposta de trabalho de Matemática* 195
- *Figura 75 – Peças do Cuisenaire unidas pelas extremidades* 196
- *Figura 76 – Gráfico circular com os resultados da atividade de Domínio da Matemática* 198
- *Figura 77 – Proposta de trabalho de Português* 199
- *Figura 78 – Gráfico circular com os resultados da atividade de Português.....* 202
- *Figura 79 – Proposta de trabalho de Matemática* 203
- *Figura 80 – Gráfico circular com os resultados da atividade de Matemática* 206

Índice de Quadros

• Quadro 1 – Cronograma de estágio do Pré-Escolar, de setembro de 2011 a fevereiro de 2012.....	8
• Quadro 2 – Cronograma do estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de março de 2012 a fevereiro de 2013	8
• Quadro 3 – Distribuição dos momentos de estágio	13
• Quadro 4 – Horário do Bibe Amarelo	24
• Quadro 5 – Horário do Bibe Encarnado	43
• Quadro 6 – Horário do Bibe Azul	59
• Quadro 7 - Horário do 4.º Ano	90
• Quadro 8 – Horário do 3.º Ano	106
• Quadro 9 – Horário do 1.º Ano	124
• Quadro 10 – Horário do 2.º Ano	143
• Quadro 11 – Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem	167
• Quadro 12 – Planificação da área da Expressão e Comunicação Oral, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	170
• Quadro 13 – Planificação da área de Domínio de Matemática	173
• Quadro 14 – Planificação da área de Estudo do Meio História de Portugal	176
• Quadro 15 – Planificação da área de Matemática	180
• Quadro 16 – Escala de classificação	191
• Quadro 17 - Apresentação dos Parâmetros, critérios e respetivas cotações	192
• Quadro 18 – Grelha de avaliação da área de Conhecimento do Mundo.....	193
• Quadro 19 – Apresentação dos Parâmetros, Critérios e respetivas cotações.....	197
• Quadro 20 – Grelha de avaliação da área de Domínio da Matemática	197
• Quadro 21 – Apresentação dos Parâmetros, Critérios e respetivas cotações.....	200
• Quadro 22 – Grelha de avaliação da área de Português	201
• Quadro 23 – Apresentação dos Parâmetros, Critérios e respetivas cotações.....	204
• Quadro 24 – Grelha de avaliação da área de Matemática	205

Introdução

Relatório de Estágio Profissional
Escola Superior de Educação João de Deus

O presente Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II e III, que se iniciaram no dia 27 de setembro de 2011 e terminaram a 25 de janeiro de 2013. Este estágio foi realizado durante três dias por semana, às segundas, terças e sextas-feiras, das 9h às 13h. Ao longo do período de Estágio Profissional estive presente nas três faixas etárias de ensino da Educação Pré-Escolar e nos quatro anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

De seguida, é descrita a forma como o relatório está organizado e referido o seu interesse. Inicia-se com uma Introdução, onde refiro a descrição da estrutura do relatório de estágio profissional, identifico os locais onde estagiei, a importância da elaboração do relatório de estágio profissional, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência utilizada e, por fim, o cronograma de estágio. Ao longo do relatório serão expostas algumas ideias e opiniões de vários autores retiradas de artigos, livros, revistas e sites da internet para que sejam fundamentadas as situações vividas durante o estágio.

Este Relatório será o último momento de avaliação a ser realizado antes de começar a exercer profissionalmente, foi redigido segundo o novo acordo ortográfico e após a introdução encontra-se dividido em três capítulos.

O Capítulo 1 é dedicado aos Relatos Diários, onde estão registadas as observações mais pertinentes de todas as manhãs do estágio, a caracterização de cada turma assim como do espaço. Depois das observações feitas serão realizadas inferências que estão cientificamente fundamentadas.

No Capítulo 2, denominado por Planificações, são enumeradas várias atividades realizadas. Todas as atividades têm uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem e respetiva fundamentação teórica.

No Capítulo 3, designado por Dispositivos de Avaliação, coloquei as avaliações que realizei durante as aulas que lecionei no Estágio Profissional, referentes às quatro áreas: Conhecimento do Mundo e Expressão e Comunicação: Domínio das expressões (plástica), Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática. Neste capítulo são justificadas as estratégias abordadas e refiro a importância da avaliação no Ensino Pré-Escolar e no Ensino Básico.

Por último, será exposta a Reflexão Final, onde exprimo uma reflexão sobre a importância do estágio para a minha formação profissional, as limitações e pesquisas que gostaria de realizar futuramente. Para abordar tudo isto, ao longo do mestrado, realizei o meu estágio num Jardim-Escola João de Deus situado em Sintra e num situado na zona de Lisboa, estes são apenas dois dos vários centros educativos João de Deus existentes no nosso País.

O primeiro jardim-escola, situa-se na zona de Sintra, numa zona urbana e residencial, existindo também vários espaços de comércio como por exemplo um pequeno mercado junto ao

mesmo, uma escola de 1.º Ciclo e outra de 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico. Este abre às 6h 30m da manhã e fecha às 19h 30m. O Jardim-Escola também tem atividades de tempos livres (ATL), e dá apoio a crianças de outras escolas para realizarem os trabalhos de casa entre outras coisas. Quanto aos meios de transportes para chegar ao mesmo só por veículo próprio ou então de autocarro.

No que diz respeito ao espaço exterior do Jardim-Escola, na parte da frente é possível observar a fachada do mesmo e um pequeno parque para estacionar os carros. Em relação às traseiras podemos observar dois espaços de divertimento para as crianças, como por exemplo, a casinha no recreio do ATL e o escorrega na outra parte do recreio.

Relativamente ao espaço interior possui seis salas de aula, berçário, uma sala de atividades e lazer, uma sala para as estagiárias, secretaria, papelaria, sala de arrumos, gabinete de Direção, uma cozinha, um refeitório, uma lavandaria, um roupeiro, um ginásio, uma sala de informática, duas zonas de casa de banho para crianças e duas para adultos, três salas para ATL, dois espaços exteriores e uma horta como apresenta na figura 1.

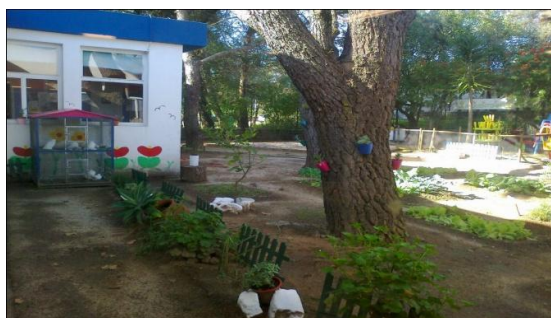


Figura1 – Horta do Jardim-Escola

Neste jardim-escola as crianças têm a possibilidade de frequentar as seguintes atividades extra curriculares: inglês, música, informática, educação física, judo e ballet. Este possui as seguintes valências: Berçário, Creche, Pré-Escolar e ATL, por isso os alunos têm idades compreendidas entre os 4 meses e os 5 anos. Cada turma é composta em média por 25 alunos. As turmas são todas homogéneas relativamente à idade, ou seja, as crianças estão separadas pelas diferentes faixas etárias. Cada faixa etária, exceto o Berçário e o ATL, usa um Bibe com uma cor diferente. Na Creche, as crianças de 1 ano usam um Bibe Azul Claro e as de 2 anos um Bibe Verde-claro. No Pré-Escolar, as de 3 anos usam Bibe Amarelo, as que usam um Bibe Encarnado têm 4 anos e as de 5 anos têm um Bibe Azul.

Como este Jardim-Escola não tem valência de 1.º Ciclo, tive que realizar o estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico em outro. Este localiza-se no centro de Lisboa e situa-se ao pé de outras escolas secundárias, básicas, públicas, privadas e instituições particulares de solidariedade social. Fica também localizado numa zona de comércio e com transportes públicos acessíveis.

O Jardim-Escola tem as valências de Creche, educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim, as crianças que o frequentam têm idades compreendidas entre os 4 meses e os 10 anos. Este é constituído por um único edifício, onde funciona a creche, dos 4 meses até aos 2 anos, pré-escolar, dos 3 aos 5 anos, estas salas encontram-se no rés-do-chão, assim como as salas do 1.º ano do 1.º Ciclo de Ensino. Tal como no Jardim-Escola referido atrás, as turmas nesta instituição são todas homogéneas relativamente à idade. No primeiro andar encontram-se seis salas de aula, onde funcionam as aulas das restantes turmas do 1.º Ciclo (2.º, 3.º e 4.º ano).

O primeiro ano do 1.º Ciclo também se encontra no r/c. O Jardim – Escola tem três complexos, casas de banho para meninos, meninas e pessoal docente e não docente (separadamente), um refeitório, uma cozinha, uma sala de informática, uma despensa, um gabinete para a direção, uma sala com a biblioteca e uma sala dos computadores. Para explorar todas estas áreas dos Jardins-Escola tive uma colega de estágio.

O Estágio foi realizado com uma colega da minha turma, e ter alguém com quem partilhar, ideias, experiências e observações na minha opinião foi fundamental. Por isso, durante o Mestrado de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico o meu par de estágio foi a S. D., parceira a todos os níveis, pois desde o primeiro ano de faculdade que estamos na mesma turma e nos dois últimos anos da Licenciatura também foi minha parceira de estágio.

A colega é muito dinâmica, cooperativa e trabalhadora, uma excelente companheira. Preparámos várias estratégias de ensino, foi sempre atenciosa e acima de tudo uma pessoa que partilhou sempre a sua opinião. Gostei bastante de trabalhar com ela. Ao longo da nossa carreira profissional nunca iremos trabalhar sozinhas daí a importância de aprendermos a trabalhar com um par, em equipa.

A Metodologia que utilizei para a recolha de dados do meu Relatório de Estágio Profissional foi a observação e a análise documental, pois trata-se de uma investigação qualitativa.

A observação pode ser direta e indireta. Quivy e Campenhoudt (2003) referem que a observação direta “é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha de informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela diretamente ao seu sentido de observação” (p.164). Ao longo do estágio, participei na comunidade escola, observação participante. Os mesmos autores salientam que a observação participante “Consiste em estudar um comunidade durante um longo período, participando na vida colectiva” (p.197). A investigação qualitativa, tal como refere Freixo (2011), “(...) abarca um conjunto de abordagens as quais, consoante os investigadores, tomam diferentes denominações.” (p.145) Por exemplo, Erickson (1886) citado pelo mesmo autor “(...) engloba na expressão investigação interpretativa, procedimentos metodológicos diversos, designadamente: observação participante, etnografia, estudo de caso, interacionismo simbólico, fenomenologia ou, muito simplesmente, abordagem qualitativa.” (p.145). Para Bell (1997), os “investigadores que adoptam uma pesquisa qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais.” (p. 20). Ou seja os

investigadores observam, principalmente, as crianças individualmente, as suas atitudes e comportamentos.

Quanto à análise documental tive acesso a vários documentos tais como: dossier de turma, dossier das planificações, projeto educativo, entre outros. A análise dos mesmo permitiu-me conhecer a adaptar várias estratégias/metodologias ao longo do estágio bem como ajudou à elaboração deste trabalho.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a “investigação qualitativa possui cinco características:

- I. *na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. (...) os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contato direto (...).*
- II. *a investigação qualitativa é descritiva.(...) os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados (...).*
- III. *os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. (...) as estratégias qualitativas patentearam o modo como as expectativas se traduzem nas atividades, procedimentos e interações diários (...).*
- IV. *os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.(...) o investigador qualitativo planeia utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes (...).*
- V. *o significado é de importância vital na abordagem qualitativa (...) os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (pp.47-51)*

Posso referir que ao longo do estágio fui uma observadora direta e participante.

O Estágio Profissional é de extrema importância, pois é uma forma de preparação para a vida docente. O estágio prepara-nos para enfrentar futuros desafios que possivelmente irão surgir na carreira profissional. Aprender a teoria não é suficiente, a prática é fundamental. Há que observar realidades educativas diferentes, pois no estágio para além de assimilarmos a teoria e a prática, aprendemos a conhecer as realidades do dia-a-dia, por isso para nos tornarmos bons

profissionais há que ter prática, e não ficarmos apenas pela teoria, bem como refletir sobre a prática e voltar à teoria para entendermos todo o processo. Para que nos tornemos bons profissionais, é necessário haver uma supervisão, por forma a refletirmos e a melhorarmos tudo aquilo que já fora aprendido. Arends (1999) refere que “a prática eficaz implica a capacidade de abordar as situações da sala de aula de uma forma reflexiva e orientada para a resolução de problemas” (p.27).

Para além de nos tornarmos bons profissionais, a prática é extremamente importante para a construção da identidade enquanto docentes, pois há medida que vamos observando e aprendendo, vamos interiorizando algumas ações e métodos que se identificam connosco. Com a prática vamos também aproximando-nos de algumas situações que ocorrem num ambiente escolar, pois segundo Nóvoa (1992), “a formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma “nova” profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e da cultura organizacional no seio das escolas” (p.24).

Assim, o Estágio Profissional e as presenças da equipa de Supervisão Pedagógica, nas reuniões realizadas tanto na ESSE (Escola Superior de Educação) como nos Jardins-Escolas, foram imprescindíveis para a minha formação profissional, pois prepararam-me para que no futuro seja uma boa profissional como Educadora ou Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Korthagen (2009) refere que “aprender a partir das experiências baseadas na reflexão sistemática constitui uma característica fundamental da abordagem realista, contribuindo para desenvolver a capacidade para uma aprendizagem ao longo da vida” (p.57). O mesmo autor ainda salienta que, na formação de professores, a articulação contínua entre a prática e a teoria consiste na abordagem realista, onde as suas principais características são:

- “trabalhar com base em situações reais com as quais se confrontam durante o ensino e que causaram preocupação ao aluno futuro professor;
- Reflexão e interação entre os alunos futuros professores” (pp.42-43).

Segundo Day (2001), citado por Flores e Simão (2009), “Os professores não podem ser formados (passivamente), eles formam-se (ativamente). É portanto vital que participem ativamente na tomada de decisões sobre o sentido e os processos da sua própria aprendizagem” (p.9).

Com a elaboração deste relatório irei refletir, aprender a lidar com determinadas situações e principalmente a tirar conclusões, para que no futuro consiga estar mais preparada para tudo o que possa acontecer.

De seguida apresento os cronogramas nos quadros 1 e 2, referentes a todos os momentos de estágio. Apresento dois cronogramas porque realizei dois momentos de estágio distintos, um no Pré-Escolar e o outro no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Relatório de Estágio Profissional
Escola Superior de Educação João de Deus

Os cronogramas estão divididos por meses e cada mês está dividido nas respetivas semanas. São apresentadas todas as atividades realizadas nos Jardins-Escolas ao longo do Estágio Profissional I, II e III, tais como: aulas observadas, aulas programadas, aulas surpresa, aulas assistidas, reuniões de Prática Pedagógica, Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, Pesquisas Bibliográficas e elaboração do Relatório de Estágio Profissional I, II e III. Conforme se pode ver nos quadros 1 e 2.

Quadro 1 – Cronograma de estágio do Pré-Escolar, de setembro de 2011 a fevereiro de 2012

Meses	setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				Total de Horas				
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4					
Semanas																									180h				
Atividade																													
Aulas observadas																													180h
Aulas programadas																													16h
Aulas surpresa																													40(min)
Reuniões de Prática Pedagógica																													4h
Seminário de Contacto com Realidade Educativa																													27h 30m
Pesquisas bibliográficas																													320h
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional																													340h
																						Número total de horas				1068h 10m			

Relatório de Estágio Profissional
Escola Superior de Educação João de Deus

Quadro 2 – Cronograma de estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de março de 2012 a janeiro de 2013

Meses	Março				Abril				Maio				Junho				Setembro				Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Total de Horas
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Atividade																																					
Aulas observadas																																					312h
Aulas programadas																																					16h
Aulas surpresa																																					80m
Aulas assistidas																																					1h
Reuniões de Prática Pedagógica																																					7h
Pesquisas bibliográficas																																					400h
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional																																					480h
Número total de horas																														1217h20m							

*Nesta semana foram lecionadas duas aulas surpresa.

Relatório de Estágio Profissional
Escola Superior de Educação João de Deus

Apesar de ter terminado o estágio em janeiro continuei a trabalhar na elaboração do Relatório de Estágio Profissional até ao mês de abril de 2013. Quando observo os cronogramas vejo um número imenso de horas, mas para mim cada segundo que precisei para a realização deste relatório foi crucial para a minha formação.

Capítulo 1
Relatos Diários

Descrição do capítulo

O presente Capítulo encontra-se dividido em oito secções, de acordo com os oito momentos de estágio. Neste apresento os meus relatos diários, as observações realizadas durante todo o meu período de estágio e a semana de estágio intensivo, como se pode ver no quadro 3.

Cada relato terá a respetiva data, e após o registo das observações serão expostas inferências seguidas de fundamentações científicas.

Quadro 3 – Distribuição dos momentos de estágio.

Salas	Período de Estágio
Bibe Amarelo	26 de setembro de 2011 a 4 de novembro de 2011
Bibe Encarnado	7 de novembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011
Bibe Azul	2 de janeiro de 2012 a 10 de fevereiro de 2012
Contacto com a Realidade Educativa	27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012
4.º Ano	5 de março de 2012 a 27 de abril de 2012
3.º Ano	30 de abril de 2012 a 22 de junho de 2012
1.º Ano	25 de outubro de 2012 a 16 de novembro de 2012
2.º Ano	18 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013

Em cada secção antes dos relatos diários, a caracterização da turma, do espaço, das rotinas e o horário. Antes apresentar cada secção acho pertinente fazer uma breve abordagem sobre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da educação básica e destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos. De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo Português (2005), a educação pré-escolar destina-se às crianças. Esta segundo Catita (2007) visa “procurar-se iniciar a criança em diferentes actividades, deveres, obrigações, tarefas e direitos, com implicações no seu desenvolvimento autónomo e também uma conduta social mais alargada do que aquela que vigorou até à “saída” do lar. (p.34)

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Lei n.º5/97, de 10 de fevereiro, salienta, no artigo 2.º, que a Educação Pré-Escolar é a primeira fase da educação básica no processo de instrução ao longo da vida. Segundo a mesma Lei, a Educação Pré-Escolar é “complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”.

Grilo (2006) refere que:

(...) a educação pré-escolar tem um papel de grande esforço no que diz respeito ao combate das desigualdades. Há ali uma componente social muito importante, a socialização das crianças dos três aos cinco anos. “O difícil é sentá-los” vem daí, da dificuldade dos miúdos que durante tantos anos não têm qualquer espécie de enquadramento, têm apenas uma relação familiar, com a mãe, sobretudo. Daí a importância que o pré-escolar tem (p.133)

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (ME, 2009) “A educação pré-escolar cria condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, na medida em que promove a auto-estima e auto-confiança e desenvolve competências que permitem que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos” (p.18). A educação pré-escolar apresenta alguns objetivos gerais pedagógicos que passo a referir:

- a) *Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências da vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;*
- b) *Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;*
- c) *Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso de aprendizagem;*
- d) *Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;*
- e) *Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;*
- f) *Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;*
- g) *Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva;*
- h) *Proceder à despistagem de inaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;*
- i) *Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações efetiva colaboração com a comunidade.*

Há medida que os anos passam, as crianças vão se desenvolvendo de forma intelectual e por isso existem desenvolvimentos próprios das crianças na idade pré-escolar, tal como referem Papalia, Olds e Feldman (2001):

- i. *O crescimento é estável; a aparência torna-se mais delgada e as proporções do corpo mais semelhantes às do adulto;*
- ii. *O apetite diminui e problemas de sono são frequentes;*
- iii. *Surge a lateralidade; as competências motoras finas e grossas e a força progredem;*
- iv. *O pensamento é algo egocêntrico, mas a compreensão pela perspetiva dos outros aumentam;*
- v. *A imaturidade cognitiva conduz algumas ideias ilógicas acerca do mundo;*

- vi. *E memória e a linguagem progridem;*
- vii. *A experiência em contextos de educação pré-escolar é frequente;*
- viii. *O auto-conceito e a compreensão das emoções tornam-se mais complexos; a auto-estima é global;*
- ix. *A identidade de género desenvolve-se;*
- x. *O jogo torna-se mais imaginativo, mais elaborado e mais social;*
- xi. *Aumento da independência, iniciativa, auto-conceito e higiene;*
- xii. *O altruísmo, a agressão e os medos são frequentes;*
- xiii. *A família continua a ser o centro da vida social, mas as outras crianças.*

Zabalza (1998) salienta que “a criança da pré-escolar tem sentimentos muito intensos que exprime através da sua conduta e da sua forma de estar (...) o seu vocabulário é escasso e não é adequado para formalizar esses sentimentos” (p.25). Com o tempo as crianças adquirem novos conhecimentos, como vocabulário, hábitos de higiene e saúde e principalmente a gerir sentimentos, mas para que isto tudo aconteça é necessário que as crianças estejam num bom jardim-escola.

Papalia, Olds e Feldman (2001) referem que também é bastante importante a existência de uma boa escola:

Um bom jardim de infância fornece experiências que levam as crianças a aprender, fazendo. Estimula os seus sentidos através da arte, música e materiais tácteis – plasticina, água e madeira. (...) ajuda as crianças a desenvolver competências de pré-literacia. (...) ajuda as crianças a aprender como dar-se com os outros e a desenvolver competências sociais e emocionais, tais como a cooperação, negociação, compromisso e auto-controlo. (p.341)

Com a ida para o Jardim de Infância, as crianças estabelecem relações entre a família, escola e sociedade, ou seja é um abrir de novos horizontes.

A seguir ao jardim de infância as crianças vão para o 1.º ano, ou seja iniciam uma nova etapa a nível da educação, pois trata-se do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Segundo a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (OCPEB) (ME, 2006), a Lei de Bases do Sistema Educativo, artigos 7.º e 8.º, determina um conjunto de objetivos:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;

- d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;
- e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;
- f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;
- g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócioafectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- s) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;
- j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;
- l) Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos;
- m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;
- n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;
- o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos. (pp. 11-13).

De acordo com Laranjeiro (2011) o 1.º Ciclo é fundamental para o desenvolvimento das crianças pois é neste ciclo que “se desenvolvem, sistematizam, consolidam e formalizam as aprendizagens das literacias, visando o domínio e o uso dos vários códigos linguísticos (a língua materna, mas também as linguagens matemática, artísticas, etc.)” (p.35).

Para além disto esta autora ainda salienta que existe uma “estruturação das bases do conhecimento científico, tecnológico e cultural”, ou seja aprendem e compreendem melhor o mundo que nos rodeia, inserem-se na sociedade e na comunidade do saber, pois adquirem muitos mais conhecimentos.

Sarmiento (2009) citado pela autora atrás referida menciona que “o currículo é nacional e está definido em normativos legais de aplicação obrigatória, baseando-se na aprendizagem da leitura, escrita e cálculo, incluindo também áreas como música, desenho, trabalhos manuais e educação física.” (p.36). Para que o aluno possa vivenciar e aprender tudo o que foi dito anteriormente há que ter à sua frente um professor que o faça, e por isso é que o Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB) (ME,2011) menciona as ações que o professor deve desenvolver com os seus alunos ao longo do ano letivo:

- Abordar os conteúdos da área do saber com base em situações e problemas;
- Rentabilizar as questões emergentes do quotidiano da vida do aluno;
- Organizar o ensino com base em materiais e recursos diversificados, dando atenção a situações do quotidiano;
- Organizar o ensino prevendo a experimentação de técnicas, instrumentos e formas de trabalho diversificados;
- Promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, actividades dirigidas à observação e ao questionamento da realidade e à integração de saberes;
- Organizar actividades cooperativas de aprendizagem, orientadas para a integração e troca de saberes;
- Desenvolver actividades integradoras de diferentes saberes, nomeadamente a realização de projetos. (p.17).

Nos jardins-escolas da Associação são aplicados estes currículos no geral, e a direcção defende que se avance um pouco mais sempre que possível. Defende-se ainda o ensino da leitura aos 5 anos, o Método de Leitura João de Deus com o apoio da Cartilha Maternal, e a área da matemática tem como suporte os materiais matemáticos (*Dons, Calculadores Multibásicos, ...*)

1.1. Primeira secção: Bibe Amarelo

Período de estágio: 26 de setembro de 2011 a 4 de novembro de 2011

1.1.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Amarelo é constituída por vinte e sete crianças, das quais catorze são do género masculino e treze do género feminino. É uma turma relativamente homogénea em termos de idades, pois todas as crianças nasceram entre janeiro e dezembro de 2008.

De acordo com a Educadora a turma apresenta algumas disparidades a nível de aprendizagem e de comportamento. A nível da aprendizagem, alguns alunos revelam algumas dificuldades, não mostrando interesse pelos temas nem pelas actividades propostas. À falta de interesse junta-se o comportamento menos próprio e as observações descontextualizadas. A turma possui três elementos que perturbam a dinâmica de aprendizagem e interação de todo o grupo.

Não existe nenhuma criança com Necessidades Educativas Especiais e, no geral, a turma apresenta capacidade criativa e imaginativa.

1.1.2. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Amarelo é partilhada com a sala do outro Bibe Amarelo. A divisão destas duas salas é feita por dois armários. Existe também uma porta que dá passagem para a sala do Bibe Encarnado, portas de vidro que dão acesso ao exterior e a porta principal que dá acesso ao corredor. A sala é bastante ampla e existem espaços permanentes para as crianças brincarem. As áreas são: cozinha, o tapete e a a leitura. Segundo Pol e Morales (1998, citados por Zabalza, 2000) “ O educador (a) não pode conformar-se com o meio tal como lhe é oferecido, deve comprometer-se com ele, deve incidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve a sua tarefa, torna-lo seu, projetar-se, fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para desenvolver-se.” (p.53)

A sala possui 4 mesas com a forma circular, e cada mesa não tem mais do que 8 alunos. As mesas e as cadeiras são apropriadas para as crianças (figura 2).



Figura 2 – Sala do Bibe Amarelo

Esta sala tem imensa luz o que a torna muito aconchegadora. Existem dois armários grandes para separarem as duas turmas. Nesses armários está o material dos alunos e da educadora, um desses armários serve para os alunos colocarem as fraldas, chuchas e brinquedos que trazem de casa. Existem dois placardes, onde são colocados os trabalhos das crianças e por baixo está o quadro. Ao lado deste está um outro mais pequeno com o comportamento das crianças. Por cima do tapete estão as datas dos aniversários das crianças. Nesta zona do tapete podemos encontrar o cantinho da leitura (figura 3).



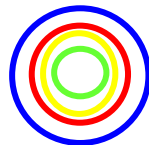
Figura 3 – Cantinho da leitura

1.1.3. Rotinas

Leinhardt (1984, citados por Braga (2001), apresenta a seguinte definição de rotina; “ comportamentos interiorizados e automáticos, gerados pelos próprios professores como consequência da sua prática profissional” (p.49). Outros autores, como Hohmann e Weikart (2011) referem que “A rotina está planeada por forma a apoiar a iniciativa da criança. Assim, proporciona à criança tempo para expressar os seus objetivos e intenções.” (p.224). Por ser pertinente de seguida apresentarei as cinco rotinas mais relevantes: Acolhimento, Higiene, Sesta, Recreio e por fim Almoço/Lanche.

Acolhimento

O acolhimento matinal é realizado na sala de lazer da escola a partir das 7h 30m. Às 9h, os alunos e a professora ou auxiliar responsável dirigem-se para o ginásio, onde as crianças permanecem cerca de 40m a cantarem na roda. Este acolhimento é realizado todos os dias com os alunos, educadoras, auxiliares e estagiárias. A roda é formada pelas crianças do Bibe Verde Claro, (2 anos), até ao Bibe Azul (5 anos), como mostro na figura 4.



- Bibe Verde Claro
- Bibe Amarelo
- Bibe Encarnado
- Bibe Azul

Figura 4 – Posição dos alunos na roda.

Cordeiro (2010) menciona que o momento do acolhimento deve ser “mais aliviado, mesmo nas crianças que já estão habituadas ao meio, é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela escola.” (p.371). Na minha opinião, esta maneira de começar o dia, predispõe tanto as crianças como os adultos presentes na roda.

Higiene

A higiene faz parte do dia-a-dia do ser humano, por isso é essencial que esta prática seja desenvolvida desde os primeiros anos de vida. Na escola esta rotina está bem presente, pois os alunos vão pelo menos cinco vezes ao dia, de manhã, antes e depois do recreio da manhã assim como antes e depois das refeições.

Cordeiro (2010) afirma que a higiene é um “momento deveras importante” e “o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo e aprende.” (p. 373). Nas idas à casa de banho as crianças são sempre acompanhadas pelas educadoras, auxiliares e estagiárias.

Sesta

A sesta é uma rotina que só está presente no Bibe Amarelo. Ao canto da sala de aula estão as camas, que são colocadas em filas enquanto os alunos almoçam. Depois do almoço, as crianças, dormem a sesta das 13h às 14h, pois são pequenas e precisam deste momento de descanso, sob pena de o dia se tornar demasiado longo e cansativo.

Recreio

O recreio é uma rotina que deve estar bem presente na vida das crianças e a escola deve possibilitar aos alunos que a vivenciem. Durante o recreio os alunos brincam livremente sozinhos ou a pares, este momento é fundamental para que as crianças aprendam a conviver.

O autor atrás referido menciona que:

o recreio é um espaço da maior importância. Nesta idade, o recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos. (p.377).

Para Cunha (2001) brincar é essencial e fundamental pois o “brincar desenvolve as habilidades da criança de forma natural, pois brincando aprende a socializar-se com as outras crianças, desenvolve a motricidade, a mente, a criatividade, sem cobrança ou medo, mas sim com prazer.” (p.24). Assim no futuro teremos crianças sociáveis, comunicativas, criativas e principalmente bem resolvidas.

Almoço/Lanche

A alimentação para além de ser uma necessidade essencial é fundamental para a saúde do ser Humano. Há que inculcar regras para uma boa alimentação, e essas regras devem ser introduzidas em casa e na escola. Os almoços começam por volta das 12h e o lanche é servido às 16h 45m. Segundo Nunes e Breda (2008) mencionam que: “existem objetivos alimentares na idade pré-escolar: (...) e, podem identificar-se os seguintes:

- Criar atitudes positivas face aos alimentos e à alimentação;
- Encorajar a aceitação da necessidade de uma alimentação saudável e diversificada;
- Promover a compreensão da relação entre a alimentação e a saúde;
- Promover o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis.” (p.11)

Considero que estes momentos devem ser entendidos pela criança como sendo também de prazer e de convivência com os pares.

1.1.4. Áreas de conteúdo no Pré-Escolar

De acordo com as OCEPE (ME, 2009) podemos encontrar as seguintes áreas de conteúdos:

- **Área de formação pessoal e social**

Como o próprio nome indica, esta área diz respeito à formação pessoal e social do ser humano, neste caso da criança. Enquanto cidadão, todos nós temos que respeitar e ser respeitado.

A Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida. (p.51)

- **Área da Expressão e Comunicação**

Esta área está dividida em três domínios e engloba todas as aprendizagens que estão relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e da linguagem.

No Domínio das expressões podemos identificar quatro vertentes: motora, dramática, plástica e musical. Tal como é referido nas OCEPE (ME,2009):

O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objetos. (p.57)

Em relação ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, é fundamental que as crianças desde a idade pré-escolar tenham contacto com os livros e que façam grafismos. Ao ouvirem desenvolvem o vocabulário e ao escreverem a motricidade, apesar de começarem a aprender os grafismos aos 3 / 4 anos, só aos 5 anos, Bibe Azul, é que os alunos começam a escrever e a ler independentemente. De acordo com as OCEPE (ME,2009) “Ao fazer, neste domínio, referência à abordagem à escrita pretende-se acentuar a importância de tirar partido do que a criança já sabe, permitindo-lhe contactar com as diferentes funções do código escrito.” (p.65) no que diz respeito ao Domínio da matemática, é essencial que as crianças aprendam noções a partir dos 3 anos de idade, pois “(...) O papel da matemática na estruturação do pensamento, as suas funções na vida corrente e a sua importância para aprendizagens futuras, determina a atenção que lhe deve ser dada na educação pré-escolar (...)” (p.73), e, ainda mencionam que “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o

desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas.” (p.73).

Nas escolas onde estagiei é muito frequente área do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita ser designada por Estimulação à Leitura.

- **Área de Conhecimento do Mundo**

Esta área:

enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contatar com novas situações que simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo. (p.79)

Siraj - Blatchford (2005) refere que a Educação Infantil procura alargar a informação e toda a compreensão que está inerente ao “mundo físico e biológico” e que “as atividades lúdicas diárias e o meio ambiente que as rodeia oferecem oportunidades ricas e variadas para aprender e tirar partido do interesse que as crianças pequenas manifestam pelo mundo fora.” (p.46)

Constatei ao longo dos estágios que esta área era muito do agrado das crianças.

1.1.5. Atividades curriculares

Educação Musical – De uma maneira geral todas as crianças adoram esta atividade curricular, pois existem bons momentos de alegria e divertimento. Ao cantarem as crianças desenvolvem algumas competências, como é o caso das linguísticas, ou seja ao cantarem as crianças desenvolvem o vocabulário.. Cordeiro (2010) que afirma “ (...) habituar as crianças a viver com a música – ela será um dos maiores fatores protetores, um guarda-chuva para as grandes tempestades da contrariedade e da frustração, um agente libertador para os momentos de alegria e satisfação.” (p.318).

Esta atividade curricular é lecionada por um professor especializado e tem a duração semanal de 45 minutos.

Educação Física – A educação física é essencial e indispensável que seja desenvolvida. Cabe ao professor, especializado que leciona esta atividade, criar oportunidades de crescimento e descoberta individual aos alunos. Esta atividade é realizada semanalmente com 1h de duração.

Segundo Cordeiro (2010), “as aulas de ginástica são importantes, porque permitem começar a pautar o exercício segundo regras de desenvolvimento ósseo, articular e muscular (...) o desporto representa uma atividade fundamental para o

crescimento e o desenvolvimento harmonioso, bem como para o equilíbrio mental e psicológico.” (p.434)

Inglês – Esta atividade também tem a duração de 1h semanal e é lecionada por um professor especializado. Hoje em dia, é essencial que saibamos mais do que a língua oficial, e o inglês é uma das línguas mais faladas em todo o mundo, e como na infância é a melhor altura de adquirirmos mais conhecimento e melhor, considero importante, para um bom futuro, que as crianças “contactem” com esta “língua” desde pequenos.

Informática – Esta atividade também é orientada por um professor especializado e tem a duração de 1 hora semanal. É lecionada numa sala, devidamente equipada, por computadores. As crianças ficam sentadas duas a duas e partilham um computador. Segundo as OCEPE (ME,2009), “A utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário.” (p.72)

É de realçar que as crianças gostam muito desta área e têm muita facilidade em aprender.

1.1.6. Horário

O horário que apresento, no quadro 4, mostra a organização do tempo pedagógico nas diferentes áreas pedagógicas. No que diz respeito a este assunto, Oliveira-Formosinho e Andrade (2011) referem que o “tempo pedagógico, na educação de infância, organiza o dia e a semana numa rotina diária respeitadora dos ritmos das crianças, tendo em conta o bem-estar e as aprendizagens (...)” (p.72). Este horário sugere o plano de atividades semanais, podendo ser alterado de acordo com as dificuldades dos alunos ou outros motivos do interesse da escola.

Relatório de Estágio Profissional
Escola Superior de Educação João de Deus

Quadro 4 – Horário do Bibe Amarelo

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento - Canções, jogos e Higiene				
9:30	Iniciação à Matemática - Material Estruturado	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática - Material Estruturado	Iniciação à Matemática - Material Estruturado	Iniciação à Matemática - Material Estruturado
10:30	Recreio				
11:00	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática - Material Estruturado	Conhecimento do Mundo	Educação pelo movimento	Conhecimento do Mundo
12:00	Almoço / Sesta				
15:00	Expressão Plástica	Música	Estimulação à Leitura	Conhecimento do Mundo	Enfiamentos
15:45	Lanche				
16:15	Jogos de roda	Plasticina / cantinhos	Jogos de tampo de mesa	Lengalengas / Destrava línguas/ poesias	Conversas sobre rotinas
17:00	Saída				

1.1.7. Relatos diários

Segunda-feira, 26 de setembro de 2011

No primeiro dia de estágio tivemos uma reunião no Museu da Escola Superior de Educação com todos os alunos dos Mestrados. Nesta reunião foi-nos entregue o regulamento da Prática Pedagógica relativo ao ano letivo 2011/2012 e os locais de estágio onde cada um ia estagiar bem como o esclarecimento das dúvidas que surgiram.

Inferências e fundamentação teórica

Estas reuniões são de extrema importância para que, os alunos possam ficar esclarecidos sobre qualquer dúvida que possa existir em relação à Prática Pedagógica. De acordo com Alarcão (1996), “o papel do formador não consiste tanto em ensinar como em facilitar a aprendizagem em ajudar a aprender.” (p.18). Nestas reuniões para além de tirarmos algumas dúvidas, também expomos algumas situações, boas ou más, que tenhamos observado e para comentarmos ou refletirmos as realidades vividas. Segundo Rosales (1992), “... considera-se que as práticas docentes, realizadas durante a formação inicial ou no período de indução profissional, constituem uma ocasião excecionalmente apropriada para fomentar a reflexão da realidade vivida” (p.12). Na minha opinião estas reuniões são extremamente importantes, pois podemos tirar duvidas e fomentar as práticas vividas, sejam elas boas ou menos boas.

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

Primeiro dia de estágio no Jardim-Escola, apesar de já conhecer as instalações a diretora faz sempre questão de as mostrar até porque havia colegas que nunca aqui tinham estagiado.

Neste primeiro dia, a educadora levou os alunos para o ginásio e sentou-os conforme se pode observar na figura 5.



Figura 5 – Posição em que a educadora sentou as crianças

Sentando os alunos mais pequenos à frente e os maiores atrás, todos conseguiram ver a educadora e o que estava a fazer e a dizer.

Deu uma aula no domínio da matemática com o material 1.º Dom de Fröebel. A maneira como explorou a caixa foi mágica para as crianças, pois inicialmente mostrava o interior da caixa vazio e de seguida pedia que todos fingissem que estavam a fazer magia com as mãozinhas. Feita a magia, a educadora disse para fecharem os olhos e quando os voltavam a abrir a educadora abria a caixa e mostrava a bola que estava lá dentro, fez isso apenas com quatro cores. As crianças estavam bastante entusiasmadas, e com esta brincadeira aprenderam as cores. No final desenvolveu o sentido de lateralidade e noção das cores, ao pedir para colocarem as bolas à frente, a trás, em cima, por dentro, à esquerda e à direita da caixa.

Inferências e fundamentação teórica

Ao utilizar o 1.º Dom de Fröebel as crianças desenvolvem o sentido de lateralidade e aprendem as cores, uma de cada vez. O simples facto de pedir às crianças que apelassem à imaginação fazendo magia para aparecerem as bolas, suscitou grande interesse e curiosidade aos alunos.

Segundo Zacharias (2007):

A promoção de atividades que favoreçam o envolvimento em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criação de situações imaginárias, tem nítida função pedagógica. A escola e, particularmente a pré-escola, poderiam a partir desse tipo de situações, atuar no processo de desenvolvimento das crianças.

Relativamente ao material, Caldeira (2009b) diz que o 1.º Dom é composto por “seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã, com ponto de crochet, nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo.” (p.243). Este material é bastante apelativo, pois as bolinhas coloridas chamam à atenção os alunos e estes aprendem com mais facilidade.

Gostei muito deste primeiro dia de estágio.

Sexta-feira, 30 de setembro de 2011

Depois da receção feita no ginásio e da rotina matinal dirigiram-se para a sala de aula, onde a educadora sentou os alunos em U no tapete. Começou a falar do corpo humano e para lecionar a aula foi buscar um pequeno quadro e giz. Antes de começar a desenhar no quadro lembrou que o corpo humano é constituído por três partes: cabeça, tronco e membros, e só depois é que referiu restantes membros e órgãos.

Há medida que ia falando das respetivas partes do corpo pedia aos alunos para desenharem a parte do corpo que tinham dito.

Inferências e fundamentação teórica

A maneira como a educadora geriu a sala de aula foi muito importante, pois ao sentar os alunos em U no tapete fez com que estes conseguissem observar o que a educadora fazia e dizia mas, principalmente, serviu para que esta tivesse a turma controlada.

Arends (1999), salienta que “a gestão da sala de aula não é um fim em si mesma mas faz parte da totalidade do papel de liderança do professor” (p.211).

Apesar de ainda não saberem escrever, as crianças de três anos expressam o que querem dizer através de garatujas, por isso mesmo é que a educadora pediu para serem eles a desenharem no quadro de giz. Segundo Rodrigues (2002) “A garatuja, ou o prazer de riscar sobre grandes superfícies, é a primeira manifestação gráfica da criança (...)”. (p.20), o mesmo autor ainda refere que, “ Se os primeiros rabiscos são instintivos, e por vezes, descontrolados, numa fase posterior a criança faz grafismos mais cuidados, mais minuciosos e intencionais (...)” (p.20). Para além de estarem a desenvolver a motricidade fina a educadora pode concluir se os alunos sabem onde estão localizadas as respetivas partes do corpo e a quantidade, por exemplo, se desenharam a mão com cinco dedos.

Ponte e Serrazina (2002) consideram que a manipulação do material pelos alunos devidamente orientada pelo professor pode “facilitar a construção de certos conceitos” e “(...) servir para representar conceitos (...), permitindo assim a sua melhor estruturação.”

Ao desenharem no quadro, uma criança de cada vez, a educadora confirmou se os alunos sabiam representar os conceitos aprendidos.

Segunda-feira, 3 de outubro de 2011

Neste dia aprenderam os dias da semana e para isso a educadora cantou a seguinte canção: “Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo. Sete são os dias da semana.”

Depois realizou exercícios de reconhecimento de números, espalhou os algarismos móveis no chão e, os alunos tinham que os identificar. Para além de realizar este exercício, falou sobre maçarocas de milho, pois nesse dia uma aluna levou para a escola um saco de maçarocas. A educadora explorou as maçarocas, falou sobre a sua constituição (barbas, bolhas e grãos), desfolhou uma para os alunos poderem ver o seu interior. No final retirou bagos e deu um a cada aluno para eles provarem. Utilizou as maçarocas para realizar um exercício de reconhecimento de algarismos com as crianças. Ex: retira o algarismo um e depois retira o número de maçarocas que representa o número um.

Inferências e fundamentação teórica

Ensinar de várias maneiras na minha opinião é bastante produtivo, por exemplo a educadora ao ensinar a música dos dias da semana fez com que os alunos a memorizassem. Para além da memorização estavam a cantarem, e ao cantar, as crianças divertem-se. Enquanto cantavam a educadora fez interdisciplinaridade com a área da Expressão e Comunicação: domínio da expressão musical, o que segundo as OCEPE (ME, 2009), “ A relação entre a música e a palavra é uma outra forma de expressão musical. Cantar é uma atividade habitual na educação pré-escolar que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo” (p.64).

Também achei muito pertinente a educadora aproveitar o facto de uma aluna ter levado as maçarocas para lecionar a aula de matemática. Segundo a mesma fonte, “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas” (p.73). Aquelas maçarocas, fizeram com que a aula de matemática ficasse mais lúdica e dinâmica, fazendo com que os alunos estivessem com mais atenção.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

Falaram novamente dos dias da semana e começaram a falar dos hábitos de higiene, a importância de lavarmos bem o cabelo, pentear e cortar, lavar o corpo, o que devemos

comer ao pequeno-almoço, a importância de lavar os dentes e da escova de dentes ter uma proteção por causa dos micróbios e, por fim, a importância de cortar as unhas. Para falar sobre estes hábitos de higiene utilizou uma escova de dentes, uma tesoura, um pente, e um sabonete, mas tudo em tamanho XXL. Depois do intervalo da manhã foram para os seus lugares nas mesas.

Depois de estarem todos sentados a educadora fez uma iniciação às formas geométricas através do material *Blocos Lógicos*. Nesta aula a educadora ensinou uma palavra nova, referiu que os biquinhos da peça se chamavam vértices. Apesar de a palavra ser complicada para esta idade, a educadora refere que assim as crianças vão-se familiarizando.

Inferências e fundamentação teórica

Ao utilizar objetos em grandes dimensões fez com que as crianças estivessem mais atentas, pois na minha opinião ao verem-nos em tamanho gigante fascinou-as e cativou a sua atenção. Na aula de iniciação à Matemática, a educadora, ao utilizar os *Blocos Lógicos*, um material manipulável estruturado, ajudou os alunos a construir conceitos lógicos, bem como a identificarem as formas geométricas. As cores, na minha opinião, são um dos vários motivos para as crianças ficarem entusiasmadas, pois as cores são apelativas. A utilização de materiais manipuláveis estruturados na infância conduzem ao pensamento lógico-matemático, como referem Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010) “Desde o jardim-de-infância, é fundamental orientar as crianças para experiências que conduzam ao desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, de modo a que, muito daquilo que aprenderam seja fruto de uma descoberta” (p.5). Os mesmos autores ainda referem que “o uso destas peças lógicas permite a realização de atividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica indispensáveis à compreensão de noções básicas fundamentais” (p.13).

Quando a educadora, referiu que os “biquinhos” do triângulo se chamavam vértices, estava a introduzir uma nova palavra. Apesar de ainda serem muito pequenos, ao longo da infância há que estimular as competências linguísticas, segundo Lopes (2006) “Estimular o desenvolvimento da linguagem é pois, em larga medida, promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo, as relações humanas e o bem-estar físico e mental não só do indivíduo como da comunidade em que está inserido” (p.11). Gostei bastante de ver a forma como a educadora lecionou a aula bem como a sua interação com os alunos.

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

No ginásio, e em roda estiveram a relembrar o que foi feito na aula anterior. Ou seja estiveram a rever a noção de quadrado. No dia anterior a educadora tinha ensinado o seguinte verso: “sou o quadrado bonito de mais, tenho quatro lados e todos são iguais”. Recordaram através do diálogo as diferenças entre as peças e, estes foram respondendo. (tamanho, cor, forma e espessura).

Depois de relembrarem a aula passada, e já sentados noutra posição, como mostra a figura 6, a educadora desenvolveu o sentido de lateralidade (mão direita e mão esquerda), enquanto falava sobre isso a educadora estava sentada virada para os alunos assim quando pedia para levantarem a mão direita a educadora levantava a esquerda e vice-versa, trabalhando assim a noção de lateralidade em espelho, no final cantaram a canção: a mão direita à frente ...



Figura 6 – Posição das crianças sentadas

Já depois do recreio e de estarem sentados nas respetivas cadeiras, a educadora distribuiu a caixa com o material *Blocos Lógicos* pelas mesas e começou por dizer o verso do quadrado. Depois de o repetirem, todos juntos, a educadora retirou um quadrado azul, colocou no quadro e perguntou a um aluno de que cor era. De seguida, fez exatamente a mesma coisa, retirou outro quadrado azul, mais pequeno, colocou ao lado do outro que já tinha colocado no quadro e perguntou a outro aluno de que cor era e, qual era a diferença entre aqueles dois quadrados.

Visto que os alunos já sabem contar o número de lados numa figura, a educadora pediu para retirarem uma peça que tivesse os três lados iguais e só depois de todos a terem retirado é que disse qual era a sua forma. Já com um triângulo na mão disse que aquela figura chamava-se triângulo pois tem a forma triangular, e afirmou que tem 3 lados! Perguntou se alguém se lembrava do nome dos “biquinhos”, referiu que era um nome difícil e apenas um aluno é que se lembrou.

Fez a seguinte representação no quadro conforme se pode observar na figura 7.



Figura 7 – Peças dos Blocos Lógicos colocadas no quadro

Inferências e fundamentação teórica

No Bibe Amarelo, o material manipulável estruturado que os alunos trabalham mais são os *Blocos lógicos*. Ao trabalharem com os materiais manipuláveis, segundo Damas *et al.* (2010), “Os materiais manipuláveis estruturados são suportes de aprendizagem que permite envolver os alunos numa construção sólida e gradual das bases matemáticas”. (p.5). Quanto aos *Blocos Lógicos* os mesmos autores afirmam que “As atividades propostas devem respeitar o dinamismo construtivo do pensamento das crianças levando ao desenvolvimento da comunicação, através de diálogos e reflexões constantes e conseqüentemente, a um enriquecimento profundo das primeiras noções matemáticas”. (p.13). Ao trabalharem com este material, os alunos começam a ter noções matemáticas, como por exemplo as figuras geométricas.

Moura (1995, citado por Migueis e Azevedo, 2007) dizem que, “Devemos, pois, dimensionar o ensino de matemática na educação infantil, adequando-o às necessidades da criança para a sua integração e desenvolvimento juntamente com a coletividade que acolhe.” (p.59)

Vários autores defendem que ao desenvolverem estes conteúdos matemáticos, futuramente, as crianças, terão mais aptidões matemáticas. Pude constatar que estas crianças o manipulavam com facilidade.

Segunda-feira, 10 de outubro de 2011

Nesta altura do ano para além de falarem sobre o corpo humano exploram também os 5 sentidos. Este dia foi marcado pelo início da exploração de um dos sentidos, o paladar. Esta aula não foi lecionada pela educadora mas sim pela minha colega de estágio.

A aula da colega esteve dividida em três momentos. Inicialmente através de uma televisão, elaborada pela mesma, contou uma história sobre a função da língua, onde é que se localizavam os sabores e fez algumas interações com os alunos à medida que ia contando a história. Depois de fazer a Estimulação à Leitura foi a vez do Conhecimento do Mundo, onde falava, mostrava e dava a provar alimentos doces (gomas), amargo (limão), amargo (chocolate negro) e salgado (amendoins com sal).

Quanto à expressão plástica realizou carimbos com alimentos.

Inferências e fundamentação teórica

Quando contou a história, a colega, foi fazendo interações com os alunos e inflexões de voz, o que na minha opinião é deveras importante para os cativar e manter. A nossa função é cativar as crianças quando lemos ou contamos histórias, afinal de

contas diante dos nossos olhos estão futuros leitores, por isso há que cativá-los como defende Sobrino (2000):

A escola tem por missão incentivar os alunos a ler, proporcionando o encontro agradável com livros, desde a primeira vez que põem o pé numa aula até ao momento em que a abandonam (...) Para o conseguir, o mais importante é a atitude que os profissionais têm perante o ato de ler, a sua vivência pessoal e o valor que atribuiu à leitura como fonte de diversão e fruição. Esta atitude determina uma série de aspetos que contribuem de maneira significativa para a orientação de hábitos de leitura nos jovens (ambiente, tempo, motivação). (p.76).

Terça- feira, 11 de outubro de 2011

Depois da minha colega de estágio ter dado uma aula sobre o paladar, desta vez fui eu. A minha aula foi sobre a visão. Comecei por contar uma história realizada por mim sobre as cores e a visão. Para a contar fiz um boneco e utilizei o fantocheiro do jardim-escola. Na área de Conhecimento do Mundo juntamente com os alunos construímos um puzzle com a figura de um olho (figura 8) e de seguida falámos sobre a importância e cuidados a ter com a visão, para finalizar realizaram uma proposta de trabalho onde colaram os olhos numa figura que não tinha olhos (figura 9).



Figura 8 – Construção do olho



Figura 9 – Elaboração da proposta de trabalho

Inferências e fundamentação teórica

A estimulação à leitura nesta idade na minha opinião é muito importante, pois aprendem a desenvolver o vocabulário e a imaginação. Cordeiro (2010) enumera alguns objetivos da leitura nestas idades: “obter informação (...); divertimento e sinónimo de espaço, de tranquilidade e de sossego (...)” (p.427). O mesmo autor ainda afirma que “a leitura” de livros é uma opção para os que desejam um momento mais calmo e tranquilo, e é curioso ver as crianças a organizarem-se, e a partilharem a linguagem, contando histórias aos amigos” (p.372).

Para além das histórias, a expressão plástica é outra área muito importante para o desenvolvimento da criança, pois desenvolvem a motricidade fina e ao mesmo tempo estão a brincar. Para Sousa (1995), “qualquer sistema que minimize a natureza criativa do homem – natureza a desenvolver em planos práticos e conceptuais que parecem essencialmente paralelos na sua inevitável interligação – é um sistema condenado à falência” (p.23). O autor refere que é um sistema condenado à falência porque os educadores cada vez menos elaboram atividades de expressão plástica, uns porque dizem que não têm tempo ou então porque dão muito trabalho.

Segunda -feira, 17 de outubro de 2011

Mais uma semana a começar e a educadora foi logo presenteada por um ramo de folhas que um aluno tinha trazido. Aproveitando o facto de este ter trazido folhas, chamou-o e colocou-lhe algumas perguntas como por exemplo: “O que tens na mão?”, “Quantas folhas tens?”, “Para quem são?”, entre outras. Com esta conversa a educadora estabeleceu um diálogo com o aluno que, por sinal tem imensas dificuldades em comunicar.

Depois de ter dialogado com o aluno começou a falar sobre os dias da semana, e para facilitar o raciocínio dos alunos referiu que no dia anterior foi domingo e que “hoje” era o primeiro dia da semana. Como este tema ainda não tinha sido muitas vezes abordado, os alunos não responderam, por isso perguntou se não se lembravam de como começava a música dos dias da semana. Cantaram a música e de seguida a educadora colocou à sua frente um balde transparente com pauzinhos de madeira de várias cores, a caixa do 1.º Dom e uma caixa maior. Ao longo da aula foi fazendo comparações entre os três objetos, o tamanho, o peso, se é transparente ou opaca e, começou por explorar mais um dos cinco sentidos, o tato. Espalhou alguns pauzinhos no chão e chamou alguns alunos para os explorarem. Para mostrar aos alunos que o tato está localizado em toda a nossa pele, pediu a um aluno para retirar os sapatos e que andasse por cima das peças, do chão e do tapete. À medida que o aluno ia andando a educadora ia perguntando se era: frio ou quente e macio ou rugoso. Antes do recreio ainda fez contagens e correspondência com os algarismos. Depois do intervalo voltou a falar sobre o tato e já nas mesas, fez o que tinha feito antes do intervalo, mas desta vez todos os alunos retiravam os pauzinhos. Com este material trabalhou a quantidade e as figuras geométricas, por exemplo: quando retiravam três pauzinhos perguntou que figura podiam fazer que tem os três lados iguais, e as crianças construíram o triângulo.

Inferências e fundamentação teórica

Papalia, Olds e Feldman (2001) referem que:

O discurso social desenvolve-se de forma marcante durante o período pré-escolar. Aos 2 anos e meio as crianças começam a envolver-se em verdadeiras conversas, nas quais reconhecem a necessidade de tornar o seu próprio discurso claro e relevante em relação ao que o outro está a dizer. Depois do terceiro aniversário, a pronúncia e a gramática das crianças, em geral, melhoram rapidamente, tornando mais fácil para os outros entender o que elas dizem (p.323)

Quando a educadora estabeleceu o diálogo com o aluno, que trouxe as folhas na mão, foi pura e simplesmente para fazer com que a criança estabelecesse um diálogo com ela, pois esta criança tem algumas dificuldades em comunicar. Os mesmos autores salientam que “o atraso no desenvolvimento da linguagem pode ter consequências cognitivas, sociais e emocionais de grande alcance (...) As criança que não falam ou compreendem tão bem como os seus pares, tendem a ser julgadas negativamente pelos adultos e pelas outras crianças.” (p.325). Nas OCEPE (ME,2009), podemos encontrar expresso que “A aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao educador criar condições para que as crianças aprendam.” (p.66)

Outra questão, que na minha opinião é relevante, é o facto de as crianças desde muito cedo se familiarizarem com os números de uma maneira lúdica. A educadora ao fazer contagens, faz com que conheçam os números e aprendam a contar.

Serrazina (2008a) salienta a importância da matemática na infância “Os números devem, portanto, desempenhar um papel desafiante e com significado, sendo a criança estimulada e encorajada a compreender os aspetos numéricos do mundo em que vive e a discuti-los com os outros.” (p.13), a mesma autora ainda refere que “Durante os primeiros anos, o desenvolvimento das crianças relativamente aos números e à numeração, à representação e comparação de quantidades e mesmo às operações (sobretudo de adição e subtração) é notável.” (p.13) Este conceito fica interiorizado aos 5 anos de idade.

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

Depois das habituais cantigas de roda no ginásio e a higiene, quando chegaram à sala a educadora começou por perguntar se algum aluno se lembrava do que tinha colocado no dia anterior no chão da sala. Os alunos referiram os objetos e começou a falar com os alunos sobre os cinco sentidos. Relembrou os que tinham sido falados pelas estagiárias e depois para falar sobre o tato foi buscar um cubo, onde cada face estava

revestida por um material (algodão, lixa, folha às ondinhas e liso). Para tornar esta aula mais emocionante para os alunos, a educadora ia chamando um de cada vez, e estes, com os olhos vendados tinham que descrever o material em que estavam a tocar, como mostra a figura 10.



Figura 10 – Criança a sentir as superfícies do cubo

Inferências e fundamentação teórica

Ao questionar os alunos se ainda se lembravam do que tinha colocado no chão no dia anterior a educadora estava a estimular a memória. Estimular a memória desde a infância é extremamente importante para o futuro. Segundo Gleitman (2002) “a memória é a maneira como fazemos o registo do passado, para a sua posterior utilização no presente”. (p.317) o mesmo autor ainda refere que “as crianças mais pequenas armazenam as memórias, especialmente as memórias explícitas, de uma maneira menos eficiente do que as crianças mais velhas e os adultos”. (p.349), por isso mesmo é que a memória deve ser estimulada logo na infância, e, apesar de ainda serem crianças pequenas revelam muita facilidade de memorização.

Sexta – feira, 21 de outubro de 2011

Como todas as manhãs quando chegam à sala sentam-se em “U” e a educadora à frente. Assim o fizeram neste dia. A educadora deu os bons dias a todos e começou por dizer que iam trabalhar nas mesas, mas antes de se sentarem lembrou as regras e só depois de maneira organizada disse para se sentarem nas respetivas cadeiras. Colocou uma caixa de *Blocos Lógicos* no centro de cada mesa e enquanto distribuía as caixas ia dizendo para não mexerem. Depois de todas as mesas terem caixas começou por dizer uma rima já conhecida: “ Eu sou o quadrado bonito de mais, tenho quatro lados e são todos iguais. Quem sou eu?”

Explorou os quatro atributos (cor, tamanho, forma e espessura), fez comparações, mostrou as diferenças entre o retângulo e o quadrado, colocou as peças no quadro para todos verem e até fez um pequeno jogo de memória.

Na figura 11 podemos observar as peças que a educadora colocou no quadro.



Figura 11 – Peças que a educadora colocou no quadro

No final perguntou o nome, a cor, o tamanho e a espessura de cada peça. Para ver se os alunos tinham estado com atenção perguntou qual tinha sido a primeira peça a ser colocada, a última, etc... Durante a aula, a educadora relembrou as regras várias vezes, tentando com isso que estivessem concentrados e atentos.

Depois do intervalo fizeram uma pequena revisão sobre os sentidos que já tinham dado e iniciou um novo, a audição.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças do Bibe Amarelo a esta altura do ano já estão familiarizadas com este material manipulável estruturado e vão desenvolvendo o vocabulário. Damas *et al.* (2010) salienta que “No contacto direto com o material, as crianças agem e comunicam adquirindo o vocabulário fundamental, associando uma ação real a uma expressão verbal.” (p.5) Os mesmos autores ainda referem que “É importante a ação dos professores perante os materiais que usam, as questões que suscitam e as interações que promovem.” (p.5).

Caldeira (2009a) menciona que num primeiro contacto com o material *Blocos Lógicos* “a criança usa-os como jogos de construção, tomando como referência a perceção estruturando o espaço na horizontal e na vertical, descobrindo certas leis do equilíbrio, etc.” (p.364).

Apesar de ainda serem muito pequenos, a matemática está bem presente no quotidiano destas crianças, por isso há que estimulá-las. Migueis e Azevedo (2007) citando Moura (1995) consideram que “a finalidade da educação das crianças menores de seis anos consiste, não em acelerar, mas em ampliar o desenvolvimento.” (p.88). Mais uma vez, assisti a uma aula de *Blocos Lógicos* muito interessante.

Segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Mais uma semana passou e, para começar o dia nada melhor do que lembrar os dias da semana e cantar a música relativa a este tema. A educadora falou com a turma sobre os cinco sentidos e explorou mais uma vez a caixa do 1.º Dom de Froebel.

Com este material trabalhou a diferença entre transparente e opaco, o tipo de material que é feita a caixa, fator surpresa ao perguntar o que estará dentro da caixa, a lateralidade e, ainda fez contagem com as bolas.

Na hora do recreio como estava a chover, os alunos tiveram que ficar na sala de aula, comeram a bolacha do recreio da manhã e de seguida a educadora leu uma história:” O bebé não quer ir para a cama.”

Inferências e fundamentação teórica

O recreio é bastante importante para as crianças, pois é um local onde podem correr, saltar, brincar e esgotar as energias. Para Hohmann e Weikart (2011), as crianças necessitam de estar num ambiente ao ar livre para ter a oportunidade para as brincadeiras sociais, aprenderem e expressarem-se. Mas como neste dia estava a chover os alunos ficaram na sala, por isso a educadora leu-lhes uma história.

Cordeiro (2010) refere que “falar de leitura é, para a maioria das pessoas falar da descodificação do alfabeto. Mas, para além desse tipo de leitura, há leitura sempre que uma criança interpreta imagens (...)” (p.427). Cordeiro (2010) enumera ainda alguns objetivos da leitura nestas idades: “obter informação (...); divertimento e entretenimento; apreciação do livro com memória e fonte de criatividade, sinónimo de espaço, de tranquilidade e de sossego (...)” (p.427). Para Deus (1997), “ler é interpretar as mensagens emitidas pelas variadas e diversas formas de expressão.” (p.7).

Quando lemos para as crianças, estas ficam extremamente atentas e curiosas com o que irá acontecer ao longo da leitura. Algumas destas crianças conseguem contar pequenas histórias só olhando para as imagens.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

A educadora começou por perguntar qual era o dia da semana, e que atividade tinham à tarde. Cantaram a música dos dias da semana e referiu que na quarta-feira os pais iriam assistir às aulas por isso lembrou que todos tinham de estar bem sentados, bibe em cima das pernas, em silêncio e com muita atenção.

Perguntou se lembravam do que tinham feito no dia anterior, e um aluno respondeu que estiveram a falar dos cinco sentidos, a audição. Voltaram a falar sobre a audição, a educadora ia perguntando em que parte do corpo estava localizado o sentido e fez um jogo com os alunos. Chamou um aluno e virou-o de costas para a turma, depois só com gestos chamou outro aluno e estes colocou-se por detrás do primeiro que esta tinha chamado, disse para o 2.º falar e o 1.º tinha que adivinhar de quem era a voz que estava a ouvir. Antes do intervalo ainda estiveram a identificar animais através do som.

Depois de comerem a bolacha da manhã e de brincarem, foram para a sala. Já na sala, e educadora disse para as crianças se sentarem nas cadeiras, pois iam trabalhar nas mesas. Espalhou, em cada mesa, uma caixa de *Blocos Lógicos*.

Inferências e fundamentação teórica

Ao cantar as crianças divertem-se, aprendem palavras novas, brincam e memorizam, segundo as OCEPE (ME,2009):

Trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas para discriminar os sons, por explorar o caráter lúdico das palavras e criar variações da letra original (p.64)

Quando a educadora disse que iam fazer um jogo os alunos ficaram logo entusiasmados e todos quiseram participar. Tal como acontece com a música, o jogar proporciona grandes momentos de diversão e de aprendizagem. O jogar implica que os alunos obedeçam a regras e que se respeitem uns aos outros. Dohme (2008) refere que, “ O jogo encerra regras e objetivos rígidos e obrigatórios, mas que tem curiosa e contraditória ligação com a liberdade, pois os seus participantes aceitam essas condições livremente.” (p.21) o mesmo autor ainda salienta que o jogo apresenta outra característica “ (...) é ter um fim em si mesmo, os jogadores entram no mundo lúdico e praticam diversas ações com vontade, às vezes com extremo vigor, mas sabem que têm a garantia de voltar ao “mundo real” quando o jogo terminar.” (p.21). Os jogos nestas idades são bastante importantes e como estagiária adoro aprender e participar.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

Lecionei uma aula sobre higiene e saúde. Comecei por levar os alunos para o ginásio, sentei-os em “U” e fiz sabonetes, mas como o sabonete não estava a querer derreter optei por contar a história: “Camila não quer tomar banho”. Neste dia, os alunos estavam muito agitados por isso a maior parte da turma não prestou atenção ao que eu estava a dizer. A educadora optou por levar os alunos para o recreio e depois logo se iria ver se contaria novamente a história

Depois do intervalo o sabonete já estava derretido, por isso fomos para a sala de lazer realizar a atividade, onde trabalhei alguns sentidos como a visão, cor do sabonete e purpurinas, o olfato, e o aroma do sabonete. Na confeção dos sabonetes (figura 12), todos os alunos participaram. No final, distribui o líquido por pequenas formas para deixar a secar. O sabonete já estava nas formas e como já era hora de almoço levámos os alunos para o refeitório.



Figura 12 – Crianças a fazerem sabonetes.

Inferências e fundamentação teórica

Quando falamos em experiências, não as vemos focadas para o jardim-de-infância, mas sim para o 1.º Ciclo. Felizmente, hoje em dia, existem muitos educadores a realizá-las com os mais pequenos. Na minha opinião, acho importante realizarem-se experiências, pois as crianças ficam fascinadas e aprendem a brincar. Tal como refere Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2009) “As crianças constroem explicações a partir de variadas experiências familiares e escolares. Os adultos dos seus contextos próximos deverão proporcionar-lhes situações diversificadas de aprendizagem, para exploração de questões e fenómenos que lhes são familiares, aumentando a sua compreensão real.” (p.17). E ainda salientam que “As crianças devem ser esclarecidas quanto ao propósito da atividade a desenvolver e ao que é esperado delas, de modo a potenciar as suas aprendizagens.” (p.19)

O principal objetivo desta experiência foi fazer com que os alunos compreendessem que os sabonetes não “aparecem” sólidos, que têm diferentes aromas e cores. Os autores atrás referidos reforçam a importância da interação com os alunos ao longo da experiência dizendo que:

Na interação criança-adulto que ocorre durante a atividade devem privilegiar-se as respostas através de questões que vão sendo colocadas às crianças e não de respostas que lhes são fornecidas pelos adultos. Neste aspeto, a intervenção do adulto tem uma influência determinante no êxito das atividades, não só nos momentos em que as crianças manifestam dificuldade, mas também quando fazem novas descobertas. (p.20)

Ao longo da aula fui sempre questionando as crianças sobre o que estava a acontecer e como seria o resultado final, nunca dizendo a solução.

Segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Durante a manhã a minha colega de estágio lecionou uma aula sobre a higiene oral. Esta foi apoiada através de um suporte digital, o *powerpoint*, e levou uma boca e uma escova de dentes gigante para ensinar os alunos a lavarem os dentes. No final da sua aula, com a guitarra, cantou uma música sobre a higiene oral.

Este dia de estágio foi diferente, pois a colega de estágio e eu fomos para o jardim – escola à tarde, assim pudemos observar as atividades realizadas da parte da tarde. Depois da sesta, da higiene e do lanche, enquanto uns realizavam uma atividade sobre o Halloween, outros terminavam os trabalhos em atraso. Na atividade relativa ao Halloween os alunos picotaram, recortaram e colaram pedaços de papel. (figuras 13,14 e 15).



Figura 13 – Criança a picotar

Figura 14 – Criança a rasgar papel

Figura 15- Criança a colar

Inferências e fundamentação teórica

Na minha opinião foi uma aula bastante interessante e a colega conseguiu captar a atenção dos alunos, pois estes estavam fascinados a olhar para ela. A colega enquanto lecionava a aula mostrou ser muito carinhosa com todos os alunos.

Papalia, Olds e Feldman (2001) referem que:

As competências motoras finas, tal como o apertar os cordões dos sapatos, cortar com uma tesoura, desenhar e pintar, envolvem a coordenação óculo-manual e de pequenos músculos. Os ganhos nestas competências permitem à criança assumir maior responsabilidade pela sua própria pessoa. (p.287).

Nas OCEPE (ME,2009) podemos ver salientado que “O desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim-de-infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objetos.” (p.59) e que, “A diversidade e acessibilidade dos materiais utilizados permite ainda outras formas de exploração.” (p.62) Para além dos aspetos já referidos esta aula também tinha um aroma agradável, o que permitiu desenvolver o olfato.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Surpresa no jardim – escola! Este dia foi marcado pela presença das orientadoras da equipa de Supervisão de Prática Pedagógica. A minha colega de estágio e eu demos a aula surpresa. A primeira fui eu, a orientadora deu-me um livro cujo título era: “Sara, Tomé e o Boneco de Neve” e disse-me para contar a história. Sentei os alunos em U, contei a história e à medida que ia contando fiz algumas interações com os alunos e inflexões de voz. No final, explorei o livro e em roda, todos de mãos dadas, cantámos a canção de todos os patinhos.

Quando terminei, foi a vez da minha colega dar a sua aula no domínio da matemática, iniciando-a por fazer um jogo e contagem com flores.

Inferências e fundamentação teórica

Enquanto futura educadora ou professora, há que estar preparada para as realidades existentes numa sala de aula. Com a prática, vamos aprendendo a lidar com determinadas situações. Alarcão e Roldão (2008) salientam que “A supervisão tem um papel securizante. É mesmo considerada fulcral no processo de formação. (...) a supervisão como atividade de apoio, orientação e regulação aparece como uma dimensão de formação com grande relevância, não obstante a heterogeneidade das suas práticas.” (p.56). As mesmas autoras referem que a supervisão aparece como função de apoiar e regular o processo formativo: “a atuação em situações complexas; a exigir adaptabilidade; a observação crítica; a problematização e a pesquisa; o diálogo; a experienciação de diferentes papéis; o relacionamento plural e multifacetado; o autoconhecimento relativo a saberes e práticas.” (p.54).

Rosales (1992) considera também de relevante interesse “a tarefa do supervisor nas suas visitas ao professor em formação.” (p.136).

Com as aulas surpresa podemos melhorar as nossas atitudes, conhecimentos e até mesmo a ouvir as opiniões de docentes com experiência profissional, pois no final de cada aula surpresa é feita uma reunião com todas as estagiárias, orientadoras da prática pedagógica e educadoras, para falarmos dos aspetos positivos e dos aspetos a melhorar. Alarcão e Tavares (2003) “quando o observador acaba a sua tarefa de observação, tem consigo um conjunto de dados que precisa de ordenar e analisar. A análise depende do tipo de abordagem utilizada e pode ser mais ou menos morosa.” (p.92).

Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

Supostamente este dia seria para trocar de bibe, mas como no dia 4 de novembro as orientadoras da prática pedagógica estiveram no jardim-escola, e a aula que eu tinha programada teve que ser adiada e lecionada hoje. No dia 28 de outubro não terminei a minha aula. Por isso na área de Conhecimento do Mundo, através do *Powerpoint*, e de alguns objetos que levei, uma banheira, um nenuco e utensílios de higiene, abordei de uma forma criativa a importância de tomarmos banho e como nos devemos lavar. Os alunos estavam fascinados, pois verem uma banheira com água e um nenuco para poderem dar banho era o que todos queriam ter à frente naquele momento. Apesar de ser uma aula para muita distração e excitação consegui estabelecer regras e acabou por

ser uma aula bastante participativa e animada. Conteí novamente a história: “Camila, não quer tomar banho”.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças, apesar de pequenas, já sabem muitas coisas sobre o mundo que as rodeia, quer dizer algumas coisas pensam que sabem, pois existem muitas concepções alternativas, ideias, em relação à área de conhecimento do mundo. Estas são as explicações que as crianças dão para um determinado teor científico, no fundo são os seus conhecimentos prévios. Segundo Cachapuz (citado por Martins *et al.* 2009) as concepções alternativas são “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização”. (pp.28-29).

Idêntico princípio é referido nas OCEPE (ME,2009) que:

Os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia. A criança quando inicia a educação pré-escolar já sabe muitas coisas sobre o “mundo”, já contribuiu com algumas ideias sobre as relações com os outros, o mundo natural é construído pelo homem, como se usam e manipulam objetos. (p.79)

A mesma fonte salienta que esta “ (...) inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social que decorrem de experiências proporcionadas pelo contexto de educação pré-escolar ou que se relacionam com o seu meio próximo (...)” (p.81).

De entre muitos temas tratados, na área de Conhecimento do Mundo, a higiene e saúde é um dos muitos temas trabalhados logo no início do ano.

As OCEPE (ME,2009) referem “(...) a educação para a saúde e higiene fazem parte do dia a dia do jardim de infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões porque lava as mãos antes de comer, (...)” (p.84).

Gostei muito de lecionar esta aula e de verificar que as crianças estavam interessadas, tinham conhecimentos sobre o tema e acima de tudo queriam muito participar.

Terminou o primeiro momento de estágio. Vou sentir saudades das crianças e da educadora.

1.2. Segunda secção: Bibe Encarnado

Período de estágio: 8 de novembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011

1.2.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Encarnado A é composta por 27 crianças, 14 do género masculino e 13 do género feminino. A maioria das crianças termina este ano letivo com quatro anos de idade. Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica da escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.2.2. Caracterização do espaço

O espaço onde as crianças realizam as atividades sejam, lúdicas ou educativas, é importante em todas as faixas etárias,

Zabalza (1998), refere que:

nesta faixa etária, as crianças têm necessidade de autonomia pois estão a construir a sua identidade individual e necessitam por isso de se movimentar e de estabelecer uma relação com as coisas e com os outros. O espaço é um dos aspetos fundamentais, ou seja, são necessários espaços abertos e livres para que as crianças possam movimentar-se livremente e ter oportunidade de contato com os outros. (p.125)

A sala do Bibe Encarnado é dividida com a outra turma, a divisão é feita através de um grande armário onde as educadoras guardam o material escolar. A sala é composta por 4 mesas redondas e cada mesa tem 8 cadeiras. Podemos observar o cantinho da leitura, onde muitas vezes as crianças ouviam atentamente as histórias contadas pela educadora e as aulas de conhecimento do mundo (figuras 16 e 17).



Figura 16 – Sala do Bibe Encarnado



Figura 17 – Cantinho da Leitura

1.2.3. Rotinas

O Bibe Encarnado apresenta rotinas idênticas às do Bibe Amarelo. De manhã permanecem no ginásio, onde fazem uma roda gigante e cantam alegremente um grande

leque de canções. O Bibe Encarnado tem as mesmas Áreas de Conteúdo e as Atividades Curriculares, que o Bibe Amarelo, estas por sua vez podem ou não ser lecionadas a horas diferentes, como por exemplo o Inglês. Zabalza (1998) afirma que “os adultos devem ajudar as crianças a internalizarem a rotina diária. Para isso deve manter-se sempre a mesma sequência de tempos”. (p. 194. Os horários são sempre seguidos pelas educadoras. De seguida apresento o horário desta turma.

1.2.4. Horário

No quadro 5, observa-se a horário do Bibe Encarnado com o plano de atividades semanais. Este pode ser alterado de acordo com as necessidades das crianças, da educadora e da escola.

Quadro 5 – Horário do Bibe Encarnado

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento - Canções de roda, jogos e higiene				
9:30	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10:30					
11:00	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Educação pelo Movimento	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
11:30			Revisões	Inglês	Educação pelo Movimento
12:00	Jogos de roda/ Estimulação à Leitura	Jogos de mesa/ Estimulação à Leitura	Cantinhos	Cidadania	Jogos de roda
12:30	Almoço e recreio orientado e livre				
13:00	Expressão Plástica	Expressão Plástica no âmbito da matemática	Expressão plástica no âmbito do conhecimento do mundo	Experiências/ registo das mesmas	Expressão Plástica
14:45	Música				
15:30					
16:00	Relembrar o nosso dia				

1.2.5. Relatos diários

Terça – feira, 8 de novembro de 2011

A educadora leu a história “Papá, por favor, apanha-me a lua”. Fez cálculo mental enquanto distribuía as linhas fronteiras e borboletas pelos alunos. Com este material trabalhou o dentro e fora, quantidades, conjunto singular e conjunto nulo. À medida que ia dando a aula fez sempre correspondência com outro material. Ex: vou dizer a cor de uma peça do material *Cuisenaire* e vocês têm de colocar dentro da linha fronteira o número de

borboletas que equivale à peça verde clara. No final deixou os alunos brincarem com as borboletas.

Inferências e fundamentação teórica

O principal objetivo da leitura de livros nesta idade é transmitir conhecimentos às crianças, e que no futuro se tornem leitores. Lopes (2006) refere alguns objetivos da leitura na infância, que são: “ouvir atentamente livros que o professor lê para a turma” e “ser capaz de dizer os títulos e autores de alguns livros” (p.16). Com a leitura promovemos também o desenvolvimento da literacia.

Para Santos (2001), este desenvolvimento:

em idades precoces, é de fundamental importância para o processo de aquisição da leitura e da escrita e o desenvolvimento começa muito antes da instrução formal da leitura e da escrita, seja através do desenvolvimento da capacidade de ouvir, falar, ler e interpretar, seja através de estímulos musicais, dramáticos e plásticos tão presentes na sua vida. (p.19)

Por isso é extremamente importante que as crianças mantenham contacto com os livros e os educadores não devem privar as crianças. Se queremos formar futuros leitores e escritores bem-sucedidos temos que ler, contar, dramatizar, entre outras coisas, para que as crianças se familiarizem com os livros e ganhem hábitos com os mesmos. As crianças aprendem por imitação por isso devemos dar bons exemplos.

Sexta-feira, 11 de novembro de 2011

A educadora começou o dia por pedir a um aluno para começar a contar elementos. Ao fazer isso a educadora analisou até que número os alunos conseguiam contar. Pediu a um aluno de cada mesa para ir buscar uma caixa de *Blocos Lógicos* e espalharem as peças nas respetivas mesas. Começou por perguntar o nome do material e quais eram os seus atributos. Depois de relembrarem os atributos a educadora referiu que deveriam de estar com muita atenção pois hoje iam fazer uma coisa diferente. Dizia dois atributos e os alunos tinham que ir buscar a peça com esses atributos. No final deixou brincar. Depois do intervalo tiveram aula de educação física, onde realizaram um jogo de força.

Quando regressaram à sala ouviram a lenda de S. Martinho e antes do almoço ainda tiveram tempo para fazerem o jogo da dança. As crianças dançam e quando a música parava tinham que ficar quietas (estátua).

Inferências e fundamentação teórica

Durante as contagens, apercebi-me que quanto mais conseguissem contar mais contentes ficavam. Nesta idade, algumas crianças, ainda não têm a noção de número e pensam, por exemplo, que ao contarem até 20 já é muito. Serrazina (2008a) acentua que:

As crianças pequenas gostam de decorar coisas simples. Para algumas, recitar a sequência da contagem é um autêntico desafio e vão criando sequências próprias até conhecerem a correta (...) Os termos utilizados na contagem oral são aprendidos pelas crianças em interação com outras crianças com os adultos. (p.14)

A mesma autora ainda refere que existe um desenvolvimento no que se refere à contagem oral:

- do conhecimento da sequência dos números com um só dígito;
- do conhecimento das irregularidades entre 10 e 20;
- da compreensão de que o nove implica transição;
- dos termos de transição para uma nova série;
- das regras para gerar uma série. (p.17)

A educadora regista numa grelha estas avaliações que faz. Desta forma consegue ter uma correta perceção do que eles conseguem fazer.

Praticar exercício físico desde muito cedo é importante para o desenvolvimento da criança. O movimento é o centro das vidas ativas das crianças e começa desde os primeiros momentos de vida. A Educação Física ajuda a desenvolver movimentos, a conhecer o que se pode fazer com o corpo, desenvolve o espírito de grupo e iniciativa, pois quando está a praticar exercício comunica com os outros, esta atividade deve ser desenvolvida desde o Pré-Escolar. As OCEPE (ME,2009) salientam que “Tendo em conta o desenvolvimento motor de cada criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global (...) de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.” (p.58). Por isto e por entre outras razões importantes tais como o trabalho em equipa, a comunicação e socialização, considero que a Educação Física é deveras importante para o desenvolvimento, tanto físico como cognitivo das crianças.

Segunda-feira, 14 de novembro de 2011

A festa de natal estava quase a chegar, e, tanto os alunos como as educadoras querem dar o seu melhor para agradarem aos pais. Neste dia começaram os ensaios.

Na área de domínio da Matemática deu o material 3.º *Dom de Froebell*. Primeiro relembrou as regras deste material e de seguida começou por contar uma história. Os

alunos realizaram três construções, a cama, o cadeirão e a mesa e as cadeiras. Ao longo da aula fez cálculo mental e correspondência com o material *Cuisenaire*.

Depois do intervalo esteve a falar com os alunos sobre o Planeta Terra. Falou sobre a Lua, o Sol e a Terra, e, para tornar a aula mais dinâmica vestiu um aluno de Terra e outro de Lua, assim, falou dos movimentos que cada um fazia e os alunos iam representando esses movimentos como se pode verificar na figura 18.



Figura 18 - Crianças vestidas de Terra e Lua, a representar os movimentos efetuados pelas mesmas

Ao aluno que estava vestido de Terra perguntou de que cor era, e este respondeu castanho e azul. Com esta questão a educadora quis dizer que a terra tinha duas cores e que a parte castanha representava os vários continentes e a parte azul os oceanos. Antes de referir o que eram os oceanos perguntou se sabiam. Antes de terminar a aula ainda perguntou como se chamava o nosso país e desenhou no quadro a forma do mesmo. No final fez o jogo das perguntas para ver o que os alunos tinham aprendido.

Inferências e fundamentação teórica

Quando as crianças utilizam o 3.^o *Dom de Fröebel* desenvolvem a motricidade fina, a lateralização e a criatividade. Ao realizarem construções, livremente, são bastantes criativas.

Caldeira (2009a) salienta que o 3.^o *Dom* “é composto por 8 cubos guardados dentro de uma caixa de madeira, também em forma de cubo. Estes pequenos (8) cubos estão dispostos de forma organizada e dão origem a regras de execução do “jogo” que deverão ser cumpridas.” (p.248). A mesma autora ainda refere que existem “três procedimentos possíveis no manuseamento deste material: 1. Conhecimento e representação de construções; 2. Conhecimento, representação e exploração de noções matemáticas; 3. Conhecimento, representação, exploração de noções matemáticas e desenvolvimento verbal.” (p.248).

Ao vestir os alunos com os fatos, na minha opinião tornou a aula muito mais dinâmica e apelativa, afinal não é todos os dias que um aluno faz o papel da Terra e outro da Lua. Com os alunos assim vestidos, a educadora fez com que as crianças chegassem às cores do nosso Planeta e correspondessem as cores aos Oceanos e

Continentes. Aos 4 anos as crianças já têm a plena noção do Mundo em que vivemos por isso há que estimular as ciências para que estes aprendam ainda mais. Ao brincar as crianças aprendem.

Segundo Martins *et al.* (2009):

Inicialmente, através do seu brincar e, posteriormente, de forma mais sistematizada quando acompanhada pelo adulto, a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo que a rodeia. Estarão, assim, criadas as condições para dar os primeiros passos em pequenas investigações, as quais se pretendem progressivamente mais complexas. (p.12)

Os mesmos autores ainda referem que “ (...) uma exposição precoce a fenómenos científicos favorece uma melhor compreensão dos conceitos apresentados mais tarde, no ensino básico (...)”.(p.13) Nesta idade para captar o interesse das crianças há que arranjar diferentes métodos de ensino para as cativar, por isso acho que foi bastante produtivo a educadora ter realizado o jogo no final da aula.

Terça-feira, 15 de novembro de 2011

Neste dia, a manhã foi dedicada à contagem, ao cálculo mental e à ordenação de números por ordem crescente. A educadora distribuiu uma caixa a cada aluno com algarismos móveis bastante coloridos, trabalhou a ordem crescente, do zero até ao nove, como se pode ver na figura19.

Depois do intervalo alguns alunos estiveram a colar pequenos pedaços de musgami numas estrelas para colocarem na árvore de natal do bibe encarnado, de seguida foram para as almofadas e estiveram a rever o que tinham falado na aula anterior sobre o Planeta Terra.



Figura 19 - Criança a colocar os algarismos por ordem crescente

Inferências e fundamentação teórica

À medida que os alunos iam colocando os algarismos por ordem crescente, a educadora circulava pela sala e ia sempre dizendo indicações, como por exemplo: “começam a colocar os algarismos da esquerda para a direita”. Serrazina (2008a), refere que “desenvolver nas crianças capacidades relacionadas com o orientar inclui actividades de localizar e tomar um ponto de vista.” (p.15). Depois de todos os alunos terminarem o exercício a educadora colocou algumas questões sobre os algarismos. “Qual é o

algarismo que vem antes de x? E depois de y?”, com estas perguntas, e segundo a educadora, concluiu que ainda têm de trabalhar o antes e o depois.

A utilização de algarismos móveis, na minha opinião, promove, ainda mais o desenvolvimento/familiarização com os números. Em relação aos materiais manipulativos, a mesma autora, diz que “É indispensável que o educador, na sua sala, disponha de materiais que apresentem numerais e que deles faça uso, de modo a permitir que as crianças se apropriem e compreendam o seu significado e os comecem a utilizar.” E ainda salienta que “a utilização da simbologia convencional (algarismos) surge com o tempo.” (p.38). Com o passar do tempo os alunos vão-se familiarizando com os algarismos, pois estes estão presentes no seu quotidiano.

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

Realizaram exercícios de cálculo mental e de seguida a educadora perguntou quantas unidades valia cada peça do material *Cuisenaire*, pois a aula iria ser com este material. Com o mesmo construíram a escada para realizarem a leitura por unidades e cores.

Depois do intervalo a educadora perguntou às crianças o que gostariam de receber no natal para posteriormente escrever na parte de trás das estrelas. De seguida foram para a aula de Educação Física.

Inferências e fundamentação teórica

Antes de realizarem atividades com o material já referido as crianças têm de saber quantas unidades vale cada peça, e, posso referir que apesar de estarem no início do ano todas as crianças sabem, até as que entraram na escola pela primeira vez. Durante a aula a educadora mostrou ser muito carinhosa para com as crianças, ajudando sempre as que tinham mais dificuldades.

O material *Cuisenaire* é bastante apelativo e de fácil manuseamento para as crianças desenvolverem as noções matemáticas. Caldeira (2009a) salienta que “para além do desenvolvimento da lógica matemática, o material *Cuisenaire* possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e de diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e experimentação.” (p.126). Este material foi criado por Georges Cuisenaire, e é constituído por barras paralelepípedicas que variam na cor e tamanho. *Damas et al.* (2010) menciona que “o manuseamento das barras dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender.” Mas também que “em primeiro lugar, os alunos deverão associar o número à cor respetiva.” (p.65).

Inicialmente a educadora colocou algumas perguntas sobre o material, como por exemplo: Qual é o nome deste material? Qual é a peça mais importante?. De seguida pediu para colocarem a peça branca do lado esquerdo e para construírem a escada até à peça castanha, onde trabalhou noções de lateralidade.

Ao longo da aula as crianças mostraram conhecimentos sobre este material e no final quando realizaram um jogo, pude observar que os conhecimentos estão adquiridos e que até de olhos fechados conseguem distinguir as peças, através do tato.

Segunda-feira, 21 de novembro de 2011

Ensaio para a festa de natal até às 10h 30m. Para lecionar a aula de matemática a educadora escolheu os *Blocos Lógicos*. Como em todas as aulas de materiais começou por perguntar o nome daquele material e fazer uma breve revisão dos atributos. Depois dessa revisão realizou exercícios de comparações entre peças e construções.

Inferências e fundamentação teórica

Tal como o material *Cuisenaire* e os *Dons*, os *Blocos Lógicos* são um material manipulável estruturado, cujo principal objetivo é ensinar às crianças as formas geométricas. Serrazina (2008b) menciona a importância de se ensinar as formas geométricas às crianças no jardim-de-infância dizendo que “Desde muito cedo, as crianças começam a desenvolver alguns conceitos geométricos e o raciocínio espacial.” (p.11) a mesma autora citando National Council of Teachers of Mathematics (2000, p.41) salienta que:

Desde o jardim-de-infância até ao 12.º ano, o ensino e aprendizagem da Geometria deve permitir:

- Analisar características e propriedades de formas geométricas bidimensionais e tridimensionais e desenvolver argumentos matemáticos acerca de relações geométricas;
- Especificar localizações e descrever relações espaciais recorrendo à geometria de coordenadas e a outros sistemas de representação;
- Aplicar transformações e usar simetrias para analisar situações matemáticas;
- Usar a visualização, o raciocínio espacial e a modelação geométrica para resolver problemas (p.11)

Nos exercícios de comparações, a educadora colocava duas peças no quadro e pedia aos alunos para identificarem as diferenças, quanto às construções pediu para fazerem uma casa apenas com duas peças. Serrazina (2008b), menciona a importância das crianças realizarem construções com materiais de geometria dizendo que “é fundamental que, nestas idades, as crianças possam manipular e efectuar construções

com “materiais que representem figuras”, porque ao fazê-lo poderão mais facilmente estabelecer relações entre elas.” (p.28). No final da aula, chamou dois alunos para colocarem as “casas” no quadro, e há medida que cada um ia ao quadro a educadora perguntava quem morava naquela casa e quantas pessoas eram. Na figura 20 podemos observar uma criança no quadro a falar sobre a casa que tinha construído com as peças, fez o mesmo com o outro aluno e no final com as duas “casas” no quadro perguntou quais eram os atributos das mesmas.



Figura 20 – Criança no quadro a falar sobre a “sua” casa

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

A educadora começou a manhã por fazer contagens com algumas crianças que estiveram a contar até ao número que sabiam. Hoje a aula de matemática foi com plasticina, ou seja fizeram a representação dos algarismos. Realizou a avaliação mensal, aluno a aluno, sobre o material *Cuisenaire*. No final da avaliação deixou os alunos brincarem com a plasticina. Quando regressaram do recreio a educadora contou a história “O amor a amizade” e explorou os sentimentos que eram falados na mesma.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças adoraram esta aula, pois estavam bastante divertidas a realizarem os algarismos com a plasticina. Durante a aula foram surgindo algumas dúvidas na elaboração, por isso a educadora escreveu alguns algarismos no quadro para as crianças associarem. Um aspeto muito importante, na infância, é aprender a noção de número, por isso acho pertinente que desde pequenas as crianças se familiarizem com os números. Serrazina (2008a), refere que “quando falamos de crianças em idade pré-escolar, o sentido de número pode ser entendido como um processo no qual elas vão aprendendo a compreender os diferentes significados e utilizações dos números e a forma como estes estão interligados.”(p.12). E a plasticina, na minha opinião, foi uma excelente forma de os alunos associarem os algarismos às representações.

À medida que a educadora ia fazendo a avaliação mostrou sempre um ar muito doce e meigo com as crianças dando sempre incentivos. A avaliação é feita a partir de grelhas, e segundo as OCEPE (ME, 2009) “planear e avaliar com as crianças, individualmente, em pequenos grupos ou no grande grupo são oportunidades de participação das crianças

e meios de desenvolvimento cognitivo e da linguagem”. (p.37). Houve uma aluna que começou a chorar porque não sabia responder às questões que a educadora fazia, para a acalmar a educadora mostrou-se sempre muito calma e meiga e disse que não fazia mal pois ela estava ali para ensinar. É importante que a educadora tenha uma boa relação com as crianças, para que estas tenham confiança e não fiquem inseguras nas respostas, Martins (2007) reforça o que acabei de referir, ou seja, é extremamente importante “a interacção em sala de aula (Educador-criança), (criança-criança) e de o Educador ter esta disponibilidade interior (afectividade, empatia) para com as necessidades dos educandos (aliás, afectividade, num dos seus sentidos mais radicais, significa justamente a capacidade de se deixar afectar pelas necessidades do outro)”. (p.32). O educador deve mostrar empatia e afetividade com os alunos.

Sexta – feira, 25 de novembro de 2011

Este ano o tema do Bibe Encarnado para a festa de natal é a Parada da Disney, por isso durante muitas manhãs as educadoras e estagiárias, das salas dos Bibes Encarnados A e B, pintaram um castelo que iria fazer de cenário, adereços e vestuário para a festa.

De manhã andei a colocar as estrelas na árvore de natal do Bibe Encarnado e a coser umas tiras brancas nas camisolas dos soldados. Já na sala de aula e depois dos ensaios, a aula de domínio da Matemática era com palhinhas. Com este material a educadora trabalhou a noção de par e ímpar, através da formação de conjuntos com as palhinhas.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças ficam entusiasmadas só com a chegada do natal, ainda por cima este ano estavam ainda mais entusiasmadas porque o tema é bastante divertido e do conhecimento de todas as crianças e adultos. Quem é que nunca ouviu falar da Bela Adormecida ou mesmo até do Pateta? Este ano as crianças tinham que encarnar as personagens da Disney. Hohmann e Weikart (2011) salientam que “fazer-de-conta e representar papéis tendem a ser actividades francamente sociais, e parecem ter um efeito positivo no desenvolvimento social e de linguagem das crianças.” (p.494). Bettelheim (1996), afirma que um dos principais objetivos da dramatização reside no fato de permitir à criança “construir uma ligação verdadeiramente satisfatória com outra pessoa (...)” (p.19).

Para lecionar a aula com palhinhas a educadora dizia para os alunos representarem com as palhinhas e no quadro desenhava traços para os alunos verificarem se estava correto. Caldeira (2009a) menciona que as palhinhas são um material de “fácil acesso e

manuseamento”, refere também que com este material “é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça.” (p.317). No decorrer da aula a educadora demonstrou ser paciente e meiga para com as crianças, pois surgiram algumas dificuldades.

No final da aula, ainda com este material, pediu para fazerem uma figura com apenas três palhinhas e outra com quatro, e, para ver se um aluno que tinha dificuldades tinha percebido, desenhou quatro traços na vertical e pediu-lhe para formar pares. Na minha modesta opinião as palhinhas são um material bastante apelativo.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2011

A educadora iniciou o dia por fazer alguns exercícios de cálculo mental e trabalhou a noção de cardinal (#). Depois do intervalo da manhã, a minha colega de estágio deu uma aula surpresa a pedido da educadora.

Inferências e fundamentação teórica

Para lecionar a aula sobre a teoria de conjuntos, noção de cardinal, a educadora utilizou a linha fronteira. Para as crianças compreenderem referiu que tal como as pessoas os conjuntos também têm nomes, por isso colocamos uma letra maiúscula no canto inferior esquerdo por baixo do conjunto e para representar o número de elementos contidos no conjunto usamos o símbolo (#) e exemplificou no quadro.

Ao longo da aula a educadora foi pedindo para representarem vários conjuntos. Algumas crianças foram ao quadro representar. No final da aula havia alunos que já sabiam o nome do símbolo que representa a quantidade (#) e que os conjuntos têm todos nomes.

Quanto à aula surpresa, a colega de estágio, leu a história: “A que sabe a Lua?”. Para além de a ler fez interdisciplinaridade com a área da matemática e fez dois jogos, no primeiro as crianças tinham que imitar o som dos animais e o outro era o jogo da barquinha cujo tem eram os animais. Cury (2006) refere que contar histórias não é só para entreter as crianças, estas visam a desenvolver determinados objetivos tais como “(...) desenvolver a criatividade, educar a emoção, estimular a sabedoria, aumentar a capacidade de solução em situações de tensão, enriquecer a socialização.” e ainda salienta que “educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade.” (p.132) Apesar das crianças já conhecerem esta história, estavam bastante entusiasmadas e divertidas.

Terça-feira, 29 de novembro e sexta-feira, 2 de dezembro de 2011

Nestes dois dias as educadoras passaram as manhãs a ensaiar para a festa de natal. Nas pausas as crianças brincaram no jardim e na sala, com as peças de encaixe, enquanto as estagiárias pintavam o Castelo e os carrinhos dos sete anões.

Inferências

Nestes dias assistimos à verdadeira correria na escola para que tudo fosse perfeito na festa de Natal. Apesar de alguns dos trabalhos manuais serem difíceis de executar para as crianças, estas, queriam ajudar ao máximo e, na minha opinião, devemos envolver as crianças no que se trata de preparações natalícias, pois considero que seja uma excelente maneira de lhes inculcar todo o espírito mágico desta quadra.

Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011

Este dia foi marcado pela presença das professoras da equipa de Supervisão, mas não fomos nós a dar. Como não demos aula fomos assistir às aulas das outras colegas, a primeira foi no Bibe Azul A e contou a história da Galinha Ruiva e depois fazer a dinamização da palavra galinha. As outras duas colegas lecionaram as aulas no Bibe Amarelo. Uma contou a história dos três porquinhos com fantoches, e a outra fez contagens com palhinhas.

Inferências e fundamentação teórica

A partir do momento que iniciamos o estágio estamos em constante avaliação. As aulas surpresas são importantes para a nossa formação enquanto futuras educadoras e professoras, pois surgem acontecimentos inesperados, e “nós” temos que saber lidar com esses acontecimentos. Nóvoa (1992a), menciona que “a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico (...)” e “ (...) não se faz antes da mudança, faz-se durante (...)” (p.28). Se não experimentarmos não sabemos aquilo que podemos esperar no futuro, e podemos mudar as nossas atitudes durante a nossa formação e não depois. Na minha opinião a supervisão durante o estágio é extremamente importante, o mesmo refere Pacheco (1995) que considera ser:

um elemento de apoio, constituindo o núcleo central da assistência que se pode dar ao desenvolvimento profissional do professor principiante. (...) é fundamental o papel assumido pelos mentores – professores com experiência que aconselham e orientam os professores principiantes, que têm a função de prestar informações gerais, localizar materiais curriculares, orientar sobre as estratégias de ensino, manter uma relação empática e partilhar experiências de ensino.(p.16).

Após as aulas, na reunião pudemos “ouvir” e acatar todos os conselhos que nos são dados para melhorarmos as nossas prestações, daí a importância da supervisão.

Terça-feira, 6 de dezembro e sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

A festa de Natal já estava muito próxima, por isso toda a ajuda era necessária. Durante estes dois dias estivemos a ajudar as educadoras com os preparativos e a fazer porta-chaves em velcro com a forma de corações.

Inferências e fundamentação teórica

Foram dias na escola de muita agitação, para todos, famílias, docentes, não docentes, alunos e estagiárias. As crianças estavam todas entusiasmadas com os fatos e com a festa.

Nesta fase toda a ajuda é necessária, por isso até os pais ajudaram na confeção dos fatos. Os pais, podem e devem, ser envolvidos de diferentes formas na comunidade escolar. Nóvoa (1992b) refere que “as escolas com melhores resultados são, normalmente, aquelas que conseguem criar as condições propícias a uma colaboração das famílias na vida escolar ” (p.27). Também Marques (2001) menciona que a escola é cada vez menos uma ilha fechada, ou seja existem cada vez mais a participação de membros que não fazem parte do corpo docente e não docente.

Ambos os autores referem que a relação entre a escola e a família é indispensável para o desenvolvimento da criança a todos os níveis do seu crescimento.

Enquanto estagiária ajudei ao máximo na preparação da festa de Natal.

Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011

Hoje foi a minha vez de dar aulas. O tema era a família, pois como estava quase a chegar o natal e a minha colega de estágio no dia a seguir ia dar aula sobre o natal achei pertinente falar sobre a família. Na área de Conhecimento do Mundo falei sobre a família e a árvore genealógica. Para dar a árvore genealógica levei uma árvore feita por mim (figura 21), e imagens de uma família, as crianças tinham exatamente os mesmos materiais que eu mas em pequenas dimensões, tamanho de uma folha A4, como se pode observar na figura 22



Figura 21 – Árvore genealógica e eu.



Figura 22 – Material das crianças

No domínio da Matemática trabalhei com o material 3.º Dom de Froebel, onde elaborei várias construções e para dar um brilho à aula ainda fiz uns pequenos bonecos com rolhas de plástico, para os alunos os colocarem nas posições referidas por mim (figura 23). No final, realizei uma atividade curricular de Expressão Plástica, onde as crianças decoraram uma moldura com arroz para colocarem uma imagem da família (figura 24).



Figura 23 – Bonecos feitos com rolhas



Figura 24 – Moldura feita com arroz

Inferências e fundamentação teórica

Comecei o dia com a área de Conhecimento do Mundo, onde falei da importância da família e da árvore genealógica. Inicialmente perguntei às crianças o que para eles significava a palavra “família”, para Fernandez (2001, citado por Reis 2008) “família é um termo que não é possível definir, sendo apenas possível a sua descrição...para esta autora, família é um conjunto de pessoas que gostam umas das outras” (p.49). E de uma maneira geral foi o que as crianças responderam.

A mesma autora ainda menciona que se deve “reforçar a importância das relações afectivas que se estabelecem entre as pessoas que acompanham o dia a dia da criança contribuindo de forma decisiva para o seu desenvolvimento”.(p.49). Catita (2007) menciona que este tem “(...) deverá ser o primeiro a ser abordado no jardim-de-infância uma vez, que na maioria dos casos, este é o único espaço social que as crianças conhecem e já viveram intensamente antes de aí chegarem.” (p.20).

No domínio da matemática, como estava desejosa de dar aulas com materiais escolhi o 3º Dom. Trabalhei a ordem numérica, grande e pequeno, noção de par e ímpar e promovi o cálculo mental. Para terminar, e da parte da tarde, elaborei com as crianças uma moldura decorada com arroz e pintada com *spray* prateado para colocarem a

fotografia da família. Segundo as OCPEPE (ME, 2009) “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão.” (p.61). Esta atividade foi bastante divertida, e o resultado final ficou espetacular.

Terça-feira, 13 de dezembro de 2011

Como já tinha referido no relato anterior a minha colega de estágio neste dia lecionou a sua aula sobre o natal. Começou por falar sobre o natal com a ajuda de um suporte digital, *Powerpoint*, fez interdisciplinaridade com outras áreas e no final construíram um presépio. No domínio da matemática deu teoria de conjuntos, e para colocarem nos conjuntos tinha pinheiros. Para terminar cada aluno fez um postal com a imagem da cara do pai natal, pintaram as mãos com tinta branca e fizeram as barbas, os olhos, o nariz e as bochechas já estava colados no postal.

Inferências e fundamentação teórica

Quando lecionamos as aulas programadas desenvolvemos os conteúdos fazendo interdisciplinaridade. Para ser mais motivador Haigh (2010) refere que é importante a interdisciplinaridade na sala de aula mas têm que existir estratégias e atividades enriquecedoras que impulsionem o cruzamento das áreas/domínios, que estimulam o desenvolvimento de capacidades, atitudes e valores. (p.32). Para Maingain e Dufour (2008) o conceito interdisciplinaridade “(...) é utilizado para abarcar uma gama de práticas na realidade diferenciadas.” (p.25) e ainda salientam que é “(...) concebida, simultaneamente, como método permitindo tratar problemas concretos provenientes de uma realidade complexa e como forma de saber ultrapassando as fronteiras disciplinares.” (p.27). Quando o educador consegue relacionar os conteúdos torna a aprendizagem mais apelativa e com um fio condutor.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

A educadora estava de *Roullement*, por isso neste dia deixou umas propostas de trabalho para realizarmos com os alunos. Durante a manhã estiveram a fazer colagens, pai natal, disseram o que queriam receber no natal para colocarem no postal que tinham feito com a colega de estágio e ainda brincaram com as peças de encaixe. Antes de sairmos ainda realizei um jogo com os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

A área de expressão plástica é extremamente importante na infância, pois é uma maneira da criança expressar os seus sentimentos, de contactar com diversos materiais, ou seja de explorar de uma maneira em geral o mundo em seu redor. Borràs (2002) refere que “o eixo de aprendizagem de educação visual e plástica em educação infantil é o meio de expressão que, juntamente com a palavra e o movimento, constitui a base da intercomunicação futura. É um dos meios de que a criança dispõe para expressar tudo o que sucede ao seu redor” (p.445). O jogo era bastante simples e as crianças estavam bastante animadas enquanto o realizavam. Tal como refere Neto (2001), as crianças ao jogar/brincar estão a desenvolver “uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância, tornando-se uma área de grande atracção e interesse para os investigadores no domínio do desenvolvimento humano (...)”. (p.194). No quadro começava a desenhar um animal e quem colocasse primeiro o dedo no ar e adivinhasse ganhava pontos.

Este foi o meu último dia de estágio com esta turma. Adorei o estágio nesta sala de aula.

1.3. Terceira secção: Bibe Azul

Período de estágio: 2 de janeiro de 2012 a 10 de fevereiro de 2012

1.3.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Azul é constituída por vinte e três crianças, sendo onze do género feminino e doze do género masculino. Apenas duas crianças da turma completaram os cinco anos de idade no mês de dezembro de 2011. As restantes crianças já tinham completado os cinco anos de idade. Há uma criança que apenas entrou para esta turma no presente ano letivo.

De acordo com a informação cedida pela educadora, a turma é bastante interessada pelas atividades propostas, tanto em sala de aula como em espaços exteriores. As crianças colaboram de forma dinâmica nas rotinas e mostram motivação para as ações propostas.

1.3.2. Caracterização do espaço

A sala é pequena, por isso apenas existe uma área, a área do faz de conta, que segundo Brazelton e Sparrow (2003):

Aos cinco anos, as brincadeiras têm muitos objectivos. Proporciona uma forma de experimentar os pensamentos esperançosos, aprender acerca dos papéis desempenhados por cada um, aprender a controlar-se e a ser amigo de alguém. As brincadeiras são um escape para as novas pressões sobre as crianças de cinco anos para que cresçam, para que executem, para que se adaptem. (p.197)

Uma vez que ter um espaço adequado à faixa etária faz parte do desempenho do educador foi definido no *Decreto-Lei n.º 241/2001*, de 30 de agosto o perfil geral do educador de infância:

2- No âmbito da organização do ambiente educativo, o educador de infância:

- a) Organiza o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas;
- b) Disponibiliza e utiliza materiais estimulantes e diversificados, incluindo os seleccionados a partir do contexto e das experiências de cada criança;
- c) Procede a uma organização do tempo de forma flexível e diversificada, proporcionando a apreensão de referências temporais pelas crianças;
- d) Mobiliza e gere os recursos educativos, nomeadamente os ligados às tecnologias da informação e da comunicação;
- e) Cria e mantém as necessárias condições de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças.

Posso referir que no geral este Jardim-Escola está muito bem decorado e todas as educadoras se preocupam com o ambiente educativo.

Esta sala, apesar de ser pequena, é bastante acolhedora, divertida e luminosa. Tem 12 mesas retangulares, viradas para dois quadros, um de giz e o outro de acetato. As crianças estão sentadas a pares, estando as meninas sentadas do lado direito da mesa e os rapazes do lado esquerdo, esta situação só não se observa apenas com um par, pois uma das raparigas é esquerdina e por isso senta-se do lado esquerdo da mesa. Santos (2001) fala-nos do direito a ser canhoto salientando que “o estudante canhoto deverá sentar-se sempre do lado esquerdo da carteira ou mesa, principalmente se estiver acompanhado de um colega. Isto para evitar conflito com o cotovelo e também para ter espaço de leitura e escrita.” (p.48). Na figura 25 é possível observar a distribuição da sala. A área de lazer, esta fica situada do lado direito das mesas.



Figura 25 – Sala do Bibe Azul

1.3.3. Rotinas

Tal como nos outros bibes, permanecem no ginásio até às 9h 30m, e posteriormente dirigem-se para a casa de banho. São os primeiros a saírem da roda. Já depois desta hora, a educadora cumpre com o horário. Hohmann e Weikardt (2011) salientam que “as crianças sentem-se seguras devido à estrutura previsível da rotina diária e dos limites claros e apropriados, dentro dos quais elas se sentem livres para desenvolver as suas próprias formas de fazer as coisas.” (p.225).

De manhã têm domínio da Matemática (por vezes denominado Iniciação à Matemática), com materiais manipuláveis ou então não estruturados, e Iniciação à leitura e escrita, ou seja as Lições de Cartilha Maternal. Têm as mesmas atividades curriculares que o Bibe Encarnado, e mais uma, contactam com as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação).

1.3.4. Horário

No quadro 6 será exposto o horário do Bibe Azul, onde se podem observar as diferentes rotinas e a que horas são realizadas.

Quadro 6 – Horário do Bibe Azul

Segunda-feira		Terça-feira		Quarta-feira		Quinta-feira		Sexta-feira	
09:00	Rodas e canções	09:00	Rodas e canções	09:00	Rodas e canções	09:00	Rodas e canções	09:00	Rodas e canções
09:30	Iniciação à leitura e escrita	09:30	Iniciação à matemática	09:30	Iniciação à leitura e escrita	09:30	Iniciação à matemática	09:30	Iniciação à leitura e escrita
		10:00	Iniciação à escrita matemática			10:00	Iniciação à escrita matemática		
10:30	Atividades de ar livre								
11:00	Educação pelo movimento	11:00	Estimulação à leitura e escrita	11:00	Iniciação à matemática	11:00	Iniciação à leitura e escrita	11:00	Iniciação à matemática
11:45	Iniciação à matemática			11:30	Iniciação à escrita matemática			11:30	Iniciação à escrita matemática
12:30	Jogos livres e orientados	12:30	Cantinho da leitura	12:30	Jogos livres e orientados	12:30	Cantinho da leitura	12:00	Informática
13:00	Almoço								
13:30	Atividades de ar livre								
14:30	Conhecimento do mundo	14:30	Conhecimento do mundo	14:45	Música	14:30	Conhecimento do mundo	14:30	Educar para a cidadania/experiências/área projeto*
15:00	Estimulação à leitura e à escrita	15:00	Ditados gráficos/Desenhos em série*	15:45	Estimulação à leitura e à escrita	15:00	Expressão plástica	15:30	Estimulação à leitura e escrita
15:45	Biblioteca de turma	15:45	Estimulação à leitura e escrita			15:30	Inglês	16:00	Estimulação à leitura e escrita
				16:20	Lanche				
16:45	Jogos livres e orientados	16:45	Jogos livres e orientados	17:00	Ballet	16:45	Jogos livres e orientados	17:00	Karaté

1.3.5. Relatos diários

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

Hoje foi o meu primeiro dia de estágio no Bibe Azul.

Como tinham vindo das férias do Natal, a educadora achou por bem fazer umas revisões de Cartilha Maternal. Feita a revisão distribuiu os cadernos de escrita e um aluno distribuiu os flanelógrafos e as letras móveis. Depois do intervalo lecionou a aula de Matemática com o apoio do material *Cuisenaire*.

Inferências e fundamentação teórica

As revisões da Cartilha Maternal foram feitas para toda a turma, ou seja não foram realizadas em pequenos grupos, de 3 a 4 crianças. Cada aluno tinha no flanelógrafo a letra em que ia na Cartilha.

A Cartilha Maternal é o método de leitura da João de Deus, onde as crianças em pequenos grupos e há medida que vão evoluindo aprendem uma letra nova, até conseguirem ler. Mata (2006), defende que “o desenvolvimento da literacia começa antes de a criança iniciar uma instrução formal. A criança começa desde cedo a desenvolver comportamentos associados à leitura e escrita, em contextos informais, tais como a sua casa.” (p.125)

No domínio da Matemática a educadora começou por perguntar as diferenças das peças. De seguida pediu aos alunos para retirarem as peças que ela ia dizendo, com as mesmas realizaram adições. Primeiro dizia as peças que queria e pedia o resultado mas depois escrevia uma indicação no quadro e os alunos tinham que ir buscar as peças que correspondiam às unidades pedidas e dizer o resultado. Assim com as peças do *Cuisenaire* as crianças desenvolvem o sentido de número, tal como refere Caldeira (2009a) que as crianças necessitam de aprender o sentido de número para utilizarem no seu dia-a-dia. E que este envolve:

compreensão dos significados (inclui o carácter ordinal e cardinal dos números), explorar relações entre números (composição e decomposição de conjuntos), a compreensão da grandeza relativa dos números, desenvolver intuições acerca dos efeitos das operações com números e desenvolver padrão de objectos comuns. (p.129)

A mesma autora ainda salienta que este material ajuda a desenvolver os aspetos referidos na citação anterior. No final fez o jogo dos números, escreveu o número 10 dentro de um retângulo no quadro, disse para retirarem a peça que valia 10 unidades e

disse para descobrirem de quantas maneiras o podemos obter o número 10 com as outras peças, decomposição de números, como se pode ver um exemplo na figura 26.

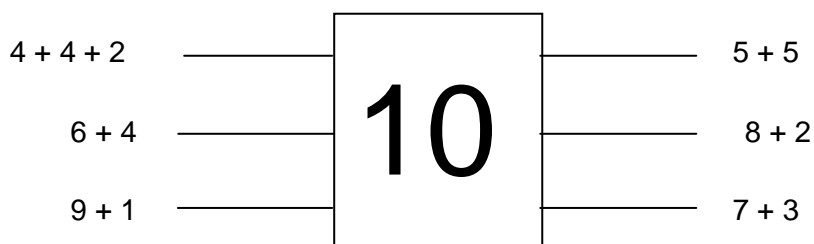


Figura 26 – Exemplo do jogo dos números

Para Damas *et al.* (2010), “A decomposição de números permite que os alunos descubram que o mesmo número poderá ser representado de diversas maneiras.” (p.66). O principal objetivo desta atividade é desenvolver o cálculo mental. A construção de “aranhas” facilita o desenvolvimento do cálculo. Depois de todos terem feito a educadora pediu a alguns alunos para dizerem algumas opções enquanto elas as ia escrevendo no quadro.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Durante a manhã as crianças e a educadora estiveram a falar do dia dos Reis, e como é habitual, começou pela aula de iniciação à leitura. Antes de dar as lições de Cartilha, a educadora, escreve a ordem da mesma no quadro. Os alunos vão dizendo a ordem e a educadora vai escrevendo no quadro, mas neste dia a educadora pediu aluno a aluno que fosse ao quadro escrever uma letra. Os alunos escreveram a ordem da Cartilha até à letra “Iê”. Depois do intervalo trabalharam com o material *Tangram*, onde realizaram a construção do quadrado, aprenderam a fazer o trapézio, contornaram o mesmo em cima de uma folha branca e de seguida pintaram (figuras 27, 28 e 29).



Figura 27 – Crianças a tentarem fazer o quadrado

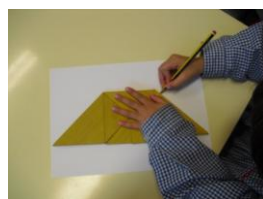


Figura 28 – Criança a contornar



Figura 29 – Criança a pintar

Inferências e fundamentação teórica

Durante as lições de Cartilha a educadora mostrou sempre o seu lado carinhoso e divertido. Ao longo das lições apoiou as crianças, motivou-as a aprender e reforçou positivamente cada vez que liam uma palavra. Para Viana e Teixeira (2002) é importante que o educador dê importância às pequenas conquistas das crianças, motivando assim a aprendizagem e tornando-a mais proveitosa. As mesmas autoras citando João de Deus afirmam que “Podeis lisonjear o aluno mostrando-lhe em qualquer livro ou página de boa letra o muito que ele já sabe.” (p.119). Enquanto os alunos faziam os trabalhos a educadora deu Cartilha a três grupos de alunos e pediu-me para dar apoio a uma aluna que tem muitas dificuldades a nível de aprendizagem e atenção: défice de atenção.

Segundo Lino (2005), as crianças com Défice de Desatenção são as “que têm muita dificuldade de permanecer no seu lugar, que se mexem ou baloçam continuamente, que mantêm um relacionamento difícil com os colegas, não prestam atenção e precipitam respostas.” (p.3). Posso referir que quando estava, principalmente, no recreio pude observar o que o autor ressalta em relação às crianças com défice de atenção e a deficiente relação com os colegas é verdade, pois esta criança no recreio não se relacionava com os colegas, só com as educadoras e estagiárias.

Depois do intervalo a educadora esteve a falar sobre o material *Tangram*, como era constituído, qual era a forma das peças e quais tinham sido as figuras que já tinham aprendido. A educadora distribuiu o material e começou por contar a lenda do empregado e do espelho que se tinha partido em sete partes, existem inúmeras lendas que segundo Damas *et al.* (2010) “todas elas parecem reconhecer que este puzzle surgiu na China entre 1796 e 1801” (p.137). O material *Tangram* está dividido em diversas peças, figuras, e segundo Caldeira (2009a) estas figuras são obtidas “basicamente a partir da dissecação de uma figura geométrica segundo denominadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras através da recombinação das peças obtidas.” (p.391)

Feita a revisão, a educadora pediu para fazerem um quadrado com cinco peças (disse para retirarem as duas peças grandes com a forma triangular).

Depois de todos os alunos terem feito o que lhes tinha sido pedido, esta fez o mesmo no quadro para todos verem se estava correto. Com as duas peças triangulares grandes mostrou que outras formas geométricas se poderiam obter, como por exemplo um retângulo, um paralelogramo e, por fim fez um trapézio e perguntou quem sabia o nome daquela figura.

Com este material é possível realizar imensas atividades que desenvolvem a criatividade das crianças. Ao longo da aula fez interdisciplinaridade, pois quando

perguntou quantos alunos tinham trapézios amarelos escreveu a palavra “amarelo” no quadro mas antes de escrever a última letra perguntou qual era a letra que deveria escrever.

No final da aula as crianças fizeram o decalque do trapézio e coloriram o seu interior.

Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

Quando chega a segunda-feira os alunos normalmente vêm muito agitados, pois todos querem contar o que fizeram durante o fim-de-semana, por isso depois da roda estiveram a falar com a educadora.

Apesar da manhã antes do intervalo ser dedicada à Iniciação à Leitura neste dia a educadora optou por começar com a aula de domínio da Matemática, distribuindo as *Calculadoras Papy* e pequenas flores de goma eva, como se pode visualizar na figura 30.



Figura 30 - Calculadora Papy

Depois do intervalo tiveram a aula de Educação Física, onde estiveram a jogar futebol e depois desta aula ainda houve tempo para aprenderem a Cartilha.

Inferências e fundamentação teórica

Para iniciar a aula de Matemática a educadora pediu a cada aluno de cada que fosse contando, quando a educadora dissesse para terminar o aluno seguinte continuava. Serrazina (2008a) menciona que “o conhecimento do número por cada criança é variável.” (p.15), com isto a autora quer dizer que cada criança tem o seu nível de aprendizagem, que os conhecimentos podem variar, e com este exercício de contagem oral a educador consegue observar quais são as crianças que ainda têm dificuldades.

Antes de começar a aula perguntou como se chamava o material, em quantas partes estava dividido e quantas unidades valia cada quadrado. Segundo Caldeira (2009a) este material é constituído por “uma série de placas ou painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor de diferente do material *Cuisenaire* e representa um valor numérico.” (p.345). Inicialmente as cores eram: branco (1), encarnado (2), rosa (4) e castanho (8), cores que correspondem às unidades das peças do *Cuisenaire*, mas nesta escola as placas têm as seguintes cores: branco (1), azul (2), rosa (4) e verde (8). Esta aula foi diferente, pois em vez de dizer onde queria que os alunos colocassem as peças a educadora escrevia uma indicação no quadro e os alunos tinham que representá-la nas *Calculadoras Papy*, como por exemplo $1+1+2+2+4+8$.

Com este material é possível trabalhar diferentes operações e reconhecer os algoritmos, isto segundo a autora já citada salienta que com este material a criança:

- a) aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema;
- b) realiza a compreensão dos números e numeração;
- c) reconhece a compreensão do sentido do número e das operações;
- d) efectua o cálculo com números realizando operações;
- e) desenvolve o cálculo;
- f) resolve situações problemáticas. (p.347)

No final disse a um aluno para calcular o resultado e a partir do resultado fez exercícios de cálculo mental.

Terça – feira, 10 de janeiro de 2012

Antes de irem para as respetivas salas estiveram a rever um conteúdo que tinha sido lecionado no início do ano: o corpo humano e os sentidos. Já na sala de aula realizaram um ditado de letras e no final as crianças elaboraram um desenho no espaço que sobrava na folha como é possível observar na figura 31.



Figura 31 - Ditado de letras e desenho

Na área da matemática trabalharam a noção de lateralidade com o material *Geoplano*.

Inferências e fundamentação teórica

Ter conhecimentos sobre o nosso corpo é muito importante, e como o corpo humano foi um conteúdo abordado no início do ano letivo estiveram a fazer umas revisões.

Quando foram para a sala a educadora distribuiu uma folha por cada aluno e pediu para alguns deles, os que estavam mais adiantados na Cartilha, lerem o enunciado que dizia: Ditado de letras.

As crianças que leram o enunciado ficaram todas contentes. Viana e Teixeira (2002) mencionam que “a leitura é uma actividade criativa e formativa que favorece o desenvolvimento integral da criança.” (p.17). Sim-Sim, Duarte e Ferroz (1997) salientam a importância da escola na aprendizagem da leitura dizendo que a função desta é “fazer de

cada aluno um leitor fluente e crítico, capaz de usar a leitura para obter informação, organizar o conhecimento e usufruir o prazer recreativo que a mesma pode proporcionar.” (p.28). Quando a criança começa a ler torna-se mais autónoma, pois já consegue decifrar a junção de várias letras. O ditado foi realizado com a ordem da Cartilha Maternal no quadro e, no final, elaboraram um desenho livre.

Ao dizer que as crianças poderiam realizar um desenho livre a educadora permitiu que estas se exprimissem livremente, e, tal como refere Rodrigues (2002) a escola “deve permitir que a criança se expressasse livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções.” (p.14).

Na aula de matemática trabalharam com o material *Geoplano*. Damas *et al.* (2010) menciona que “Numa primeira fase os alunos deverão manusear os elásticos e criar os seus próprios “desenhos” (...) posteriormente dever-se-ão explorar situações partindo da interiorização de conceitos básicos para se alcançarem conceitos mais complexos.” (p.87). Visto que estas crianças já estão a meio do ano letivo não brincaram com os elásticos nem exploraram o material, pois já o fizeram no início do ano. Nesta aula a educadora trabalhou a lateralidade e para isso pediu simplesmente para as crianças dividirem o *Geoplano* em quatro partes. Ao longo da aula a educadora ia dando instruções para os alunos colocarem elásticos nos espaços, trabalho também o cálculo mental e as figuras geométricas. Ou seja nesta fase já estão a alcançar conceitos mais complexos.

No entanto não posso deixar de referir que sempre que possível, as crianças podem brincar um pouco no final.

Sexta – feira, 13 de janeiro de 2012

O fim-de-semana estava quase a chegar mas para um aluno parecia ser segunda-feira, pois fez uma birra para ficar na sala. Mas neste dia também houve uma grande alegria, pois três alunos terminaram a Cartilha, por isso, a educadora deu uma medalha a cada um como presente (figura 32). Depois do intervalo trabalharam com os *Calculadores Multibásicos* e chegada a hora da aula de informática, a turma como de costume foi dividida em dois grupos. As crianças que ficaram na sala realizaram uma atividade de expressão plástica com leite, giz e lápis de cera, como se pode visualizar na figura 33.



Figura 32 – Medalha oferecida pela educadora



Figura 33 – Crianças a desenhar

Inferências e fundamentação teórica

As lições de Cartilha são extremamente importantes tanto para os alunos como para nós, estagiárias, pois temos que saber tudo na ponta da língua. Por isso ao longo do estágio nesta sala prontifiquei-me a dar algumas lições de Cartilha Maternal, por isso neste dia dei a lição do “g”.

O método de leitura João de Deus é um modelo interativo de leitura, ou seja a criança lê uma palavra e a educadora faz interação com a mesma ao perguntar significados, ao pedir para formular frases ou simplesmente manter um diálogo com a criança que comece com a palavra que foi lida. Na primeira lição estava um pouco nervosa pois nunca tinha dado nenhuma lição a uma criança. Sentei-me na carteira da educadora, peguei no ponteiro e abri a Cartilha Maternal que é de tamanho gigante o que para Viana (2001, citado por Ruivo, 2009) é importante pois refere que “A utilização do livro grande, cuja leitura facilita o apontar com o dedo, permite que a criança facilmente se dê conta da direccionalidade da escrita e da leitura.” (p.119). Posso dizer que adorei, principalmente o diálogo com as crianças. Percebi também que devo praticar mais.

A aula de materiais foi realizada com os *Calculadores Multibásicos*, o que segundo Caldeira (2009b) este material “é constituído por um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças e seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, dois cor-de-rosa e duas de cor lilás. Encaixam umas nas outras e nos orifícios formando “torres”.” (p.305). A turma já trabalha até à ordem dos milhares, peças azuis, por isso a educadora mandou construírem torres até à peça azul, não disse logo o número de peças que queria em cada buraco, utilizou sempre estratégias diversificadas, por exemplo: “Qual é o número que vem entre os seis e o oito?” ou então “Quantas unidades tem dois pares?”. As crianças necessitam de todos os recursos para estarem atentas às aulas, por isso o educador deve utilizar várias estratégias para “prender” a atenção das crianças, por isso Jesus (2008) menciona que os professores/educadores devem “ter uma perspectiva global das hipóteses de trabalho ou estratégias possíveis para poder decidir por aquela

que considere mais adequada num determinado momento, em sintonia com o seu estilo pessoal e as situações com que se confronta.” (p.29)

Para terminar a aula realizou o jogo da base 10, ou seja, no nosso sistema decimal.

Segunda – feira, 16 de janeiro de 2012

O dia começou com a habitual escrita da ordem da Cartilha no quadro e no final a educadora perguntou porque é que as vogais são vogais e as consoantes são consoantes.

Na hora da matemática distribuiu uma folha verde dividida em quatro partes iguais, pedrinhas e algarismos móveis como se pode observar na figura 34.



Figura 34 – Material distribuído pela educadora

Antes de começar a aula referiu que iam ser feitas duas equipas, a equipa dos rapazes e a equipa das raparigas, por isso à medida que dava a aula ia referindo para qual equipa era a questão, o que fez com que os alunos estivessem com o dobro da atenção e se acertassem recebiam pontos.

Inferências e fundamentação teórica

Nunca tinha assistido a uma aula de matemática com este material, mas posso dizer que é bastante interessante. Apesar de ser um material manipulativo não estruturado não quer dizer que as crianças não o cuidem. Serrazina (1990, citada por Botas, 2008) salienta a importância do uso de materiais dizendo que “qualquer material deve ser usado de forma cuidadosa, uma vez que a utilização dos materiais por si só não é sinónimo ou garantia de uma aprendizagem significativa. (...) A autora afirma também que o mais importante não é o material em si, mas a experiência significativa que esse deve proporcionar ao aluno.” (p.35)

Ao longo da aula a educadora utilizou diferentes estratégias, bateu palmas para retirarem o número de pedras, escreveu no quadro o algarismo que queria que colocassem na folha e entre outras coisas. O educador deve estar confiante pois tem um papel muito importante na transmissão de conhecimentos a partir dos materiais, as crianças têm de saber o que estão a fazer, compreenderem o porquê de realizarem exercícios. A mesma autora salienta que “o professor desempenha aqui um papel de

extrema importância, no sentido em que será o responsável na determinação do momento e da razão do uso de um determinado material.” (p.35).

No final da aula trabalhou o desenvolvimento da memória que segundo Vygotsky e Luria (1996) “A diferença entre a memória de uma criança e a de um adulto não pode ser reduzida simplesmente ao “fortalecimento” natural da memória, mas encontra-se na aquisição “cultural” de métodos de memorização cada vez mais novos, na capacidade de utilizar signos condicionais para recordar, isto é, pelo uso de meios mediados a criança pode melhorar a memória várias vezes.” (p. 192). Com isto os autores querem dizer que a criança necessita de criar situações que promovam a “aquisição de memórias”. A educadora colocou perguntas relacionadas com os materiais manipuláveis trabalhados em sala de aula para “ver” se as crianças se lembravam dos respetivos nomes e de algumas atividades realizadas, por exemplo: “ No 3.º e 4.º Dom existe alguma construção que se faz com oito cadeiras e uma mesa. Verdade ou mentira?”.

Terça – feira, 17 de janeiro de 2012

Hoje começaram o dia por trabalhar com o 3.º e 4.º Dom de Froebel em simultâneo, onde realizaram uma construção a gosto de um camião e a ponte alta (figuras 35 e 36). Ao longo da aula a educadora realizou algumas situações problemáticas que envolviam o cálculo mental. Durante a aula de matemática fez interdisciplinaridade com a Área de formação pessoal e social: Cidadania, ao formar um carro imaginário com 4 crianças (figura 37).

Depois do intervalo da manhã estiveram a realizar os rascunhos e as propostas de trabalho em atraso. Antes de começarem a trabalhar foi escrita a ordem da Cartilha no quadro, a educadora escreveu algumas letras e deixou alguns espaços em branco para os alunos completarem, quem completou a ordem foi um aluno.



Figura 35 – Construção da ponte alta



Figura 36 – Construção de um camião



Figura 37 – Crianças a imaginar que estão dentro de um carro

Inferências e fundamentação teórica

Ao trabalhar com os Dons as crianças exploram e podem fazer representações, como é o caso do caminhão e da ponte alta. Ao realizarem construção para além de aprenderem também brincam. Segundo Caldeira (2009a) Froebel “via os brinquedos, o trabalho manual e o estudo da Natureza como processos espontâneos na criança e, ao mesmo tempo, como meios educativos.” (p.239). Depois de realizarem a construção colocou algumas situações problemáticas com dados desnecessários e cálculo mental.

Para esta mesma autora a utilização deste material desenvolve o raciocínio lógico-matemático que “são explorados a partir das construções que terão a sequência que quisermos. Para uma aula podemos escolher duas ou três construções e com elas levar a criança a executar mentalmente situações problemáticas.” (p.260) Nas situações problemáticas a educadora utilizou os carros, por isso criou um carro imaginário com 4 crianças e fez interdisciplinaridade com Cidadania. Silva (2006) apela que é necessária a existência de momentos em sala de aula que promovam a criação de cidadãos socialmente ativos, por isso o salienta ao dizer que “É preciso formação e preparação para o trabalho, aprendizagens para o trabalho, saberes para o trabalho, mas isso não chega. A escola tem de ser também espaço de formação de cidadãos plenos. O ser, a dimensão plena do ser humano, tem que estar acima de tudo.” (p.179). Esta parte da aula foi bastante divertida. A educadora fazia de polícia sinaleiro e as crianças tinham que seguir as instruções dadas pela mesma.

Sexta – feira, 20 de janeiro de 2012

Começaram a manhã pela ordem da Cartilha, mas desta vez foi uma criança que fez de professor, a educadora chamou um aluno e este ia perguntado aos colegas a ordem. A aula de matemática foi lecionada pela minha colega de estágio, pois foi a aula surpresa pedida pela educadora. Durante a aula trabalhou a noção de par e ímpar, realizou exercícios de cálculo mental através de situações problemáticas. A aula foi lecionada com material alternativo, abelhas feitas em *musgami*. No final da aula pediu à colega para realizar um jogo com os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Au longo do estágio vamos tendo algumas aulas surpresa, umas a pedido das Orientadoras da Equipa de Supervisão e outras a pedido das educadoras da sala onde estamos a estagiar. Considero que estas aulas são necessárias para a nossa formação, pois antes de termos uma turma à nossa frente temos que saber lidar com determinadas

situações. Grilo (2006) defende que “O professor tem que ser treinado para ensinar e não para criar apenas contextos. O que tem é que saber que aquilo que ensina são conceitos básicos, nos quais assenta depois o gosto de aprender, a necessidade de aprender, o prazer que se tem em aprender, o prazer que se tem em ler..” (p.141). Se não lecionássemos aulas não teríamos prática, não emendaríamos os nossos erros e muitos menos refletíamos sobre o que fora e como fora lecionado.

Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

Durante a manhã estiveram a trabalhar nos cadernos de escrita. Depois do intervalo, a educadora, trabalhou com as crianças a lateralidade com pequenas flores feitas em *musgami* no quadro, partindo do simples para o complexo (números ordinais até ao décimo). Colocadas as dez flores no quadro colocou algumas perguntas sobre qual a ordem que antecedia outra e a que vinha depois entre outros exemplos. Para concluir distribuiu uma proposta de trabalho onde os alunos colocaram em prática o que tinham acabado de aprender.

Inferências e fundamentação teórica

Ao trabalharem nos cadernos de escrita as crianças aprendem a escrever e melhoram a caligrafia. Muitas das vezes a educadora distribuía letras móveis para as crianças terem ao pé dos cadernos de escrita para memorizarem e visualizarem melhor as novas letras. Segundo Baptista, Viana e Barbeiro (2011):

O desenho da letra não deverá ser a única forma de contacto com o grafema na iniciação à escrita, mas apenas uma das vertentes desse contacto. A manipulação do material de escrita (caracteres móveis, caracteres recortados, esculpidos e/ou gravados em areia, plasticina, barro, etc.) pode ser fundamental para a consciência gráfica. (p.37)

À medida que a criança vai aprendendo a escrever, vai sempre seguindo a ordem pela qual aprendeu a ler e, segundo o Método João de Deus, a ordem não é a do abecedário. Para os autores atrás referidos “A ordem de aquisição da competência gráfica deve ser ponderada em função de vários factores e, por isso, pode não fazer sentido seguir a ordem do alfabeto para a aprendizagem caligráfica.” (p.37).

Para além das crianças se familiarizarem com os algarismos, nesta faixa etária é muito importante que aprendam outra vertente do número como é o caso do sentido ordinal, e, para o fazer utilizou flores bastantes coloridas. Inicialmente colocou apenas cinco flores e trabalhou os números ordinais até cinco, de seguida foi acrescentando uma flor de cada vez e perguntava qual era a ordem que se seguia, fez esta estratégia até à décima flor.

Segundo Serrazina (2008a) o sentido ordinal:

desenvolve-se, por norma, posteriormente à contagem oral e envolve capacidades mais complexas. (...) diz respeito a compreender que a sequência numérica está organizada de acordo com uma ordem, e em cada número ocupa um lugar bem definido, que não pode ser alterado e que nos pode dar indicações em relação a uma determinada seriação. (pp.18-19)

No dia a dia as crianças encontram vários exemplos onde integram estes conceitos, daí a importância da matemática nas nossas vidas.

Segunda-feira, 24 de janeiro de 2012

Durante a manhã estiveram a trabalhar nos cadernos de escrita e como de costume pequenos grupos tiveram a lição de Cartilha Maternal. Na área de domínio da matemática trabalharam com os *Calculadores Multibásicos*.

Inferências e fundamentação teórica

Para lecionar a aula de matemática, a educadora, dividiu a turma em três grandes grupos (por filas) e, foi colocando perguntas sobre esta matéria. À medida que iam acertando nas respostas a educadora colocava pontos no quadro. Ao utilizar esta estratégia cativou os alunos, pois estes quando estão a jogar em equipas e a ganhar pontos ficam muito mais entusiasmados, os que não ganhavam pontos sentiam-se mais motivados para participar mais e ganharem pontos.

Fizeram representações numéricas e no final tinham que fazer comparações entre elas, e o inverso, fez uma representação nas placas para cada fila e um elemento de cada uma tinha que escrever no quadro o número que estava representado. A educadora pediu para algumas crianças representarem esse número no quadro e assim verificar se sabiam representar o número que estava representado nos *Calculadores Multibásicos* Serrazina (2008a) menciona que as “representações escritas feitas pelas crianças são também um importante meio de registo e comunicação de ideias, estratégias e raciocínios.” (p.33) A autora diz que representar é importante pois as crianças não tendem a fazer este tipo de representações se não forem incentivadas, ou seja, “Cabe ao educador o papel de, frequentemente as incentivar.” (p.33).

No final da aula realizaram uma adição com as peças, mas antes de iniciarem a operação a educadora referiu que estavam a trabalhar na base 10. A autora já citada menciona que “algumas crianças realizam cálculos e tentam representá-los utilizando números como objectos mentais, sem a necessidade de recurso a materiais, em especial, se esses números são pequenos e os factos são já seus conhecidos.” (p.31). Algumas

crianças já não necessitam da ajuda dos materiais para efetuarem operações, mas neste caso e com a ajuda deste material as crianças que tinham mais dificuldades realizaram a operação mais rapidamente.

Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Antes do recreio da manhã estiveram a trabalhar nos cadernos de escrita e alguns tiveram a lição de Cartilha. Em relação à aula de matemática foi lecionada por mim, aula surpresa pedida pela educadora.

Inferências e fundamentação teórica

Todos os dias as crianças têm lição de Cartilha, para que não esqueçam o que foi falado no dia anterior. Segundo Seus no Guia Prático da Cartilha Maternal (1997) percebemos a importância das crianças aprenderem uma lição por dia: “Lição curta com noções bem claras e dada todos os dias durante o ciclo da aprendizagem” (p.92).

Para lecionar a aula de matemática a educadora deu-me flores de várias cores e tamanhos feitas em musgami e disse para trabalhar a noção de par e ímpar, números ordinais e fazer correspondência com outro material. Distribui flores por todas as mesas, assim os alunos não ficariam só a observar mas também iriam fazer as mesmas representações que seriam realizadas no quadro.

Para tornar a aula mais divertida disse que íamos organizar um baile cujo tema eram as flores visto que a Primavera estava quase a chegar. Inicialmente trabalhei a ordem numérica, de seguida elaborei uma sequência no quadro e os alunos continuaram. Ao longo da aula fiz correspondência com o material *Cuisenaire*, por exemplo se uma flor era rosa perguntava quantas unidades valia a peça rosa deste material. Na aula trabalhei tudo o que me fora pedido e antes de a terminar a educadora ainda me pediu para realizar um jogo com os alunos. Para Laranjeira (1997) os jogos são de extrema importância, pois por meio dos mesmos as crianças:

não apenas vivenciam situações que se repetem, mas aprendem a lidar com símbolos e a pensar por analogia (jogos simbólicos): os significados das coisas passam a ser imaginados por elas. Ao criarem essas analogias, tornam-se produtoras de linguagens, criadoras de convenções, capacitando-se para se submeterem a regras e dar explicações. (p.35)

Para além de se divertirem as crianças aprendem e memorizam certas coisas. Na minha opinião um jogo/atividade que faça o resumo do que fora aprendido anteriormente é uma mais valia para a aprendizagem das crianças.

Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012

Neste dia fiquei no jardim-escola até às 17h. Durante a manhã depois de terem estado a cantar no ginásio os alunos dirigiram-se para a sala onde estiveram a falar com a educadora sobre o que tinham feito durante o fim-de-semana. Na aula de estimulação à leitura, como é habitual, a ordem da Cartilha foi escrita no quadro pela educadora, mas eram os alunos que iam ditando. No final colocou algumas perguntas aos alunos para ver se sabiam palavras começadas pela letra “p”. Terminada a hora da Cartilha foi tempo de recreio e logo de seguida a aula de educação física.

Quando regressaram do ginásio a educadora distribuiu uma proposta de trabalho a cada aluno, e em vez de ser a mesma a ler o enunciado foram os alunos que já tinham terminado a Cartilha e só no final é que a educadora leu.

Durante a tarde os alunos estiveram a trabalhar nas capas de matemática, realizaram os trabalhos que ainda não tinham terminado e eu, fui lendo as lições com algumas crianças. Neste dia ainda realizaram uma atividade de expressão plástica, tingiram papel de seda. Como a turma tem muitos alunos, e não podiam tingir o papel de seda todos ao mesmo tempo, uns iam tingindo o papel de seda e outros realizavam um desenho em papel manteiga, primeiro tinham que desenhar com lápis de carvão e pintavam com canetas de feltro, como mostram as figuras 38 e 39.



Figura 38 - Crianças a tingir papel de seda



Figura 39 -Desenho elaborado por uma criança.

Inferências e fundamentação teórica

Segundo a educadora trabalhar com diferentes tipos de materiais é extremamente importante. As crianças devem ter contacto com vários materiais e texturas, e utilizar diferentes materiais para assim expressarem as suas emoções. Para Areal (citado por Quintanilha, 2011), as emoções expressam-se “através dos contrastes, tanto da cor como do gesto. Do gesto mais forte ou mais frágil, e das cores mais escuras e mais claras, ou seja, os contrastes exactamente a pontuarem e a mostrarem a intensidade das diferentes emoções”. (p.20). E para as crianças mostrarem as emoções a autora refere que as crianças devem pintar com “com lápis de cor ou de cera, tinta-da-china, acrílicos, aguarelas, grafite ou colagens...”, ou seja, o mais importante é que se façam expressar.

Terça-feira, 31 de janeiro de 2012

De manhã a educadora esteve a mostrar aos alunos o resultado final da atividade de expressão plástica que tinham realizado no dia anterior (figura 40). A ordem da Cartilha foi escrita no quadro, grupos foram à Cartilha e acabaram os trabalhos em atraso. Na aula de matemática estiveram a trabalhar com o *Geoplano*, itinerários (figura 41)



Figura 40 - Papel de seda tingido



Figura 41 – Criança a percorrer com a boneca o itinerário realizado

Inferências e fundamentação teórica

Para trabalhar com este material é necessário utilizar elásticos, por isso a educadora distribuiu uns elásticos coloridos, e distribuiu um pequeno morango e uma pequena boneca. Segundo Serrazina e Matos (1998) “os geoplanos são utilizados com elásticos de várias cores (...). A construção deve ser participada pelos alunos. Dependendo do nível etário, ela poderá construir uma actividade interdisciplinar.” (p.13) Para lecionar esta aula a educadora contou uma história.

Ao longo da aula ia dando as indicações, para os alunos construírem o itinerário, trabalhando a lateralidade, fez interdisciplinaridade com a área de conhecimento do mundo onde perguntou se o morango nascia de uma planta ou de uma árvore, trabalhou a imaginação ao pedir para os alunos cheirarem as flores e que ficassem zangados.

Terminado o itinerário, os alunos pegaram na boneca e seguiram os elásticos. Ainda tiveram tempo para realizaram uma proposta de matemática.

Os caminhos/labirintos segundo os mesmos autores “prestam-se ao desenvolvimento de histórias e jogos e constituem uma actividade usual no Ensino Pré-Escolar (...). É importante notar que a resolução de problemas envolvendo caminhos e labirintos constitui um meio privilegiado de desenvolver a capacidade visual-motora.” (p.28). Ao resolverem estes tipos de problemas, para além de serem bastantes divertidos as crianças aprendem e tal como referido desenvolvem algumas capacidades que se desenvolvem melhor na infância do que uns anos mais à frente.

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012

Este dia começou de uma maneira diferente, a educadora ainda não tinha chegado e tínhamos sido informadas que iria chegar mais tarde, por isso a minha colega de estágio e eu estivemos a fazer jogos de equipa. Quando a educadora chegou trabalharam nos cadernos de matemática, e depois do intervalo estiveram a trabalhar nos cadernos de Cartilha. Pouco tempo depois o professor de informática apareceu para levar o primeiro grupo de informática. Enquanto o primeiro grupo estava na informática o segundo grupo realizou uma atividade de expressão plástica, onde tinham que fazer um desenho em papel manteiga com canetas de feltro e pintar com lápis de cor. Quando o primeiro grupo regressou à sala o segundo foi para a informática e os outros realizaram a atividade de expressão plástica.

Inferências e fundamentação teórica

Quando ficamos sozinhas com uma turma temos de agir como se já fossemos docentes, ou seja, não devemos ficar paralisadas e deixar que sejam as crianças a controlar. E, foi isso que a minha colega de estágio e eu fizemos. Realizámos alguns jogos em equipas, e digo de passagem que foi deveras divertido. Gioca (2001) refere que

Os jogos favorecem o domínio das habilidades de comunicação, nas suas várias formas, facilitando a auto-expressão. Encorajam o desenvolvimento intelectual por meio do exercício da atenção, e também pelo uso progressivo de processos mentais mais complexos, como comparação e discriminação; e pelo estímulo à imaginação. (p.22)

Os jogos realizados serviram para estabelecer a comunicação entre nós e a turma, deu também para observar que existiam crianças que estavam mais à vontade e eram mais comunicativas, por isso ao longo dos mesmos tentámos que todas crianças participassem para que assim desenvolvessem as habilidades de comunicação atrás referidas.

O mundo está sempre em grande evolução, principalmente as novas tecnologias. As crianças nesta escola começam a ter contacto com os computadores aos 5 anos. Van Scoter, Ellis e Railsback (2001, citados por Silveira-Botelho, 2009) salientam que

com as crianças mais velhas, que já desenvolveram mais competências, é possível o desenvolvimento de formas de trabalho mais autónomas e menos dirigidas pelo educador que assume então essencialmente um papel de monitorização, intervindo quando necessário, orientando e colocando questões que encorajem a criança a reflectir sobre a actividade e sobre os procedimentos. (p.124).

A turma é muito grande, por isso as idas para as aulas de informática são repartidas por dois grupos, e esta é a melhor solução para esta autora.

A turma é dividida em dois grupos por não haver espaço suficiente para todos na sala de informática. Apercebi-me também que as crianças gostam muito desta aula e revelam ter muita facilidade nesta área.

Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012

Neste dia lecionei a manhã inteira. O tema principal era: “As plantas”, por isso, na área de Conhecimento do Mundo trabalhei os constituintes das plantas, no Domínio da Matemática realizei um itinerário com o material *Cuisenaire* (figura 42) e na figura 43 podemos observar o itinerário em tamanho gigante para que todas as crianças pudessem visualizar e corrigir. Não tive tempo para lecionar um terceira aula porque neste dia as crianças têm a educação física, por isso terminei a minha manhã inteira de aulas no dia 10 de fevereiro.

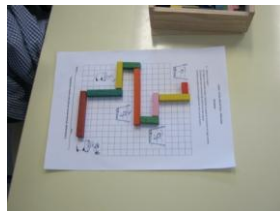


Figura 42 – Itinerário realizado por uma criança



Figura 43 – Itinerário gigante

Inferências e fundamentação teórica

O tema principal era “as plantas”, e dentro desse tema eu escolhi “os constituintes das plantas”. Iniciei a manhã pela área de Conhecimento do Mundo, levei os alunos para a sala do ATL e sentei-os em semicírculo. Para falar sobre os constituintes das plantas e suas funções levei bolbos (sementes) e vasos com orquídeas nas várias etapas de crescimento. Para finalizar a aula dividi a turma em dois grandes grupos (meninos e meninas) e cada grupo plantou num vaso uma planta. Ao longo da aula utilizei uma linguagem adequada à faixa etária e não complexa, pois segundo Catita (2007), quando lecionamos estes temas, o educador “deve utilizar uma linguagem, não demasiado técnica sobre os diferentes assuntos a abordar.” (p.93)

Na área de domínio da Matemática trabalhei itinerários com o material *Cuisenaire*. As crianças tinham que seguir as indicações dadas por mim e colocar as peças para descobrirem o processo de crescimento da planta. O principal objetivo desta atividade era procurar saber se as crianças se sabiam orientar a partir de indicações dadas. Serrazina (2008) menciona que “orientar inclui também a capacidade para

interpretar um modelo de uma situação espacial, tomado a partir de um ponto de vista No final pintavam as quadrículas da cor da peça que tinha estado naquele lugar.” (p.15)

Como já referi os alunos neste dia têm a aula de educação física e a última ficou para o dia 10 de fevereiro.

Segunda-feira, 7 de fevereiro de 2012

Hoje foi a colega de estágio que deu aula. O tema era “Árvores de fruto”. Começou pela Área de Conhecimento do Mundo, Domínio da Matemática onde trabalhou com o material *Cuisenaire* e material alternativo (pequenas laranjas). No final distribuiu uma proposta de trabalho e deu a lição do metil “m”.

Inferências e fundamentação teórica

Na área de Conhecimento do Mundo começou por tocar guitarra e cantar a música das “pêras” para chegar ao tema da aula, o que na minha opinião foi bastante divertido e as crianças adoraram. Mostrou um placard com árvores de frutos e as respetivas frutas (pera, laranja, banana e limão), deu a provar todas as frutos e explorou a casca e as sementes dos mesmos. Todas crianças queriam participar e falar, ou seja estavam bastante motivadas e segundo Estanqueiro (2012) uma aula onde as crianças participam ativamente “Ajuda a formar cidadãos participativos e críticos.” (p.39). E ainda salienta que as aulas participativas não resolvem todos os problemas mas aumenta o interesse e que o “diálogo entre o professor e os alunos é uma estratégia motivadora que dá mais significado aos conteúdos. Em contrapartida, o monólogo é cansativo e desmotivador.” (p.39). Ao longo da aula foi sempre apelando aos conhecimentos das crianças não se limitando apenas a falar. Ao longo da aula fez interdisciplinaridade com a leitura, pois solicitou alguns alunos para lerem o nome das frutas, ou seja utilizou algumas regras para dar as explicações No final fez uma salada de frutas e todos os alunos comeram.

Na aula de matemática trabalhou quantidades, noção de meia dúzia e correspondência com o *Cuisenaire*, pois ao retirar uma peça os alunos tinham que colocar o número de laranjas que correspondia ao número de unidades que valia a peça. Para Lorenzato (2006):

os sete processos mentais básicos para a aprendizagem da matemática, que são: correspondência, comparação, classificação, sequência, seriação, inclusão e conservação. Se o professor não trabalhar com as crianças esses processos elas terão grandes dificuldades para aprender número e contagem, entre outras noções. (p. 25).

Para terminar distribuí uma proposta de trabalho onde os alunos tinham que escrever a palavra “maçã” e desenhar maçãs numa árvore. Explicou o que tinham que fazer e deu a lição do metil, “m”.

Segunda-feira, 10 de fevereiro de 2012

Nesta manhã de estágio terminei a minha aula sobre as plantas, realizei uma atividade de expressão plástica com os alunos. Tinham que pintar, recortar e colar a imagem de uma planta, e de seguida fazer corresponder os constituintes à planta. Enquanto as crianças realizavam esta atividade dei a lição do “g”.

As estagiárias presentes na escola realizaram uma Dramatização, “O Cuquedo”, no ginásio para todos os Bibes e respetivas educadoras.

Inferências e fundamentação teórica

Realizei a atividade de expressão plástica fazendo interdisciplinaridade com a área de Conhecimento do Mundo. Segundo Godinho e Nunes de Brito (2010), “As artes plásticas e a música na educação de infância assentam essencialmente em actividades de expressão, fruição, experimentação e descoberta, que constituem pilares sobre os quais as aprendizagens futuras e a personalidade se vão edificar.” (p.9). As crianças adoram realizar atividades de expressão plástica, pois descontraiem e ao mesmo tempo vão fazendo novas descobertas, como por exemplo a exploração das cores.

Durante a lição de Cartilha fui meiga e carinhosa para com as crianças. Após a leitura pedi para realizarem uma frase e falei com as crianças sobre as mesmas.

Como este era o meu último dia nesta escola as educadoras de todas as salas propuseram às estagiárias realizarem uma pequena dramatização no ginásio. Segundo os autores atrás referidos as crianças devem ver e representar peças de teatro pois as “Artes performativas, vivem da partilha em espectáculo, pelo que será fundamental que a sala do Jardim-de-Infância contemple um espaço que corresponda ao palco, onde possam ser apresentadas e apreciadas as actividades expressivas. (p.14). Nesta citação é referida a importância de um palco na sala de aula, mas como isso não é possível nas salas, sempre que é feita uma apresentação performativa, esta, é realizada no ginásio. No que diz respeito à realização da peça de teatro adorei trabalhar com todas as minhas colegas de estágio presentes e para além de divertirmos as crianças também nos divertimos imenso.

Este foi o último dia de estágio na Educação Pré-Escolar.

No início desta secção fiz uma breve abordagem ao que é a Educação Pré-Escolar, e, o que esta visa a promover e desenvolver. Após várias semanas de observação e de ter

leccionado algumas aulas posso concluir que houve progressos no desenvolvimento destas crianças. A comunicação das crianças, no Bibe Amarelo, utilizada já era mais perceptível e frases bem estruturadas, relacionavam-se com as outras crianças e já tinham algumas regras bem incutidas, como por exemplo colocarem o dedo no ar para falarem e não mexerem no material quando não lhes era pedido. Nos outros dois Bibes as crianças já tinham as regras bem incutidas e é claro que também observei alguns desenvolvimentos, nomeadamente a nível da socialização e linguagem.

No geral gostei imenso deste estágio e da experiência com as crianças.

1.4. Quarta secção: Seminário de Contacto com a Realidade Educativa (estágio intensivo)

Período de estágio: 27 de fevereiro a 2 de março de 2012

Durante esta semana estive a estagiar numa escola pública localizada no norte do país. Esta escola faz parte do Agrupamento de Escolas de Cabeceiras de Basto.

1.4.1. Caracterização da turma

Segundo a educadora, é um grupo heterogéneo constituído por 19 crianças dos três grupos etários. De acordo com as informações fornecidas pela mesma possuem um bom nível de desenvolvimento na maioria das áreas de conteúdo. No entanto a nível da linguagem algumas das crianças apresentam um vocabulário um pouco pobre e reduzido e, em alguns casos, dificuldade de articulação e verbalização, nomeadamente, uma criança que irá ser referenciada por estar a usufruir de terapia de fala.

O grupo possui as regras de funcionamento da sala bem interiorizadas, uma vez que, este ano letivo, só entrou uma criança pela primeira vez. É um grupo recetivo e interessado nas atividades que lhes são propostas, embora ainda se note tempos de concentração reduzidos.

As crianças gostam de brincar nas diferentes áreas designadamente na área das construções e na casinha das bonecas. Já são autónomas nas rotinas diárias e nas atividades propostas, embora necessitem sempre da atenção do adulto.

Os encarregados de educação são bastante atentos e participativos em todo o processo educativo.

1.4.2. Caracterização do espaço

A sala é bastante ampla e luminosa. Visto que é um grupo heterogéneo tem que ter condições adequadas a todas as idades. Podemos também observar vários espaços

distintos, como a casinha das bonecas, o cantinho da leitura, o espaço da informática e a área dos jogos. Na minha opinião acho extremamente importante as crianças terem várias hipóteses para desenvolverem a imaginação e criatividade, e, segundo Cordeiro (2010), a criatividade define-se “como uma forma de resolver problemas para os quais não há resposta simples, designadamente através de hipóteses vulgares ou convencionais.” (p.330).

A sala possui duas mesas enormes, numa sentam-se as crianças de cinco anos e as restantes na outra mesa.

1.4.3. Rotinas

As rotinas são essenciais e indispensáveis. Post e Hohmann (2003), mencionam que “as equipas de educadoras infantis procuram fazer uma programação diária que seja previsível – organizada e consistente- e, no entanto, suficientemente flexível para acomodar as necessidades de cada criança. As crianças precisam de saber o decurso do dia em termos genéricos”. (p.197)

As rotinas destas crianças começam às 9h. Das 9h às 10h 30m fazem jogos livres e orientados pelos espaços da sala de aula, enquanto a educadora prepara atividades e brinca com as crianças. O intervalo da manhã é das 10h 30m às 11h, mas antes de irem para o recreio cantam a canção do bom dia e falam sobre assuntos do quotidiano. Depois do intervalo até às 12h as crianças praticam a atividade do dia, ou seja, nesta escola todos os dias praticam atividades diferentes. À segunda-feira é dia das histórias, à terça-feira das canções, à quarta-feira dia das danças, à quinta-feira dia dos jogos e, por fim, à sexta-feira dia de educação física.

Das 13h 30m à 15h 30m realizam atividades matemáticas e de expressão plástica.

1.4.4. Relatos diários

Ao longo desta semana observei uma realidade educativa completamente diferente da praticada na escola onde realizei o meu estágio. Pois todos os dias da semana eram alusivos a uma área / temática.

Segunda-feira, 27 de fevereiro de 2012

Leitura da história “Onde estão os meus óculos?”. De seguida realizaram um desenho sobre a história que tinham estado a ouvir. Durante a tarde os alunos de cinco anos resolveram exercícios sobre divisão silábica e os de quatro e três anos exercícios sobre as vogais.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora contou a história com o apoio de um suporte digital, o computador. Ao longo da história, esta, mostrou ser dinâmica e fez inflexões de voz. Mata (2006, citando Adams, 1998), menciona que é importante a forma como o educador lê as histórias, dizendo que “não é só ler histórias às crianças que faz a diferença, é a reflexão sobre as suas formas e conteúdos, é o desenvolver e apoiar a curiosidade das crianças sobre o texto e o seu significado” (p.90). No final perguntou às crianças do que falava a história e as crianças fizeram alguns comentários.

Terça-feira, 28 de fevereiro de 2012

A terça-feira, como já foi referido, é o dia das canções, por isso neste dia depois dos jogos livres e orientados e antes do intervalo cantaram algumas canções, e por sinal bem conhecidas. Depois do recreio resolveram algumas atividades de matemática. Durante a tarde para além das canções, realizei uma atividade de expressão plástica, pintura com giz e leite (figura 44).



Figura 44 – Pintura de giz e leite realizada por uma criança

Inferências e fundamentação teórica

Durante a manhã a educadora e as crianças cantaram algumas canções e à medida que iam cantando faziam alguns gestos. Segundo Faria (2001, citado por Ongaro, Silva e Ricci, 2006) afirma que “a música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles senso de criação e recreação”.

À tarde, propus à educadora realizar uma atividade de expressão plástica com as crianças. Para o Departamento das Expressões Tecnológicas:

A Arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura. A relevância das Artes no sistema educativo centra-se no desenvolvimento de diversas dimensões do sujeito através da *fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação*”.

A atividade que realizei com as crianças foi bastante divertida, pois nunca a tinham realizado e por isso, estavam todas entusiasmadas.

Quarta-feira, 29 de fevereiro de 2012

Durante a manhã as crianças estiveram a jogar e a brincar nos cantinhos da sala, cantaram a canção dos bons dias e dançaram, pois hoje era o dia das danças. Antes da hora do almoço contei uma história (figura 45) e à tarde realizaram pinturas com lápis de cera e uma proposta de trabalho.



Figura 45 – Eu a contar a história

Inferências e fundamentação teórica

Durante esta semana de estágio intensivo propus à educadora da sala para elaborar uma atividade com as crianças, por isso neste dia contei a história dos 3 porquinhos. Visto que não estava em casa não tinha muitos materiais à minha disposição por isso, desenhei e pintei as personagens principais e as casas dos porquinhos em simples folhas brancas e para contar a história utilizei um suporte de madeira.

Ao longo da história fiz inflexões, para não ser monocórdica e apelei à participação das crianças. No final ainda ensinei duas lengalengas. Para Vasconcelos (2008) as rimas “são jogos de palavras rimadas com um carácter infantil e brincalhão, onde o ritmo acelerado da declamação, a repetição e a sucessão de palavras idênticas e a cadência melódica se constituem como elementos de desafio e de diversão para as crianças.” (p.64). Na minha humilde opinião é fundamental que as crianças aprendam rimas e lengalengas, pois desenvolvem a linguagem de uma maneira bastante divertida, trabalham a memória, e além disso, podem fazer gestos enquanto dizem a lengalenga. No geral todas as crianças gostam.

As crianças adoram pinturas e tal como mencionam Godinho e Nunes de Brito (2010) estas atividades “assentam essencialmente em actividades de expressão, fruição, experimentação e descoberta, que constituem pilares sobre os quais as aprendizagens futuras e a personalidade se vão edificar.” (p.9). Através das pinturas podemos observar

o estado de espírito das crianças, aprendem a misturar cores, fazem novas descobertas e acima de tudo conseguimos visualizar a evolução do desenho.

Quinta-feira, 1 de março de 2012

Depois dos habituais jogos e brincadeiras e de cantarem a canção dos bons dias estiveram a fazer imensos jogos (jogo do inverno, jogo da pandeireta, jogo das cores e números e jogo dos coelhinhos) visto ser o dia dos jogos. Antes do almoço ainda realizaram uma atividade onde tinham que descobrir as diferenças e depois colorir. Na parte da tarde continuaram a atividade e realizaram mais um jogo.

Inferências e fundamentação teórica

Os jogos são essenciais no que diz respeito ao processo ensino/aprendizagem, pois ao brincarem as crianças desenvolvem algumas capacidades, tais como mentais e físicas. Além disso as crianças aprendem a socializar e isso é fundamental para que no futuro sejam pessoas socialmente ativas. Vasconcelos (2008) refere que “os jogos favorecem o estabelecimento de vínculos sociais, permitem a descoberta da personalidade e induzem o conhecimento e respeito de regras.” (p.32).

Quando as crianças jogam a educadora pode observá-las, ver se são sociáveis, se sabem as regras e principalmente o tipo de personalidade de cada uma. Brincar desenvolve imensas capacidades, tanto físicas, afetivas ou educacionais.

Sexta-feira, 2 de março de 2012

Feitas as rotinas habituais e visto ser o dia da educação física, as crianças tiveram aula em aula. Depois do recreio realizaram uma proposta de matemática e quando regressaram do almoço realizaram alguns jogos e brincadeira.

No final do dia, antes de irem para casa, ensinei uma atividade de expressão plástica: desenhar com cotonete e limão.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a proposta a educadora foi circulando pela sala e falando com as crianças. Manter contacto verbal neste caso é extremamente importante, pois as crianças ainda são muito novas e têm que ser orientadas no raciocínio. Não estou a querer afirmar que a educadora deve dizer as respostas, mas sim ajudar a conduzir o raciocínio ao colocar questões que ajudem as crianças. Serrazina (2008a) indica que “o educador tem um

papel fundamental, não só pelas características das tarefas que propõe, mas, também, pelo tipo de interação que estabelece com as crianças durante a sua realização. “ (p.13)

Apesar de ter rotinas bastante diferentes daquelas a que estava habituada e de não ter acesso a materiais, adorei estagiar nesta pequena escola, que apesar de ser antiga e de não ter educadores e professores propriamente novos me proporcionou uma experiência que adorei.

As secções que se seguem dizem respeito ao Estágio Profissional II e II que foi realizado numa escola situada na zona da grande Lisboa, no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.5. Quinta secção: 4.º Ano

Período de estágio: 5 de março de 2012 a 27 de abril de 2012

1.5.1. Caracterização da turma

A turma do 4º ano é constituída por 17 alunos, sendo 9 do género feminino e 8 do género masculino. Segundo as informações fornecidas pela professora titular de turma a níveis sócio-económicos, caracteriza-se entre o nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na profissão. A turma no geral é interessada no ambiente que as rodeia e a grande maioria é estimulada pela família.

A nível do comportamento em sala de aula é uma turma conversadora.

Existem alguns elementos que demonstram algumas dificuldades na área da Matemática o que faz com haja maior nível de desinteresse e falta de atenção.

Na turma há um aluno que beneficia de apoio individualizado fora da sala de aula, com uma psicóloga e que faz medicação para o Défice de Atenção e há, ainda, outro medicado para a Hiperatividade.

1.5.2. Caracterização do espaço

A sala do 4.º ano localiza-se na parte superior do Jardim-escola. Fica situada perto da biblioteca e da sala de informática. Esta sala é bastante espaçosa, e torna-se ainda mais espaçosa pelo facto de existirem poucos alunos nesta turma.

Na sala podemos observar vários armários que servem para arrumar os materiais e os dossiês dos alunos, dois quadros, um de giz e outro interativo.

Os alunos estão sentados em carteiras individuais, mas não estão longe uns dos outros. Ao longo do estágio que realizei nesta sala a professora fez algumas alterações na disposição da sala.

As paredes estão completas com informações das várias áreas curriculares e desenhos oferecidos à professora pelos alunos. Na figura 46 podemos observar a sala do 4.º ano.

Nesta sala existe um animal de estimação chamado *Cookie*, uma coelha anã.



Figura 46 – Sala do 4.º ano

1.5.3. Rotinas

As rotinas, como já foi referido anteriormente, são extremamente importantes na vida das crianças, pois são uma maneira de estas saberem o que vai acontecer ao longo do dia.

Acolhimento

O acolhimento é realizado no salão da escola até às 8h30m e de seguida vão para o ginásio ou para o recreio, depende das condições atmosféricas, onde aguardam a chegada dos professores até às 9h.

Às 9h um professor de cada ano escolar vai buscar as duas turmas desse ano. Neste curto período de tempo os alunos socializam e fazem jogos sob o olhar atento de um professor que fica com eles das 8h30 até às 9h. Zabalza (1998) menciona que “o âmbito relacional-social constitui outro dos eixos do desenvolvimento infantil em torno do qual, e a partir do qual, se vão estabelecendo padrões gerais da personalidade da criança enquanto “ser individual” e enquanto “ser no mundo”. (p.35). É essencial que as crianças tenham estes pequenos momentos para se relacionarem com os outros.

Higiene

Desde a infantil que são criados hábitos de higiene, e com o tempo vemos que as crianças se tornam cada vez mais independentes. Visto serem momentos bastante

importante, a higiene no 1.º Ciclo é realizada antes do início das aulas, ou seja após o acolhimento.

Cordeiro (2010) menciona que os hábitos de higiene se alteram ao longo do tempo e que variam “muito de criança para criança (e de idade para idade), há um elo comum: o desenvolvimento pela autonomia (...)” (p.373). A higiene é feita de forma autónoma, mas sempre visionada por um adulto, ou seja um professor.

Depois do intervalo da manhã, antes do almoço e depois do intervalo da tarde as crianças vão novamente ao WC.

Recreios

O recreio serve para os alunos descontraírem das aulas e para socializarem enquanto brincam. Alarcão (2008) refere que “A progressiva integração social activa deve acompanhar, e simultaneamente possibilitar, o desenvolvimento gradual e articulado de competências estruturantes da criança como pessoa autónoma, equilibrada, socialmente inserida.” (p.201). Com isto a autora quer dizer que as crianças devem ter momentos para socializarem e devem ser encorajadas para tal pois, por vezes, vemos crianças isoladas no recreio ou então sempre de roda dos professores e estagiárias. Essas crianças devem ser motivadas pelos adultos para brincarem com os colegas no recreio. Esta autora ainda salienta o facto de que é nestes “contextos que se age e interage, se desenvolvem competências e valores, se aprendem saberes, se vivem experiências, se constrói a identidade pessoal e se promove a integração social.” (p.201).

O recreio é o local ideal para o professor observar os seus alunos e de estes desenvolverem algumas competências, como é o caso da interação social.

1.5.4. Áreas curriculares disciplinares de frequência obrigatória

Português

As crianças desde cedo que estão familiarizadas com a língua materna têm contacto com livros e começam a falar a partir dos 2 anos de idade. Segundo a Organização Curricular e Programas do Ensino Básico (OCPEB) (ME, 2006), “Reconhece-se a Língua Materna como o elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia.” (p.135). Apesar de muitas das vezes falarem com clareza apresentam alguns erros a nível de sintaxe e agramaticais, Gleitman (2002) menciona que as crianças devem ser corrigidas desde pequenas ou seja que a “Aprendizagem da língua

se baseia na correção ou reforço explícito (...). Segundo esta maneira de ver, os erros gramaticais são imediatamente apontados à criança que depois tenderia a evitá-los.” (p.463).

Por isso mesmo é que a partir do 1.º ano começam a ter aulas de Português, onde são corrigidos pequenos erros, porque já foram corrigidos ao longo do ensino Pré-Escolar e aprendem novos conceitos a nível do Conhecimento Explícito da Língua.

Matemática

Tal como no Português, a Matemática é trabalhada desde os primeiros anos de vida. É essencial que a criança comece a ter noções matemáticas, afinal a matemática é usada todos os dias na sociedade e cada vez mais de uma forma crescente. O Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) menciona que existem duas finalidades principais da existência da matemática no Ensino Básico:

proporcionar aos alunos um contacto com as ideias e métodos fundamentais da matemática que lhes permita apreciar o seu valor e a sua natureza, e desenvolver a capacidade e confiança pessoal no uso da matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar. (p.58)

Ainda salientam que existem algumas competências que todos devem desenvolver não só ao longo do Ensino Básico mas sim ao longo de todos os ciclos:

- A compreensão global dos números e operações e a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos e desenvolver estratégias úteis de manipulação dos números e das operações;
- O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação dos elementos dos conjuntos numéricos, assim como das propriedades das operações nesses conjuntos;
- A aptidão para efectuar cálculos mentalmente, com os algoritmos de papel e lápis (...), bem como para decidir qual dos métodos é apropriado à situação;
- A sensibilidade para a ordem de grandeza de números, assim como a aptidão para estimar valores aproximados de resultados de operações e decidir da razoabilidade de resultados obtidos por qualquer processo de cálculo ou por estimação;
- A predisposição para procurar e explorar padrões numéricos em situações matemáticas e não matemáticas e o gosto por investigar relações numéricas, nomeadamente em problemas envolvendo ou implicando processos organizados de contagem;
- A aptidão para dar sentido a problemas numéricos e para reconhecer as operações que são necessárias à sua resolução, assim como para explicar métodos e o raciocínio que foram usados. (p.60)

É fundamental também a existência de materiais manipuláveis, para facilitar a aprendizagem.

Estudo do Meio

A maior parte das crianças adora as aulas de estudo do meio, pois com estas aulas podem tirar dúvidas que vão suscitando à medida que vão crescendo. Nestas aulas fala-se sobre o meio envolvente, animais, poluição, experiências, planetas, família e entre outras coisas. Estas aulas devem, na minha opinião, ser lecionadas de uma forma flexível e aberta para que todos os alunos se possam envolver no tema e assim poderem tirar algumas dúvidas que possam existir.

A partir do 3.º ano começam a ter aulas de História de Portugal. As aulas de História fazem com que os alunos vão construindo uma visão global e organizada da sociedade.

Expressões (Artísticas e Físico-Motoras)

Dentro das expressões artísticas encontrasse a expressão musical, dramática e plástica. Todas estas são essenciais para o desenvolvimento das crianças. De acordo com as OCPEB (ME, 2006), a música, ou seja as “actividades musicais a desenvolver devem atender à necessidade de a criança participar em projectos que façam apelo às suas capacidades expressivas e criativas.” (p.72), a nível da expressão dramática salienta que “a exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro.” (p.77) quanto à expressão plástica é dito que “a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.” (p.89)

As atividades físico-motoras, não diferem muito das do Ensino Pré-Escolar, pois têm que desenvolver algumas aptidões e os jogos são mais complexos, pois já entendem bem as regras.

1.5.5. Áreas curriculares não disciplinares

No 1.º Ciclo do Ensino Básico as atividades extra curriculares são as mesmas da Educação Pré-Escolar, à exceção do Estudo Acompanhado, Formação Cívica e o Clube de Ciências que só têm neste ciclo de estudos e só a partir do 2.º ano de escolaridade.

Estudo Acompanhado

Como o próprio nome indica, significa que o estudo é acompanhado, ou seja é dedicado um tempo para, por exemplo, a alunos que tenham mais dificuldades de

aprendizagem sejam acompanhados para que possam compreender as coisas e acompanhar o ritmo dos outros colegas. Segundo as OCPEB (ME, 2006) o Estudo Acompanhado visa “a aquisição de competências que permitam a apropriação, pelos alunos, de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens.” (p.18). Também pode ser orientado o estudo e trabalho dos alunos para que tenham mais autonomia e melhores notas.

As aulas de Estudo Acompanhado são lecionadas sempre que necessário durante as áreas curriculares disciplinares.

Formação Cívica

As OCPEB (ME, 2006) referem que a Formação Cívica é um:

espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, no intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade. (p.18)

As aulas de Formação Cívica servem para os alunos se tornarem cidadãos exemplares e ativos na sociedade. É necessário que tenham contacto com outras pessoas, outras culturas, que vivenciem determinadas situações e em locais variados para serem responsáveis e cívicos. Tal como as aulas de Estudo Acompanhado as de Formação Cívica são lecionadas sempre que necessário ao longo das áreas curriculares disciplinares.

Clube de Ciências

O Clube de Ciências é lecionado pelos professores de Ciências Naturais da ESE João de Deus. De quinze em quinze dias têm aulas divertidas com muitas experiências.

Segundo Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues e Couceiro (2007) existem razões bastante pertinentes a favor da Educação pelas Ciências no 1.º Ciclo do Ensino Básico:

- Responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência e pela actividade dos cientistas (Cachapuz, Praia e Jorge, 2002; Martins, 2002; Pereira, 2002);
- Ser uma via para a construção de uma imagem positiva e reflectida acerca da Ciência (as imagens constroem-se desde cedo e a sua mudança não é fácil) (Martins, 2002);
- Promover capacidades de pensamento (criativo, crítico, metacognitivo,...) úteis noutras áreas / disciplinas do currículo e em diferentes contextos e situações, como, por exemplo, de tomada de decisão e de resolução de problemas pessoais, profissionais e sociais (Lakin, 2006; Tenreiro-Vieira, 2002);

Relatório de Estágio Profissional
Escola Superior de Educação João de Deus

- Promover a construção de conhecimento científico útil e com significado social, que permita às crianças e aos jovens melhorar a qualidade da interação com a realidade natural (Santos, 2001; Fumagalli, 1998). (p.17)

Durante o estágio observei algumas aulas e vi que algumas dessas experiências estão no livro de Fidalgo e Costa (2012).

Informática

Desde o Pré-Escolar que as crianças têm contacto com as novas tecnologias, por isso no 1.º Ciclo já sabem utilizar razoavelmente bem o computador. Nos três primeiros anos do 1.º Ciclo os alunos não têm aulas de informática, têm apenas no 4.º ano e essas aulas são lecionadas pelo professor titular de turma, por isso, um dia por semana os alunos levam os seus portáteis para a escola.

1.5.6. Horário

De seguida, no quadro 7, apresento o horário do 4.º ano .

Quadro 7 - Horário do 4.º ano

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00m 10h00m	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10h00m 11h00m					
11h00m 11h20m	Tempo de jogos				
11h20m 13h00m	Matemática	Português	C.Ciências (11h15/12h05) Matemática	Português	Matemática
13h00m 14h30m	Almoço / Recreio				
14h30m 15h30m	Música	História de Portugal	História de Portugal	Inglês	Estudo do Meio
15h30m 16h30m	Biblioteca (15h20/16h20)		Ed. Física		Expressão Plástica
16h30m 17h00m	Orquestra (16h30/17h)	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Assembleia	
17h00m	Lanche				

* Programação conjunta – 3.ª feira, das 15h20m às 16h00m

* Atendimento aos Encarregados de Educação – 2.ª feira das 14h30m às 15h20m

* O Estudo Acompanhado é dado sempre que necessário, durante as diferentes áreas curriculares.

É de referir que existe uma maior carga horária da disciplina de Português e de Matemática. E segundo Alarcão (2008) no 1.º Ciclo “A organização dos tempos é diferente: mais rígida e determinada pelos tempos disciplinares acentuando a ideia de cada disciplina como um compartimento de saber.” (p.207)

Como se viu existem diferenças nos horários da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Também aqui e sempre que a professora/escola entendam que necessário os horários podem ser alterados.

1.5.7. Relatos Diários

Segunda-feira, 5 de março de 2012

Este foi o primeiro dia de estágio no 1.º Ciclo. Durante a manhã os alunos estiveram a falar sobre o que tinham feito durante o fim-de-semana, fizeram a correção dos trabalhos de casa de Português (ficha sobre o predicativo do sujeito) e correção oral da conjugação do verbo “adorar”.

Depois do intervalo fizeram um exercício ortográfico, cujo título era “ Rainhas com cê cedilhado”, realizaram um desenho alusivo ao tema, e para finalizar a manhã distribuiu uma ficha sobre a decomposição de números em fatores primos, que foi realizada em conjunto.

Inferências e fundamentação teórica

A professora tinha entregue uma pequena proposta de trabalho para os alunos realizarem em casa. Segundo Villas-Boas (2000) os trabalhos de casa são importantes pois são associados “correlacionado com o aumento do aproveitamento escolar, em certas circunstâncias relacionadas com o tipo de trabalho de casa e com o tempo de demora da correção.” (p.5) Ou seja com os trabalhos de casa e a sua correção, o aluno interioriza os conhecimentos adquiridos logo, tem um maior aproveitamento escolar. Quanto à correção esta não deve ser muito maçadora, pois os alunos perdem o interesse.

Quando somos professores devemos de fazer o maior número de exercícios possíveis para que o aluno fique bem preparado, para que não tenha dúvidas e para o professor ver a sua evolução. Bartolomeis (1999) afirma que um professor deve realizar propostas de trabalho pois, “(...) estas poderão sempre servir-lhe como meios que o ajudam a analisar situações, a estabelecer relações, a refletir sobre consequências, de modo a reforçar os seus poderes críticos e a obter alguns elementos para melhorar a

qualidade das suas intervenções.” (p.23). Como esta correção foi realizada em conjunto os alunos iam tirando dúvidas à medida que se corrigia os exercícios.

Terça-feira, 6 de março de 2012

Neste dia a professora fez a leitura em voz alta para a turma de mais um capítulo do livro “Os Tontos”. No final como, a minha colega de estágio e eu, não conhecíamos a história pediu a um aluno para fazer uma breve revisão do que já tinham ouvido. De seguida distribuiu uma ficha com um texto e com exercícios gramaticais (categorias morfossintáticas, tipos e formas de frase, subclasse do verbo e análise sintática). Na área da Matemática, resolveram alguns exercícios e situações problemáticas.

Inferências e fundamentação teórica

Quando deu a ficha aos alunos referiu que esta iria servir de revisões, pois os testes estavam muito próximos, fez a leitura modelo do texto e de seguida foi feita a leitura em voz alta e a leitura em conjunto. Para os alunos realizarem os exercícios e as situações problemáticas, a professora conduziu o raciocínio para a resolução dos mesmos, de seguida os alunos resolviam os exercícios e só no final é que fazia a correção no quadro.

Para Polya (2003) é tão importante resolver problemas como praticar um desporto, como a natação, este diz que “Resolver problemas é uma competência prática como, digamos, nadar. Adquirimos qualquer competência prática por imitação e prática.” (p.26), o mesmo autor ainda salienta que “o professor que deseja desenvolver nos seus alunos, deve motivar nas suas mentes, algum interesse por problemas e proporcionar-lhes muitas oportunidades de imitar a praticar.” (p.26)

Como futura educadora e professora, acho extremamente importante ser um modelo ativo na realização de situações problemáticas para motivar os meus alunos.

Sexta-feira, 9 de março de 2012

Neste dia durante a manhã realizaram a ficha de avaliação sumativa de Português. Os alunos que terminaram mais cedo, pintaram a capa onde colocam os testes para mostrarem aos encarregados de educação (figura 47). No recreio os alunos descarregaram energia e quando regressaram à sala de aula e realizaram uma proposta de trabalho com situações problemáticas.



Figura 47 – Aluno a pintar a capa

Inferências e fundamentação teórica

Quando os alunos levam os testes para mostrarem aos encarregados de educação, estes, são colocados numa pasta e essa pasta tem sempre uma imagem para os alunos colorirem. Apesar de já não serem pequenos ainda gostam de pintar.

Para a realização da ficha sobre situações problemáticas, a professora primeiro leu os problemas, conduziu o raciocínio aos alunos, estes realizaram os problemas e no final foi feita a revisão em conjunto no quadro. Segundo Carvalho (1992) “Não se aprende matemática, para resolver problemas e, sim, se aprende matemática resolvendo problemas.” (p.82), ou seja o professor deve favorecer a aluno através de propostas de trabalho, não em demasia é claro. Além do mais devem de ser propostas que suscitem o interesse de todos.

Outras propostas que devem suscitar o interesse de todos são as situações problemáticas. O professor deve apresentar situações problemáticas aos alunos. Segundo Boavida (2008) “Formular e resolver problemas é uma componente essencial de fazer Matemática e permite o contacto com ideias matemáticas significativas. É, também, uma oportunidade de envolver os alunos, desde muito cedo, em questões de modelação matemática (...)” (p.14). A mesma autora ainda salienta que devemos considerar duas componentes, que são as principais, na resolução de problemas:

- Exploração – consiste na descoberta de possíveis relações e usa o raciocínio e os processos indutivos e as estratégias que levam à procura de solução;
- Confirmação – envolve testar essas relações e usa raciocínio e processos dedutivos, incluindo apresentar contra-exemplos e justificar as generalizações. (p.14)

Na minha opinião as situações problemáticas são um dos vários tipos de tarefas às quais o professor deve recorrer na sala de aula, pois existem umas situações que treinam a memória, o cálculo mental, e outros processos mais complexos.

Segunda-feira, 12 de março de 2012

Começaram o dia por realizarem a correção dos trabalhos de casa de Matemática. Depois do intervalo realizaram um exercício ortográfico e elaboraram uma proposta de

trabalho de Estudo do Meio sobre as fases da lua, movimentos da Terra e estados da água.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo da correção dos trabalhos de casa a professora, apelou sempre à dinamização e a que todos os alunos participassem. Quando a professora estava a realizar a correção dos trabalhos reparei que alguns alunos não participavam, ou seja eram sempre os mesmos colocar o dedo no ar, mas a professora não recorria somente, aos que queriam participar. Estanqueiro (2012) menciona que “as perguntas dirigidas à turma solicitam a participação voluntária sem forçar a resposta daqueles que preferem manter-se calados. É preciso evitar que respondam sempre os mesmos (...).” (p.44). A professora fez exatamente o que o autor menciona e todos os alunos participaram.

Há medida, que iam corrigindo, ia tirando dúvidas, pois esta correção serviu também para fazerem revisões para o teste de matemática. Para Meirieu (1998), “rever é inventariar, reclassificar, comparar, pesquisar a origem, reelaborar alguma coisa que, se bem que se fundamente em conhecimentos adquiridos, os deve integrar um projeto novo.” (p.82). Quando o professor faz revisões da matéria lecionada anteriormente, tem a perceção dos conhecimentos dos seus alunos, ou seja consegue “ver” se estes ainda têm algumas dificuldades ou não na matéria.

No 1.º Ciclo, apesar de já terem bastantes conhecimentos sobre o nosso Planeta, as fases da Lua e entre outras coisas sobre o sistema solar, as Ciências estão sempre em constante evolução, por isso, o professor para além de ensinar tem que acompanhar essa evolução. Segundo as OCPEB, (ME, 2006), nas aulas de Estudo do Meio “os alunos irão aprofundar o seu conhecimento da Natureza e da Sociedade, cabendo aos professores proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada.” (p.102)

No geral as crianças adoram as aulas de Estudo do Meio, são aulas em que mais participam.

Terça-feira, 13 de março de 2012

Neste dia durante a manhã realizaram a avaliação sumativa de Matemática e depois do recreio a professora distribuiu um texto sem pontuação. Antes de realizarem o exercício, esta, fez uma breve revisão sobre os sinais de pontuação.

Inferências

Como se pode perceber grande parte da manhã foi ocupada pelo teste de Matemática e depois do intervalo só realizaram uma proposta de trabalho.

Na minha humilde opinião, acho importante que os alunos depois dos testes elaborem pequenas atividades para descomprimirem e, foi o caso, pois a proposta era fácil e não surgiram dúvidas nenhuma. Considero também importante o facto da professora fazer uma breve revisão sobre os sinais de pontuação antes de realizarem a proposta.

Sexta-feira, 16 de março de 2012

Realizaram a avaliação sumativa de Estudo do Meio. Há medida que iam terminando o teste, a professora dizia para realizarem o questionário de História.

Quando todos os alunos terminaram o teste, começaram a decorar o saco (figura 48) que iria levar a prenda que já tinha sido realizada, uns chinelos de quarto. Na figura 49, podemos visualizar o saco e os chinelos.



Figura 48 – Alunos a decorar o saco



Figura 49 – Prenda do dia do pai

Inferências e fundamentação teórica

Os alunos realizaram a Avaliação de Estudo do Meio muito rapidamente, pois esta turma nesta área demonstram ter bastantes conhecimentos e gosto por aprenderem mais.

Assim que iam terminando o teste a professora dizia para os alunos irem resolvendo o questionário de História de Portugal. Este questionário consiste em, realizarem uma pesquisa no livro de História de Portugal e de seguida responderem às questões que são colocadas. Assim os alunos ao procurarem/pesquisarem as

informações no livro e a responderem às questões estão a interiorizar conhecimentos e a estudar.

A realização da prenda para o dia do pai foi bastante animada. Os alunos decoraram um saco de papel que representava uma camisa. Ao longo da aula a professora foi exemplificando e dando indicações aos alunos sobre como cortar a gravata, fazer os colarinhos da camisa e a fivela do cinto. Segundo Silva (2000), o professor do 1.º ciclo deve ter “as capacidades e as competências bastantes para poder integrar, no seu ensino global dirigido a uma turma, a iniciação artística.” (p.16). Os alunos estavam bastante empolgados, dedicados e com muita atenção ao trabalho plástico que estavam a realizar.

Segunda-feira, 19 de março de 2012

Avaliação sumativa de História de Portugal. No final da avaliação a professora fez avaliação de leitura de um artigo da revista “Visão Júnior” intitulado “Ciberempresária de 11 anos”. Esta avaliação foi realizada em grupo. No final da leitura os alunos procederam à autoavaliação. Depois dos tempos de jogos, realizaram uma proposta de trabalho de matemática.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia os alunos estavam todos animados porque à tarde iam realizar a festa da 100.ª Lição, por isso trouxeram bebidas, bolos, doces, etc...

Quando pedimos para um aluno fazer a leitura de um texto não nos devemos restringir apenas aos textos que são apresentados no livro de Português, daí ter sido feita a leitura de uma notícia de uma revista juvenil. É fundamental que os alunos leiam, pois no futuro serão leitores assíduos e com um campo lexical mais alargado, mas para isso é necessária a intervenção da escola para que se verifique um desenvolvimento de competências.

Segundo Silva, Bastos, Duarte e Veloso (2011):

O desenvolvimento de competências leitoras realiza-se ao longo da escolaridade para garantir o acesso à literacia plena, visando a integração do indivíduo nas diferentes comunidades em que se insere socialmente e a criação de hábitos de leitura que se mantenham ao longo da vida. (p.6)

No final da leitura do artigo os alunos fizeram a autoavaliação, pois enquanto liam a professora fazia a avaliação da leitura. Estanqueiro (2012) menciona que “uma boa prática pedagógica é ajudar os alunos a fazer uma auto-avaliação rigorosa do seu

empenho e a tomar consciência dos vários factores que influenciam os seus resultados escolares.” (p.97).

A proposta de Matemática foi realizada em conjunto, ou seja, a professora pedia a um aluno para ler o enunciado de exercício, perguntava qual era o raciocínio a ser elaborado, tirava dúvidas, os alunos resolviam e no final era feita a correção no quadro. Esta estratégia foi realizada em toda a proposta de trabalho.

Terça-feira, 20 de março de 2012

A professora começou o dia por referir as notas que os alunos tinham tido nos testes. Realizaram uma proposta de trabalho sobre a caracterização psicológica, mas antes de começarem a fazer os exercícios a professora fez uma breve revisão. Depois do intervalo fizeram a correção da proposta de trabalho de matemática realizada no dia anterior.

A minha colega de estágio e eu realizámos um jogo com os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de Português os alunos fizeram a descrição psicológica da Ciber informática do artigo da revista “Visão Júnior”. Para fazerem a descrição psicológica a professora escreveu algumas expressões no quadro e a partir dessas expressões os alunos realizavam um texto. Este texto foi realizado em conjunto e segundo Niza, Segura e Mota (2011) existem um maior envolvimento e produção por parte dos alunos quando estes trabalham em conjunto pois, “Sentem-se mais seguros e confiantes quando trabalham com outros. (...) em conjunto, podem planificar e organizar o que querem dizer, ajudar a clarificar o sentido do texto e aconselhar-se quanto a todos os aspectos de escrita que produzem.” (p.37).

Na minha opinião, o facto de a professora ter optado por esta estratégia para realizar este trabalho foi muito mais produtivo e motivador, todos queriam participar e dar opiniões, e, Borràs (2001b), refere que “As estratégias, têm como função orientar a tarefa do professor e guiar o processo de aprendizagem do aluno” (p. 281).

No final do dia realizámos um jogo sobre estimativas com os alunos. Esta aula foi proposta pelas estagiárias (a minha colega e eu) para que pudéssemos ter um primeiro contacto com a turma.

Sexta-feira, 23 de março de 2012

Iniciaram a manhã com a elaboração de uma proposta de trabalho de Português sobre determinantes e pronomes. Depois do intervalo da manhã realizaram subtrações

com números complexos, a professora distribuiu os trabalhos para as férias da Páscoa e leu o livro “Vem e abraça-me.”

Inferências e fundamentação teórica

Saber o que dizer, como dizer e em que situações aplicar a língua materna é importante, por isso as aulas de conhecimento explícito da língua são indispensáveis na aprendizagem dos alunos.

Para Costa, Cabral, Santiago e Viegas (2011):

O termo “Conhecimento Explícito” só faz sentido tendo como referência a ideia de que existe conhecimento implícito sobre a língua. Por outras palavras, um trabalho sobre conhecimento explícito assume, de forma inequívoca, que os alunos são falantes competentes, ou seja, utilizadores da língua que mobilizam de forma automática regras gramaticais para gerar e produzir enunciados na sua língua. (p.7)

Com isto os autores querem referir que os alunos devem aprender conteúdos gramaticais, desde cedo, para que sejam falantes competentes na sociedade.

Na aula de subtrações com números complexos, observei que uma aluna estava a ter dificuldades em compreender os exercícios, por isso a professora abrandou o ritmo da explicação e repetiu, para verificar se a aluna em questão continuava com dúvidas à medida que ia realizando os exercícios ajudava-a e pedia para que os outros colegas também explicassem o que tinham que fazer.

Estanqueiro (2012) menciona que “um bom professor não transforma o processo de aprendizagem numa corrida de obstáculos, em que, os mais fracos tropeçam e caem, como se a qualidade de ensino correspondesse à quantidade de “chumbos”.” (p.15). Ou seja, um professor não deve apenas ensinar e seguir em frente, o professor deve encaminhar todos os alunos no processo de ensino/aprendizagem, pois a educação como o próprio autor indica não é uma “corrida de obstáculos”. O professor deve ajudar os seus alunos sempre que necessário. Fiquei contente por constatar isto mesmo nesta sala.

Terça-feira, 10 de abril de 2012

Início do 3.º Período letivo, por isso a professora esteve a conversar com os alunos sobre o que tinham feito nas férias.

Hoje, eu, não fiquei na sala do 4.º, pois o professor de educação física da ESSE João de Deus realizou no ginásio do Jardim-Escola uma prova de aptidões físicas dos alunos do 1.º e 4.º ano. A prova tinha como nome, Rede: Educação alimentar em ação, e,

para as realizar solicitou a ajuda de algumas alunas estagiárias, e eu fui uma das solicitadas.

Quando regressei à sala de aula a professora estava a explorar a capa do livro “O Rapaz de Bronze” de Sophia de Mello Breyner, de seguida leu o primeiro capítulo aos alunos.

Inferências e fundamentação teórica

As provas de aptidões físicas servem para o professor ver a evolução físicas dos alunos, por isso estas provas só são realizadas no 1.º ano e no 4.º ano. Os alunos do 1.º ano irão realizar estas provas daqui a três anos e os do 4.º ano já tinham sido avaliados há três anos atrás. Segundo Maria e Nunes (2007) o professor de educação física “Deverá estar atento ao percurso de cada criança proporcionando, progressivamente, momentos em que se organizem diferentes experiências e dando sempre espaço para encontrar a melhor forma de expressão.” (p.6) Nas aulas é também fundamental que os alunos entendam que não necessitam apenas de fazer exercício físico mas também ter uma alimentação saudável.

Uma professora também deve ler e contar histórias, por isso, neste dia a professora iniciou a leitura do livro “O rapaz de Bronze”, uma obra literária.

Para nós a palavra “literatura” é um termo um pouco complexo no que diz respeito à sua definição. Para Soriano (1975, citado por Magalhães, 2009), a palavra “literatura” é definida como “um conjunto de textos ficcionais que escritores adultos, num determinado espaço e tempos históricos, direcionam a um destinatário extratextual específico – a criança (...)” (p.125) e Segundo Silva, Veiga, Duarte e Veloso (2011) um texto literário proporciona uma “visão a nível do mundo insuperável”, ou seja

permite a conquista do real e intervém em processos complexos como o da elaboração da linguagem (...) com um bom trabalho de mediação assumido pelo professor, permite ao jovem leitor elaborar sentidos de profundidade cada vez mais complexa; trata-se de um olhar novo sobre a realidade, destacando-a, transformando-a, reconfigurando-a de forma a descobrir nela a dimensão humana que dá à razão da vida. (pp. 15-16)

Enquanto a professora lia a história os alunos estavam atentos e interessados, pois na minha opinião estavam a gostar de ouvir a professora e do que estava a dizer. Durante a leitura, a professora, teve um tom de voz doce e meigo e fez algumas inflexões de voz.

Sexta-feira, 13 de abril de 2012

Hoje cheguei mais cedo ao Jardim-Escola, por isso fui para o ginásio, onde estive com os alunos da minha turma a fazer jogos. Às 9h, quando foram para a sala de aula, realizaram a prova de aferição de Matemática do ano 2010. Depois do intervalo realizaram um exercício ortográfico e fizeram a correção da prova de aferição de Português de 2009, que fizeram no dia 10 de abril.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a manhã, as minhas colegas de estágio e eu, estivemos sentadas a observar os alunos pois, estes como estiveram a realizar a prova de aferição de Matemática, não podemos intervir nem comunicar com os mesmos.

Estas provas, e segundo o Decreto – Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro visam “ a avaliação do desenvolvimento do currículo nacional e destinam-se a fornecer informação relevante aos professores, às escolas e à administração educativa, não produzindo efeitos na progressão escolar dos alunos” (art. 17.º)

Estas provas realizam-se no 4.º ano de escolaridade desde o ano 2000.

Segunda-feira, 16 de abril de 2012

Durante a manhã fizeram a correção dos trabalhos de casa. A professora fez a avaliação da tabuada e começaram a resolver uma proposta de trabalho com exercícios de gramaticais.

Antes do almoço resolveram uma proposta de trabalho com situações problemáticas.

Inferências e fundamentação teórica

Os trabalhos de casa, na opinião de vários autores onde incluindo também a minha, são essenciais para os alunos adquirirem métodos de estudo, pois ao realizarem os trabalhos estão a rever o que aprenderam em sala de aula e a estudar.

Meirieu (1998) alega que:

(...) os trabalhos de casa são sempre necessários, poderão ser, sem dúvida, menos numerosos, mais objetivos, mais acessíveis, mas é necessário que haja alguns para desenvolver a autonomia e a responsabilidade, bem como o sentido de organização, o interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal. (p.14)

Os trabalhos de casa são importantes, mas também é importante que o professor faça a correção dos mesmos no dia seguinte e que não seja o próprio a dizer as

soluções, pois para Estanqueiro (2012) “A aula não é um espectáculo, onde o professor tem o papel de actor e os alunos se limitam a ser uma plateia de espectadores passivos.” (p.39). Os alunos devem ser participantes ativos e por isso mesmo, durante a correção dos trabalhos, a professora fez que todos os alunos participassem, para que não fossem sempre os mesmos a responder.

Terça-feira, 17 de abril de 2012

Hoje a minha colega de estágio orientou a manhã de aulas. Na parte da manhã a Português introduziu os quantificadores existenciais e a Matemática ensinou a passagem de números complexos para números incomplexos. Depois do intervalo, a Estudo do Meio, falou sobre a emigração.

No final, quando terminou, e como ainda faltava algum tempo para o almoço, a professora leu outro capítulo do livro “O Rapaz de Bronze”.

Inferências

O estágio profissional e o facto de lecionarmos durante algumas manhãs, na minha opinião, é de extrema importância para o meu futuro. Com estas aulas podemos melhorar o nosso desempenho, e principalmente prepararmo-nos para quando estivermos a exercer. Confesso que estou um pouco nervosa pois está quase a chegar a minha vez.

Sexta-feira, 20 de abril de 2012

Neste dia lecionei a manhã inteira de aulas. Comecei pela disciplina de Português, onde introduzi o tema: Frase Ativa e Frase Passiva (Agente da Passiva). A Matemática fiz a passagem de números incomplexos para números complexos (figura 50) e a Estudo do Meio falei sobre os países lusófonos.



Figura 50 – Eu a lecionar a aula de Matemática

Na aula de Português entreguei um saquinho a cada aluno com palavras soltas, e estes tinham que construir uma frase com sentido. Metade da turma tinha frases na forma ativa e outra metade na frase passiva. A partir de uma frase expliquei a passagem da

frase ativa para a passiva e no final os alunos fizeram a correspondência entre as frases todas. No final realizamos uma proposta de trabalho em conjunto.

Na área de Matemática fiz uma breve revisão sobre as unidades de tempo e comecei por explicar a passagem de um número incompleto para complexo.

Hoje, a minha colega e eu ficámos na escola até às 15h 30m. Durante a tarde assistimos à aula de História de Portugal lecionada por duas alunas do Mestrado do 1.º e 2.º Ciclo de Estudos.

Inferências e fundamentação teórica

Como a minha colega de estágio tinham feito o inverso na sua aula parti dos conhecimentos adquiridos pelos alunos para explicar a passagem. Para Aharoni (2012) “um dos princípios fundamentais do ensino é começar pelo familiar. Se um aluno já tem uma estrutura de pensamento na sua mente, use-a.” (p.74). Tal como o autor refere, parti dos conhecimentos dos alunos e usei-o.

Quanto à aula de Estudo do Meio foi bastante divertida, pois adorei lecionar este tema e os alunos estavam a gostar, querer participar sempre. Durante a aula houve imenso diálogo com os alunos, e eles gostam disso. Estanqueiro (2012) refere que “O diálogo entre o professor e os alunos é uma estratégia motivadora que á mais significado aos conteúdos.” (p.39) além disto o mesmo ainda salienta que “o diálogo na aula, é além de mais, uma oportunidade para o aluno desenvolver duas competências de comunicação oral, necessárias para toda a vida: saber escutar e saber falar.” (p.40). Às vezes com o entusiasmo ao alunos não se conseguem controlar e começar todos a falar, mas durante a aula estabeleci bem as regras e consegui manter o controlo e disciplina em sala de aula.

Apesar de inicialmente estar um pouco nervosa, esta aula decorreu bastante bem e adorei lecionar a aula para esta turma.

Segunda-feira, 23 de abril de 2012

Realizaram a correção dos trabalhos de casa, ficha de matemática. De seguida realizaram uma ficha lacunar de História de Portugal. Antes da hora do almoço realizaram uma proposta de trabalho com situações problemáticas. No final a professora leu o capítulo “A festa” do livro “O Rapaz de Bronze”

Inferências e fundamentação teórica

Quando é feita a leitura em voz alta pelo professor no final, este, costuma fazer algumas perguntas de interpretação.

Neste dia a professora continuou a leitura do livro, por isso os alunos já sabiam o que tinha acontecido nos capítulos anteriores. Segundo Viana (2009):

Compreender as frases incluídas num texto não garante a sua compreensão como um todo. Para além da compreensão dos elementos e relações que asseguram a coesão local, isto é, a coesão de partes do texto, e que foram anteriormente referidas, há que compreender também os elementos que asseguram a coesão global de um texto, ou seja, a ligação entre as suas partes, para dessa forma obter o seu sentido global. (p.35)

Após a leitura do capítulo, os alunos, tiveram um sentido mais global da história que estava a ser lida pela professora. No final é feita uma pequena avaliação do que fora contado. Mencionando a mesma autora atrás referida, a avaliação pode ser feita de três maneiras:

- “ a identificação do tema e da ideia principal de um texto;
- a identificação da estrutura do texto;
- a realização do resumo do texto.” (p.35)

Quando pedimos a um aluno para realizar um resumo, identificar o tema e a ideia principal do texto, podemos observar se compreenderam ou se estiveram com atenção ao que ouviram.

Terça-feira, 24 de abril de 2012

Correção dos trabalhos de casa de Matemática, situações problemáticas. Realizaram a prova de aferição de Português do ano de 2010. Ainda assistiram a uma exposição sobre os Açores no ginásio do Jardim-Escola.

Hoje os alunos foram almoçar mais cedo, pois à tarde foram a uma visita de estudo ao Museu Nacional do Traje. Esta visita de estudo foi programada pelas estagiárias do Mestrado do 1.º e 2.º Ciclos.

Inferências e fundamentação teórica

Para treinarem para a prova de aferição de Português a professora realizou com os alunos provas de anos anteriores. Aleixo (2010) menciona que a prova de Português do 1.º Ciclo do Ensino Básico “Inclui dois itens de “composição extensa orientada”, que implicam a elaboração de dois textos” (p.13) e que a

primeira etapa centra-se no levantamento dos indicadores linguísticos, por referência aos parâmetros de avaliação e com vista à detecção das dimensões textuais de maior dificuldades. (...) A segunda etapa contempla a globalidade dos textos analisados, por retomar os indicadores linguísticos devidamente contextualizados em relação às situações em que ocorrem. (p.15)

No decorrer destas atividades pude observar que os alunos estavam bastante motivados e tiraram algumas dúvidas, o que na minha opinião é bom, pois é sinal que estiveram a estudar.

Sexta-feira, 27 de abril de 2012

Uma das estagiárias do Mestrado do 1.º e 2.º Ciclos lecionou as aulas da manhã. Distribuiu uma receita de gomas e a partir de algumas palavras destacadas falou sobre os quantificadores universais. Depois de lecionar a aula sobre os quantificadores universais e realizar uma proposta de trabalho com os alunos, fizeram a receita na Bimby. Depois da receita lecionou a aula de Matemática onde falou sobre as unidades de massa.

Para abordar esta área, distribuiu uma proposta muito engraçada para que os alunos conseguissem observar o seu peso nos outros Planetas (figura 51). No segundo tempo realizou uma atividade sobre conversões. Neste dia também realizou uma experiência por isso fez a seguinte: “Como podemos mostrar o ar que nos rodeia?” (figura 52).



Figura 51 – Aluno a realizar a atividade de Matemática



Figura 52 – Experiência

Inferências e fundamentação teórica

Ao distribuir uma receita para lecionar a aula de Português, fez interdisciplinaridade com a área da Matemática, pois como em todas as receitas são descritas as quantidades necessárias de cada ingrediente. Segundo Maingain e Dufour (2008) “A prática escolar da interdisciplinaridade visa a aquisição pelos alunos de uma “competência interdisciplinar”.” (p.81) Lyotar (1994, citado pelos mesmos autores) define “competência interdisciplinar” como sendo a “capacidade de ligar campos, que a organização tradicional do saber isola com zelo.” (p.81)

A partir das quantidades que estavam na receita falou sobre as unidades de massa. Na minha opinião esta passagem foi bem realizada pois os alunos, passaram para outra área sem notarem. Estas passagens não devem ser bruscas, o aluno tem de entender que já está noutra área sem que o professor o saliente.

Em relação à experiência os alunos adoraram. As crianças devem estabelecer contacto com esta área de ensino a nível de observação e experimentação tal como

referem Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006) “No ensino das ciências pretende-se desenvolver ambientes de aprendizagem onde a observação, a experimentação, a previsão, a dúvida, o erro, estimulem os alunos no seu pensamento crítico e criativo.” (p16). Estavam todos entusiasmados e a observar com muita atenção o que a colega estava a fazer, pois de seguida seriam eles a realizar a experiência.

Este foi o meu último dia de estágio nesta sala, confesso que inicialmente não ia muito motivada para este ano, mas no final acabei por gostar. Aprendi imenso com a professora titular de turma e com a própria turma.

1.6. Sexta secção: 3.º Ano

Período de estágio: 5 de março de 2012 a 27 de abril de 2012

1.6.1. Caracterização da turma

A turma do 3.º ano é constituída por 22 alunos, sete do género masculino e quinze do género feminino. Os vinte e dois alunos têm 8 anos (feitos até dezembro). Segundo as informações fornecidas pelo professor, na maioria, os alunos já frequentaram o Pré-Escolar nesta escola. No entanto, alguns desses alunos só frequentam esta escola desde o 1.º ano.

Existe apenas um aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem, principalmente na resolução de problemas e no cálculo. No geral a turma mostra maior interesse na área de Português e de Estudo do Meio.

1.6.2. Caracterização do espaço

A sala de aula do 3.º ano tem bastante espaço e muita luminosidade, pois apresenta janelas em três das quatro paredes. A sala tem 23 mesas e cadeiras. Vinte e duas das mesas estão dispostas em U e viradas para o quadro interativo. No final da sala encontra-se a carteira do professor (os alunos estão de costas para o professor).

Ao longo da sala podemos observar desenhos bastante animados e coloridos realizados após as aulas de História de Portugal, fórmulas de Matemática, algumas informações sobre Português e mapas.

A sala faz ligação com o ginásio, por isso ao longo do dia, principalmente se estiver a chover, as outras turmas têm de passar por esta sala.

1.6.3. Rotinas

As rotinas praticadas por esta turma são idênticas às que são praticadas pelo 4.º ano.

1.6.4. Horário

Ter as rotinas bem estabelecidas é importante para os alunos, assim estão sempre preparados para o virá a seguir, por isso é importante que estes conheçam o horário.

De seguida, no quadro 8, apresento o horário do 3.º ano.

Quadro 8 - Horário 3.º ano

	Segunda - feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h00m 10h00m	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
10h00m 11h00m	Matemática	Português	Clube de Ciências (10h20m-11h10m)	Português	Matemática
11h00 11h30	Tempos de jogos				
11h30 13h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
13h00 14h30	Almoço / Recreio				
14h30 15h30	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Estudo do Meio	Educação Física
15h30 16h30	História de Portugal	Música (15h20m-16h10m)	Matemática	Biblioteca (15h-16h)	Expressão Plástica
16h30 17h00	Assembleia de Turma	História de Portugal	Área Projeto	Estudo do Meio	Expressão Plástica
17h00	Lanche				

Programação com a Professora K - 4.ª feira, das 14h30m às 15h30m.

Atendimento aos Encarregados de Educação - 6.ª feira, das 14h30m às 15h20m.

O Estudo Acompanhado, Formação Cívica e Informática são dadas sempre que necessário, durante as diferentes áreas curriculares.

1.6.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 30 de abril de 2012

Primeiro dia de estágio na sala do 3.º ano. Durante a manhã, enquanto os alunos faziam a correção dos trabalhos de casa, a minha colega de estágio e eu, estivemos a passar verniz nas prendas para o dia da mãe.

Neste dia uma colega do meu Mestrado deu a aula programada na sala do 2.º ano por isso, fomos assistir.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas programadas são previamente preparadas e planificadas pelas estagiárias e são assistidas pelas Professoras da Equipa de Supervisão. Braga (2001, citando Ruiz, 1990) menciona que “Planificar é temporizar e preparar conteúdos é também pensar a organização da sala de aula, afixação do tipo de avaliação mais adequada, consideração do contexto, a previsão da dinâmica e do ambiente em que levará a cabo” (p.35). Acho fundamental que seja feita uma planificação das aulas, pois enquanto estagiária fico mais preparada e segura.

Quanto à supervisão, também considero importante a presença das Professoras da Equipa, pois ajudam-nos a melhorar alguns aspetos, dão-nos o conselhos e acima de tudo ajudam-nos a refletir sobre as aulas. Alarcão e Tavares (2003) mencionam que “(...) a supervisão tem lugar num tempo continuado, pois só assim se justifica a sua definição como processo. Tem um objectivo: o desenvolvimento profissional do professor.” (p.16).

Ao longo da prática, temos aulas programadas e surpresa que são uma mais valia para o nosso desenvolvimento profissional.

Sexta-feira, 4 de maio de 2012

Durante a manhã realizaram a correção dos trabalhos de casa, uma ficha sobre o conhecimento explícito da língua. Antes de realizar a ficha o professor, fez a leitura modelo do texto e de seguida a avaliação da leitura dos alunos.

No segundo tempo da manhã elaboraram uma proposta de trabalho de matemática.

Inferências e fundamentação teórica

Para Sim-Sim e Viana (2007) a leitura é definida como “um processo complexo que contempla a compreensão do significado do texto escrito, enriquecida pela interpretação pessoal do leitor que usa essa mesma interpretação tomando em linha de conta os objectivos da leitura e a situação em que a mesma decorre.” (p.58). Vários professores defendem que o professor deve fazer a leitura modelo e só depois é que deve solicitar que os alunos façam a leitura em voz alta. Para que os alunos sejam leitores fluentes é necessário que se desenvolvem competências leitoras, daí serem feitas leituras de textos.

Segundo Silva *et al.* (2011a):

O desenvolvimento da competência leitora realiza-se ao longo da escolaridade para garantir o acesso à literacia plena, visando a integração do indivíduo nas diferentes comunidades em que se insere socialmente e a criação de hábitos de leitura que se mantenham ao longo da vida. (p.6)

Nesta sala observei que a grande maioria da turma adora ler, pois assim que terminam os trabalhos leem um livro ou então os manuais escolares.

Geralmente sempre que assistíamos à leitura e interpretação de um texto, uma vez por semana o professor fazia a avaliação.

Segunda-feira, 7 de maio de 2012

Neste dia, as turmas do 1.º Ciclo assistiram a uma palestra sobre os cuidados a ter com o sol, depois da palestra os alunos foram para as respetivas salas. Fizeram a leitura e interpretação do texto “D. Pedro, O Justiceiro” e depois do recreio realizaram uma prova modelo de matemática como preparação para as provas de aferição.

Inferências e fundamentação teórica

Quando o professor entregou o texto aos alunos, este começaram logo a fazer a leitura silenciosa. Para Sobrino (2000) o tempo de leitura individual “admite várias modalidades, seja como actividade optativa que se oferece ao grupo, seja como modo de entretenimento para as crianças que acabem antes dos outros (...)” (p.69) Neste caso não foi uma opção dos alunos mas sim do professor. Feita a leitura individual foi feita a leitura em voz alta que segundo Jean (1999) “revela a natureza e a grande compreensão semântica dos textos.” (p.125). Quando os alunos leem têm que interpretar e compreender o que estão a ler, senão não faria sentido os alunos lerem.

Com este texto o professor fez interdisciplinaridade com História de Portugal, pois o texto era sobre D. Pedro.

Terça-feira, 8 de maio de 2012

Durante a manhã fizeram a correção dos trabalhos de casa e o professor deu a noção de área e áreas equivalentes com o material *Cuisenaire*. Na figura 53 podemos observar alguns dos exercícios pedidos pelo professor. No final da aula, para fazer um resumo sobre o que tinha sido lecionado os alunos realizaram um registo escrito (figura 54)

Depois do intervalo da manhã ainda realizaram uma proposta de trabalho de gramática.



Figura 53 – Aluna a trabalhar com o material Cuisenaire

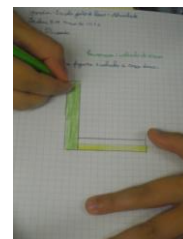


Figura 54 – Registo escrito da aula

Inferências e fundamentação teórica

Antes de iniciar a aula o professor fez uma breve revisão sobre este material e inicialmente estipulou a peça branca como unidade principal e a peça laranja como sendo a peça para medir as unidades de área. Há medida que os alunos vão avançando no nível de escolaridade vão aprendendo coisas novas e mais complexas. O ensino da Matemática visa atingir diversas finalidades, que são estabelecidos nos programas oficiais e que variam consoante o nível de escolaridade. E, por isso mesmo, é necessário que as crianças se familiarizem com este material desde cedo. Estes alunos manipulam este material desde os quatro anos revelando muita facilidade na aprendizagem.

Segundo Palhares e Gomes (2009, citados por Caldeira, 2009a) a nível pedagógico este material

estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, colorir superfícies desenhadas no papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar frações e decimais estudar as propriedades das operações, efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação de números e comparar “partes de” e resolver problemas. (p.129)

O professor perguntou aos alunos quantas unidades de área tinha a peça laranja e repetiu este exercício três vezes, alterando sempre a unidade de medida. No final pediu para realizarem uma construção com 25 unidades de área. Os alunos fizeram as construções e o professor perguntou o que tinham construído, e quais as peças que tinham utilizado. Ao pedir para realizarem a construção que quisessem, impondo apenas as unidades de área, tornou esta aula criativa e segundo Aharoni (2012), “A verdadeira beleza da matemática reside em actividades criativas.” (p.257). À medida que ia perguntando o valor das peças dizia aos alunos para calcularem, assim trabalharam o cálculo mental.

Esta aula foi bastante dinâmica e divertida.

Sexta-feira, 11 de maio de 2012

Durante a manhã corrigiram os trabalhos de casa e realizaram a leitura e interpretação do texto “As fases da Lua”. A aula de educação física neste dia foi de manhã, onde os alunos foram para o recreio andar de patins. Quando regressaram à sala de aula o professor fez avaliação de leitura e de seguida os alunos fizeram a autoavaliação. Depois do intervalo da manhã realizaram um exercício ortográfico e na matemática relembaram a noção de frações através do material 5.º Dom de Froebel, onde realizaram a construção do poço (figura 55) e fizeram algumas situações problemáticas.



Figura 55 – Aluno a realizar a construção do poço

Inferências e fundamentação teórica

As aulas de Matemática são sempre muito animadas, pois nota-se que o professor gosta bastante de lecionar esta área e que sabe imenso. Estanqueiro (2012) menciona que “a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos. Se um professor gosta de ensinar, poderá despertar, mais facilmente, o gosto de aprender.” (p.31). E é isto que se observa, pois esta turma adora Matemática.

Com o 5.º Dom de Froebel, lembraram alguns conceitos matemáticos. Aharoni (2012) refere que “estabelecer conceitos não é uma transferência de conhecimento, da mesma maneira que construir uma casa requer mais do que apenas entornar cimento e ferro sobre um local de construção.” (p.83) Com isto o autor quer dizer que o professor deve ir trabalhando os conceitos com os alunos e se possível de várias maneiras, pois ensinar um conceito requer trabalho para que os alunos o compreendam. O mesmo ainda salienta que o “professor e o aluno precisam de trabalhar em conjunto para criar conceitos na mente do aluno.” (p.83).

No final da aula realizaram situações problemáticas com frações.

Segunda-feira, 14 de maio de 2012

Neste dia, durante a manhã conjugaram o verbo “sonhar” no Modo Imperativo e de seguida, a pares, trabalharam com o material *Calculadores Multibásicos*, onde realizaram exercícios sobre leitura de números.

Neste dia a minha colega de estágio deu aula programada, onde falou sobre D. Fernando, fez a leitura e interpretação de um texto e abordou o volume do paralelepípedo.

Inferências e fundamentação teórica

Às vezes quando vamos na rua ouvimos pessoas a falarem mal, e enquanto professores não queremos formar alunos que não saibam falar. Uma das maneiras de combater essa situação é através da conjugação de verbos. Em relação à aula de matemática com os Calculadores Multibásicos, os alunos estavam com toda a atenção a

ouvir o que o professor pedia para realizarem. Para Estanqueiro (2012), “A linguagem de um professor competente é rigorosa, tecnicamente adequada à matéria, clara e acessível a todos os alunos.” (p.36).

Quando o professor leciona uma aula com materiais manipuláveis torna-a mais lúdica e faz com que os conceitos matemáticos abstratos sejam aprendidos com maior facilidade. Damas *et al.* (2010) refere que “A utilização orientada de Materiais Manipuláveis Estruturados coloca as crianças em situações cada vez mais complexas envolvendo-as, progressivamente numa linguagem matemática e libertando-as de eventuais mecanismos a que poderão estar habituadas” (p.5).

Ou seja fazem uma ponte entre o concreto (material) e o abstrato (conceitos que são aprendidos), não limitando a aprendizagem só através do lápis e papel.

Terça-feira, 15 de maio de 2012

Durante a manhã realizaram o teste de Estudo do Meio e História de Portugal. Depois do intervalo realizaram uma proposta de trabalho de matemática, fizeram a leitura e interpretação do texto “Astronauta” e no final realizaram um exercício ortográfico.

Inferências e fundamentação teórica

Para Estanqueiro (2012) “Os testes são geralmente considerados como instrumento mais objectivo, mais simples e mais rápido de recolher informações sobre a aprendizagem de cada aluno. (...) Permite, assim, detectar o que o aluno aprendeu e o que ainda não sabe.” (p.93)

Neste dia o professor perguntou qual das estagiárias queria fazer a leitura modelo e a interpretação do texto “Astronauta”, uma poesia. Para Silva *et al.* (2011b) um professor deve apresentar aos alunos diferentes tipos de texto, pois “o trabalho mais habitual incide sobre o texto narrativo, mas é importante diversificar os tipos textuais que são estudados, pois o conhecimento que se tem sobre a estrutura do texto é um fator importante no âmbito da compreensão.” (p.10)

Ainda salienta que:

é fundamental construir conhecimento acerca das estruturas dos diferentes tipos de texto para que a compreensão não seja fruto do acaso, mas o resultado de uma atitude consciente de leitura, na medida em que se antecipam expectativas face a cada novo texto. (p.11)

Quem lecionou esta aula fui eu. Comecei por fazer a leitura modelo do texto, pedi para alguns alunos lerem e coloquei algumas perguntas de interpretação. Gostei bastante

de ter feito esta pequena atividade com os alunos, apesar de inicialmente estar um pouco nervosa porque ainda não tinha lecionado nenhuma aula nesta sala.

Sexta-feira, 18 de maio de 2012

Durante a manhã fizeram a correção dos trabalhos de casa, uma proposta de trabalho com exercícios gramaticais e revisões para o teste de Português.

Depois do recreio a minha colega de estágio realizou com os alunos a situação problemática que não teve tempo de realizar na aula programada, e, o professor antes das 13h ainda fez uma revisão sobre potências com o material *Cuisenaire* (figura 56).

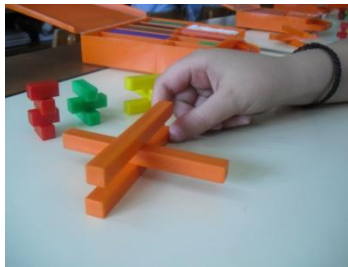


Figura 56 – Representação de potências com o material Cuisenaire

Inferências e fundamentação teórica

Antes dos testes devem ser feitas revisões para que os alunos possam esclarecer algumas dúvidas e não só, pois faz com que os alunos que não estudam tanto sejam “obrigados” a estudar. Meirieu (1998) refere que devemos fazer revisões para os testes mas para fazermos “uma revisão eficaz é preciso reformular todo o material, voltar a trabalhá-lo, vertê-lo para uma forma diferente, transpô-lo para novos códigos, resumindo, fazer dele algo de novo para poder trabalhar.” (p.82). Quando o professor fez as revisões para o teste utilizou estratégias diversificadas para esclarecer as dúvidas dos alunos.

A resolução de situações problemáticas, na minha humilde opinião, são essenciais para os alunos adquirirem conhecimentos para porem em prática no futuro. Segundo Robalo e Grosso (2012), “Se os alunos adquirirem conhecimentos sólidos e agilizarem processos de resolução de problemas poderão mais tarde prestar um serviço mais qualificado à comunidade.” (p.9).

Com o material *Cuisenaire* podemos realizar vários exercícios e acima de tudo explicar conceitos matemáticos. Os alunos já estão familiarizados com este material desde os 4 anos, por isso não têm quaisquer dúvidas de como o devem trabalhar.

Geralmente estes alunos gostam bastante das aulas com materiais manipulativos.

Segunda-feira, 21 de maio de 2012

Realizaram o teste de Português e de seguida foram para o ginásio onde assistiram a uma formação sobre higiene oral. Depois do intervalo trabalharam com o 3.º e 4.º Dom de Froebel. Realizaram a construção da mobília de quarto (figura 57) e da ponte alta (figura 58). Enquanto faziam as construções iam resolvendo algumas situações problemáticas numa folha onde se podia observar o desenho das construções (figura 59).

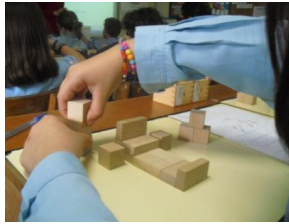


Figura 57 – Aluno a fazer a construção
“Móvel de quarto”

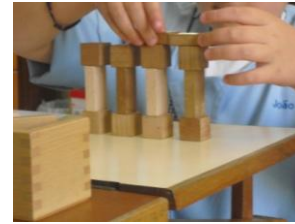


Figura 58 – Aluno a fazer a construção
“Ponte Alta”

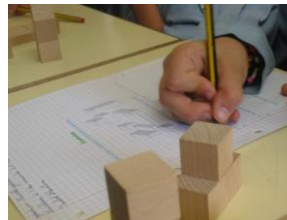


Figura 59 – Aluno a resolver as situações problemáticas propostas

Inferências e fundamentação teórica

Nesta idade as crianças já sabem os cuidados a ter com o corpo e respetiva higiene, mas nunca é demais reforçar. No ginásio os alunos ouviram atentamente uma palestra sobre os cuidados a ter com a higiene oral.

A aula de matemática foi lecionada com o apoio de documento escrito. Nesse documento as construções já estavam realizadas e tinha alguns exercícios sobre este material e algumas situações problemáticas.

Segundo Caldeira (2009a), “Este material é composto por duas caixas: uma do 3.º Dom e outra do 4.º Dom. (...) podemos fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos. As crianças dispõem de 16 peças: 8 cubos e 8 paralelepípedos.” (p.277). Ao realizarem as construções os alunos brincam, pois este material é como se fossem legos, mas de madeira. “O feliz desenvolvimento da actividade lúdica da criança, influência o seu futuro carácter de homem, por isso, nunca deverão ser impostos, nem o jogo, nem qualquer outra actividade educativa.” (p.239)

Ao longo da aula o professor também colocava questões que não estavam no documento, como por exemplo exercícios de cálculo mental.

Terça-feira, 22 de maio de 2012

O professor começou a manhã por fazer a avaliação da leitura dos alunos e alguns exercícios gramaticais. De seguida, a pedido do professor, realizei um exercício ortográfico de palavras com os alunos.

No dia anterior, os alunos, realizaram uma visita de estudo à INATEL, onde realizaram algumas atividades desportivas, por isso o professor distribuiu uma folha para os alunos elaborarem uma expressão escrita sobre a visita de estudo.

Antes das 13h, oralmente, realizaram a correção da avaliação de matemática.

Inferências e fundamentação teórica

Quando um aluno lê o professor não deve estar apenas atento à leitura que o aluno faz, se é correta ou não, para além disso o professor tem que observar a postura dos alunos. Segundo Jean (1999) quando se lê uma “postura vertical é igualmente recomendada, e devemos ter em atenção a disposição da sala para que o leitor seja a voz entre as vozes silenciosas e não como uma voz magistral (...)” (p.192). Antes de fazer a avaliação da leitura o professor fez a leitura modelo, para Silva *et al.* (2011a) a leitura na escola

deve ser um espaço para o diálogo, em que o professor desempenha o papel essencial de leitor, mediador e de árbitro. O exemplo do professor enquanto leitor é crucial para o desenvolvimento do interesse pela leitura: para se formar um bom “treinador” é fundamental gostar do que se ensina e o gosto pela leitura e pela literacia também se processa por “contaminação”. (p.13)

Nesta fase o professor pretende avaliar a entoação e a velocidade de leitura.

A área de Matemática neste dia foi dedicada à correção de uma avaliação e Estanqueiro (2012) afirma que “a correção ajuda o aluno a identificar os seus progressos e as suas dificuldades, a verificar o que fez bem e o que fez mal.” (p.95). Ao realizarem a correção os alunos conseguem identificar os seus erros e torna o processo de compreensão mais fácil. Ao visualizar o erro na minha opinião é mais fácil de corrigi-lo.

Sexta-feira, 25 de maio de 2012

Lecionei a manhã inteira. Comecei com a área de Português, onde fiz uma revisão sobre a relação gráfica e fonética entre palavras, palavras homónimas, homófonas e homógrafas. Na área de Matemática fiz uma revisão sobre o volume do paralelepípedo e a história de Portugal fiz um jogo sobre a 1.^a Dinastia de Portugal, ao qual dei o título “The Game of Kings”. Na figura 60 é possível observar um dos vários materiais elaborados por mim para lecionar este jogo. O jogo foi realizado no ginásio da escola.



Figura 60 – Cavalos para a aula de História de Portugal

Inferências e fundamentação teórica

Esta foi a minha primeira aula lecionada no 3.º ano do Ensino Básico. Durante a manhã fiz uma revisão sobre a relação fonética e gráfica das palavras com o apoio do *Powerpoint* e no final fiz uma proposta de trabalho muito simples. Na área de Matemática revi o volume do paralelepípedo, fiz uma breve revisão sobre a noção de volume e alguns exercícios para praticarem.

No último tempo fiz um jogo no ginásio da escola para rever a 1.ª Dinastia de Portugal. Este jogo de equipas foi previamente explicado na sala de aula e só depois é que fui com os alunos para o ginásio. As equipas foram escolhidas por mim e também foram feitas na sala de aula. Neste jogo os alunos tinham que se deslocar numa linha reta a cavalgar como cavalos de madeira para irem buscar cartões com questões sobre o tema, todos os grupos tinham um suporte escrito sobre os reis da 1.ª Dinastia. Os alunos tinham que responder a todas as questões e a equipa que terminasse mais cedo e que tivesse todas as respostas corretas ganhava.

Nunca tinha lecionado uma aula de História de Portugal e posso dizer que adorei. Postic (1990) salienta que

A relação educativa é o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objectivos, numa dada estrutura institucional, relações essas que possuem características cognitivas e afectivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história. (p.12)

Posso também referir que o facto de estabelecer uma excelente relação com estes alunos fez com que a aula de História fosse um sucesso.

Segunda-feira, 28 de maio de 2012

Neste dia foi a minha colega de estágio que orientou as aulas. Na área de Português fez uma revisão sobre as preposições, de seguida foi para o ginásio com os alunos, onde falou sobre o turismo. Na área da Matemática introduziu as expressões numéricas, deu as regras e fez exercícios de aplicação.

Inferências e fundamentação teórica

Das áreas lecionadas pela minha colega vou destacar a aula de Estudo do Meio. Esta aula foi lecionada no ginásio da escola e o tema era o turismo. Para abordar este tema fizeram uma “viagem” até Meca.

Falou sobre os costumes e tradições e desmistificou algumas ideias que os alunos tinham sobre os Muçulmanos. Segundo Postic (1990) cabe ao docente “desmistificar as imagens que se julga muitas vezes constituírem a verdade (...)” sendo assim o “papel do professor é fundamental, porque os alunos têm muitas vezes a ilusão do saber e ficam com imagens justapostas da realidade.” (p.116).

Neste temas geralmente todos os alunos querem participar mas, na minha opinião a participação dos alunos depende também do professor que está a lecionar a aula. Estanqueiro (2012) menciona que um “bom professor conduz a discussão de modo a explorar a riqueza do tema (...) Aprendemos uns com os outros, partilhando ideias e sentimentos com abertura de espírito.” (p.55) O professor deve valorizar as questões que são feitas pelos alunos se forem pertinentes de modo a seguir os objetivos da aula.

Terça-feira, 29 de maio de 2012

Neste dia realizámos uma Visita de Estudo à Tapada de Mafra. Participámos num Pedipaper. Fiquei com um grupo de alunos e tínhamos que ir respondendo a algumas questões. No final do dia fomos dar uma volta de comboio pela Tapada de Mafra.

Inferências e fundamentação teórica

Sair fora do ambiente escolar pode ser bastante produtivo para a educação dos alunos.

Uma Visita de Estudo, segundo o Ofício Circular N.º2 (2005) da Direção Regional de Educação de Lisboa, é

uma actividade decorrente do Projecto Educativo da Escola e enquadrável no âmbito do desenvolvimento dos Projectos Curriculares de Escola/Agrupamento e de Turma quando realizada fora do espaço físico da escola ou da sala de aula. Nesta acepção, uma Visita de Estudo é uma actividade curricular intencionalmente planeada, servindo objectivos para desenvolver/complementar conteúdos de todas as áreas curriculares disciplinares.

Foi um dia bastante divertido na Tapada de Mafra. Realizámos um Pedipaper, andámos de comboio e vimos uma ação de formação sobre aves de rapina. Na minha opinião as visitas de estudo para além de serem divertidas são um incentivo para a aprendizagem dos alunos e terem contacto com a Natureza.

Esta visita de estudo também contribuiu para espreitar a minha relação com as crianças e o professor da sala. Para além disso deu para ficar a perceber melhor como se organiza e precede.

Sexta-feira, 1 de junho de 2012

Dia Mundial da Criança! Neste dia os alunos realizaram um desenho sobre os direitos das crianças (figura 61), fizeram jogos, em conjunto com os alunos da outra turma fizeram um pequeno lanche onde as duas turmas conviveram.

Depois do lanche foram para o recreio, onde brincaram. Antes do almoço ainda brincaram nos insufláveis.



Figura 61 – Desenho sobre o dia da criança

Inferências e fundamentação teórica

O dia foi bastante alegre e divertido. Realizaram desenhos, conviveram com os colegas da outra turma do 3.º ano e até foram brincar para os insufláveis. Segundo a Declaração dos Direitos da Criança é proclamado que

todos gozam dos direitos e liberdades nela estabelecidas, sem discriminação alguma, de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra, origem nacional ou social, fortuna ou outra situação” e que “por motivo da sua falta de maturidade física e intelectual, tem necessidade a uma protecção e cuidados especiais, nomeadamente de protecção jurídica adequada, tanto antes como depois do nascimento.

Apesar de todos os dias serem das crianças este é especial para eles.

Segunda-feira, 4 de junho de 2012

Neste dia ocorreu a minha aula programada. Ao longo de 60 minutos dei três áreas, cada área com 20 minutos. Comecei com a área de Estudo do Meio, onde falei sobre o movimento de translação com o apoio de um placard em esferovite, sistema solar, e uma maquete que representava os movimentos efetuados pelos planetas. Na área de Português, distribui um texto informativo sobre o que tinha sido abordado na aula anterior, onde fiz a leitura e a interpretação do mesmo. Para finalizar distribui uma caixa com algarismos móveis a cada aluno e dei a adição de números complexos a partir de uma situação problemática.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas programadas são assistidas pelo professor titular de turma e por uma Professora da Equipa de Supervisão. No meu ponto de vista considero estas aulas importantes para a nossa formação e principalmente para nos prepararem para a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP). Spodek e Saracho (1998) referem que “As experiências práticas são parte importante dos programas de formação de professores. (...) Estas experiências de campo incluem a prática de ensino, na qual os alunos gradualmente assumem maior responsabilidade por uma turma de crianças até se encarregarem sozinhos dele.” (p.26). No decorrer destas aulas a avaliação não é só focada ao nível de conhecimentos científicos mas também da interação com os alunos, duração, materiais utilizados e entre outras coisas. Alarcão e Tavares (2003) mencionam que o “objeto da observação pode recair num ou noutro aspeto: no aluno, no professor, na interação professor/aluno, no ambiente físico da sala de aula, no ambiente sócio-relacional, na utilização de materiais de ensino, nos métodos, nas características dos sujeitos, etc.” (p.86)

Integrei todas as críticas que me foram feitas e numa próxima aula vou evitar cometer esses erros.

Terça-feira, 5 de junho de 2012

Depois da correção dos trabalhos de casa, a minha colega de estágio deu aula surpresa a pedido do professor. Fez a leitura e a interpretação de um texto. Antes do intervalo ainda realizaram uma expressão escrita sobre os incêndios e a floresta. Depois do intervalo realizaram alguns exercícios de aplicação de matemática.

Inferências e fundamentação teórica

O professor deve estimular os alunos na realização de expressões escritas, pois estas segundo Grabe e Kaplan (1996, citados por Sim Sim, Duarte e Ferroz, 1997) têm funções múltiplas e variadas “escreve-se para identificar algo ou alguém, para mobilizar a ação, para recordar, para satisfazer pedidos ou exigências, para refletir, para aprender e para criar.” (p.29). Quando foi pedido para criarem uma expressão escrita sobre os incêndios e a floresta os alunos ficaram todos entusiasmados e começaram logo a criar. Para Spodek e Saracho (1998) este tipo de atividades “devem estimular a criatividade e o pensamento divergente, para ajudar as crianças a entenderem a dimensão criativa da escrita feita por outros. Estas actividades podem ajudá-las e se envolverem ativamente no processo criativo da escrita.” (p.256).

Enquanto os alunos realizavam a expressão escrita a sala estava silenciosa e os alunos concentrados no que estavam a escrever.

Segunda-feira, 11 de junho de 2012

Neste dia, a professora da outra turma, não pode comparecer na escola, por isso o professor da sala onde estou a estagiar pediu-me para que lêsse uma história à outra turma. Li um conto do livro *Sementes ao Vento*: “Jack e a morte”.

Quando terminei dirigi-me, novamente, para a sala onde estou a estagiar e assisti à aula surpresa da minha colega de estágio sobre leitura de números com o material *Calculadores Multibásicos*. Depois do intervalo também dei aula surpresa. O professor pediu-me para fazer a leitura e interpretação do texto: “Uma amizade invulgar”, texto adaptado do livro “O Segredo do Rio” de Miguel Sousa Tavares.

Antes das 13h ainda realizaram um exercício caligráfico.

Inferências e fundamentação teórica

Niza, Segura e Mota (2011) mencionam que “a produção escrita integra, entre outros, o subprocesso de produção de ideias, não necessariamente linear, e a textualização, que consiste em impor uma estrutura linear a essas mesmas ideias.” (p.11). Às vezes para alguns alunos é bastante difícil escreverem as ideias que surgem e colocá-la no texto de uma forma linear ou seja que tenha desenvolvimento e que acima de tudo façam sentido. Por vezes, segundo os mesmos autores, “o pensamento é mais rápido do que o ritmo da caneta em grafá-lo. Por isso, ocorrem omissões de palavras, repetições ou articulações de frases inadequadas.” (p.11).

Quando os alunos elaboraram produções escritas é necessário que estejam concentrados para que estes tipos de erros não aconteçam. Além disso, servem também para organizarem o pensamento, desenvolverem ideias e a terem noção do seguimento dos acontecimentos.

Terça-feira, 12 de junho de 2012

Correção dos trabalhos de casa e dei a aula surpresa de Matemática a pedido do professor, com o 5.º Dom de Froebel. Foi-me pedido para falar sobre frações (equivalentes, próprias e impróprias), fazer representações gráficas e criar uma situação problemática através da construção realizada com este material, o poço.

Depois do intervalo resolveram um exercício de simetrias, uma proposta de trabalho sobre exercícios gramaticais que, por sua vez serviu de revisões para o teste de Português.

Inferências

Quando o professor me abordou e disse que ia dar aula surpresa com o 5.º Dom confesso que fiquei um pouco assustada, pois este semestre não tive nenhuma Unidade Curricular onde aprendesse a trabalhar com os materiais manipuláveis do 1.º Ciclo. Mas posso referir que a aula decorreu muito bem e à medida que ia falando o nervosismo foi passando. No final gostei de ter lecionado esta aula e os alunos também gostaram, pois estiveram sempre muito participativos, atentos e disciplinados pois eu também fui disciplinadora.

Quanto mais praticar melhor será o meu desempenho.

Sexta-feira, 15 de junho de 2012

Neste dia estiveram a fazer a Avaliação Sumativa de Português, realizaram alguns exercícios de aplicação e fizeram revisões para a Avaliação Sumativa de Estudo do Meio.

Inferências e fundamentação teórica

Durante as avaliações não estabelecemos nenhum contacto com os alunos, mas quando esta turma realiza avaliações sou solicitada para dar apoio a uma aluna que tem algumas dificuldades. Esta aluna apresenta algumas dificuldades cognitivas e por isso tem testes diferentes. De acordo com o Decreto-Lei N.º3/2008, de 7 de janeiro, as crianças que apresentam apoio especializado podem implicar a adaptação de estratégias, recursos, conteúdos, processos, procedimentos e instrumentos, bem como a utilização de tecnologias de apoio. Ou seja este apoio é necessário para que essas crianças não fiquem limitadas nos conhecimentos e que aprendam tal como os outros alunos.

Ajudo-a na interpretação de algumas frases e faço com que esta leia com calma e atenção, pois é muito ansiosa e quer fazer tudo muito rápido. Gosto muito deste tipo de ensino pois desta forma aprendo e aplico o que vejo e leio.

Segunda-feira, 18 de junho de 2012

Começaram a manhã por fazer a correção dos trabalhos de casa. Leitura e interpretação do texto “Os sonhos maus”, exercício ortográfico e ilustração sobre o texto.

Antes do almoço ainda realizaram exercícios de revisões sobre expressões numéricas.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia o ambiente na sala de aula estava muito sereno e calado. Os alunos estavam todos concentrados nas atividades que estavam a realizar. Geralmente à segunda-feira costumam vir para a escola mais agitados porque estiveram dois dias em casa, mas este início de semana foi bastante diferente.

Visto que para se fazer leituras é necessário ter ambiente que a promovam, este dia era o ideal. Antes dos alunos lerem foi feita a leitura modelo e no final à medida que iam terminando a ilustração retiravam livros, que estavam por baixo da mesa, e liam silenciosamente os livros que trazem de casa.

Após a leitura e interpretação do texto os alunos realizam, quase sempre, exercícios ortográficos e ainda elaboraram uma ilustração sobre o texto que fora lido.

Segundo a OCPEB (ME, 2006), o desenho é uma “actividade espontânea”, ou seja desenham aquilo que lhes surge naquele momento, apesar de neste caso estarem limitados ao tema do texto. “O prazer proporcionado pelo desenrolar do traço é um jogo pessoal que suscita a representação de sensações, experiências e vivências.” (p.92). Os desenhos foram todos bastantes criativos e com cores bem alegres, viu-se que estes alunos gostam deste tipo de atividades.

Terça-feira, 19 de junho de 2012

Durante a manhã estiveram a fazer a Avaliação Sumativa de Estudo do Meio, exercícios gramaticais e a correção do mesmo. No final ainda realizaram um exercício ortográfico de palavras e exercícios de aplicação de matemática como revisões para o teste.

Inferências e fundamentação teórica

Tal como nas outras Avaliações estive a dar apoio à aluna com dificuldades.

Os exercícios ortográficos são fundamentais para que o professor identifique as dificuldades que os alunos apresentam na escrita.

Baptista, Viana e Barbeiro (2011):

A análise das incorrecções ortográficas permite-nos apreender as dificuldades com que as crianças se deparam na aprendizagem da ortografia e as soluções que encontram para escrever as palavras e avaliar quais os erros que surgem de forma mais sistemática. (p.72)

Segundo o professor uma boa estratégia para os alunos memorizarem o erro é serem os mesmos a fazerem a correção. Os mesmos autores referem ser essencial que seja feita a correção, estes afirmam que “o passo seguinte, para o professor, será

encontrar estratégias e actividades que permitam às crianças desenvolver a sua competência ortográfica.” (p.72). Após a realização do exercício ortográfico de palavras, o professor, pedia aluno a aluno para irem escrever ao quadro as palavras que tinham sido ditadas pelo professor e os alunos tinham que fazer a correção.

Posso referir que gostei bastante desta estratégia, pois os alunos ajudam-se uns aos outros a corrigirem os erros.

Sexta-feira, 22 de junho de 2012

Neste dia os alunos do 3.º ano foram a uma visita de estudo e eu fiquei na escola a assistir às PACP.

Inferências

Estas provas consistem numa aula lecionada em 1h15m. Sendo distribuída pelas três áreas curriculares em 20m e os restantes 15m para realizarem um jogo.

Optei por ficar na escola para observar as aulas, pois daqui a uns meses irei fazer a minha. Assisti a uma prova lecionada no 4.º ano de escolaridade e a duas no Bibe Azul. As aulas que assisti foram bastante apelativas e tiveram bons resultados. Retirei algumas ideias principalmente na parte que diz respeito às estratégias e organização do material.

Segunda-feira, 25 de junho de 2012

Os alunos realizaram a Avaliação Sumativa de História de Portugal e depois do intervalo da manhã terminaram uns exercícios de matemática e fizeram a leitura e interpretação do texto: “Poluição Industrial”.

Inferências e fundamentação teórica

Estamos na reta final do ano, nota-se que os alunos estão cansados, por isso após o intervalo o professor passou uns exercícios de matemática (situações problemáticas, numeração romana e potências).

Quanto à leitura e interpretação do texto o professor fez a leitura modelo, os alunos leram, foi feita a interpretação do texto. Ao longo da interpretação do texto, que era sobre poluição industrial, foi feita interdisciplinaridade com a área de Estudo do Meio e nesta altura foi estabelecido um diálogo deveras interessante sobre a Natureza entre o professor e os alunos. Estanqueiro (2012) afirma que “O diálogo entre o professor e os alunos é uma estratégia motivadora que dá mais significado aos conteúdos.” (p.39) o mesmo ainda salienta a importância dos professores não optarem pelo monólogo ao

dizer que “os alunos desinteressam-se e distraem-se, mesmo que finjam atenção. Fazem de conta que ouvem. Muitas vezes, deixam o professor a falar sozinho.” (p.39)

No final da aula realizaram uma ilustração sobre o tema que tinham estado a dialogar.

É com pena que acabo o estágio nesta sala. Foi espetacular, o ambiente entre o professor e os alunos é cativante, as aulas parecem mágicas e passam num abrir e fechar de olhos. Foi um período de estágio bastante compensador, trabalhoso e animado.

Adorei ter estado nesta sala.

1.7. Sétima secção: 1.º Ano

Período de estágio: 24 de setembro de 2012 a 16 de novembro de 2012

1.7.1. Caracterização da turma

A turma do 1.º ano é constituída por 25 alunos, sendo 10 do género feminino e 15 do género masculino. Segundo as informações fornecidas pela professora, a turma, em termos culturais é interessada no ambiente que a rodeia e apoiada pelos familiares. Apesar do interesse que apresenta pelo meio envolvente apresentam curtos períodos de concentração, pois a maior parte dos alunos dispersa-se com conversas paralelas. Existem seis elementos que perturbam constantemente as aulas, sete que merecem especial atenção, uma vez que não são autónomas na realização dos trabalhos e cinco destas têm apoio pedagógico acrescido.

1.7.2. Caracterização do espaço

A sala do 1.º ano fica situada no r/c, ao pé das turmas do bibe encarnado. Apesar de não ser muito espaçosa, considero-a muito acolhedora.

Tem bastante luminosidade, pois tem janelas enormes numa das quatro paredes. Possui dois quadros de giz pequenos e um placard para se projetarem slides, entre os dois quadros está uma mesa com uma Cartilha Maternal gigante para serem realizadas as revisões das lições.

É composta por 26 mesas quadrangulares e 26 cadeiras, sendo 25 ocupadas pelos alunos. Nas paredes podemos observar alguns dos trabalhos elaborados pelos alunos.

1.7.3. Rotinas

As rotinas praticadas por esta turma são idênticas às que são praticadas por todas as turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, à exceção do horário.

1.7.4. Horário

Tal como em todas as turmas existe um horário que deve ser cumprido e que acima de tudo ajuda a orientar os alunos e pais. Digo os pais porque estes devem estar informados das aulas que os alunos têm e principalmente quando é que têm atividades não curriculares, como é o caso da expressão física e motora para os alunos levarem o equipamento nesse dia. No quadro 9 mostro o horário praticado por esta turma.

Quadro 9 - Horário 1.º ano

Horas	2.ªFeira	3.ªFeira	4.ªFeira	5.ªFeira	6.ªFeira
9h00m	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11h00m					
11h00m	Recreio				
11h20m					
11h20m	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h10m	Expressão e Educação Musical			Assembleia de turma	
12h10m					
12h40m					
12h40m					
13h00m	Higiene/Almoço/Recreio				
13h00m					
14h30m					
14h30m	Matemática	Estudo do Meio	Inglês	Português	Estudo do Meio
15h20m	Inglês	Expressão e Educação Físico-Motora	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Educação e Expressão Plástica (15h30/17h)
15h20m					
16h10m	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Expressão e Educação Musical	
16h10m					
17h00m					

1.7.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 24 de setembro de 2012

Tal como no início do semestre passado neste dia tivemos reunião no Museu da Escola Superior de Educação com todos os alunos dos Mestrados.

Inferências

Nesta reunião ficámos a saber onde e com quem iríamos estagiar até ao final do semestre. Continuei com a mesma colega de estágio, mas a nós juntaram-se mais duas colegas de outros Mestrados. Uma só está a realizar o estágio profissional e a outra está a tirar o Mestrado do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Terça-feira, 25 de setembro de 2012

Este foi o primeiro dia de estágio com esta turma.

Nesta altura do ano o tema de Estudo do Meio lecionado é o corpo humano por isso a professora entregou uma proposta de trabalho com duas figuras humanas (um menino e uma menina) desordenadas para pintarem, recortarem e colarem corretamente numa folha branca. Enquanto realizavam esta tarefa a professora deu lições de Cartilha a alguns alunos. Antes do intervalo ainda trabalharam com o material *Calculadores Mutibásicos* e depois do intervalo realizaram uma proposta de trabalho sobre a letra “D/d”

Inferências e fundamentação teórica

Os alunos gostam de tudo o que implica atividades de expressão plástica. Deu para ver que estavam todos entusiasmados. Para Godinho e Nunes Brito (2010) para além de desenvolverem a motricidade fina e destreza manual” estas atividades contribuem “para o desenvolvimento de noções de composição.” (p.78).

Na área da Matemática a professora realizou um jogo de equipas como estratégia de comportamento, cada fila era uma equipa e em cada resposta correta ganhavam 5 pontos. De seguida resolveu uma situação problemática simples que passo a expor: “O Sr. António de manhã colheu 23 maçãs e à tarde colheu uma dúzia. Quantas maçãs colheu o Sr. António?” Este material para realizar operações, na minha humilde opinião, é muito bom, pois os alunos podem fazer as contagens com as peças deste material e além do mais tal como afirma Aharoni (2012) o principal “objetivo de calcular não é só descobrir os resultados dos problemas, mas também adquirir uma compreensão profunda do sistema decimal.” (p.53)

Nesta aula pude observar que muitos dos alunos ainda contavam pelos dedos, e este material é uma maneira de os ajudar a ultrapassar isso. O mesmo autor refere que “Os próprios corpos das crianças são sempre um bom ponto de partida. Contar mãos, pés ou dedos proporciona uma maior ligação à realidade.” (p.111). Até certo ponto posso dizer que concordo com o autor mas só quando são crianças pequenas, nesta fase, seis anos, muitos destes alunos já deveria de ter um cálculo mental mais desenvolvido, por isso a professora tem que o trabalhar ao longo do ano. Quanto mais cedo se desenvolver o cálculo mental mais capacidades terão no futuro.

Sexta – feira dia 28 de setembro e segunda – feira dia 1 de outubro de 2012

Nestes dias por me encontrar doente não fui ao estágio.

Terça-feira, 2 de outubro de 2012

Durante a manhã estiveram a realizar uma proposta de trabalho sobre a letra “L/l”. Depois do recreio da manhã estiveram a falar sobre simetrias e realizaram uma atividade (figura 62).



Figura 62 – Atividade realizada com guaches

Inferências e fundamentação teórica

Enquanto os alunos realizavam a proposta de trabalho a professora aproveitou para dar lições de Cartilha a alguns alunos. Os alunos aprendem a ler aos cinco anos na sala do Bibe Azul, mas no 1.º ano é fundamental que a professora faça revisões de Cartilha, afinal existem crianças que aprendem mais facilmente do que outras daí a importância desta revisão. Para Ruivo (2009) a leitura é vista “como um processo psicológico específico formado pela interação de um conjunto de habilidades que, desenvolvidas gradualmente, constituem a chamada *maturidade leitora*.” (p.82)

Na aula de matemática, oralmente, fez uma breve introdução sobre o tema. De seguida para cativar o interesse das crianças disse que iam fazer magia. Ou seja, esta, colocava algumas pingas de tinta no lado esquerdo da folha e os alunos tinham que dobrar a folha ao meio e ver o que acontecia.

Os alunos tiveram uma noção de simetrias de uma forma bastante lúdica e apelativa. Só o facto de a folha ficar completamente preenchida com tinta já era motivador. Os alunos adoraram esta atividade.

Segunda-feira, 8 de outubro de 2012

Assim que chegaram à sala a professora começou por falar com os alunos sobre o que tinham feito no fim de semana.

Escreveu algumas letras no quadro (v,f,j,t,d,b,p e l) e os alunos tinham que as identificar. Realizaram um exercício caligráfico, trabalharam no caderno de linhas e depois do recreio da manhã trabalharam com o material 3.º e 4.º Dom de Froebell, onde realizaram a construção da mobília de quarto e a ponte. Antes da hora do almoço tiveram Expressão Musical.

Inferências e fundamentação teórica

Os alunos adoram contar o que fizeram durante o fim-de-semana. Ao contarem as suas “aventuras” deu para ver a boa relação que estabelecem com a professora.

Visto que estão no 1.º ano de escolaridade os exercícios caligráficos não são complexos e para facilitar é utilizado o quadro como apoio, como foi o caso deste. A professora escreveu algumas frases no quadro, fizeram a leitura e de seguida distribuiu uma proposta onde os alunos tinham que realizar a cópia do mesmo. Niza, Segura e Mota (2011) referem que cabe “ao professor reduzir a complexidade da tarefa e proporcionar estratégias que, de acordo com a idade e com as capacidades dos alunos, lhes permitam escrever com êxito.” (p.23). Esta é uma das muitas técnicas observadas ao longo do estágio nesta sala. O principal objetivo destas frases é que os alunos comecem a tomar consciência dos textos e que estes têm uma sequência lógica.

Na área da Matemática para realizarem as construções trabalharam a pares, uns ficaram com a caixa do 3.º Dom e os outros com a do 4.º Dom. Na minha opinião acho deveras importante o trabalho a pares, para além de socializarem criam hábitos que no futuro serão indispensáveis como por exemplo o trabalho em equipa quando forem adultos. Estas construções já não são novidade para estes alunos, pois aos 4 anos de idade, bibe encarnado, começam a realizar construções com este material. Segundo Aharoni (2012), “Uma criança ao entrar para a escola não é uma página em branco. (...) Como na vida, os princípios importantes são aprendidos numa fase inicial.” (p.63), ou seja visto que estes alunos estabelecem contacto com este material desde cedo quando vão para o 1.º Ciclo não são nenhuma página em branco porque já o conhecem. As construções que realizam são as mesmas os exercícios, é que vão sendo dificultados.

À medida que iam sendo realizadas as construções a professora ia dando indicações e promovendo o cálculo mental dos alunos.

Terça-feira, 09 de outubro de 2012

Neste dia durante a manhã estiveram a fazer leitura de números com o apoio do material *Calculadores Multibásicos*. Depois do intervalo da manhã realizaram um ditado mágico e escreveram algumas frases a partir das palavras que tinham sido ditadas anteriormente.

Inferências e fundamentação teórica

Na minha opinião os ditados mágicos são bastante engraçados, divertidos e os alunos gostam. Este ditado é realizado da seguinte maneira: a professora escreve uma palavra no quadro e os alunos observam durante 10 segundos, ao fim desse tempo a

professora apaga a palavra e os alunos têm de a escrever. Este exercício para além de ser uma das muitas estratégias para o ensino explícito da ortografia desenvolve a memória fotográfica, ou seja o aluno tem de memorizar os grafemas para escrever a palavra que estava no quadro.

Baptista, Viana e Barbeiro (2011) salientam a importância do professor na utilização e escolha de estratégias de intervenção sobre o erro e o ensino explícito da ortografia pois “A análise das incorreções ortográficas permite-nos apreender as dificuldades com que as crianças se deparam na aprendizagem da ortografia e as soluções que encontram para escrever as palavras e avaliar quais os erros que surgem de forma mais sistemática.” (p.72). É normal que no início do 1.º ano alguns alunos ainda tenham alguma dificuldade em escreverem certas palavras, por isso acho importante que a professora utilize diferentes estratégias para ver se o aluno já não dá erros ou para ver se ainda existem alguns. Pelo facto de treinarem bastante vão tendo menos dificuldades.

Sexta-feira, 12 de outubro de 2012

Este dia começou de uma maneira diferente, a professora fez uma animação de leitura da história “O Nabo Gigante”. Depois da história foi feita a revisão da letra “Q/q” e realizaram um exercício ortográfico.

A aula de Matemática foi lecionada com o apoio do material *Cuisenaire*, onde realizaram a leitura das peças por cores e unidades e no final fizeram o jogo dos comboios. Esta durou pouco tempo pois foram à feira do livro que estava no ginásio da escola. Nesta feira a professora propôs que eu fizesse a leitura de uma história à turma.

Inferências e fundamentação teórica

O momento em que a professora leu a história foi bastante encantador, pois via-se no rosto dos alunos que estavam todos fascinados. Apesar de já conhecerem a história a turma manifestou interesse na participação. Na minha opinião a maneira como a professora a contou também foi muito importante, pois tem um bom tom de voz, fez algumas inflexões e acima de tudo foi expressiva. Cury (2006) refere que “para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição. É necessário produzir gestos e reacções capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem.” (p.133). Gostei bastante de ver a professora a contar a história.

Este dia parecia destinado à leitura, pois na aula de matemática quase que só foi feita a exploração do material e de seguida fomos para o ginásio.

No ginásio pude observar o gosto que esta turma tinha pelos livros. Todos eles, no geral, gostam de ouvir e contar histórias. Como já referi, também fiz a leitura de uma história.

Foi o meu primeiro contacto com os alunos e posso dizer que adorei. Apesar de os conhecer há relativamente pouco tempo, consegui manter a disciplina e contar a história de uma forma lúdica. Acho que gostaram bastante.

Segunda-feira, 15 de outubro de 2012

A professora começou a manhã a falar da família. Colocou algumas imagens no quadro, elementos de uma família, e à medida que ia estabelecendo diálogo com a turma foi criando uma árvore genealógica (figura 63). Antes do recreio da manhã ainda fizeram uma revisão da letra “C/c” e realizaram uma proposta de trabalho.

Quando regressaram do recreio a professora introduziu um novo tema a Português, falou sobre a forma afirmativa e negativa. Antes do almoço ainda tiveram a aula de Música.



Figura 63 – Árvore Genealógica feita no quadro

Inferências e fundamentação teórica

Durante a manhã a professora e os alunos estiveram a falar sobre a família e as relações de parentesco. Apesar de ser um tema bastante conhecido por parte dos alunos, afinal de contas a família é um dos primeiros grupos com que as crianças estabelecem contacto, mas isso não quer dizer que não existam algumas dúvidas. Para Reis (2008), a “Família surge como um dos grupos mais importantes de aprendizagem e assimilação de conhecimentos pois não é só o primeiro grupo com o qual um indivíduo contacta mas porque nos primeiros anos de vida se encontra mais permeável à reprodução social.” (p.44). é com a nossa família, com as pessoas que estão connosco desde os primeiros anos da nossa vida que começamos a estabelecer contactos, ou seja a socializar. Considero importante que quando este tema é lecionado que seja falado dos vários tipos de famílias para que não fiquem dúvidas. A construção da árvore foi realizada em conjunto no quadro.

Nesta fase os alunos já estabelecem um diálogo estruturado, é também nesta fase que começam a surgir algumas perguntas por parte dos alunos, pois estes começam a aprender novas palavras e muitas das vezes não sabem o seu significado.

A partir do 1.º ano começam a ter aulas de Conhecimento Explícito da Língua, gramática, apesar de não saberem que nome se dá a essas aulas. Spodek e Saracho (1998), referem o professor ao realizar “uma abordagem ao ensino da gramática é proporcionar às crianças oportunidades de brincar com a estrutura da língua, do mesmo modo como elas brincam com o som das palavras.” (p.259). A professora explicou o que o tipo de frase, deu alguns exemplos e de seguida pediu para os alunos formarem algumas frases e dizerem se era do tipo afirmativo ou negativo.

Terça-feira, 16 de outubro de 2012

Enquanto estagiárias temos de lecionar durante algumas manhãs, por isso neste dia a minha colega que só está a fazer o estágio profissional lecionou a sua manhã de aulas.

Começou por falar sobre género masculino e feminino, passou para a área de Estudo do meio onde falou sobre a roda dos alimentos e a Matemática realizou algumas construções com o material 3.º e 4.º *Dom de Froebel*.

Inferências e fundamentação teórica

Saber o que devemos ou não comer e em que quantidades é muito importante e, por isso, estas aulas são fundamentais para que as crianças tenham uma boa alimentação. Quando este tema foi abordado, foi tido em conta o facto de haver um aluno que tem diabetes. Foi referido que tinha que ter uma alimentação controlada e que não podia comer determinados alimentos. Cordeiro (2010) diz que as crianças com diabetes devem seguir uma dieta que “passa pelo consumo racionalizado dos açúcares, fraccionar refeições, mastigar bem – numa palavra, um regime alimentar que todas as crianças, com ou sem diabetes, deveriam ter.” (p.654).

Durante a aula de Matemática os alunos estavam um pouco agitados, mas acabou por decorrer bem. Esta foi lecionada com o material 3.º e 4.º *Dom de Froebel*. Estes materiais podem ser trabalhados separadamente ou em conjunto e são bastante divertidos para os alunos elaborarem construções. Caldeira (2009a) menciona que “o 3.º Dom é composto por 8 cubos dentro de uma caixa de madeira, também em forma de cubo.” (p.248) e que o 4.º Dom “é constituído por 1 caixa de madeira com a forma de um cubo que contém 8 paralelepípedos.” (p.260). Quando estas construções são elaboradas todos os cubos/paralelepípedos têm de ser utilizados, não pode sobrar nenhum.

Sexta-feira, 19 de outubro de 2012

Neste dia começaram por ouvir a história “O Macaco do rabo cortado”. Enquanto os alunos a ouviam as minhas colegas de estágio e eu cortámos, pintámos e plastificámos gelados para a aula de matemática onde trabalharam os pictogramas (figura 64). No final da aula ainda realizaram uma proposta de trabalho sobre o que tinha sido realizado no quadro (figura 65).



Figura 64 – Exercício de Matemática
(pictograma)



Figura 65 – Aluno a realizar a proposta

Inferências e fundamentação teórica

Quando dizemos que vamos contar uma história automaticamente os alunos pensam que vai ser lida uma história, mas, desta vez foi contada de uma maneira diferente. A professora colocou um CD no rádio e os alunos ouviram a história. Considero importante o facto de a professora ter optado por contar a história de outra maneira, é fundamental que tenha diferentes estratégias de ensino para que os alunos não fiquem desmotivados. Jesus (2008) menciona que “o professor na sala de aula é um líder, pois procura influenciar os seus alunos para que estes se interessem pelas aulas, estejam atentos, participem, apresentem comportamentos adequados e obtenham bons resultados escolares.” (p.21).

Na minha opinião os pictogramas são muito divertidos e podemos realizar vários exercícios. Segundo Martins, Loura e Mendes (2007) os pictogramas são “uma representação gráfica que resulta especialmente atraente é o pictograma. Começa-se por escolher uma figura ilustrativa da unidade observacional. Cada figura pode representar uma ou mais unidades observacionais.” (p.28). À medida que os gelados iam sendo colocados no pictograma representado no quadro, os alunos realizavam o mesmo exercício mas em papel, onde tinham que os pintar. Na minha opinião ficava uma aula mais dinâmica se os alunos tivessem gelados pequenos para realizarem as representações no seus lugares, mas também compreendo que nem sempre há tempo e que é necessário o professor ter um suporte escrito.

Segunda-feira, 22 de outubro de 2012

A manhã começou com os alunos a contarem o que tinham feito no fim de semana e logo de seguida trabalharam com o material 3.º e 4.º *Dom de Froebell*, onde realizaram a construção da escada e realizaram alguns exercícios de lógica e cálculo mental. A Português a professora esteve a fazer a diferença entre as letras “c” e “q”, onde escreveu algumas palavras no quadro e os alunos fizeram a leitura para de seguida realizarem uma proposta de trabalho.

No final da manhã ainda tiveram aula de música.

Inferências e fundamentação teórica

Ao trabalharem com o 3.º e 4.º Dom, as crianças, para além de desenvolverem a motricidade, a orientação espaço – temporal, também desenvolvem a criatividade e o cálculo mental. Refiro o cálculo mental, pois à medida que os alunos iam realizando a construção da escada a professora ia fazendo algumas perguntas de cálculo mental ao mesmo tempo que realizava situações problemáticas.

Para Fernandes (1994):

um problema, qualquer que seja a área de conhecimento, pode ser encarado como uma situação em que o indivíduo sinta necessidades de *parar* para *pensar* e sinta vontade de encontrar uma ou mais soluções. Isto significa que a resolução do problema não é automaticamente decorrente dos dados apresentados, e que o aluno, com êxito, à(s) resposta(s) pretendida(s). (p. 41)

No final da aula de Matemática a professora distribuiu uma folha de papel quadriculado com o enunciado das situações problemáticas, com as respostas e com os dados. Os alunos só tinham que escrever a indicação e a operação. Esta é uma das técnicas utilizadas para os alunos organizarem os dados e colocarem em prática e é utilizado o papel quadriculado para facilitar a escrita, ou seja tal como é referido por Aharoni (2012) o papel quadriculado facilita “a escrita das unidades em baixo das unidades, das dezenas debaixo das dezenas, e assim por diante. (...) Para que possamos adicionar ou subtrair itens do mesmo tipo: unidades com unidades, dezenas com dezenas.” (p.55). Na minha humilde opinião este método irá facilitar o cálculo de operações sem serem realizadas em papel quadriculado.

Em relação às aulas de música, nesta altura do ano começaram a explorar a flauta. Segundo a OCPEB (ME, 2006) a expressão musical “É uma actividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando.” (67). Com isto o autor quer referir que primeiro

há que explorar o instrumento que já possuímos, a voz, e futuramente outros instrumentos, como é o caso da flauta.

Terça-feira, 23 de outubro de 2012

Durante a manhã quem lecionou as aulas foi uma estagiária. Começou por falar sobre a denteição e os cuidados a ter com o apoio do *Powerpoint*. Na aula de Matemática realizou pictogramas e a Português deu o singular e o plural. Antes do almoço ainda teve tempo para realizar um jogo no ginásio da escola, *Dominó gigante*, que serviu de revisões do que tinha sido lecionado durante a manhã.

Inferências e fundamentação teórica

Enquanto estagiária, considero extremamente importante lecionarmos algumas manhãs, pois só a dar aulas é que podemos ver quais são os aspetos positivos e os que temos que melhorar.

A aula lecionada pela minha colega não era novidade para os alunos, daí quererem participar todos ao mesmo tempo.. Por isso acho que no início da aula há que impor regras e cumprir com as mesmas até ao final da aula. Postic (1990) menciona que as regras, como colocar o dedo no ar para falar podem ser aceites ou não por eles. Por isso cada professor deve saber adaptá-las à turma. Não há uma regra melhor do que outra. O importante é saber escolher e cumprir, sempre.

Com estas aulas aprendemos a lidar com certas e determinadas situações e acima de tudo a estabelecer regras e a fazer com que os alunos as cumpram.

Posso ainda acrescentar que adorei o *Dominó gigante* que a minha colega elaborou para realizar no final da manhã com os alunos. Estava bastante apelativo, o que motivou logo de imediato a participação de todos os alunos.

Sexta-feira, 26 de outubro de 2012

Neste dia a professora leu aos alunos algumas poesias do livro “Brincar com as palavras” de Luísa Ducla Soares. De seguida uma das minhas colegas deu aula surpresa e quando regressámos da reunião os alunos estavam a realizar um ditado de palavras.

Inferências e fundamentação teórica

Inicialmente quando ouvimos falar das aulas surpresa ficamos apavoradas, falo por mim. Dizem sempre que não é necessário estarmos nervosas mas sim preparadas, ou seja com o estudo em dia e com atenção às aulas que observamos ao longo do estágio.

Estas aulas são sempre supervisionadas pelas Orientadoras da Prática Pedagógica e pela professora titular da turma.

Alarcão e Roldão (2008), relatam que “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores das construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado de progressivo desenvolvimento de autonomia profissional.” (p.54). Ao lecionarmos estas aulas não são apenas avaliados os conteúdos científicos, mas também a nossa autonomia e relação com os alunos. Um professor deve estabelecer uma boa relação com os seus alunos.

Considero este tipo de aulas bastante importante para a nossa formação, pois aprendemos a improvisar o que é muito importante, pois ao longo da nossa vida profissional vamos ter de improvisar muitas vezes.

Segunda-feira, 29 de outubro de 2012

Hoje um aluno trouxe um livro, por isso a professora fez a leitura do mesmo para a turma. Após a leitura escreveu três palavras (gato, água e gelada) no quadro que estavam na história para fazer a revisão da letra “g”. Escreveu no quadro algumas frases que continham esta letra, os alunos realizaram a leitura e ainda colocou algumas perguntas de interpretação.

A matemática realizaram situações problemáticas e trabalharam o cálculo com as palhinhas. Neste dia não tiveram aula de música porque passaram a ser lecionadas às quartas-feiras.

Inferências e fundamentação teórica

Para começarem o dia um pouco mais calmos, a professora, contou uma história. No final a professora colocou algumas perguntas de interpretação e com isto é possível ver se houve compreensão por parte dos alunos ou não. Silva *et al.* (2011b) considera que nos dois primeiros anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico “que se realizem actividades destinadas a ensinar os alunos a escutar, a reter e a registar a informação pertinente.” (p.27). Na minha opinião o conto de histórias é importante não só para os alunos se divertirem ao ouvirem mas também para saber escutar, reter e registar.

Os mesmos autores ainda consideram fundamental que para o desenvolvimento da compreensão oral haja um “investimento na aprendizagem sistemática do vocabulário; o alargamento do vocabulário é condição de integração na escola e na vida do grupo de que a criança faz parte.” (p.27). Ou seja ao ouvir histórias os alunos aprendem palavras que posteriormente não sabiam o seu significado, por isso é uma forma de alargarem a área vocabular.

Na aula de Matemática utilizaram as palhinhas, e deu para ver que é um material que todos os alunos gostam bastante, pois estavam todos entusiasmados e com atenção ao que a professora dizia. Com as palhinhas realizaram algumas situações problemáticas sobre a divisão. Quando trabalhamos com materiais, sejam eles estruturados ou não, começamos sempre por trabalhar do concreto para o abstrato tal como referem Caldeira (2009) e Aharoni (2012).

Terça-feira, 30 de outubro de 2012

Neste dia uma das minhas colegas lecionou a sua manhã inteira de aulas. Começou por fazer uma animação de leitura sobre um jacaré que tinha dores de dentes e no final colocou algumas perguntas de interpretação. A Estudo do Meio falou sobre a higiene oral e a Matemática deu a tabuada do 1 com o material *Cuisenaire*.

Inferências e fundamentação teórica

Silêncio total na sala de aula foi assim que começou a manhã. Os alunos estavam tão fascinados com o material que a minha colega levou para fazer a animação da leitura que nem falavam, só queriam ouvir o que ela estava a dizer. Contou uma história sobre um jacaré que tinha dores de dentes e distribuiu aos alunos fantoches para irem participando na história.

Ao longo da manhã, foi sempre fazendo interdisciplinaridade, pois para lecionar a aula de Matemática, tabuada do 1 com o material *Cuisenaire*, falou sobre os dentes. Com este material é possível trabalhar diferentes conteúdos matemáticos, como a tabuada, mas Caldeira (2009a) refere alguns conteúdos:

fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar frações e decimais estudar as propriedades das operações, efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação de números e comparar “partes de” e resolver problemas. (p. 243)

Sempre que se trabalha com materiais é necessário ter algum ritmo, dinamismo e várias estratégias de ensino. Na minha opinião a colega deveria de ter escolhido outra metodologia de ensino, pois os alunos a meio já estavam a perder o interesse.

Na última parte da aula o interesse voltou e com bastante entusiasmo, pois estive a falar com os alunos sobre a higiene oral, através de um dispositivo informático, e no final apresentou uma boca e uma escova de dentes gigante, o que cativou logo a atenção dos alunos. Ao longo da aula, foi estabelecendo um diálogo com os alunos para tentar

perceber o que estes entendiam sobre o assunto que estava a ser abordado, assim, desta maneira, consegui obter algumas concepções alternativas. Martins *et al.* (2007) menciona que as concepções alternativas

não são, pois, algo de accidental ou conjuntural na mente do aluno. Têm uma natureza estrutural, sistemática, através da qual o aluno procura interpretar o mundo, dando sentido às relações entre os objectos e às relações sociais e culturais que se estabelecem com esses objectos (p.30)

Depois de identificar algumas das concepções alternativas, abordou o tema e foi tirando algumas dúvidas aos alunos.

Sexta-feira, 2 de novembro de 2012

Roullement na escola, por isso neste dia como foram poucos alunos à escola juntaram as 4 turmas do 1.º e 2.º ano do Ensino Básico numa sala. Durante a manhã estiveram a decorar abóboras, a pares, brincaram no recreio e fizeram bolinhos.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia na escola foi bastante diferente e divertido. Os alunos conviveram, brincaram, realizaram atividades plásticas e até fizeram bolinhos. Quando estavam a decorar abóboras os alunos tiveram acesso a alguns materiais de expressão plástica, ou seja vários tipos de papel, tecidos, botões, tiras, etc... A realização deste tipo de atividades, na minha opinião, é fundamental não só para o desenvolvimento da motricidade fina mas também da criatividade. Segundo a OCPEB (ME, 2006), “A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.” (p.89).

Os alunos decoraram as abóboras a seu gosto e no final foram um a um junto a professora para que os colegas as pudessem ver.

Segunda-feira, 5 de novembro de 2012

Neste dia tive aula surpresa solicitada pelas Professoras da Equipa de Supervisão. Foi-me pedido para fazer leitura de números com o material *Calculadores Multibásicos* e no final com do costume fomos para a reunião. Quando regressámos da reunião os alunos estavam a realizar uma proposta de trabalho de Português.

Inferências e fundamentação teórica

Já não tinha aula surpresa há algum tempo e como ainda não tinha lecionado nenhuma aula nesta turma fiquei um pouco nervosa. O nervosismo desapareceu à medida que ia lecionando. Na aula fiz a leitura de números com o material *Calculadores Multibásicos*, material que segundo Caldeira (2009b) facilita a aprendizagem dos alunos, pois ao trabalharem com as peças a atenção aumenta, em termos matemáticos tal como o material *Cuisenaire* podem ser trabalhados diversos conteúdos como:

exploração de atributos; associação e comparação; contagem de quantidades; ordenação; jogos em varias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição; leitura de números inteiros; introdução da base decimal; operações aritméticas e situações problemáticas. (p. 188)

Um dos motivos para a aula não ter decorrido bem foi o facto de ter estabelecido regras mas não ter cumprido com elas até ao fim da aula. Postic (1990) afirma que “As normas fixam, na turma, as modalidades funcionais das comunicações, os processos de intervenção, de trabalho, as formas de participação dos alunos, as maneiras de exprimir as opiniões e os sentimentos.” (p.147). Na reunião ouvi ideias/sugestões caso volte a lecionar uma aula deste género. Costa (2009) refere que a “discussão de ideias e descobertas amplia os conhecimentos dos professores permitindo que estes possam aproveitar ideias que lhes pareçam adequadas, mas também questionar e debater propostas que lhes pareçam desadequadas.” (p.34)

Após a reunião fiquei um pouco desiludida comigo mesma. Sei que tenho capacidades para mais e o facto de não ter decorrido bem fez-me ver que nem todos os dias um professor está no seu melhor.

Terça-feira, 6 de novembro de 2012

Uma das minhas colegas de estágio deu duas das três áreas, pois neste dia os alunos tiveram uma ação de formação no ginásio da escola. Quanto às aulas lecionadas pela minha colega a Estudo do Meio falou sobre a prevenção rodoviária e a Matemática deu combinações.

Inferências e fundamentação teórica

Para a aula de Matemática, a colega, levou várias peças de roupa todas cortadas e plastificadas para cada aluno e bonecos para vestirem. O objetivo desta aula era que os alunos vestissem os bonecos de diferentes maneiras para verem quantos conjuntos diferentes poderiam fazer. No final pediu, a alguns alunos, para irem até ao quadro para explicarem o que tinham e como tinham feito. Segundo Boavida (2008) “é indispensável,

por exemplo, que os alunos se envolvam na apresentação e defesa das suas ideias, que reajam e comentem intervenções dos colegas, que analisem criticamente o que ouvem e que, se não merecer o seu acordo, o expressem fundamentando o porquê da divergência.” (p.123). Não só aprenderam conteúdos matemáticos mas também a saber ouvir os outros e a defenderem as suas ideias.

Posso finalizar referindo que ver alunos de seis anos a debaterem as suas ideias é bastante divertido e compensador para o professor que está no fundo da sala a observar.

Sexta-feira, 9 de novembro de 2012

Não fui à escola pois estive que estar presente na Inspeção realizada na ESE João de Deus.

Segunda-feira, 12 de novembro de 2012

Como no dia anterior tinha sido dia de S. Martinhos, a professora começou por perguntar aos alunos se sabiam que dia tinha sido ontem e se tinham comido castanhas. Depois de estabelecer um pequeno diálogo com os alunos contou a Lenda do Verão de S. Martinho e fez algumas perguntas de interpretação. No final distribuiu umas imagens para os alunos recortarem e colocarem por ordem, figura 66.

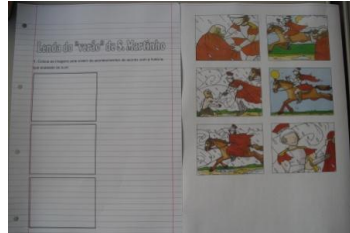


Figura 66 – Imagens e proposta sobre a Lenda do Verão de S. Martinho

Depois de realizarem a proposta de Português resolveram algumas situações problemáticas e realizaram um ditado de laterização.

Inferências e fundamentação teórica

Depois de ler a lenda de S. Martinho a professora elaborou uma proposta, que na minha opinião foi bastante interessante para os alunos organizarem as informações retidas. Ou seja os alunos ordenaram imagens, de acordo com o que fora ouvido, colaram e em conjunto escreveram a lenda. Niza, Segura e Mota (2011) consideram que os alunos ao elaborarem um texto em conjunto “Podem tornar-se melhores escritores, porque, ao trabalharem em colaboração, estão a processar ativamente o conteúdo de

cada esboço partilhado, na sua busca pela clareza da significação. A cultura de cada um potencializa os conteúdos e o discurso escrito.” (p.37) Ao realizarem o texto em conjunto os alunos podem trocar ideias e ver qual a melhor maneira de produzirem o texto, é importante também referir que apesar de serem pequenos e necessitarem de uma moderadora, a professora, estes alunos já têm noção do que dizem e querem escrever.

Para desenvolverem o raciocínio e o cálculo é necessário que as situações problemáticas estejam bem assentes do dia-a-dia dos alunos desde cedo. Lester (1980, citado por Fernandes 1994) refere que “um problema matemático é aquele que envolve conhecimentos, competências e procedimentos matemáticos.” (p.40)

Depois da situação problemática realizaram um ditado de laterização, ou seja a professora distribuiu uma folha quadricular e marcou um ponto, ponto esse que vai dar início ao ditado. Os alunos têm que seguir as orientações dadas, esquerda, direita, cima e baixo, e o número de vezes que essas orientações são utilizadas. Segundo Serrazina (2008b), “Desenvolver nas crianças capacidades relacionadas com o *orientar* inclui actividades de localizar e tomar um ponto de vista.” (p.16)

No final têm uma figura na folha.

Terça-feira, 13 de novembro de 2012

Hoje foi a minha vez de lecionar a manhã inteira de aulas. Este ano o tema da área projeto é a cidade de Lisboa, por isso as minhas aulas tinham como tema principal a nossa cidade. Comecei pela área de Português onde distribui uma página de um jornal com uma notícia previamente escrita e colada por mim. Foi feita a leitura e interpretação do texto e no final distribui um saco com letras móveis. Na área de estudo do meio falei com os alunos sobre alguns pontos turísticos da cidade de Lisboa e a matemática introduzi os numerais ordinais.

Apesar o estágio terminar às 13h, neste dia fiquei até às 17h a compensar um dos dias em que tinha faltado (dia 28 de setembro de 2012).

Inferências e fundamentação teórica

A aula de português foi bastante divertida, nunca pensei que uma simples folha de jornal fosse tão entusiasmante. Feita a leitura e algumas perguntas de interpretação distribui um saquinho com palavras móveis para os alunos escreverem palavras.

Apesar de aprenderem a ler aos cinco anos, no 1.º ano ainda existem algumas dificuldades de leitura e escrita por isso é essencial que se encontrem diferentes estratégias de ensino para motivar os alunos. Segundo Cuetos, Rodríguez, Ruando e

Arribas (2007, citados por Ruivo, 2009), “o papel desempenhado pelas estratégias de leitura de palavras na aprendizagem é extremamente importante, dizem estes autores que “As palavras isoladas permitem activar os significados armazenados na memória mas não transmitem mensagens (...).” (p.253).

A aula de Estudo do Meio foi lecionada com o apoio de um suporte digital que serviu para mostrar imagens e vídeos do que estava a falar com os alunos. Para esta aula apelei às vivências e conhecimentos dos alunos e acrescentei informação que estes desconheciam. Estanqueiro (2012) refere que “o aluno aprende conteúdos e desenvolve competências na interacção com o professor e com os colegas. Através da partilha de saberes e experiências, o aluno alarga as sua perspectivas e constrói activamente o seu conhecimento.” (p.40)

Esta aula foi bastante participativa por parte dos alunos e todos eles sabiam um pouco sobre os costumes e tradições da cidade de Lisboa.

A aula de Matemática foi bastante simples, introduzi os numerais ordinais e realizei uma proposta de trabalho, que foi realizada em conjunto.

À tarde assisti à aula de inglês e fiz algumas decorações para colocar na sala.

Quarta-feira, 14 de novembro de 2012

Apesar de à quarta-feira não ter estágio, neste dia tive que ir para a escola compensar um dos dias em que tinha faltado (1 de outubro de 2012).

Durante a manhã a professora entregou uma ficha que serviu de revisões para o teste de Matemática e depois do recreio da manhã realizaram um exercício ortográfico e tiveram aula de música.

Inferências e fundamentação teórica

Este vai ser o primeiro teste que os alunos do 1.º Ano vão realizar, por isso ainda não têm espontaneidade para pegarem nos livros e estudar. Para preparar os alunos é necessário fornecer materiais para trabalharem, como foi o caso. As fichas, na minha opinião, são um bom meio para os alunos averiguarem se têm dúvidas e a professora avaliar dessa forma planificar e encontrar novas metodologias. De acordo com Bartolomeis (1999) as fichas “ (...) ajudam o professor a reconhecer e tratar fenómenos de importância fundamental que escapam à forma tradicional de colocar o problema.” (p.22). Com esta estratégia o professor consegue visualizar quais são as lacunas dos alunos.

A aula de música, como de costume, foi bastante divertida. Divertimento não significa que não aprendemos nem desenvolvemos competências. No final da aula de

música como ainda tinha sobrado algum tempo os alunos realizaram uma ilustração sobre o Natal e a música, a pedido do professor de Expressão Musical.

Sexta-feira, 16 de novembro de 2012

Último dia de estágio na sala do 1.º ano. Este dia foi diferente, pois fomos ao Tivoli ver um musical intitulado “Uma viagem pelo Corpo Humano”.

Inferências e fundamentação teórica

Para aprender não é necessário que seja na sala de aula sentados nas carteiras, as visitas de estudo também são essenciais para a aprendizagem dos alunos.

Pessoa citado por Almeida (1998) declara que:

as visitas de estudo são ainda apontadas como potenciadoras ao nível da aquisição de valores e atitudes a despertar nos alunos pelo que podem contribuir para criar o sentido de responsabilidade, criar o sentido de solidariedade, despertar a espontaneidade, desenvolver a criatividade, proporcionar em enriquecimento cultural, criar a necessidade de contactos com o mundo fora da escola. (p.55)

Os olhos dos alunos brilhavam enquanto assistiam ao musical. Aprenderam novos conceitos científicos de uma maneira divertida.

Os cenários eram bastante apelativos com cores fortes e com uma excelente representação do corpo humano. Os atores estavam caracterizados e representavam, dançavam e cantavam em cima de uns patins.

Antes de passar para a última secção deste capítulo, gostaria de referir que adorei ter estagiado nesta sala e principalmente ter conhecido esta professora. Aprendi imenso e sinto que foi muito gratificante para a minha formação.

1.8. Oitava secção: 2.º Ano

Período de estágio: 19 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013

1.8.1. Caracterização da turma

A turma do 2.º ano é constituída por 24 alunos, sendo onze do género masculino e treze do género feminino. Segundo a professora titular da sala, esta turma é relativamente homogénea em termos de idade, quanto a níveis cognitivos não revelam grandes disparidades de aprendizagem e comportamento, embora existam algumas

crianças com mais dificuldades e outras mais desenvoltas. Existem quatro alunos que apresentam algumas dificuldades a todos os níveis, incluindo também dificuldades de concentração e por sua vez de aprendizagem.

É uma turma bastante interessada e participativa em todas as atividades que são propostas. Apresentam grande facilidade de comunicação e um bom vocabulário. Quanto ao nível afetivo não revelam problemas de relacionamento, havendo claro grupos de interesses.

1.8.2. Caracterização do espaço

A sala do 2.º ano fica localizada no 2.º piso da escola. Esta é bastante colorida e luminosa, pois apresenta janelas em duas das quatro paredes. Está bastante apelativa para os alunos, estando decorada com elementos existentes na Selva.

Esta apresenta duas passagens, sendo uma delas para a sala do outro 2.ºano. Dentro da sala existe outra sala mais pequena, a sala de cerâmica e de apoio aos alunos que têm mais dificuldades, sendo por isso muitas vezes interrompida pela passagem de alunos e professores.

1.8.3. Rotinas

As rotinas praticadas são iguais às das outras turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, mudando apenas o horário que passo a apresentar no próximo ponto.

1.8.4. Horário

Depois de irem buscar os respetivos alunos ao ginásio a turma do 2.º ano segue o horário que passo a mostrar no quadro 10.

Relatório de Estágio Profissional
Escola Superior de Educação João de Deus

Quadro 10 – Horário do 2.º ano

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h00m	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
10h00m	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
11h00m	Estudo acompanhado			Estudo acompanhado	
11h00m	----- Recreio/Higiene -----				
11h20m	Estudo do Meio (Clube de ciência) (quinzenal) (11h20/12H10)	Matemática	Português	Matemática	Português
13h00m				Português	
13h00m	-----Higiene/Almoço/Recreio -----				
14h30m	Expressão e Educação Musical	Educação Física	Estudo do Meio	Expressão e Educação Musical	Estudo do Meio
15h20m				Cerâmica	
15h20m	Expressão e Educação Plástica (início 15h/30)	Estudo do Meio/ Português (Quinzenal)	Inglês	Estudo do Meio	Inglês
16h10m					
16h10m	Expressão e Educação Plástica	Estudo do Meio	Expressão e Educação Físico- Motora	Estudo do Meio	Estudo do Meio
17h00m		Área de projeto		Ed. Cidadania	Ed. Cidadania
17h00m	----- Lanche/Saída -----				

- ✓ Atendimento aos Encarregados de Educação – 2.ª feira das 14h30m às 15h20m.
- ✓ Biblioteca e Informática são dadas sempre que necessário, durante as diferentes áreas curriculares.

1.8.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 19 de novembro de 2012

Primeiro dia de estágio na sala do 2.º ano. Fizemos uma breve apresentação e de seguida a professora esteve a falar com os alunos sobre o que fizeram no fim de semana.

Na aula de Matemática trabalharam com o material *Calculadores Multibásicos*, onde realizaram adições e respetivas Provas dos 9 e aprenderam a Prova Real pela Mesma Operação. Quando regressaram do recreio da manhã fizeram uma ficha o conhecimento explícito da língua.

Inferências e fundamentação teórica

Um professor deve utilizar diferentes estratégias de ensino, especialmente se estiver a introduzir um tema novo. Durante a aula de matemática sempre que os alunos respondiam acertadamente a uma questão a professora dava uma pequena borboleta feita em musgami.

De acordo com Maingain e Dufour (2008)

Todo o professor experimentado sabe que o seu trabalho no terreno depende, muitas vezes, de um hábil “arranjo” em função do contexto institucional, dos condicionamentos materiais, do perfil dos alunos, das exigências dos programas, das suas escolhas específicas, das relações com os colegas e do tempo disponível. (p.301)

Na minha opinião, esta estratégia, para além de ser simples e a mais utilizada resulta sempre, pois os alunos ficam todos entusiasmados e motivados quando recebem as simples borboletas. O mais engraçado foi apreciar os alunos no final da aula a contar o número de borboletas que tinham “conquistado”.

No final pediu uma salva de palmas para todos porque ficou bastante satisfeita com a interação dos alunos e do que fora aprendido. Estanqueiro (2012) menciona que um professor não deve poupar elogios aos alunos e que “Apesar das limitações, os estímulos positivos, particularmente os elogios, são instrumentos pedagógicos muito úteis, em determinadas circunstâncias.” (p.24), com esta citação o autor quer referir que os professores devem elogiar os seus alunos mas só quando acharem adequado.

Durante a ficha os alunos liam o enunciado e a professora explicava. Enquanto os alunos resolviam a resolviam, esta, ia circulando pela sala e tirando dúvidas. No final a professora lia as alíneas, os alunos respondiam e a professora escrevia no quadro.

Terça-feira, 20 de novembro de 2012

Neste dia por me encontrar doente não fui ao estágio.

Sexta-feira, 23 de novembro de 2012

A festa de Natal está quase a chegar, por isso, e até à data da festa os alunos vão ter ensaios. Este ano as turmas do 1.º e 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico juntaram-se e o tema é a cidade de Lisboa.

Depois do recreio da manhã realizaram uma ficha com exercícios gramaticais.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar de todo o ambiente escolar estar preocupado com os ensaios e preparativos para a festa de Natal, as aulas não podem ser postas de parte.

Depois dos ensaios realizaram uma ficha com exercícios gramaticais, que serviram de revisão. Costa *et al.* (2011) mencionam que este tipo de exercícios devem “(...) basear-se na formulação de questões precisas que motivem os alunos para o aprofundamento do seu conhecimento e não em meros exercícios taxionómicos.” (p.23). Estes exercícios, tal como referem os autores, não devem ser sempre com a mesma estrutura, o professor deve diversificar e arranjar outras maneiras de motivar os alunos nas aprendizagem e realização de exercícios.

Segunda-feira, 26 de novembro de 2012

Durante a manhã estiveram no ginásio da escola a ensaiar para a festa de Natal e depois do recreio tiveram Clube de Ciências, onde realizaram uma experiência para verem se o gelo flutua ou afunda, figura 67. O Clube de Ciências ocorre à segunda-feira de 15 em 15 dias.



Figura 67 – Aluna a colocar corante na experiência

Antes do almoço ainda fizeram a leitura e interpretação do texto: “A menina Cabelinhos de Ouro.” e realizaram uma ficha que serviu de revisões para o teste.

Inferências e fundamentação teórica

Os ensaios para a festa de Natal são constantes, os alunos têm que estar preparados. Depois dos ensaios foi tempo de serem pequenos cientistas.

As crianças adoram experiências e acima de tudo gostam de participar. Antes de participarem a professora, de Ciências, explicou o que iam fazer mas antes falou com os alunos sobre os possíveis acontecimentos na experiência, conceções alternativas.

Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006) referem que o ensino das ciências é fundamental no crescimento das crianças e que “pretende-se desenvolver ambientes de

aprendizagem onde a observação, a experimentação, a previsão, a dúvida, o erro, estimulem os alunos o seu pensamento crítico e criativo.” (p.16). Estas aulas são bastantes divertidas e por isso mesmo os alunos gostam e querem aprender sempre mais e mais.

O texto que leram era um conto tradicional. Tavares (2010) define o conto como sendo

normalmente orais e muitas vezes também designados apenas por histórias, centram-se no antigamente, em tempos imemoriais, como nos lembra a expressão mágica do início dos contos “Era uma Vez...”. Estas histórias destinavam-se a educar e satisfazer as necessidades lúdicas e de socialização das crianças, pelo que estavam perfeitamente integradas na vida quotidiana, nas vivências da comunidade.(p.11)

A mesma autora ainda saliente que “quando estas histórias tradicionais passaram a ser escritas, não foram consideradas infantis, isto é, não se destinavam apenas às crianças, mas sim a todos os que quisessem ouvi-las. Elas, não só transmitiam conceitos morais, mas também eram didáticas.” (p.14)

Com este tipo de literatura as crianças ficam a pensar nos atos das personagens, ou seja transmitem conceitos morais e de aprendizagem.

Terça-feira, 27 de novembro de 2012

Neste dia realizaram o teste de Avaliação Sumativa de Português. Depois de um pequeno intervalo no recreio foram para o ginásio ensaiar a peça para a festa e, antes do almoço, ainda estiveram a ensaiar as músicas, que vão ser cantadas, com o professor de música.

Inferências e fundamentação teórica

A avaliação sumativa é normalmente uma avaliação pontual, ou seja acontece no final de uma unidade de ensino, no fim do período, neste caso. O principal objetivo é determinar os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Viana (2009) refere que:

A partir do desempenho, infere-se o domínio dessa mesma competência por parte do leitor. No geral, apresenta-se um conjunto de tarefas igual para todos os sujeitos, os procedimentos são uniformizados (tempo, instruções, etc.) e os alunos têm a consciência de que estão a ser avaliados e em condições idênticas às de outros alunos. (p.41)

Depois de brincarem um pouco no recreio foi tempo de ensaios e desta vez em coro, pois as quatro turmas do 1.º e 2.º ano juntaram-se para ensaiar as músicas para a

festa de Natal. Cordeiro (2010) refere que a música “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais memorização, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo.” (p.373). Ao aprenderem novas músicas estimulam a memorização e convivem uns com os outros.

Sexta-feira, 30 de novembro de 2012

Nas duas primeiras horas da manhã estiveram a ensaiar para a festa e quando regressaram do recreio da manhã fizeram a leitura e interpretação do texto “A borracha cansada” de António Torrado. No final, a professora fez a avaliação da leitura dos alunos.

Inferências e fundamentação teórica

O texto escolhido pela professora é bastante divertido e por isso mesmo foi adorado por todos os alunos. Quando a professora fez a leitura modelo os alunos estavam a adorar, dava para ver nas expressões faciais que faziam à medida que a professora ia lendo. Silva et al. (2011a) mostra que o papel do professor é fundamental no desenvolvimento da leitura

este desempenha um papel primordial neste processo, pois dele se espera que ensine a ler, faça emergir a vontade de querer ler como experiência voluntária e mantenha viva essa atitude ao longo de todo o percurso escolar e para além dele. (p.6)

É de referir que a maneira como a professora fez a leitura foi cativante para os alunos.

Após a leitura e interpretação do texto a professora avaliou a leitura dos alunos. Viana (2009) refere que “é importante que os professores procedam a avaliações regulares deste tipo desde o início da escolaridade.” (p.16). Este tipo de avaliação deve ser feita, semanalmente, para que o professor possa avaliar a evolução da leitura dos alunos.

Segunda-feira, 3 de dezembro de 2012

Neste dia estive sozinha numa sala com uma aluna a fazer o teste de Matemática, pois no dia que tinha sido realizado esta tinha faltado.

Quando regresssei à sala os alunos estavam a resolver uns exercícios de matemática e quando regressaram do recreio foi feita a leitura e interpretação do texto: “O amigo Pai Natal”. No final realizaram um exercício ortográfico e alguns exercícios gramaticais que foram realizados em conjunto

Inferências e fundamentação teórica

A matemática é fundamental na aprendizagem, para além de trabalharem com materiais manipuláveis os alunos também devem realizar exercícios da forma mais tradicional, papel e lápis. Estas atividades são uma forma de os alunos praticarem e compreenderem os exercícios. Robalo e Grosso (2012) afirmam que “quando estudamos e compreendemos os conteúdos aumentamos o nosso domínio sobre um determinado tema e também o desejo de querer saber mais e de fazer melhor.” (p.10)

Ao realizarem os exercícios e bem os alunos ficam motivados o que faz com que queiram realizar mais, os mesmos autores ainda salientam que o inverso da expressão citada antes também é verdade.

A época é natalícia por isso a professora distribuiu um texto sobre o Natal. É sempre bom relacionar as aulas com o quotidiano das crianças e não limitar-se a dizer que vai ler o texto da página x.

Terça-feira, 4 de dezembro de 2012

Das 9h às 10h estiveram a ensaiar as canções para a festa e quando voltaram para a sala de aula realizaram a Avaliação Sumativa de Estudo do Meio.

Depois do intervalo fizeram uma expressão escrita, os alunos tinham que escrever uma carta ao Pai Natal a pedir-lhe o que desejavam receber no Natal.

Inferências

Durante as avaliações não estabelecemos nenhum contacto com os alunos, pois estes estão concentrados no que estão a fazer e nós não podemos interferir.

O resto da manhã foi dedicada à escrita. Os alunos escreveram uma carta ao Pai Natal.

Sexta-feira, 07 de dezembro de 2012

Neste dia fomos a uma visita de estudo à FIL, Natalis.

Inferências e fundamentação teórica

A manhã foi de grande alegria e agitação. As turmas estavam todas entusiasmadas. A Natalis é uma feira ocorre nos pavilhões da Fil. Neste dia os alunos realizaram diversas atividades, jogaram *paintball*, assistiram a uma ação de formação

sobre primeiros socorros, participaram no jogo da glória gigante, realizaram experiências, andaram a cavalo e entre muitas outras coisas.

Posso acrescentar que a manhã foi divertida para as crianças. Deu para conviver um pouco mais com o corpo docente.

Não me considero uma estagiária “individualista”, pois gosto de aprender, conviver com os professores e acima de tudo sentir-me útil e prestável sempre que necessário.

Thurler e Perrenoud (2006):

Os estudantes-estagiários mais cooperativos distanciam-se dos “individualistas inveterados” que encontram no caminho e sonham “cair” num estabelecimento que contenha poucos “combatentes solitários”. Os estagiários mais individualistas sentem-se reconfortados ao ver que aquilo que alguns formadores lhes apresentaram como uma evidência – trabalhar em grupo – é apenas uma imagem entre outras do ensino. (pp.367-368)

Neste dia a ajuda das estagiárias foi crucial para o bom funcionamento da visita, pois as turmas foram divididas em pequenos grupos e cada uma de nós ficava com um grupo. Gostei de ter ficado responsável e tudo fiz para que o meu grupo aproveitasse ao máximo.

Segunda-feira, 10 de dezembro de 2012

Visto que a festa de Natal estava próxima e há sempre muito trabalho para fazer, neste dia as minhas colegas de estágio e eu estivemos a fazer alguns acessórios para a festa. Enquanto isso os alunos pintavam as capas das avaliações.

Antes das 13h fizeram a leitura silenciosa de um texto, um exercício ortográfico e alguns exercícios sobre simetrias, figura 68.

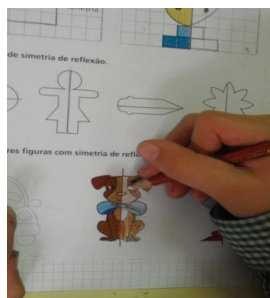


Figura 68 – Aluno a realizar a proposta de trabalho

Neste dia não tiveram Clube de Ciências, apesar de ser o dia.

Inferências e fundamentação teórica

Ao ajudarmos na realização dos acessórios damos uma ajuda preciosa aos professores. Enquanto realizávamos os acessórios os alunos pintavam as capas para colocarem os testes. Nesta idade os alunos já têm a perfeita noção das cores e de as organizar. Tal como saliente Rodrigues (2002) os alunos

com a prática continuada, a criança é capaz de pintar com pincéis grosso em grandes superfícies, movimentando o braço e o antebraço; ao revelar maior cuidado na escolha das cores, que aplica com a sensibilidade, está naturalmente atenta aos efeitos visuais (p.40)

Apesar dos alunos não estarem a pintar com pincéis, é possível verificar que houve um grande desenvolvimento e progresso no ato de pintar.

Quanto aos exercícios caligráficos são fundamentais para que os alunos possam treinar os grafismos e que corrijam os erros ortográficos. Estes alunos já têm contacto com os grafismos desde a Educação Pré-Escolar, segundo Baptista, Viana e Barbeiro (2011), “A aprendizagem da caligrafia propriamente dita, apesar do envolvimento que existe na educação pré-escolar relativamente aos comportamentos emergentes da escrita, só é feita de forma explícita e sistemática aquando o ingresso no 1.º Ciclo do Ensino Básico.” (p.35).

O final do dia foi dedicado à realização de uma ficha sobre simetrias.

Terça-feira, 11 de dezembro de 2012

Festa de Natal!

A apresentação da festa foi na Igreja que existe perto da escola, pois esta não tem espaço suficiente. A festa do 1.º e 2.º anos foi às 12h, mas antes, ainda houve a festa da educação pré-escolar, por isso as professoras e estagiárias da escola foram todas ajudar. Pouco tempo depois foi a festa do 1.º e 2.º anos, onde os alunos prestaram tributo à nossa cidade, Lisboa. Na figura 69 podemos ver os alunos a marchar e na figura 70, as alunas a cantarem e a representarem a canção “água fria da ribeira”.



Figura 69 - Alunos a marchar



Figura 70 – Alunas a cantar e a imaginar que lavam a roupa na ribeira

Quando terminou, os pais e os alunos, foram até às respetivas salas onde estiveram todos a conviver e a comer um pequeno lanchinho.

Inferências e fundamentação teórica

A festa de Natal foi bastante divertida, apesar de ter estado todo o tempo a ajudar os professores adorei. Os alunos estavam bastante agitados, mas considero perfeitamente normal, afinal iam mostrar aos familiares o que tinham ensaiado. Estas festas servem também para os encarregados de educação/família estabeleçam contactos com a escola, a família pode e deve estar envolvida na sociedade escolar e é dever da escolar promover este tipo de convívio. Reis (2008) diz que “A escola deve oferecer uma maior variedade de modalidades de envolvimento parental, uma vez que a participação de algumas famílias se adequará melhor a um tipo ou outro de modalidade.” (p.76)

No final os pais foram para a escola onde conviveram uns com os outros.

Não posso deixar de referir o espírito de equipa entre o corpo docente, não docente e estagiárias. Este tipo de cooperação é fundamental para um bom funcionamento da escola e posteriormente das respetivas festas, por isso, no estágio também aprendemos a cooperar uns com uns outros. Thurler e Perrenoud (2006) referem que “toda a formação inicial de professores pretende preparar para uma ação profissional eficaz e pertinente, da qual não é possível ignorar ingenuamente os aspectos sistêmicos e coletivos.” (p.365).

É bom ensinar e conviver num ambiente de cooperação e entreajuda.

Quarta-feira, 12 de dezembro de 2012

Não sendo dia de estágio fui para a escola compensar o dia em que tinha estado doente. Era visível o cansaço nos alunos, pois a festa tinha sido na véspera e o final do período estava a chegar por isso, a professora optou por realizar algumas operações e uma autoavaliação escrita.

Inferências e fundamentação teórica

O cansaço era notório e a alegria no olhar também, os alunos estavam satisfeitos e contentes com a festa de Natal, por isso não prestavam muita atenção ao que a professora dizia. Estanqueiro (2012) refere que “por vezes, basta percorrer a turma com um olhar e observar as expressões corporais dos alunos, para perceber se eles estão a acompanhar a matéria.” (p.36).

Para além de aprenderem novos conteúdos é fundamental que os alunos consigam avaliar o que fizeram ao longo do período, por isso Niza, Segura e Mota (2011) mencionam que “os alunos devem ser motivados para desenvolverem a capacidade crítica de autoavaliação do seu trabalho, de modo a que possam converter-se em redactores eficientes e autónomos fora das paredes da escola.” (p.34)

Quando foi feita a avaliação, alguns alunos tiveram algumas dúvidas sobre o que tinham que escrever, mas no final todos conseguiram avaliar e até sugerir algumas atividades.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 2012

Quando somos crianças o que queremos receber no Natal são presentes, por isso, neste dia, as minhas colegas e eu estivemos a embrulhar um pequeno mimo da professora para os alunos, uns lápis. Depois do intervalo da manhã estiveram a arrumar os dossiês e viram as filmagens da festa.

Inferências e fundamentação teórica

A dedicação que esta professora tem com a turma é extraordinária, e isso é refletido pelo bom ambiente e pela adoração que os alunos têm pela mesma. Estanqueiro (2012) diz que existem professores “desanimados, com vontade de abandonar a profissão, devido à sobrecarga de funções e responsabilidade, ao excesso de burocracia e à indisciplina dos alunos.” (p.31), mas o que é referido por este autor não é o que se observa com esta professora e respetiva turma, muito antes pelo contrário.

Penso que há uma boa interação entre a professora e os alunos porque estes comunicam e segundo o mesmo autor “Uma boa comunicação do professor com os alunos e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem.” (p.33).

Quando a professora entregou os presentes falou com os alunos sobre possíveis trocas, que se quisessem trocar teriam que falar um com os outros e não levar a mal se o colega não quisesse trocar. A boa comunicação entre a professora e os alunos faz com que estes estabeleçam, entre si, também uma boa relação.

Sexta-feira, 4 de janeiro de 2013

Início do 2.º período. Neste dia fui assistir a duas aulas surpresa na sala do 4.º ano, as duas sobre volumes com o material *Cuisenaire*. Quando regressámos à sala os alunos estavam a realizar exercícios sobre a Prova Real da Operação Inversa da adição.

Inferências e fundamentação teórica

Com as aulas surpresa aprendemos, pois no final nas reuniões ouvimos sempre aspetos positivos e aspetos a melhorar, e para mim assistir a estas aulas é sempre uma mais-valia.

Segundo Alarcão e Tavares (2003) o supervisor deve referir aos seus formandos as seguintes capacidades:

- 1) Espírito de auto-formação e desenvolvimento.
 - 2) Capacidade de identificar, aprofundar, mobilizar e integrar os conhecimentos subjacentes ao exercício da docência.
 - 3) Capacidade de resolver problemas e tomar decisões esclarecidas e acertadas.
 - 4) Capacidade de experimentar e inovar numa dialéctica entre as práticas e a teoria.
 - 5) Capacidade de reflectir e fazer críticas e autocríticas de modo construtivo.
 - 6) Consciência da responsabilidade que coube ao professor no sucesso, ou no insucesso, dos seus alunos.
 - 7) Entusiasmo pela profissão que exerce e empenhamento nas tarefas inerentes.
- Escola Superior de Educação João de Deus Relatório de Estágio Profissional.
- 8) Capacidade de trabalhar com os outros elementos envolvidos no processo educativo. (p. 72)

Assim, através dos comentários que são feitos nas reuniões podemos refletir e tentarmos não repetir os menos bons.

Segunda-feira, 7 de janeiro de 2013

A manhã foi diferente, pois fomos para o ginásio fazer um jogo de mímica. Os alunos tinham que pensar num verbo, fazer mímica e os restantes tinham que adivinhar qual era o verbo. Quando voltámos para a sala a professora escreveu no número 395423 no quadro e realizaram as respetivas leituras, o algarismo de maior e menor valor absoluto e relativo e entre outras coisas.

Escreveu também uma operação de multiplicação no quadro e pediu a um aluno para dizer o mecanismo de como a operação era realizada. Feitas estas revisões a professora entregou uma proposta de trabalho.

Neste dia no Clube de Ciências realizaram uma experiência com pinhas. Antes do almoço ainda realizaram a leitura do texto: “Tudo ao contrário” e fizeram um exercício ortográfico.

Inferências e fundamentação teórica

A sala de aula estava inundada e um bom professor tem que saber agir rapidamente, por isso enquanto a sala era limpa a professora levou os alunos para o

ginásio e improvisou. No jogo os alunos tinham que pensar num verbo e fazer mímica para os colegas adivinharem.

Autores como Borràs (2001a) referem que “as actividades nas quais se utiliza a mímica e a linguagem não verbal agradam muito às crianças.” (p.375). As crianças já estão habituadas a este tipo de jogo, pois é algo que praticam desde pequenos, inicialmente imitam animais, objetos e posteriormente tentam “expressar e descrever sentimentos.” (p. 375), neste caso exprimiram ações.

Com esta simples atividade percebi que é possível realizar inúmeras atividades que não estavam programadas e que despertam interesse nas crianças.

Após ter escrito as operações no quadro os alunos começaram a resolver, mas a professora apercebeu-se que existiam muitas dúvidas na realização da divisão, por isso, disse para todos pararem de fazer o que estavam a realizar e para ouvirem com muita atenção o que ia dizer. No quadro escreveu uma divisão com os alunos, ia perguntando os passos que deveriam fazer e como fazer. Assim, na minha opinião, ao ajudar os alunos na sua realização facilitou a compreensão do mecanismo de realização da operação. Na realização da divisão constatei que muitos dos alunos tinham dificuldades na sua resolução porque não sabiam a tabuada.

O intervalo neste dia foi mais curto, mas os alunos não se importaram, pois iam ter Clube de Ciências. Desta vez foi realizada uma experiência com pinhas.

Galvão *et al.* (2006) referem que nas aulas de ciências “Tenta-se que o deslumbramento, a dúvida, o desejo de saber mais, as respostas aos eternos “porquês” dos alunos sejam a ênfase e não as listas de conteúdos compartimentadas e desligadas da realidade.” (p.16)

A experiência fez com que alguns “porquês” deixassem de existir na cabeça dos alunos, pois após a observação da mesma ficaram muito mais esclarecidos.

Terça-feira, 8 de janeiro de 2013

A manhã foi lecionada por uma das minhas colegas de estágio. Começou pela área de Português onde entregou um texto e a partir desse texto deu os determinantes artigos definidos. A Estudo do Meio falou sobre os meios de transporte e a na de Matemática sobre as medidas de comprimento.

Inferências

Os alunos gostam quando são as estagiárias a lecionar as aulas, pois o professor não tem muito tempo livre para preparar materiais para todas as aulas. Enquanto estagiária fui-me apercebendo que enquanto não estiver a exercer posso fazer o maior

número possível de materiais para utilizar no futuro, porque depois não irei ter tempo para preparar todas as aulas de forma tão minuciosa.

Sexta-feira, 11 de janeiro de 2013

Hoje foi a vez de outra colega de estágio lecionar a manhã inteira. Começou pela área de Português onde realizou a leitura e interpretação de um texto e introduziu os determinantes indefinidos.

Na área de Estudo do Meio falou sobre a Prevenção Rodoviária e não lecionou a área de Matemática porque os alunos às 12h foram para o ginásio da escola assistir a uma palestra intitulada “Hora do conto”.

Inferências e fundamentação teórica

As três primeiras horas da manhã foram lecionadas por uma das minhas colegas, os alunos realizaram a leitura de um texto sobre a Prevenção Rodoviária e de seguida foi feita uma breve interpretação. Borràs (2001b) afirma que “o docente deve fazer um esforço para conseguir programar e oferecer actividades que potenciem a referida interligação entre áreas, permitindo que os alunos possam acercar-se da realidade de forma completa.” (p. 466). A minha colega fez interligação com a área de Estudo do Meio.

Após a leitura os alunos do 2.º ano foram até ao ginásio onde assistiram a uma dramatização sobre os Três Reis Magos e outra sobre a história “O traseiro do rei”. Ao longo da dramatização foi solicitada a participação dos alunos. Assim que ouviram que iam participar ficaram todos extasiados, afinal eles também iam fazer parte do elenco.

Segunda-feira, 14 de janeiro de 2013

A manhã começou pela área de Matemática, aula que não foi lecionada pela minha colega de estágio devido à palestra do dia 11 de janeiro de 2013.

Depois do intervalo da manhã realizaram a leitura e interpretação do texto: “A cidade dos cães.” No final realizaram exercícios gramaticais e ortográficos.

Inferências e fundamentação teórica

Segunda-feira é sempre tido como um dia de muita agitação por parte dos alunos e por isso mesmo alguns não estavam a tomar atenção ao que estava a ser dito pela minha colega. Acho que a estratégia utilizada, na minha opinião, também não foi a melhor, pois os alunos estiveram muito tempo parados, só a ouvir. Aharoni (2012) refere que um

orador tal como um professor “pode falar durante horas” mas se este “não prender activamente a sua audiência, ela cansar-se-á rapidamente. Ouvir não é tão passivo como se pensa.” (p.86)

Desta vez a leitura foi realizada em silêncio pelos alunos e só depois é que a professora fez a leitura modelo. A professora optou uma estratégia diferente, o que na minha humilde opinião, é bom, pois os alunos não se devem acomodar as estratégias utilizadas na sala de aula e o professor deve mudar. Jesus (2008) refere que o que é “importante é o professor ter uma perspectiva global das hipóteses de trabalho ou estratégias possíveis para poder decidir por aquela que considere mais adequada num determinado momento.” (p.29).

No final da leitura modelo foi feita a avaliação da leitura. Viana (2009) diz que uma das maneiras de avaliar a leitura “consiste no **Registo de Observação de Leitura** efectuado pelo professor durante as aulas. Geralmente não se controlam as condições da observação e o aluno não tem consciência de que está a ser avaliado.” (p.46). Nesta situação os alunos tinham plena consciência de que estavam a ser avaliados.

Terça-feira, 15 de janeiro de 2013

Neste dia as aulas da manhã foram lecionadas por mim.

Comecei pela área de Estudo do Meio onde apresentei um *Powerpoint* sobre as instituições sociais e posteriormente fiz um jogo de adivinhas sobre o que tinha sido falado.

Na aula de Matemática trabalhei com o material *Calculadores Multibásicos*, onde resolvemos algumas situações problemáticas e ensinei a Prova Real da Operação Inversa da Subtração.

Antes do almoço, na aula de Português, entreguei um texto. Realizámos a leitura, coloquei algumas perguntas de interpretação e introduzi os pronomes pessoais através de palavras móveis.

Inferências e fundamentação teórica

Para lecionar a aula de Estudo do Meio utilizei um suporte digital, o que facilita imenso na transmissão de conhecimentos, pois sempre que falamos sobre algum tema podemos mostrar imagens. Estanqueiro (2012) menciona que “os recursos multimédia servem como instrumentos para ampliar a capacidade de comunicação do professor e não como varinhas mágicas, truques espectaculares, para disfarçar a falta de conhecimentos.” (p.37). Os alunos não sabiam o que eram instituições sociais por isso

comecei por desvendar o significado destas duas palavras através dos conhecimentos dos alunos e claro do dicionário. No final realizei um jogo com pistas.

Em relação à aula de Matemática, com o material *Calculadores Multibásicos* fiz sempre interdisciplinaridade com a área de estudo do meio.

Elaborei algumas histórias para os alunos resolverem situações problemáticas e posteriormente para realizarem a prova. No ensino da matemática Aharoni (2012) diz que o professor deve contar histórias nas aulas de matemática e que “devemos ser capazes de inventar essas histórias” pois “ A capacidade de o fazer é um verdadeiro teste ao entendimento do significado da operação aritmética.” (p.51). As histórias são uma das muitas estratégias para que o aluno decifre qual é operação que vai realizar sem que o nome da mesma esteja explícito.

Antes da hora do almoço entreguei um texto a cada aluno, onde fiz a leitura modelo, pedi para alguns alunos lerem e fiz a interpretação do mesmo.

Viana (2009) refere que é importante que os alunos compreendam o que leram pois

nos anos iniciais do 1.º ciclo as crianças tendem a olhar o mundo só através dos seus olhos, tendo dificuldades em colocar-se na perspectiva do outro, necessária para identificar o que de mais importante o autor de um texto quer transmitir. Assim, têm tendência a considerar como informação mais relevante aquela que mais facilmente conseguem integrar nos seus esquemas cognitivos e/ou aquela que, em função dos seus interesses, vivências ou afectos, é mais significativa. (p.36)

No final distribuí um saquinho com palavras móveis para os alunos construírem frases e um saquinho com pronomes pessoais para os alunos substituírem o grupo nominal pelos pronomes. Esta estratégia que utilizei foi bastante produtiva pois os alunos compreenderam logo o que tinham que realizar, o que eram pronomes e quando se utilizam.

Sexta-feira, 18 de janeiro de 2013

A manhã de aulas foi lecionada por uma colega de estágio. Falou sobre os verbos na aula de Português, a Matemática falou sobre simetrias com o material *Geoplano* e na aula de Estudo do Meio, no ginásio da escola, falou sobre os itinerários.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de Matemática e com este material é possível realizar e observar diferentes figuras geométricas, se bem que inicialmente, as crianças representam livremente. Caldeira (2009a) menciona que “os geoplanos são utilizados com elásticos de várias

cores e podem ser complementados por papel ponteadado quadriculado, isométrico e triangular.” (p.410).

Começou por falar sobre as simetrias e o que eram, partindo sempre dos conhecimentos já adquiridos pelos alunos. Pediu para dividirem a placa em duas partes porque iam fazer representações e respetivas simetrias. Ao longo da aula foi sempre clara, concisa e deu indicações claras e objetivas. No final deixou os alunos fazerem uma representação ao seu gosto e respetiva simetria, alguns foram ao quadro dizer o que tinham feito. Estanqueiro (2012) refere que uma apresentação oral, mesmo que seja breve, “permite confirmar se o aluno domina ou não o assunto, se é ou não o verdadeiro autor do trabalho, se revela ou não espírito crítico. Além disso, desenvolve a capacidade de falar em público com autoconfiança.” (p.90).

A aula de Estudo do Meio foi diferente, os alunos foram para o ginásio, onde já estavam colocadas caixas com algumas instituições desenhadas. Os alunos observaram e a partir daí surgiu o tema da aula. No decorrer foi exemplificando o que eram itinerários solicitando aos alunos para seguirem as indicações que eram dadas. O inverso também aconteceu, os alunos realizaram um trajeto, à escolha, e depois tinham de referir o ponto de partida e de chegada.

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013

Neste dia cheguei à escola um pouco mais tarde do que o costume. Quando cheguei os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico estavam todos no ginásio para assistirem a um musical intitulado “Secret Lie”.

Quando regressaram para a sala a professora esteve a fazer revisões gramaticais para o teste e ensinou-os a fazer a análise morfosintática da classe do verbo.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a apresentação desta banda os alunos estavam entusiasmados e com a máxima atenção. Apesar da banda cantar em inglês os alunos gostaram.

A música está muito presente na nossa sociedade, desde pequenos que estabelecemos ligação com a mesma, quer seja na escola, em casa ou mesmo até no carro quando vamos a caminho da escola.

As crianças de hoje em dia sabem de cor das músicas que são cantadas na escola e fora dela. Cordeiro (2010) refere que por vezes ao aprenderem novas canções as crianças querem surpreender os professores, “É bom também poderem surpreender os outros porque sabem esta ou aquela canção, valorizando as aquisições feitas fora do jardim-de-infância, e regando o canteiro da sua auto-estima.” (p.373).

Ao longo do estágio quando os alunos estavam no recreio, muitas das vezes, principalmente as meninas, organizam-se em pequenos grupos, fazem coreografias e cantam as músicas que são êxitos no momento. O mais engraçado é que após os exaustivos ensaios no recreio vão ter com as estagiárias para mostrarem o que ensaiaram.

Terça-feira, 22 de janeiro de 2013

Durante a manhã estiveram a fazer a leitura e interpretação do texto: “As aventuras de uma flauta.” O resto da manhã foi dedicado às revisões para o teste.

Inferências e fundamentação teórica

A manhã não foi muito diferente das outras quando é realizada a leitura e interpretação de um texto. A professora fez a leitura modelo e de seguida foi a vez dos alunos. Na minha opinião o facto de o professor fazer a leitura modelo pode influenciar a leitura do aluno, pois o professor é um modelo a seguir e muitos querem “imitar” o que o professor faz. Borràs (2001b) mostra que “o exemplo de uma boa leitura por parte do professor oferecerá estratégias claras a seguir pelo aluno (entoação, ritmo, ênfase e outras) (...)” é aconselhável que “o docente leia primeiro o texto que o aluno deverá ler em seguida.” (p. 366).

Desta vez a professora utilizou uma estratégia para verificar se os alunos estiveram com atenção ao que tinham lido, por isso, pediu para virarem a folha e perguntou quantos parágrafos tinha o texto, qual era o nome das personagens entre outras coisas.

A memória apresenta três estágios, a codificação, o armazenamento e a recuperação. Estes três estágios devem ser desenvolvidos e trabalhados nos primeiros anos de vida para que no futuro os alunos não venham a ter problemas de memória. Neste exercício os alunos armazenaram a informação contida no texto e de seguida tiveram que fazer uma recuperação, ou seja segundo Gleitman (2002) a recuperação é “o momento em que o indivíduo “tenta lembrar-se”, extrair um determinado traçado mnésico de entre todos os outros que armazenou.” (p.319).

Ao realizar este tipo de estratégia deu para ver que os alunos não estavam à espera, pois ficaram um pouco atrapalhados mas divertidos. No final gostaram e até disseram à professora para o repetir mais vezes.

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013

Hoje um colega de estágio ia lecionar uma aula programada, mas como não foi logo às 9h a professora aproveitou o tempo para ler uma história e resolveram algumas operações.

A minha colega falou sobre os cuidados a ter nas praias e piscinas, entregou um texto onde realizaram a leitura e uma breve interpretação e a matemática realizou situações problemáticas com o apoio do material *Calculadores Multibásicos*.

Inferências e fundamentação teórica

O facto de a professora ter lido a história foi enriquecedor para os alunos pois quando lê estimula os alunos para o ato de ler. Segundo Nelso (citado por Spodek e Saracho, 1998) quando as crianças ouvem histórias “desenvolverem padrões sofisticados de linguagem e as motiva a experimentar com a sua própria linguagem oral e escrita.” (p. 245). Para além de motivar os alunos a lerem e a escreverem as suas próprias histórias, estas são um precioso para fazer com que os alunos “transportem” para o mundo mágico, assim estimulamos a imaginação e gosto pela leitura.

Pouco tempo depois foi a vez da colega lecionar a aula, e posso dizer que gostei da sua prestação, pois estava bastante sorridente, divertida, descontraída e dinâmica. O dinamismo é fundamental para que os alunos não percam o entusiasmo e fiquem horas a ouvir-nos a falar. Estanqueiro (2012) refere que “O prazer de ensinar revela-se em certos sinais de comunicação: postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gestos vivos, contacto visual com os alunos, brilho nos olhos e bom humor.” (p.32). Era notório que, a minha colega, estava confiante do que estava a dizer aos alunos.

Ao longo da aula, outros assuntos foram surgindo, afinal os alunos são sabedores de muita informação. Com isto quero dizer que um professor deve dar asas à interdisciplinaridade.

Terça-feira, 5 de fevereiro de 2013

O estágio já terminou, mas por ter chegado um pouco atrasada no passado dia 21 de janeiro, fui compensar esse tempo.

Os alunos resolveram alguns exercícios de aplicação de matemática, leitura de números e operações, e antes do intervalo da manhã estiveram a realizar situações problemáticas com frações.

Inferências e fundamentação teórica

Esta manhã foi dedicada à matemática, os alunos resolveram alguns exercícios de aplicação e situações problemáticas. Pozo (1998, citado por Caldeira, 2009a) menciona que “há distinção entre problema e exercício. No exercício utilizamos mecanismos que nos levam, de forma imediata à solução.” (p.105) enquanto que um problema afirmado por Lester (1983, citado por Caldeira, 2009a), “é uma situação que um indivíduo ou um grupo quer ou precisa resolver e para a qual não dispõe de um caminho rápido e directo que o leve à solução.” (p.105).

Na resolução dos problemas os alunos demoraram mais tempo, pois como já foi referido os problemas requerem que o aluno desvende o mecanismo de resolução e escolha o “caminho” mais apropriado para a sua resolução.

Este foi o meu último dia de estágio nesta sala e por consequência do Estágio Profissional. A dedicação que a professora mostrou pelos alunos e até mesmo pelas estagiárias que estagiaram na sua sala foi adorável. Senti-me muito bem e aprendi imenso. Mais uma vez foi compensador para a minha formação.

Espero sinceramente vir a ser uma boa profissional como algumas educadoras/professores com quem tive o privilégio de estagiar.

Capítulo 2
Planificações

Descrição do capítulo

O presente capítulo prende-se com o tema da planificação. Inicialmente irei fundamentar teoricamente a existência das planificações, assim como o porquê e o para quê planificar. Será também aprofundado o Modelo T de Aprendizagens, de Martiniano Perez, pois este, é o modelo utilizado nas planificações das escolas onde estagiei.

Neste capítulo serão apresentados quatro planos de aula de diferentes áreas curriculares, (dois de Matemática, um de Conhecimento do Mundo e um Português), relativos às aulas que foram lecionadas por mim, sendo que se procurará fundamentar as estratégias e a escolha de materiais utilizados nas aulas.

2.1. Fundamentação Teórica

Para os educadores e professores as planificações são essenciais para a organização de conteúdos e procedimentos. Torna mais fiável o seu trabalho e, cada um terá o seu tipo de planificação que reflete a forma como estes encaram cada processo de ensino/aprendizagem. Arends (1999) refere que os primeiros planificadores e teóricos do currículo, como Ralph Tyler (1950), Mager (1962, 1984), Popham e Baker (1970) e Gagné e Briggs (1979) defendiam a ideia que uma boa planificação tinha que ter por base objetivos de ensino cuidadosamente especificados e, as atividades propostas visavam cumprir esses mesmos objetivos.

Segundo Escudero (1982, citado por Zabalza, 2000):

diz-nos tratar-se de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar (pp.47-48)

Para o mesmo autor, planificar é: “(...) converter uma ideia ou um propósito num curso de ação (p.48)

Segundo Zabalza (2001, citado por Braga, Vilas-Boas, Alves, Freitas e Leite ,2004) mencionam que as planificações podem ter várias perspetivas (construtivista, linear, conceptual e planificação em projeto):

(...) na perspectiva construtivista a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que proporcionem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender. (p.27)

No que diz respeito à perspectiva linear, salientam que este modelo de planificação se baseia nos princípios definidos pelas teorias técnicas, e dá grande ênfase aos objetivos e metas a alcançar. Estes devem descrever o resultado que se pretende que os alunos obtenham, sendo por isso um tipo de pedagogia virada para a mestria, que pretende consciencializar e objetivar as aprendizagens a fazer (p.29). Em relação às planificações conceptuais, referem que esta deverá de traçar objetivos a longo prazo, devendo ainda ser criadas situações e atividade que permitam a evolução das representações dos alunos, para que estas se aproximem o melhor possível dos objetivos, passando por diversos níveis de integração. Por último, planificação em projeto, pressupõem:

1. Valorizar a transversalidade dos objectivos, a formação integral do aluno, o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e académicas (relacionadas com a comunicação e resolução de problemas);
2. Inter-relacionar o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
3. Adoptar um conceito alargado de conteúdo, que englobe os conteúdos procedimentais, atitudionais e os habituais conteúdos conceptuais;
4. Organizar os conteúdos em temas-problema integradores, em função das competências a desenvolver, fazendo ressaltar conexões entre os vários temas, entre os saberes e as competências de diferentes disciplinas e entre a escola e o meio;
5. Integrar a avaliação no processo de ensino aprendizagem, enquanto dinâmica contínua de reflexão e de identificação das representações;
6. Orientar a avaliação educativa com base no diagnóstico das representações prévias, dos processos de aprendizagem e dos estados de desenvolvimento dos alunos;
7. Praticar uma avaliação concebida em três eixos de orientação: autoconsciencialização dos desempenhos, co-avaliação pelos colegas daturma e meta-avaliação pelo professor;
8. Atribuir significado às informações recolhidas, investigando-as e recontextualizando-as;
9. Tomar decisões avaliativas coerentes com a modalidade (formativa vs sumativa), com as suas finalidades (classificar vs consciencializar), funções (certificar vs regular), referenciais (norma vs critério), tipo (papel e lápis vs desempenho de tarefas) e escalas (descritivas, qualitativas e quantitativas). (p.32)

Existem diversas razões para se realizarem planificações, e por isso mesmo, Pérez (s.d.), refere três razões essenciais para planificar com o intuito de “satisfazer as próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava” (p.48), para Braga *et al.* (2004) “(...) o modelo de planificação seguido é importante, pois reflecte a maneira como foi concebida a aula (...)” (p.26)

As planificações baseadas no Modelo T pretendem agrupar os objetivos fundamentais e complementares com Conteúdos Conceptuais e Métodos/Procedimentos. De acordo com Pérez e López (2001), a leitura do modelo T efetua-se de cima para baixo e da esquerda para a direita, de acordo com o seguinte princípio: os conteúdos e os

métodos enquanto atividades orientadas para o desenvolvimento de capacidades – destrezas e de valores – atitudes.

Nos objetivos aparecem as Capacidades/Destrezas e as Atitudes/Valores, isto será obtido com o progresso dos alunos. Pérez e López (2001) salientam que o Modelo T “trata de articular de uma maneira sintética e global os conhecimentos, procedimentos-métodos, as capacidades – destrezas e os valores – atitudes de uma área o assunto, o de uma unidade de aprendizagem.” (p.104). Os mesmos autores ainda referem os objetivos das capacidades e valores, “Indicam sempre capacidades (elementos cognitivos) e os valores (elementos afectivos). O seu nível de generalidade é a capacidade (cognição geral) e o valor (afecto geral) e não na generalidade dos conteúdos ou método.” (p.104), em relação às destrezas e atitudes “Indicam as destrezas (objectivos cognitivos) e atitudes (objectivos afectivos) e surgem para decompor as habilidades e valores em elementos concretos.” (p.105). No quadro 11 está representado um modelo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Quadro 11 - Planificação baseada no Modelo T de aprendizagem

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/ Métodos	
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Atitudes e Valores	

As planificações não podem ser elaboradas sem conceitos para que façam sentido. Pérez (s.d.) refere alguns conceitos prévios que se deve ter em conta quando se realizam planificações:

- Capacidade: Habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo;
- Destrezas: Habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade;
- Atitude: Predisposição estável face a ... cujo componente fundamental é afectivo. Um conjunto de atitudes constitui um valor;

- Valor: Estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. Uma constelação de atitudes associadas entre si constitui um valor. A componente fundamental de um valor é afectiva;
- Conteúdo: É uma forma de saber. Existem dois tipos fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber sobre feitos (conteúdos factuais);
- Método/procedimento: consta das capacidades e valores de um aprendiz. (p.7)

Através destes conceitos podemos concluir que estes pontos são de extrema importância para se realizar uma aula, e, tal como se pode verificar na figura 71, (Román e Diez, 1994b, 22 citado em Pérez, s.d.) há uma interligação entre todos os conceitos.

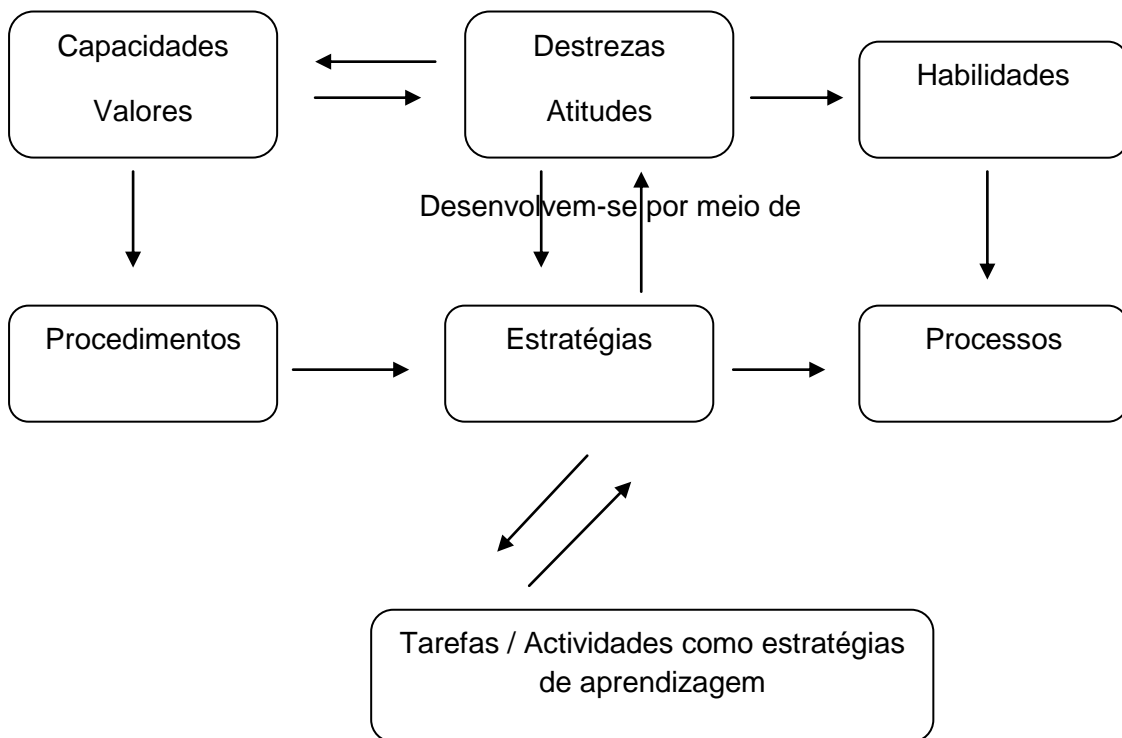


Figura 71 – Programação por capacidades e valores (Román e Diez, 1994b, 22 citado em Pérez, s.d.)

Em relação às planificações realizadas durante o Estágio, são apenas uma adaptação do modelo original, pois, apenas planificamos para 20/30 minutos ou então 60 minutos, o que vai contra a opinião do autor. Pérez estabelece 6 semanas como um limite mínimo para uma planificação curta. Arends (1999) refere que “Normalmente, os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizadas para os alunos, os

materiais necessários e os processos de avaliação.” (p.59). Pérez e Lopéz (2000) realçam que “um Desenho Curricular consta de programações ou planificações longas (um curso ou ano escolar) e curta (mínimo três, máximo seis por ano ou curso.”(pp.418 – 419)

Para concluir, passo a citar Zabalza (2000), que refere que “ao fazer a programação, adoptam-se decisões relativas a conteúdos, métodos, recursos, prioridades, etc. elegem-se uns como mais adequados e deixem-se de lado outros” (p.97). Na minha opinião o facto de termos realizado planificações para as aulas foi bastante produtivo, assim preparámos as atividades e os passos que deveríamos seguir durante as aulas lecionadas. Também saliento que os educadores/professores não se devem limitar ao simples facto de realizarem planificações, devem colocá-las em prática, tal como referem Braga *et al.* (2004):

É necessário salientar que o facto de se elaborar um plano, é tão importante quanto é importante ser-se capaz de o pôr de lado. Uma aula deve “acontecer”, ser viva e dinâmica, onde a trama complexa de inter-relações humanas, a diversidade de interesses e características dos alunos não pretende ser um decalque do que está no papel. (p.29)

As planificações consistem na preparação prévia de um plano de ação, que visa a atingir vários fins. Estas, após serem postas em prática devem ser alvo de análise e reflexão para posteriormente serem melhoradas e aperfeiçoadas. No entanto, cabe ao docente ter a capacidade de as alterar sempre que necessário.

2.2. Planificações em quadro

2.2.1. Planificação da área curricular de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita

No quadro 12 apresento a Planificação que elaborei para a aula lecionada no Bibe Amarelo.

Quadro 12 – Planificação da Área da Expressão e Comunicação, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

<u>Plano de Aula</u>		
Bibe: Amarelo		Aluna: Daniela Almeida
Data: 11-10-2011		N.º 8
Duração: 45 minutos		Turma: A
Área: Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Os cinco sentidos: <ul style="list-style-type: none"> • A visão 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentar as crianças em U viradas para o fantocheiro; • Realizar um teatro de fantoches sobre a visão e a sua importância sob a forma de história: <ul style="list-style-type: none"> • Abordar o tema a visão, pois o fantoche não tem olhos; • Falar sobre três cores e fazer associações (amarelo, verde e encarnado). 	
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Atitudes e Valores
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão Oral -Enriquecimento do Vocabulário • Compreensão -Observar -Reconhecer -Relacionar 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito -Saber ouvir -Considerar os outros • Responsabilidade - Atenção -Cooperação 	
Recursos: Fantoche feito em goma eva.		
(Baseado no modelo T de Aprendizagem) Plano de aula sujeito a alterações		

Esta planificação contempla a Área da Expressão e Comunicação Abordagem à Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tal como as próximas planificações, está inserida no âmbito de uma aula programada para uma manhã de estágio. Esta aula ocorreu no dia 11 de outubro de 2011 e o tema geral era a Visão. Neste dia todas as crianças do Bibe Amarelo estavam presentes e esta atividade demorou aproximadamente 45 minutos.

Inferências e Fundamentações Teóricas

No início do ano as educadoras começam por abordar o tema: o corpo humano, por isso mesmo foi-me proposto lecionar uma aula sobre a visão. Na área de estimulação à leitura fiz um pequeno teatro de fantoches, onde falei sobre a importância da visão, cuidados a ter e crianças invisuais. No plano de aula os Procedimentos / Métodos utilizados estão a negrito.

- **Sentar as crianças em U viradas para o fantocheiro;**

Visto que a sala de aula tem um pequeno colchão em U, optei por aproveitar esse espaço e sentar as crianças no mesmo. Assim, apenas, coloquei o fantocheiro à frente do colchão para que todas tivessem boa visibilidade.

- **Realizar um teatro de fantoches sobre a visão;**

Para não ler uma história, que é o que acontece sempre que trabalham a estimulação à leitura, fiz uma pequena representação com fantoches, o que, de acordo com Pereirinha e Lopes (2007), é importante pois “os fantoches, contribuem para desenvolver a fantasia, a imaginação e a liberdade de expressão. Os mesmos autores ainda salientam “(...) através da sua vincada vertente lúdica, constituem um incontornável instrumento para se cumprir a importância pedagógica de uma atividade centrada na partilha, na aprendizagem participada e comprometida” e “ainda numa pedagogia da envolvimento que passa por todos estarem empenhados na realização de actos que levam todos os participantes a evoluírem nos planos social, cultural e educativo” (pp.44-45). Os fantoches são bastante apelativos nesta faixa etária, pois as crianças ficam bastante atentas. Nunca tinha realizado um teatro de fantoches, sozinha, e apesar de ter decorrido bem é bastante difícil controlar a turma, pois não conseguimos ver como estão a reagir. Uma das táticas que utilizei foi aparecer na parte de cima do fantocheiro e colocava perguntas relacionadas com a história. Desta forma fui mantendo contacto visual com as crianças e mantendo a disciplina em sala de aula.

- **Abordar o tema a visão, pois o fantoche não tem olhos;**

Como já foi referido, ao longo da história, ia falando sobre a importância da visão, cuidados a ter e crianças invisuais. O fantoche não tinha olhos, mas para falar sobre crianças invisuais achei que a melhor opção seria mesmo essa. Lowenfeld (1871, citado por Sousa, 2000) refere que “O alcance das suas experiências e conhecimentos aumentará a todo o momento se tiver liberdade e se for ajudada em brincadeiras simples.” (p.87). Com esta citação quero dizer que todas as crianças conseguem adquirir conhecimentos e ter brincadeiras, e por isso acho que este assunto deve ser abordado nos primeiros anos para que futuramente se estas crianças tiverem um colega invisual na sala de aula estarem aptas para o receberem.

- **Falar sobre três cores e fazer associações (amarelo, verde e encarnado);**

Uma das primeiras coisas que aprendemos na infância são as cores e segundo Striker (2001), “aprender a reconhecer e nomear cores é uma habilidade útil na vida, mas não deve ser apenas o ponto de um projeto.” (p.139), com esta citação o autor quer dizer, no meu ponto de vista, que não nos devemos limitar apenas a ensinar este tópico que devemos ensinar muito mais.

Ao falar sobre as cores com as crianças pude aproveitar os conhecimentos que já tinham sobre estas, associar a objetos, frutos e alimentos no dia a dia e assim enriquecer o vocabulário e a capacidade de comunicação.

Esta foi a primeira aula que lecionei neste Bibe e no geral acho que decorreu bem. Gostei bastante de estar à frente da turma e de dar esta aula. Como aspetos positivos posso salientar:

- bom material;
- boa voz e inflexões adequadas;
- bom ritmo e dinamismo;
- correta gestão do tempo;

Em relação aos aspetos a melhorar acho que deveria de ter finalizado a história fazendo logo a ligação com a área seguinte, pois senti uma quebra de ritmo quando a terminei.

2.2.2. Planificação da área curricular de Domínio da à Matemática

A segunda planificação corresponde a uma aula que lecionei no Bibe Azul a 23 crianças com a duração de 45 minutos. Esta aula foi dada no dia 6 de fevereiro de 2012 conforme se pode ver no quadro 13.

Quadro 13 – Planificação da Área de Domínio da Matemática

<u>Plano de Aula</u>		
<p>Idade: 5 anos</p> <p>Data: 06-02-2012</p> <p>Duração: 45 minutos</p>	<p>Aluna: Daniela Almeida</p> <p>Ano: MEPE1CICLO</p> <p>Turma: A N.º8</p>	
Área: Domínio da Matemática		
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Itinerários <p>(estruturação espacial)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar a atividade com as crianças sentadas nos seus lugares; • Distribuir uma caixa de Cuisenaire por cada mesa para fomentar o trabalho de pares; • Elaborar um itinerário com as peças de Cuisenaire através das indicações dadas para trabalharem a estruturação espacial; • Retirar as peças e colorir os espaços de acordo com a cor da peça. 	
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Atitudes e Valores
<ul style="list-style-type: none"> • Orientação espacial: <ul style="list-style-type: none"> - Ordenar. • Manipular: <ul style="list-style-type: none"> - Medir. - Construir. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rigor: <ul style="list-style-type: none"> - Precisão. • Criatividade: <ul style="list-style-type: none"> -Explorar 	
<p>Recursos: Caixas de Cuisenaire, folhas, lápis de cor, papel de cenário e barras de cartolina coloridas para representar as peças do Cuisenaire.</p>		
<p>(Baseado no modelo T de Aprendizagem) Plano de aula sujeito a alterações</p>		

Inferências e Fundamentações Teóricas

- **Realizar a atividade com as crianças sentadas nos seus lugares;**

Segundo as OCEPE (ME, 2009), “a organização e utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica de grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais” (p.37). Ao estarem sentadas nos seus lugares permite que interajam com os colegas, facilmente chegam ao meio da mesa, estão mais concentradas e quem dá a aula consegue circular e ter um maior controle da turma.

- **Distribuir uma caixa de Cuisenaire por cada mesa para fomentar o trabalho de pares;**

Ao distribuir uma caixa por cada mesa, fez com que os alunos tivessem que trabalhar em grupo. Nesta idade é muito importante que as crianças aprendam a trabalhar em conjunto para que no futuro tenham a capacidade de transmitir e partilhar mensagens, produtos e descobertas com outras pessoas. Ao trabalharem em conjunto, segundo Doise e Mugny (1981, citado por Almeida, 2000):

Nestas interações as crianças aprendem a conhecer os pensamentos dos outros, a reconhecer e a lidar com as emoções, a inferir acerca dos motivos que subjazem aos comportamentos sociais e a ser capazes de compreender as intenções que estão associadas ao seu próprio comportamento e ao dos outros. (p.18)

O autor ainda considera que esta estratégia ajuda e prepara a criança para a vida em sociedade. Pelo facto de manipularem o material e de poderem realizar descobertas com os pares ajuda-os a tornarem-se mais desinibidos e confiantes.

- **Elaborar cum itinerário com as peças de Cuisenaire através das indicações dadas para trabalharem a estruturação espacial;**

Quando as crianças elaboram itinerários com as peças de Cuisenaire para além de trabalharem a motricidades fina treinaram as orientações espaciais e o cálculo. As indicações dadas para realizarem o itinerário foram feitas através de uma história. Lahora (2008) indica que:

é importante que a criança esteja motivada para realizar tarefas lógico-matemáticas. Deste modo, é bom aproveitar qualquer centro de interesse (um conto, uma canção...) para as integrar. Estas actividades já são, por si só, motivadoras, porque incidem nos fundamentos do pensamento infantil, nos seus

interesses, mas porque também é o caso, precisam de ser estimuladas e estimuladoras (p.14).

No final de todas as crianças terem realizado o itinerário pedi para me dizer um itinerário com menos peças, um que fosse mais pequeno e outro que fosse maior. Antes de me darem as respostas as crianças, a pares, pensavam noutras hipóteses de itinerários.

- **Retirar as peças e colorir os espaços de acordo com a cor da peça**

No final da aula, os alunos retiraram peça a peça da folha de papel e coloriram as quadrículas com as respetivas cores das peças. Assim, para além de explorar conteúdos matemáticos ficaram com um registo desta aula.

Para finalizar posso referir que foi uma aula bastante produtiva e divertida, As crianças estavam concentradas e empenhadas no que estavam a fazer. Em relação aos aspetos positivos posso dizer que fiz interdisciplinaridade com a área de Conhecimento do Mundo, trabalhei a noção de par e ímpar, menor e maior, fui dinâmica e disciplinadora, circulei pela sala de aula, tive um bom ritmo e fiz uma boa gestão do tempo. Nos aspetos a melhorar deveria ter criado mais situações desafiadoras em virtude de a maioria dos alunos a realizar as tarefas com muita facilidade.

Constatei também que não é fácil olhar para todas as mesas e ajudar uma ou outra criança com mais dificuldades sem quebrar o ritmo.

2.2.3. Planificação da área curricular de Estudo do Meio

No quadro 14 apresento a planificação da aula que lecionei no 3.º ano, no dia 25 de maio de 2012, a 21 alunos com a duração de 60 minutos.

Quadro 14 – Planificação da Área de Estudo do Meio – História de Portugal

<u>Plano de Aula</u>		
<p>Ano: 3.º ano</p> <p>Data: 25-05-2012</p> <p>Duração: 60 minutos</p>	<p>Aluna: Daniela Almeida</p> <p>Ano: MEPE1CICLO</p> <p>Turma: A</p> <p>N.º7</p>	
Área: Estudo do Meio – História de Portugal		
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Revisão da 1.ª Dinastia 	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula na sala com os alunos sentados; • Referir que vamos realizar um jogo de equipas no ginásio da escola; • Formar quatro equipas; • Estabelecer as regras do jogo “The Game of Kings”; • Levar os alunos até ao ginásio; • Sentar os alunos nos lugares previamente estabelecidos; • Distribuir por cada grupo um pequeno livro com um texto de cada rei da 1.ª Dinastia para servir de apoio; • Jogar (responder às questões, num pequeno placard, que serão distribuídas ao longo da aula); • Verificar as respostas e fazer em simultâneo a revisão da 1.ª Dinastia; • Distribuir um diploma de participação aos alunos. 	
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Atitudes e Valores
<ul style="list-style-type: none"> • Orientação Espacial <ul style="list-style-type: none"> - Localizar - Referenciar • Expressão oral <ul style="list-style-type: none"> - Leitura compreensiva - Agilidade de expressão 	<ul style="list-style-type: none"> • Convivência <ul style="list-style-type: none"> -Participação -Entreajuda • Tolerância <ul style="list-style-type: none"> -Saber escutar -Apoio mútuo 	
<p>Recursos: Coroas em <i>musgami</i>, 4 placards, 4 marcadores e diplomas de participação.</p>		
<p>(Baseado no modelo T de Aprendizagem) Plano de aula sujeito a alterações</p>		

Inferências e Fundamentações Teóricas

- **Iniciar a aula na sala com os alunos sentados;**

Neste dia lecionei a manhã inteira, e como a última área a ser lecionada foi a de Estudo do Meio – História de Portugal, os alunos quando regressaram do intervalo sentaram-se novamente nos respetivos lugares, para de seguida falar com eles sobre o que ia acontecer no ginásio. Desta forma motivei-os e preparei-os para a estratégia que escolhi.

- **Referir que vamos realizar um jogo de equipas no ginásio da escola;**

Quando referi que íamos para o ginásio realizar um jogo, ficaram logo entusiasmados. Brotto (1999) refere que “o jogo deve ser aplicado na escola com fins pedagógicos, auxiliando no processo educacional de crianças entre quatro e catorze anos, pois, permite um desenvolvimento integral dos alunos. Nesta faixa etária, os jogos cooperativos favorecem o desenvolvimento cognitivo (atenção, memória, raciocínio e criatividade); afetivo-social (relações humanas) e o desenvolvimento motor (aspectos biológicos e a aprendizagem de atividades básicas e específicas).” As aulas não devem ser apenas teóricas, mas sim lúdicas e divertidas, para que os alunos aprendam melhor.

- **Formar quatro equipas;**

Visto que a escolha de grupos numa sala de aula é extremamente importante na aprendizagem cooperativa, como já referi os grupos foram escolhidos por mim. Caso fosse sorteio possivelmente não ficariam equilibrados, e é claro que tentei ao máximo formar grupos heterogéneos, pois, segundo Freitas e Freitas (2002), os trabalhos que são elaborados em grupo, nomeadamente por “grupos heterogéneos estimularão os menos aptos e não prejudicarão os melhores, para além de não permitirem o isolamento social dos primeiros (...).” (p.17). Os mesmos autores ainda reforçam que “a formação dos grupos é um ponto central para quem quer implementar a aprendizagem cooperativa nas suas aulas.” (p.37).

- **Estabelecer as regras do jogo “The Game of Kings”;**

Escolhidos os grupos, e antes de ir para o ginásio há que estabelecer regras, pois para que tudo corra bem as regras têm de ser explícitas e claras para que não haja mal entendidos. Wiertsema (1998) refere que para que o aluno compreenda aquilo que tem que fazer o professor “deve explicar o jogo de forma simples e concisa, para que

facilmente os jogadores aprendam e possam começá-lo.” e “exprima-se com clareza acentuando, através da entoação de voz, os pontos mais importantes do jogo” (p.18). Durante a explicação fui clara e concisa, pois durante o jogo não surgiram dúvidas e realizaram-no corretamente. A escolha desta estratégia prendeu-se com o meu interesse em fomentar o trabalho de equipa e ainda com o facto de querer proporcionar uma aula diferente das que estão habituados.

- **Levar os alunos até ao ginásio;**

Depois de estabelecer as regras fui com os alunos para o ginásio da escola, pois na minha opinião, às vezes, é bom sair do ambiente sala de aula, ir para um local onde os alunos não costumam ter aulas, a não ser as atividades como Expressão Motora e Musical.

- **Sentar os alunos nos lugares previamente estabelecidos;**

Enquanto os alunos estavam no recreio preparei o espaço e o material.

No ginásio, os alunos sentaram-se nos lugares estabelecidos e eu exemplifiquei o que tinha sido explicado na sala de aula. Wiertsema (1998) diz que é importante que o professor exemplifique, ou seja, tem que se colocar “nas posições iniciais e dê-lhes um exemplo elucidativo, ou deixe que alguns jogadores façam a demonstração.” (p.18). Para verificar se tinham entendido, depois de exemplificar pedi a um aluno para fazer o mesmo.

- **Distribuir por cada grupo um pequeno livro com um texto de cada rei da 1.^a Dinastia para servir de apoio;**

Este texto era de apoio, pois há medida que os alunos respondiam às questões podiam consultar o pequeno livro para tirarem dúvidas e selecionarem informações, tal como referem Freitas e Freitas (2002), “a investigação desenvolve-se a partir do momento em que o professor coloca um problema desafiador e multifacetado. A iniciativa dos alunos é valorizada quer na sua selecção de fontes quer nas questões formuladas nas respostas encontradas.” (p.52), além do mais neste tipo de atividade são evidentes “quatro características neste método: investigação, interacção, interpretação e motivação intrínseca.” (p.52). Os alunos tinham que responder às questões que eram colocadas a partir da interpretação do texto. A título de curiosidade indico algumas: “Em que ano foi assinado o Tratado de Zamora e em que consistia esse tratado?”, “Refere o nome e data

da batalha em que os exércitos de D. Afonso Henriques confrontaram os da sua mãe?” e “Em que ano subiu ao trono o segundo rei de Portugal? Refere o seu nome e cognome.”

- **Jogar (responder às questões, num pequeno placard, que serão distribuídas ao longo da aula);**

As crianças adoram realizar jogos. Cortez (1998) salienta que o “conceito de jogo deve de ser entendido aqui com o sentido que vulgarmente lhe é atribuído. Todas as crianças gostam de jogar e é evidente a alegria e boa disposição sempre que os jogos são encarados pelos participantes com uma atitude saudável.” (p.17). O mesmo autor ainda refere que jogar trás enúmeras vantagens:

- permite um percurso diferente para alcançar objetivos;
 - promove a participação dos alunos mais tímidos ou com dificuldades;
 - facilita a inclusão;
 - promove o espírito de equipa e de entre – ajuda;
 - favorece a interação entre alunos e entre estes e o professor;
 - desenvolve a capacidade de concentração;
 - exercita a descodificação de mensagens;
 - promove a interiorização e respeito de regras estabelecidas;
 - familiariza os alunos com situações de vitória, mas também de derrota.
- (pp.17-18)

- **Verificar as respostas e fazer em simultâneo a revisão da 1.^a Dinastia;**

Depois de todos os grupos responderem às questões propostas fiz a correção das mesmas oralmente. Os alunos iam respondendo e em grupo íamos todos corrigindo. No final distribuí **um diploma de participação aos alunos.**

Geralmente no final dos jogos existem os vencedores e os vencidos, mas neste caso não houve vencidos, pois fui equilibrando as pontuações de maneira a que ficassem todos empatados, pois considerei que o mais importante era valorizar a participação e o comportamento.

Gostaria de referir que foi a primeira vez que lecionei uma aula de História de Portugal e posso dizer que adorei. Controlei a disciplina no ginásio, fui explícita nas regras, dinâmica, expressiva, tinha material apelativo e cuidado, e acima de tudo, consegui controlar o bom ambiente no jogo dando a função de chefe de grupo aos alunos que têm um comportamento menos bom. Um dos aspetos a melhorar foi o facto de dizer “Dão” em vez de dizer “Dom”.

2.2.4. Planificação da área curricular de Matemática

No quadro 15 apresento a última planificação para efeitos deste relatório. A aula também foi lecionada na sala do 3.º ano, mas desta vez os alunos estavam todos presentes, 23. Foi lecionada no dia 4 de junho de 2012 e o conteúdo conceptual foi a adição de números complexos.

Quadro 15 – Planificação da Área de Matemática

<u>Plano de Aula</u>		
<p>Ano: 3.º ano</p> <p>Data: 04-06-2012</p> <p>Duração: 20 minutos</p>	<p>Aluna: Daniela Almeida</p> <p>Ano: MEPE1Ciclo</p> <p>Turma: A</p> <p>N.º7</p>	
Área: Matemática		
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos	
Adição de números complexos	<ul style="list-style-type: none"> Perguntar aos alunos o que são números complexos; Rever as unidades de tempo com o apoio do <i>Powerpoint</i>; Distribuir um saco com algarismos e letras móveis a cada aluno para manipularem; Explicar a adição de números complexos através da resolução de um problema. 	
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Atitudes e Valores
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio lógico <ul style="list-style-type: none"> - Resolver problemas - Sistematizar dados Experimental <ul style="list-style-type: none"> - Observar - Concluir 	<ul style="list-style-type: none"> Criatividade <ul style="list-style-type: none"> - Iniciativa -Explorar Convivência <ul style="list-style-type: none"> -Participação -Colaboração 	
Recursos: <i>powerpoint</i> , algarismos e letras móveis.		
<p>Baseado no modelo T de Aprendizagem Plano de aula sujeito a alterações</p>		

Inferências e Fundamentações Teóricas

- **Perguntar aos alunos o que são números complexos;**

Antes de iniciar uma aula é importante percebermos quais são os conhecimentos que os alunos já têm. Por isso perguntei-lhes o que eram números complexos. Visto que era uma matéria que já tinha sido abordada, não houve qualquer dificuldade na resposta. Expliquei-lhes o que iríamos fazer para contextualizar a aula.

- **Rever as unidades de tempo com o apoio do *Powerpoint*;**

Tal como referem Mena, Marcos e Mena (1996, citados por Silveira-Botelho, 2009) “as novas tecnologias, são meios electrónicos que criam, armazenam, recuperam e transmitem a informação de forma rápida e em grande quantidade e fazem-no combinando diferentes tipos de códigos.” (p.114). A mesma autora ainda salienta que “As TIC são mais um recurso pedagógico, que o professor deve utilizar, pois vai desenvolver uma nova linguagem (reúne informação gráfica, sonora, textual e visual, ...) e um novo ambiente social.” (p.114). Os alunos desde cedo devem, na minha opinião, estar em contacto com as novas tecnologias. Com este recurso tecnológico ganhei tempo e consegui que a aula tivesse ritmo.

- **Distribuir um saco com algarismos e letras móveis a cada aluno para manipularem;**

Aprender Matemática de forma lúdica é muito mais produtivo para os alunos, por isso mesmo, é que, para lecionar esta aula optei por levar algarismos móveis para os alunos. Rosa (2002):

(...) porque o brincar, aqui, não será tratado como “estratégia de ensino” ou como “recurso” facilitador da aprendizagem, mas muito mais como possibilidade de abertura de um campo onde os aspectos da subjectividade se encontram com os elementos da realidade externa para possibilitar uma experiência criativa com o conhecimento (pp. 20-21)

Assim que os alunos se aperceberam que iriam trabalhar com algarismos e letras móveis e não com o papel e lápis ficaram ainda mais motivados e queriam começar logo a participar! Posso referir que deu-me uma enorme alegria ver a turma tão participativa e dinâmica na realização da situação problemática que vou expor no próximo item.

- **Explicar a adição de números complexos através da resolução de um problema;**

Para tornar a aula dinâmica e fazer interdisciplinaridade com a Área de Estudo do Meio realizei uma situação problemática que passo a expor: “ A turma do 3.º ano realizou uma viagem de avião. A primeira parte da viagem demorou 3d 18h 04m 54s e a segunda parte 1d 9h 24m 23s. Quanto tempo demorou a viagem?”

Segundo Boavida (2008):

Um problema ou a sua resolução originam, na maior parte das vezes, problemas adicionais ou conceitos teóricos que por sua vez suscitam novos problemas matemáticos. Além disso, a resolução de problemas: proporciona o recurso a diferentes representações e incentiva a comunicação; fomenta o raciocínio e a justificação; permite estabelecer conexões entre vários temas matemáticos e entre a Matemática e outras áreas curriculares; apresenta a Matemática como uma disciplina útil na vida quotidiana. (p.13)

Enquanto os alunos realizavam a situação problemática fui circulando pela sala para tirar dúvidas e ajudar aqueles que revelavam algumas dificuldades. No entanto, e de uma forma geral, considero que todos atingiram os objetivos propostos por mim. Fiquei bastante alegre com os resultados finais e assim posso concluir que fui explícita ao explicar a realização da situação problemática, tinha material colorido e apelativo, fugi da rotina ao utilizar algarismos e letras móveis, fui dinâmica e circulei na sala de aula. Como aspetos a melhorar posso referir que deveria de ter feito uma melhor gestão do tempo, consegui terminar a aula mas acho que no final poderia ter feito com eles um resumo.

Para terminar quero referir que a realização deste capítulo deu para refletir sobre as aulas lecionadas e lembrar algumas das estratégias utilizadas. Além disso aprendi também a importância que as planificações têm para a minha futura profissão, como se deve planificar e como avaliar os resultados e a prática. Estas foram indispensáveis em todas as aulas que lecionei, pois ajudaram-se a seguir um raciocínio, a ter um fio condutor e, que às vezes, é necessário fazer alterações, ou seja, devemos ser capazes de fazer alterações de acordo com as necessidades educativas dos alunos.

Devo ter mais atenção à gestão do tempo e nunca esquecer que numa turma cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem, e por isso, devo preparar-me bem e conseguir ajudar os que mais precisam.

A elaboração deste capítulo alertou-me, também, para o cuidado que devemos ter quando se planifica e que no final das planificações se não houver uma avaliação

refletida sobre o que fora praticado não se evolui, pois a planificação influencia a avaliação e vice-versa.

No capítulo seguinte irei abordar a área da avaliação e a sua importância no dia a dia escolar.

Capítulo 3
Dispositivos de Avaliação

Descrição do capítulo

O presente capítulo encontra-se dividido em vários subcapítulos. O primeiro diz respeito ao enquadramento teórico, ou seja, irei realizar uma fundamentação sobre a Avaliação. Mais especificamente o que é a avaliação, a diferença entre avaliação e classificação, avaliação na Pré-Escolar e no 1.º Ciclo, pois existe muita confusão em relação a estes dois conceitos, e por fim quais os tipos de avaliação que existem.

O segundo subcapítulo refere-se aos dispositivos de avaliação realizados durante o estágio. Visto que o meu Mestrado é de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, irei apresentar dois dispositivos de avaliação do Pré-Escolar, sendo um referente à Área de Conhecimento do Mundo e o outro à Área de Domínio da Matemática. Quanto ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, também irei apresentar dois dispositivos sendo um da Área de Estudo do Meio e o outro de Português.

Dentro de cada subcapítulo, é feita uma descrição dos parâmetros, critérios e cotações, e de seguida apresento uma grelha com os critérios e cotações, a grelha de avaliação, com a respetiva avaliação dos alunos e, por fim, apresentarei os resultados obtidos em gráfico. Terminarei com uma breve reflexão sobre a avaliação que fiz da mesma.

3.1. Fundamentação Teórica

A Avaliação é um elemento fundamental, integrante e regulador no dia-a-dia da prática educativa e em cada nível de educação, por isso implica princípios e procedimentos de avaliação adequados à especificidade de cada nível. O aluno está em constante avaliação, ou seja a avaliação não é apenas realizada através de dispositivos escritos. Por isso acho importante, que enquanto futura educadora/professora, tenha a noção daquilo que vou avaliar, para assim desempenhar um bom papel ao longo da minha carreira profissional. Avaliar pode ter vários significados, pois Hadji (1994), menciona que “avaliar pode significar, entre outras coisas: verificar, julgar, estimar, situar, representar, determinar, dar um conselho (...)” (p.27).

O Despacho normativo n.º30/2001, refere que a avaliação, enquanto, parte integrante e reguladora do processo de ensino aprendizagem, permite uma recolha de informações que possibilita verificar o cumprimento do currículo, diagnosticar insuficiências e dificuldades ao nível das aprendizagens e (re) orientar o processo educativo. Abrantes e Araújo (2002), dizem que a avaliação “é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas.” (p.9).

Rosales (1992), afirma que a “avaliação é o processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e do mérito das metas, da planificação, da realização e do impacto de um objecto determinado, com o fim de servir de guia para a tomada de decisões, para solucionar os problemas de responsabilidade e para promover a compreensão dos fenómenos implicados” (p.24).

Ferreira (2007) refere que “na educação escolar, a avaliação assume diferentes funções, resultantes das exigências e papéis que lhe são destinados socialmente” (p.17). Segundo House (1994, citado por Guerra, 2003), “A avaliação não é um fenómeno asséptico, que possa realizar-se à margem de valores, sem respeito pelas pessoas e sem sentido de justiça. A avaliação é também um fenómeno moral porque tem repercussões importantes para as pessoas, para as instituições e para a sociedade. (...) A avaliação configura poder (que deve colocar-se ao serviço das pessoas) e, por isso, deve ter ética” (p.13). Para Bartolomeis (1999), “A avaliação não se situa no fim de um certo processo de aprendizagem ou de produção: acompanha-o ao longo do seu curso para controlar continuamente a adequação dos métodos aos fins” (p.23). Já Méndez (2001, citado por Ferreira, 2007) refere que a “avaliação assume, predominantemente, uma função de regulação do processo de ensino-aprendizagem, pela intervenção face às dificuldades dos alunos e pela análise feita pelo professor das estratégias de ensino utilizadas” (p.15).

A avaliação é feita aos alunos desde os primeiros anos. A educação Pré-Escolar tem especificidades às quais não se adequam todas as práticas e formas avaliativas utilizadas noutros níveis de ensino, tal como é referido no Despacho n.º 522/97 de 4 de Agosto – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, no capítulo III, a avaliação é definida como parte integrante do planeamento:

Avaliar o processo e os seus efeitos implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver em cada criança. Neste sentido a avaliação é suporte do planeamento (p. 27).

Por sua vez “classificar” segundo Lalande (1956, citado por Leite e Fernandes, 2002), referem que é “a operação pela qual se faz corresponder os dados materiais, qualitativamente definidos, expressões que representam o número de unidades que eles contêm.” (p.23), ou seja, segundo esta citação podemos concluir que as palavras entre “classificar” e “avaliar” não são sinónimos, e para outros autores, Rasgo e Ângulo (1994, citados também por Leite e Fernandes, 2002) mencionam que “classificar não é, nem

pode ser, sinónimo de avaliar, mas apenas uma das suas dimensões” (p.25). A avaliação é sistemática e contínua e a classificação ocorre só em determinados momentos, como por exemplos as notas que são dadas nas avaliações sumativas.

A Avaliação assume várias funções, Pacheco (1994, citado por Ferreira, 2007), afirma “que esta assume quatro funções principais: a função pedagógica, a função social, a função de controlo e a função crítica” (p.17). Uma das principais funções da avaliação é valorizar a aprendizagem dos alunos, e não apenas o ensino, e esta avaliação segundo citando Delors (1996, citado por Leite e Fernandes, 2002), “tem de estar na base da criação de condições para que cada aluno e aluna aprendam a conhecer, aprendam a fazer, aprendam a viver juntos, aprendam a viver com os outros” (p.11). Estes autores ainda salientam que é necessário ter rigor e objetivos, pois citando Mager (1997), diz que “é impossível avaliar com rigor quando não há um objetivo claramente definido em função do qual se organiza e se realiza a avaliação” (p.36).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), “A função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantam dificuldades” (p.337).

Ferreira (2007) relata “as finalidades e as funções da avaliação das aprendizagens determinam, assim, os momentos de avaliação, que se podem distinguir em antes, durante e depois do processo de aprendizagem” (p.23). Com isto o autor quer dizer que a avaliação não é apenas realizada durante o processo de ensino, ou seja, remete-nos para três tipos de avaliação: Avaliação Diagnóstica, Avaliação Sumativa e Avaliação Formativa.

De acordo com a Circular n.º4/DGIDC/DSD/2011, do Ministério da Educação (2011) a avaliação diagnóstica deve de ser realizada no início do ano letivo e esta “tem em vista a caracterização do grupo e de cada criança. Com esta avaliação pretende-se conhecer o que cada criança e todo o grupo já sabem e são capazes de fazer as suas necessidades e interesses.” (p.11). Para Abrantes e Araújo (2002), a avaliação de diagnóstico “pode fornecer ao professor elementos que lhe permitirão adequar o tipo de trabalhos que vai desenvolver às características e conhecimentos dos alunos que irá trabalhar.” (p.39).

Segundo o Despacho Normativo n.º1/2005, de 5 de janeiro, a avaliação de diagnóstico:

Conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano lectivo, quando articulada com a avaliação formativa.

Ferreira (2007) refere que “é através da avaliação diagnóstica que se conhece, o melhor possível, as características dos alunos da turma, no que respeita aos antecedentes que lhes permitiram iniciar a aprendizagem, criando as condições necessárias à planificação do processo de ensino-aprendizagem pelo professor.” (p.25).

O principal objetivo da avaliação sumativa, é informar as outras pessoas, como os encarregados de educação, para que saibam o que o filho sabe e é capaz de fazer. Lucie (1999, citado por Leite e Fernandes, 2002) afirmam que “ a avaliação sumativa corresponde, pois, a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre que, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares” (p.26). Hadji (1994), refere que a “função sumativa da avaliação realiza-se no final do processo de ensino-aprendizagem- quer se trate de um trimestre, de um semestre, de um ano ou ciclo de estudos-, normalmente através de testes e exames, e consiste no balanço (uma soma) de aprendizagens dos alunos depois de uma ou várias sequências de ensino” (p.30). O resultado desta avaliação segundo Abrantes e Araújo (2002), pode ser expresso de forma numérica (0-20) ou (1-5) ou então de forma qualitativa.

A avaliação formativa é descrita segundo Cortesão (1993) é vista “como sendo “uma bússola orientadora” do processo ensino-aprendizagem” (p.15), para Leite e Fernandes (2002) neste tipo de avaliação “colhem-se dados que ajudam os alunos e professores a reorientar o seu trabalho no sentido de apontar falhas, aprendizagens ainda não conseguidas, aspectos a melhorar” (p.39). Ribeiro (1990, citado por Pais e Monteiro,1996), referem que a “avaliação sumativa pretende-se ajuizar do processo realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino” (p.49). As finalidades deste tipo de avaliação segundo Abrecht (1994) são “assegurar a regulação dos processos de formação, isto é, fornecer informações pormenorizadas sobre processos e/ou resultados de aprendizagem do aluno, a fim de permitir uma adaptação das actividades de ensino/aprendizagem.” (p.31). Ou seja este tipo de avaliação permite fazer um balanço final e distingue-se dos outros dois tipos de avaliação pelos seus objetivos

Para além de funções e finalidades a avaliação também tem objetivos, tal como é referido no Despacho Normativo n.º 30/2001, de 19 de julho, ponto 4, a avaliação incide sobre as aprendizagens e competências definidas no currículo nacional para as diversas áreas e disciplinas, de cada ciclo, considerando a concretização das mesmas no projeto curricular de turma, por ano de escolaridade. A avaliação acompanha todo o processo de

formação das crianças, por isso se pode dizer que é sistemática e contínua, sendo um elemento regulador das aprendizagens.

Visto que a avaliação é o suporte da classificação, foram elaboradas grelhas que seguem uma escala de classificação para efeitos deste relatório. Estas grelhas têm como função ajudar os professores. No quadro 16 apresento a escala de classificação.

Quadro 16 – Escala de classificação

1 Fraco (de 0 a 2,9 valores)
2 Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)
3 Suficiente (de 5 a 6,9 valores)
4 Bom (de 7 a 8,9 valores)
5 Muito Bom (de 9 a 10 valores)

Optei por escolher uma escala de classificação até (10) dez valores apesar de no 1.º Ciclo do Ensino Básico a escala de classificação ser até aos 20 valores e às vezes ser apresentado em percentagem.

3.2. Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo

3.2.1 Contextualização

Esta proposta de trabalho é alusiva à área curricular de Conhecimento do Mundo, foi realizada numa manhã de aula lecionada por mim, no dia 11 de outubro de 2011, ao Bibe Amarelo. O conteúdo a explorar foi a visão, como se pode ver na figura 72. Esta proposta foi realizada com os 27 alunos do Bibe Amarelo e teve a duração aproximada de 25 minutos.

1. Cola os olhos no lugar correto e pinta a figura



Nome: _____ Data: _____

Proposta de trabalho elaborada por Daniela Almeida

Figura 72 – Proposta de trabalho sobre a aula da visão

O principal objetivo desta atividade era que as crianças colassem na imagem os dois olhos, no lugar correto. Como esta aula foi lecionada no início do ano, as imagens dos olhos já estavam recortadas e os alunos só tinham que colar, se fosse mais próximo do final do 1.º Período, aí trabalharia a motricidade fina através da picotagem das mesmas.

3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios

Lateralidade – Pretende-se que a criança consiga alinhar ambos os olhos deixando um espaço entre eles.

- Cola os olhos na parte correta da face;
- Não cola os olhos na parte correta da face.

Motricidade fina - Pretende-se que a criança apresente um trabalho com uma pintura cuidada e correta.

- Pintura cuidada;
- Pintura pouco cuidada;
- Pintura não cuidada.

Atitude – Pretende-se que a criança mostre o seu interesse durante a aula.

- Manifestou interesse;
- Manifestou algum interesse;
- Não manifestou interesse.

De seguida, apresento o quadro 17 alusivo às cotações atribuídas aos critérios definidos da presente área curricular.

Quadro 17 – Apresentação dos Parâmetros, Critérios e respetivas cotações

Parâmetros	Critérios	Cotação	Cotação
1. Lateralidade	Cola os olhos na parte correta da face	4	4
	Não cola os olhos na parte correta da face	0	
2. Motricidade fina	Pintura cuidada	4	4
	Pintura pouco cuidada	1	
	Pintura não cuidada	0	
3. Atitude	Manifestou interesse	2	2
	Manifestou algum interesse	1	
	Não manifestou interesse	0	
Total			10

3.2.3 Grelha de avaliação da atividade na área curricular de Conhecimento do Mundo

No quadro 18, estão registadas as cotações atribuídas a cada criança relativas a cada um dos parâmetros de avaliação.

Quadro 18 - Grelha de avaliação da área de Conhecimento do Mundo

N.º	Parâmetros	Lateralidade	Motricidade Fina	Atitude	Total
	Cotações	4	4	2	10
	Alunos				
1	A	4	1	2	7
2	B	4	1	2	7
3	C	4	1	2	7
4	D	4	0	1	5
5	E	4	1	2	7
6	F	4	1	2	7
7	G	4	0	1	5
8	H	4	0	1	5
9	I	4	0	1	5
10	J	4	4	2	10
11	K	4	1	2	7
12	L	4	4	2	10
13	M	4	0	1	5
14	N	4	0	1	5
15	O	4	1	2	7
16	P	4	0	1	5
17	Q	4	1	2	7
18	R	4	1	2	7
19	S	4	0	1	5
20	T	4	0	1	5
21	U	4	1	2	7
22	V	4	4	2	10
23	W	4	1	2	7
24	X	4	1	2	7
25	Y	4	1	2	7
26	Z	4	0	1	5
27	A1	4	1	2	7
Média aritmética					6,59

Como se pode observar no quadro, no 1.º parâmetro as 27 crianças coloram os olhos corretamente. Em relação à motricidade fina 10 crianças (D,G,H,I,M,N,P,S,T e Z) não apresentaram uma pintura cuidada, 14 crianças (A,B,C,E,F,K,O,Q,R,U,W,X,Y e A1) realizaram uma pintura pouco cuidada e apenas 3 crianças (J,L e V) realizaram uma pintura cuidada.

No 3.º parâmetro a grande maioria, 17 crianças (A,B,C,E,F,J,K,L,O,Q,U,V,W,X,Y e A1), manifestaram interesse pela atividade e 10 crianças (D,G,H,I,M,N,P,S,T e Z) pouco interesse. Visto ser o início do ano letivo algumas crianças ainda revelam alguma imaturidade. A educadora deverá realizar outras atividades que promovam uma maior motricidade fina.

3.2.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular

Na figura 73, é possível visualizar os resultados da atividade de Conhecimento do Mundo em forma de gráfico circular.

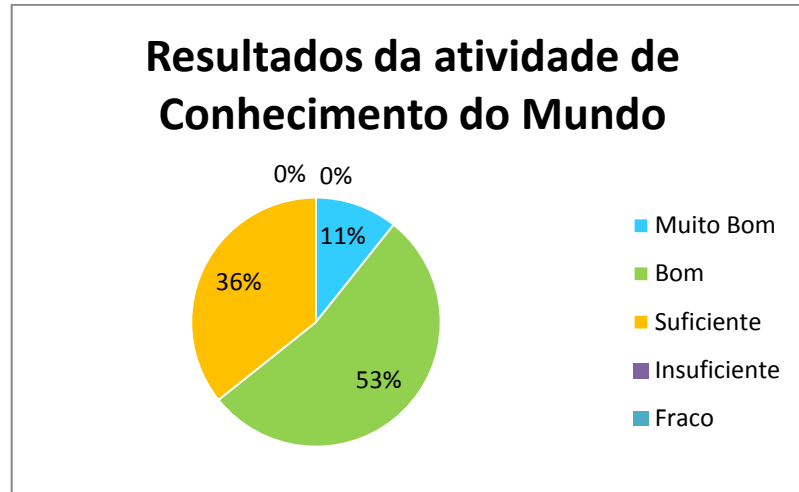


Figura 73 – Gráfico circular com os resultados da atividade de Conhecimento do Mundo

3.2.5. Análise do gráfico

A partir do gráfico, verificamos que, num total de 27 alunos: 3 atingiram o Muito Bom, com a pontuação máxima, o que corresponde a 11%; 14 crianças atingiram o Bom, o que corresponde a 53%, tendo todas elas atingido a cotação de 7 valores; os restantes 37%, referem-se às 10 crianças que obtiveram a classificação de 5 valores, ou seja Suficiente.

Com este gráfico podemos concluir que ainda existem alguns aspetos a melhorar, mas que no geral os resultados obtidos foram agradáveis, obtendo uma média aritmética de 6,59 valores. As 10 crianças que obtiveram uma classificação mais baixa devem trabalhar um pouco mais a motricidade fina com picotagem ou plasticina.

3.3. Avaliação da atividade da Área de expressão e comunicação: Domínio da Matemática

3.3.1. Contextualização

Esta proposta de trabalho foi realizada na área de iniciação à Matemática, foi realizada numa manhã de aula lecionada por mim a 23 alunos, no dia 6 de fevereiro de 2012, ao Bibe Azul. Após a aula de Conhecimento do Mundo, onde falei sobre os

constituintes das plantas e as suas respetivas funções, realizei um itinerário com as peças do material *Cuisenaire*, (figura 74) os alunos tinham simplesmente que seguir as indicações dadas, se bem que por vezes existem algumas dificuldades em termos de orientação espacial e lateralidade.

Itinerários

1. Observa a imagem.
- 1.1. Segue as instruções dadas, colocando as peças do Cuisenaire no lugar correto.
- 1.2. Descobre qual o processo de crescimento das plantas.
- 1.3. Retira as peças e pinta as quadriculas com a cor da mesma.

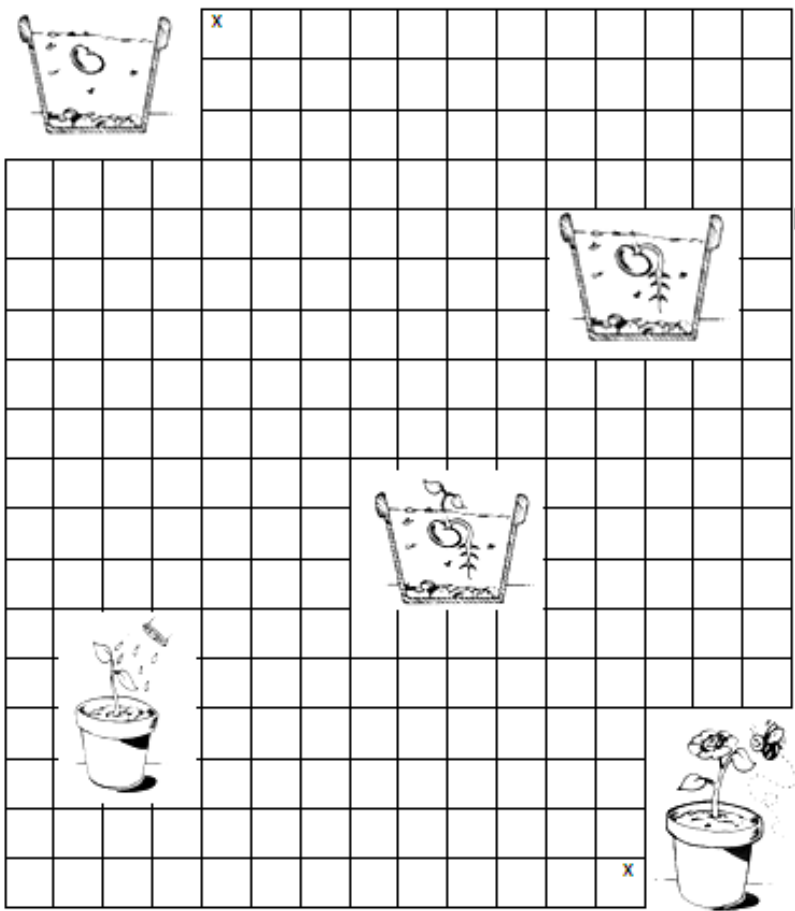


Figura 74 - Proposta de trabalho

3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios

Orientação Espacial – Pretende-se que a criança consiga colocar as peças do material *Cuisenaire*, segundo as indicações dadas. Ex: 5 para a direita.

- Segue as indicações dadas;

- Não segue todas as indicações dadas;
- Não segue as indicações dadas.

Extremidade das peças - Pretende-se que a criança una as peças pelas extremidades, como por exemplo na figura 75.



Figura 75 – Peças do Cuisenaire unidas pelas extremidades

- Coloca as peças corretamente;
- Coloca algumas peças corretamente;
- Não coloca as peças corretamente.

Motricidade fina - Pretende-se que a criança apresente o trabalho com a pintura das quadrículas da mesma cor das peças que lá sido colocadas.

- Pinta as quadrículas de acordo com as peças;
- Pinta algumas quadrículas de acordo com as peças;
- Não pinta as quadrículas de acordo com as peças.

Apresentação – Pretende-se que a criança tenha um trabalho apresentável.

- Trabalho apresentável;
- Trabalho pouco apresentável;
- Trabalho não apresentável.

De seguida, apresento o quadro 19 alusivo às cotações atribuídas aos critérios definidos da presente área curricular.

Quadro 19 – Apresentação dos Parâmetros, Critérios e respetivas cotações

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Orientação Espacial	Segue as indicações dadas	3,5	3,5
	Não segue todas as indicações dadas	1,5	
	Não segue as indicações dadas	0	
2. Extremidades das peças	Coloca as peças corretamente	2	2
	Coloca algumas peças corretamente	1	
	Não coloca as peças corretamente	0	
3. Motricidade fina	Pinta as quadrículas de acordo com as peças	3	3
	Pinta algumas quadrículas de acordo com as peças	1,5	
	Não pinta as quadrículas de acordo com as peças	0	
4. Apresentação	Trabalho apresentável	1,5	1,5
	Trabalho pouco apresentável	0,5	
	Trabalho não apresentável	0	
Total			10

3.3.3 Grelha de avaliação da atividade na área curricular de Domínio da Matemática

No quadro 20, estão registadas as cotações atribuídas a cada criança relativas a cada um dos parâmetros de avaliação.

Quadro 20 - Grelha de avaliação da área de Domínio da Matemática

	Questões	Orientação Espacial	Extremidades da peças	Motricidade Fina	Apresentação	Total
	Cotações	3,5	2	3	1,5	10
N.º	Alunos					
1	A	3,5	2	3	1,5	10
2	B	3,5	1	3	1,5	9
3	C	3,5	2	3	1,5	10
4	D	1,5	1	3	1,5	7
5	E	1,5	2	3	1,5	8
6	F	3,5	2	3	1,5	10
7	G	3,5	2	3	1,5	10
8	H	1,5	1	3	1,5	7
9	I	3,5	2	1,5	1,5	8,5
10	J	3,5	2	3	1,5	10
11	K	3,5	2	3	1,5	10
12	L	3,5	2	3	1,5	10
13	M	3,5	2	3	1,5	10
14	N	3,5	1	3	1,5	9
15	O	1,5	1	1,5	0,5	4,5
16	P	3,5	2	3	1,5	10
17	Q	3,5	2	3	1,5	10
18	R	3,5	2	3	1,5	10
19	S	3,5	1	3	1,5	9
20	T	3,5	1	3	1,5	9
21	U	3,5	1	3	1,5	9
22	V	3,5	2	3	1,5	10
23	W	3,5	2	3	1,5	10
Média aritmética						9,13

Após a observação da tabela posso concluir que no 1.º parâmetro quase todas as crianças, exceto 4 (D,E,H e O) obtiveram a cotação 1,5 valores, pois as restantes atingiram a pontuação máxima. No 2.º parâmetro 15 crianças obtiveram a pontuação máxima e as outras 8 (B,D,H,N,O,S,T e U) obtiveram metade da pontuação. Em relação ao 3.º parâmetro 2 crianças (I e O), obtiveram metade da pontuação e as restantes alcançaram a pontuação máxima.

Por fim, no último parâmetro, apenas o aluno O teve 0,5 valores, pois os restantes tiveram a pontuação máxima.

3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular

Na figura 76, é possível visualizar os resultados da atividade de Matemática em forma de gráfico circular.

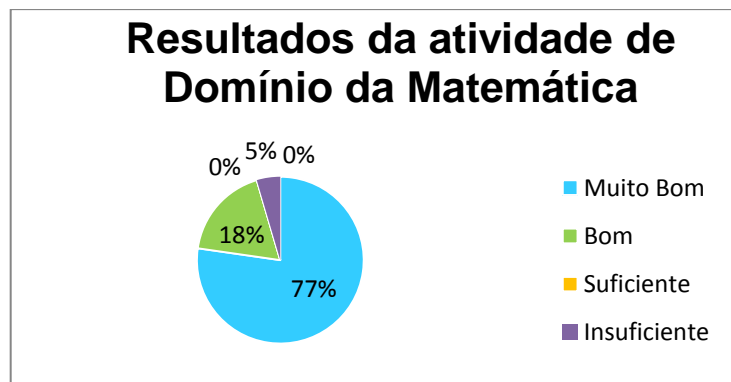


Figura 76 - Gráfico circular com os resultados da atividade de Domínio da Matemática

3.3.5. Análise do gráfico

Ao olhar para o gráfico a cor que chama logo à atenção é o azul, ou seja a classificação de Muito Bom. Verificamos que, num total de 23 alunos: 17 atingiram o Muito Bom, o que corresponde a 74%, tendo 13 atingindo a pontuação máxima e os restantes obtiveram a cotação de 9 valores; 4 crianças atingiram o Bom, o que corresponde a 18%, tendo uma atingindo os 8,5 valores, uma 8 valores e a outra 7. No geral o resultado final foi muito satisfatório, obtendo uma média aritmética de 9,13 valores, e, apenas um aluno, que tem algumas dificuldades tem que trabalhar mais um pouco para obter resultados positivos. Esta criança revela ser um pouco imatura o que justifica a sua classificação.


3.4. Avaliação da atividade da Área de Português

3.4.1. Contextualização

A proposta de trabalho (figura 77) é alusiva à área curricular de Português, foi realizada numa manhã de aula lecionada por mim, no dia 25 de maio de 2012, ao 3.º Ano. Neste dia apenas estiveram presentes 21 alunos. O conteúdo trabalhado foi a relação gráfica e fonética entre palavras. Numa primeira fase fiz uma revisão sobre a matéria e de seguida realizei-a em conjunto com a turma. Tendo sido a leitura realizada por eles.

Palavras homónimas, homófonas e homógrafas

	Palavras Homónimas	Palavras Homófonas	Palavras Homógrafas
Significado	diferente	diferente	diferente
Grafia	igual	diferente	idêntica
Pronúncia	igual	igual	diferente
Exemplos	banco / banco	nós / noz	fábrica / fabrica



Agora que já sabes põe em prática!

1. Completa os espaços em branco com a palavra adequada a cada caso.

a) **Informou / enformou**
O pasteleiro _____ o bolo. O professor _____ os alunos.

b) **canto / canto**
O livro está no _____ da mesa. Eu _____ muito bem.

c) **trânsito / transito**
Devido ao _____ cheguei mais tarde à escola. Se tiver boas notas _____ de ano.

d) **ouve / houve**
Ontem _____ uma manifestação. O João _____ muita música.

e) **cozer / coser**
A minha mãe está a _____ bacalhau para o jantar. Amanhã vou aprender a _____ botões.

Figura 77- Proposta de trabalho de Português

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios

Preenche os espaços em branco – Pretende-se que o aluno preencha os espaços em branco em cada frase. Distinguindo assim as palavras homónimas, homófonas e homógrafas.

- Preencheu corretamente 10 espaços em branco;
- Preencheu corretamente 7 a 9 espaços em branco;
- Preencheu corretamente 4 a 6 espaços em branco;
- Preencheu corretamente 1 a 3 espaços em branco;
- Não preenche nenhum espaço em branco.

Caligrafia – Pretende-se que o aluno tenha uma caligrafia legível e regular.

- Apresentou uma caligrafia legível;
- Não apresentou uma caligrafia legível;
- Apresentou uma caligrafia regular;
- Apresentou uma caligrafia irregular.

Ortografia – Pretende-se que o aluno não dê erros ortográficos.

- Não apresentou erros ortográficos;
- Apresentou 1 a 3 erros ortográficos;
- Apresentou 4 a 5 erros ortográficos;
- Apresentou mais de 5 erros ortográficos.

De seguida, apresento no quadro 21 as cotações atribuídas aos critérios definidos para a avaliação.

Quadro 21 – Apresentação dos Parâmetros, Critérios e respetivas cotações

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Preenche os espaços em branco	Preencheu corretamente 10 espaços em branco	5	5
	Preencheu corretamente 7 a 9 espaços em branco	4	
	Preencheu corretamente 4 a 6 espaços em branco	3	
	Preencheu corretamente 1 a 3 espaços em branco	2	
	Não preenche nenhum espaço em branco	0	
2. Caligrafia	Apresentou uma caligrafia legível	2	2
	Não apresentou uma caligrafia legível	1,5	
	Apresentou uma caligrafia regular	1	
	Apresentou uma caligrafia irregular	0	
3. Ortografia	Não apresentou erros ortográficos	3	3
	Apresentou 1 a 3 erros ortográficos	2	
	Apresentou 4 a 5 erros ortográficos	1	
	Apresentou mais de 5 erros ortográficos	0	
Total			10

3.4.3 Grelha de avaliação da atividade na área curricular de Português

No quadro 22, estão registadas as cotações atribuídas a cada aluno relativas a cada um dos parâmetros de avaliação.

Quadro 22 - Grelha de avaliação da área de Português

	Parâmetros	Preenche os espaços em branco	Caligrafia	Ortografia	Total
	Cotações	5	2	3	10
N.º	Alunos				
1	A	4	2	2	7
2	B	5	2	3	10
3	C	5	2	3	10
4	D	5	2	3	10
5	E	5	2	2	9
6	F	5	1	3	9
7	G	5	2	2	9
8	H	5	2	3	10
9	I	5	2	3	10
10	J	5	2	3	10
11	K	5	2	3	10
12	L	5	2	3	10
13	M	5	2	3	10
14	N	5	2	2	9
15	O	5	2	3	10
16	P	5	1	3	9
17	Q	5	2	3	10
18	R	5	2	3	10
19	S	5	2	3	10
20	T	5	2	3	10
21	U	5	2	3	10
22	V	-	-	-	-
23	W	-	-	-	-
Média aritmética					8,78

Ao analisar a grelha podemos observar que no 1.º parâmetro dos 21 alunos presentes apenas 1 (A) não obteve a pontuação máxima. No parâmetro dois apenas 2 alunos (F e P) obtiveram metade da pontuação e os restantes atingiram a pontuação máxima ou seja a caligrafia era legível.

Para finalizar, no último parâmetro, ortografia, apenas 4 alunos (A,E,G e N) tiveram 2 valores e os restantes obtiveram o valor máximo do parâmetro. Apesar de ser um exercício fácil e já com as palavras escritas alguns alunos, provavelmente devido à falta de atenção escreveram com alguns erros.

3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular

Na figura 78, apresento num gráfico circular os resultados obtidos na atividade de Português.

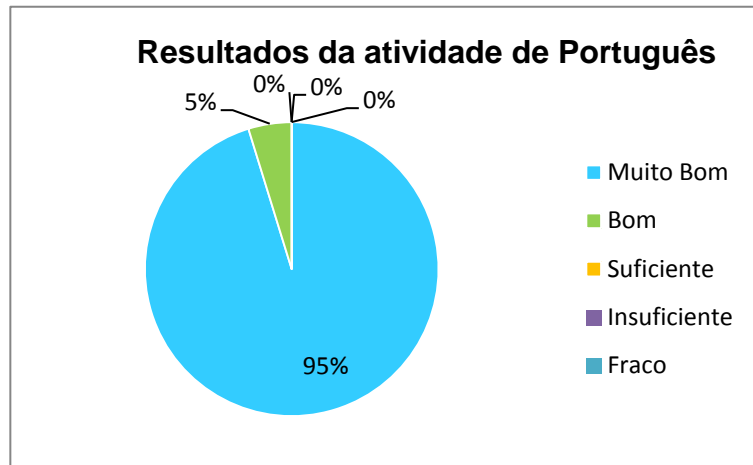


Figura 78 – Gráfico circular com os resultados da atividade de Português

3.4.5. Análise do gráfico

Quando observamos o gráfico dos resultados desta atividade podemos verificar que a cor abundante é o azul, o que quer dizer que os resultados desta proposta de trabalho foram Muito bons. Para um total de 21, a média aritmética foi de 8,78 valores, tendo 95% atingindo o nível de Muito Bom, ou seja 20 alunos, e desses 15 atingiram a nota máxima e os restantes, 9 valores, e, apenas um aluno atingiu a nota Bom, 5%. No decorrer desta atividade verifiquei que não existiam dificuldades por parte dos alunos daí estes resultados.

Podemos concluir que a ficha era acessível e estava de acordo com os objetivos da aula. Pelo facto de ter sido realizada em conjunto percebi que os alunos sabiam distinguir as palavras e que sabiam aplicar os conhecimentos adquiridos na aula.

3.5. Avaliação da atividade da Área de Matemática


3.5.1. Contextualização

A proposta de trabalho (figura 79) que apresento é referente à área curricular de Matemática e foi realizada numa manhã de aula lecionada por mim, no dia 13 de novembro de 2012, ao 1.º ano para 25 alunos.

O conteúdo explorado foram os numerais ordinais, onde expliquei o que eram e para que serviam e no final realizei, em conjunto, uma ficha.

Numerais ordinais

1.º → primeiro	6.º → sexto
2.º → segundo	7.º → sétimo
3.º → terceiro	8.º → oitavo
4.º → quarto	9.º → nono
5.º → quinto	10.º → décimo



1. Observa a imagem e numera as carruagens com os numerais ordinais.

1.1. Pinta as carruagens de acordo com as indicações:

- a. A 1.ª carruagem de encarnado;
- b. A 3.ª carruagem de azul;
- c. A 5.ª carruagem de verde;
- d. A 7.ª carruagem de amarelo;
- e. A 9.ª carruagem de rosa;
- f. As outras de cor de laranja.

1.2. Quais foram as carruagens que pintaste de cor de laranja?

○ ○ ○ ○

Proposta de Trabalho elaborada por Daniela Almeida, n.º 7, MEPE10 Turma A

Figura 79 – Proposta de trabalho de Matemática

3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios

Indica e ordena carruagens com os numerais ordinais – os alunos têm que observar o exemplo dado na primeira carruagem e numerar as restantes.

- Numerou corretamente todas as carruagens;
- Numerou corretamente mais de metade das carruagens;
- Numerou corretamente menos de metade das carruagens;
- Não numerou nenhuma carruagem.

Associação de cores – após numerarem os alunos tinham que seguir as indicações dadas e pintar as carruagens. Por exemplo: “pinta de encarnado a 1.ª carruagem.”.

Relatório de Estágio Profissional
Escola Superior de Educação João de Deus

- Pintou corretamente todas as carruagens;
- Pintou corretamente mais de metade das carruagens;
- Pintou corretamente menos de metade das carruagens;
- Não pintou nenhuma carruagem.

Contagem - depois de colorirem, os alunos observaram as carruagens e existiam 4 que estavam pintadas da mesma cor, por isso, tiveram que preencher quatro círculos com os numerais que tinham as carruagens da mesma cor.

- Preencheu corretamente todos os círculos em branco;
- Preencheu corretamente 3 círculos em branco;
- Preencheu corretamente 2 círculos em branco;
- Preencheu corretamente 1 círculo em branco;
- Não preencheu nenhum círculo em branco.

Apresentação – Pretende-se que a criança tenha um trabalho apresentável.

- Trabalho apresentável;
- Trabalho pouco apresentável;
- Trabalho não apresentável.

Para se visualizar as cotações atribuídas aos critérios definidos nesta proposta apresento o quadro 23.

Quadro 23 – Apresentação dos Parâmetros, Critérios e respetivas cotações

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Indica e ordena carruagens com os numerais ordinais	Numerou corretamente todas as carruagens	4	4
	Numerou corretamente mais de metade das carruagens	2,5	
	Numerou corretamente menos de metade das carruagens	1,5	
	Não numerou nenhuma carruagem	0	
2. Associação de cores	Pintou corretamente todas as carruagens	3	3
	Pintou corretamente mais de metade das carruagens	1,5	
	Pintou corretamente menos de metade das carruagens	1	
	Não pintou nenhuma carruagem	0	
3. Contagem	Preencheu corretamente todos os círculos em branco	2	2
	Preencheu corretamente 3 círculos em branco	1,5	
	Preencheu corretamente 2 círculos em branco	1	
	Preencheu corretamente 1 círculo em branco	0,5	
	Não preencheu nenhum círculo em branco	0	
4. Apresentação	Trabalho apresentável	1	1
	Trabalho pouco apresentável	0,5	
	Trabalho não apresentável	0	
Total			10

3.5.3 Grelha de avaliação da atividade na área curricular de Matemática

No quadro 24, estão registadas as cotações atribuídas a cada aluno relativas a cada um dos parâmetros de avaliação.

Quadro 24 - Grelha de avaliação da área de Matemática

	Parâmetros	Indica e ordena as carruagens com os numerais ordinais	Associação de cores	Contagem	Apresentação	Total
	Cotações	4	3	2	1	10
N.º	Alunos					
1	A	4	3	2	0,5	9,5
2	B	4	2,5	2	1	9,5
3	C	4	3	2	1	10
4	D	4	3	2	1	10
5	E	4	3	2	1	10
6	F	4	3	2	1	10
7	G	4	3	2	1	10
8	H	4	3	2	1	10
9	I	4	3	2	1	10
10	J	4	3	2	1	10
11	K	4	3	2	1	10
12	L	4	3	2	1	10
13	M	4	3	2	1	10
14	N	4	3	2	1	10
15	O	4	3	2	1	10
16	P	4	3	2	1	10
17	Q	4	3	2	1	10
18	R	4	3	2	1	10
19	S	4	3	2	1	10
20	T	4	3	1,5	1	9,5
21	U	4	3	2	1	10
22	V	4	3	2	1	10
23	W	4	3	2	1	10
24	X	4	3	2	0,5	9,5
25	Y	4	3	1,5	1	9,5
Média aritmética						9,9

Antes de expor os resultados observados na grelha, quero referir que esta atividade poderia ter sido mais difícil mas, como era um tema novo para os alunos não quis fazer nada complexo.

No 1.º parâmetro como se pode visualizar não houve qualquer dificuldade por parte dos alunos pois, os 25, obtiveram a classificação máxima. Já no 2.º parâmetro apenas

um aluno (B) obteve 2,5 valores enquanto os outros atingiram novamente o máximo. No 3.º parâmetro os alunos (T e Y) tiveram 1,5 e os restantes 2 valores. Em relação ao último parâmetro os alunos A e X obtiveram meio valor e os restantes o valor por inteiro.

3.5.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular

Na figura 80, apresento num gráfico circular os resultados obtidos na atividade de Matemática.

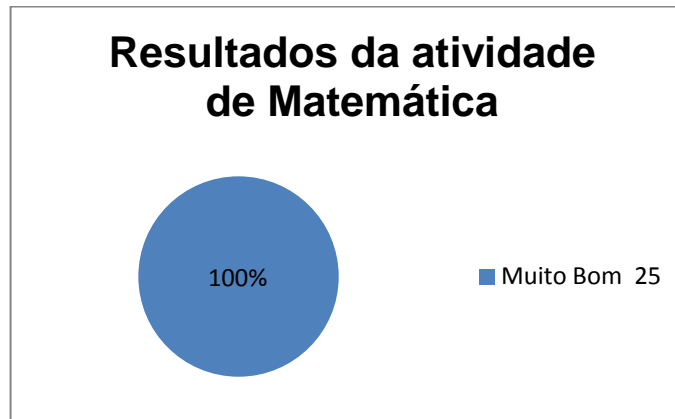


Figura 80 – Gráfico circular com os resultados da atividade de Matemática

3.5.5. Análise do gráfico

Quando olhamos para o gráfico observamos apenas uma cor e um valor. Esta proposta de trabalho foi realizada em conjunto, daí os resultados serem muito bons. Dos 25 alunos todos obtiveram Muito Bom, cinco tiveram 9,5 e os restantes atingiram o valor máximo.

Esta atividade foi realizada com muita facilidade e diversão, os alunos gostaram da proposta e da maneira como foi realizada. Caso fossem meus alunos numa próxima atividade teria de aumentar o grau de dificuldade.

Quanto à elaboração deste capítulo, posso dizer que no início estava um pouco receosa pois não sabia bem o que queria avaliar e de como o deveria fazer. Com as leituras que realizei e com as grelhas que consultei das educadoras e dos professores fui percebendo o que era de facto mais importante avaliar. Não posso deixar de referir que foi através da observação e do desempenho dos alunos que consegui elaborar os critérios que melhor se adequassem às propostas em questão. Também considero que o apoio das educadoras, professores e da Equipa de Supervisão Pedagógica foram

fundamentais para a elaboração destes dois últimos capítulos, pois ajudaram-me sempre que necessário ao sugerirem várias estratégias, métodos e materiais a utilizar nas aulas.

Ao longo dos diferentes estágios fui observando que as educadoras e professoras realizam vários registos e estão constantemente a avaliar as crianças quer dentro quer fora da sala. Aprendi também a avaliar o comportamento das crianças e assim perceber se estava a ir pelo bom caminho, que muitas vezes as crianças querem mais desafios e dessa forma revelar que sabem aplicar e relacionar os conhecimentos.

Para terminar, gostaria de referir que a elaboração deste capítulo foi bastante importante para a minha formação, pois aprendi imenso sobre a forma de avaliar e como o fazer. As avaliações que realizei no Pré-Escolar foram diferentes das que realizei no 1.º Ciclo, sendo as propostas realizadas no 1.º Ciclo formativas, pois este tipo de proposta ajuda a perceber se as crianças têm dúvidas e acima de tudo permitem ao professor ajudá-las a esclarecer.

Reflexão Final

1. Considerações finais

Este documento foi elaborado tendo como base o Estágio Profissional I, II e III realizados ao longo de três semestres, permitindo assim obter o grau de mestre e completar a parte prática dos mesmos. Para a realização deste relatório tive que observar, relatar, investigar e pesquisar autores que justificassem as aulas lecionadas, as estratégias, as atitudes, os procedimentos e os valores que fui promovendo ao longo do estágio nas escolas onde estagiei.

Ao longo do meu percurso académico, estive sempre em contacto com a realidade educativa, alunos e professores, o que considero uma mais-valia para a minha formação.

Para melhor entender a realidade educativa foi necessário complementar essa informação com a consulta de vários documentos, como a Lei de Bases do Sistema Educativo que me permitiu entender o que se pode ou não realizar com crianças destas idades, quer na Educação-Pré Escolar, a primeira etapa da educação básica, quer no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Conhecendo melhor como funciona o sistema educativo e a sua organização facilitou e proporcionou valorizar atividades que se adequassem a cada nível de ensino e por consequência a cada criança. Considero ter sido uma mais-valia ter realizado o estágio nestas duas valências, e ter estagiado em cada faixa etária. Costa (2009) salienta que é “ importante a troca no sentido do maior controlo sobre o ritmo do desenvolvimento de processo de ensino-aprendizagem de cada uma das turmas.” (p.36).

Neste meu percurso, não posso deixar de referir o quanto foi importante trabalhar com uma colega, em virtude de podermos discutir, analisar e avaliar o nosso desempenho tanto nos bons momentos como nos menos bons. Thurler e Perrenoud (2006) defendem que o trabalho de equipa é importante “em relação à solidariedade, ao segredo, ao respeito e à autonomia de cada um, à partilha das informações e dos recursos, às relações de cada um com os alunos.” (p.370). Ter partilhado esta experiência com uma colega de estágio foi deveras pertinente e compensador para o meu crescimento profissional.

No decorrer do estágio apercebi-me que é necessário trabalhar com afinco, entusiasmo e dedicação para atingirmos os nossos objetivos. Estanqueiro (2012) salienta que “Os bons professores dedicam-se ao ensino com entusiasmo.” (p.121). Trabalhei e esforcei-me bastante para atingir os meus objetivos, pois quando for educadora ou professora quero estar devidamente preparada.

A elaboração dos Capítulo 2 (Planificações) e Capítulo 3 (Dispositivos de Avaliação) contribuíram para enriquecer a minha formação, pois aprendi a planificar aulas de curto prazo e a avaliar as mesmas. Desta forma constatei que a prática ajuda a

entender e a aplicar os conceitos teóricos por forma, a sermos mais competentes, mais rigorosos e mais justos. Ao ser avaliadora (de mim própria e dos alunos) percebi o quanto, por vezes, é difícil adaptar as planificações às avaliações e vice versa.

Deparei-me, também, com diferentes estratégias de ensino, algumas possivelmente não aplicaria mas isso depende de professor para professor. Jesus (2008) afirma que “os professores são diferentes e devem aceitar essa diferença com naturalidade, tentando aproveitá-la na sua prática pedagógica. As diferenças manifestam-se na própria interpretação dos acontecimentos (...).” (p.29). Ao observar diversos educadores e professores e os respetivos métodos de ensino fez com que me identificasse mais com uns do que com outros e por isso acho que a prática pedagógica fez com que encontrasse o tipo de profissional que quero ser, apesar de serem todos diferentes alguns “cruzam-se” em determinadas situações.

Os diferentes educadores e professores que conheci ao longo do estágio contribuíram de forma bastante significativa para o meu crescimento pessoal e profissional, tornando-me assim uma pessoa mais crítica e reflexiva, o que vai ao encontro do que é defendido por Costa (2009)

a partilha pedagógica promove uma atitude de reflexão, o que constitui uma vantagem para o professor e para todo o processo de ensino-aprendizagem. A troca de ideias, de descobertas individuais e de opiniões sobre as práticas pedagógicas dos colegas conduzem a uma reflexão conjunta e individual sobre todos os instrumentos e situações partilhados (p.37)

O apoio que tive por parte da Equipa de Supervisão Pedagógica e pelo corpo docente das escolas onde estagiei foi fundamental para me ajudar a vencer os meus receios. Há medida que os estágios iam avançando e por consequência, ia praticando mais, soube sempre aceitar as críticas construtivas que me eram sugeridas e na aula seguinte aplica-las.

Alarcão (1996) cita que “o supervisor/orientador de estágio será encarado como o promotor de estratégias que irão desenvolver nos futuros professores o desejo de reflectirem e, através da reflexão, a vontade de se desenvolverem em *continuum*.” (p. 91).

Terminada esta etapa da minha vida e estando habilitada para as valências em Educação Pré-Escolar e Ensino Básico do 1.º Ciclo interrogo-me várias vezes para qual delas me sinto mais vocacionada. Penso que estou preparada para qualquer delas com vontade de começar e de poder por em prática tudo o que observei e acredito. Sei também que a minha formação não termina aqui.

2. Limitações

Um das principais limitações que senti na realização deste Relatório de Estágio Profissional foi a gestão do tempo, pois ser trabalhadora/estudante limitou-me muito o tempo, além de trabalhar ainda tinha as aulas na ESE e o estágio ao qual me dediquei a 100%, fizeram com que a elaboração deste não fosse uma prioridade.

Outro fator que influenciou foi a falta de exemplares disponíveis na biblioteca da escola. Por existirem poucos exemplares temos que esperar algum tempo até que estes estejam disponíveis na biblioteca para consulta. Seria bom, também, que a biblioteca fosse mais atual, pois alguns dos livros são muito antigos.

3. Novas pesquisas

O gosto que tenho pela matemática e pela expressão plástica faz com que sinta necessidade de querer saber mais, o que me leva a querer envolver em projetos de investigação e desta forma estar sempre atualizada e não cair na rotina.

Enquanto frequentei o mestrado tive contacto com as tecnologias de informação e comunicação. No entanto, os quadros interativos apenas ficaram acessíveis no final do mesmo. Apesar de ter tido aulas na ESE sobre estes novos quadros sinto necessidade de querer aprender ainda mais.

Também considero importante para a minha formação ter mais conhecimentos na área dos primeiros socorros. Pois às vezes existem determinadas situações em que é preciso ter sangue frio e lidar com os pequenos incidentes que acontecem na escola.

Apesar de estar a concluir uma etapa importante da minha vida não é motivo para ficar parada, devo ter sempre a plena noção que vou necessitar de continuar a investir na minha formação de forma contínua, para poder partilhar saberes e mostrar que estou aberta à inovação e à mudança.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. e Araújo F. (Coors). (2002). *Avaliação das Aprendizagens: das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Abrecht, R. (1994). *A avaliação formativa*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.
- Aharoni, R. (2012). *Aritmética para pais: um livro para adultos sobre a matemática das crianças*. (4.ª Edição). Lisboa: Gradiva.
- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégica de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. (2008). *Actas do Seminário – 20 de maio de 2008*. In Miguéns, M. I. (Coor.). *A educação das crianças do 0 aos 12 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Alarcão, I. e Roldão, M.C. (2008). *Supervisão: Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Lisboa: Edições Pedagogo.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica: Uma perspetiva do desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Aleixo, C. (Coor) (2010). *Roteiro. Avaliação de textos - da aferição das aprendizagens à sala de aula*. Lisboa: Ministério da Educação – Gabinete de Avaliação Educacional.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo - concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Almeida, A.M.T. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Crianças – Universidade do Minho.
- Arends, R. I. (1999). *Aprender a ensinar*. Amadora: McGraw – Hill.
- Baptista, A. ; Viana, F. L. e Barbeiro, L. F. (2011). *O Ensino da Escrita: Dimensões Gráfica e Ortográfica*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bettelheim, B. (1996). *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Boavida, A.M.R. (Coor) (2008). *A experiência matemática no ensino básico: programa de formação contínua em matemática para professores do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Bodgan, R.C. e Biken, S.K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma Introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borràs, L. (Coor) (2001a). *Os docentes do 1.º e 2.º ciclo do ensino básico. Recursos e técnicas para a formação no século XXI. O educando, o centro educativo*. Setúbal, Portugal: Marina Editores.
- Borràs, L. (Coor) (2001b). *Os docentes do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico – áreas curriculares I – Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio*. Setúbal: Marina Editores.
- Borràs, L. (2002). *Manual da educação infantil: A descoberta do ambiente natural e social. Comunicação e expressão*. Amadora, Portugal: Marina Editores.
- Botas, D. O. S. (2008). *A utilização dos materiais didácticos nas aulas de matemática. Um estudo no 1.º ciclo*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Education.
- Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E. M., Freitas, M. J. e Leite, C. (2004). *Planificações novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Brazelton, T. B. e Sparrow, J. D. (2003). *A criança dos 3 aos 6 anos. O desenvolvimento emocional e do comportamento*. Lisboa: Editorial Presença.

- Brotto, F. O. (1999). *Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar!* São Paulo: Projeto Cooperação.
- Caldeira, M. F. (2009a). *Aprender matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. F. (2009b). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da Matemática*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Education.
- Carvalho, D. L. (1992). *Metodologia do ensino da matemática*. São Paulo: Edições Cortez.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do Meio Físico e Social*. Porto: Areal Editores.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. (5.^a Edição). Lisboa: Esfera dos Livros.
- Cortez, P. (1998). *Educação para todos: Ler, Jogar, Desenhar, Escrever ... E Aprender, uma bolsa de recursos para o 1.º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Costa, H. F. C. S. (2009). *O supervisor e o desenvolvimento de uma prática pedagógica partilhada*. Dissertação de Mestrado da Universidade Aberta.
- Costa, J.; Cabral, A. C.; Santiago, A. e Viegas, F. (2011). *Guião de implementação do programa de português do ensino básico. Conhecimento explícito da língua*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Cunha, N. H. S. (2001). *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Paulo: Vetor.
- Cury, A. (2006). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Cascais: Pergaminho.
- Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. e Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.

- Deus, M. (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. Lousã, Portugal: Associação de Jardins-Escola João de Deus.
- Dohme, V. (2008). *O valor educacional dos jogos*. Brasil: Editora Vozes.
- Estanqueiro, A. (2012). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. (2.^a Edição) Barcarena, Portugal: Editorial Presença.
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Fernandes, D. M. (1994). *Educação matemática no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Fidalgo e Costa, P. (2012). *O clube de ciências*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Flores, M. A. (Ed). e Simão, A. M. V. (Ed). (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspetivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Freitas, L. V. e Freitas, C. V. (2002). *Aprendizagem cooperativa. Teoria. Guias práticos*. Porto: Edições ASA.
- Freixo, M. J. V. (2011). *Metodologia científica. Fundamentos métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Galvão, C., Reis, P., Freire, A. e Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências*. Porto: ASA Editores.
- Gleitman, H. (2002). *Psicologia*. (5.^a Edição).Lisboa: Gulbenkian.
- Godinho, J. C. e Nunes de Brito, M. J. (2010). *As artes no jardim de infância. Texto de apoio para educadores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Grilo, E. M. (2006). *Audição Pública – 20 de julho de 2006*. In J. Vidal (Coor). *Audições públicas no debate nacional sobre educação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

- Guerra, M. A. S. (2003). *Uma seta no alvo - A avaliação como aprendizagem*. Porto: Edições Asa.
- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar: grandes ideias regras simples*. Alfragide: Academia do Livro.
- Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo*. Porto: Porto Editora.
- Hotmann, M. e Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jean, G. (1999). *Leitura em voz alta*. Lisboa: Horizontes Pedagogo.
- Korthagen, F. (2009). *A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida*. In Flores, M.A. & Simão, A.M.V. (Ed). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de Professores: Contextos e Perspetivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Laranjeira, M. I. (Coor) (1997). *Parâmetros curriculares nacionais. Matemática*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental.
- Laranjeiro, M. I. C. (2011). *Educação pré-escolar e primeiro ano do primeiro ciclo do ensino básico: que relações pedagógicas e vínculos didáticos?*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Leite, C. e Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos. Novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.
- Lopes, J. A. (Coor) (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim de infância*. Porto: ASA Editores, SA.
- Lorenzato, S. (2006). *Educação infantil e percepção matemática*. São Paulo: Autores Associados.

- Magalhães, V. F. (2009). Sobressalto e espanto – Narrativas literárias sobre e para infância, no Neo-Realismo Português. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Maingain, A. e Dufour, B. (2008). Abordagens didáticas da interdisciplinaridade. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Mata, L. (2006). *Literacia familiar – ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Maria, A. e Nunes, M. M. (2007). Actividade física e desportiva 1.º ciclo do ensino básico – orientações programáticas. Lisboa: Ministério da Educação.
- Marques, R. (2001). *Professores, família e projeto educativo*. Porto: ASA Editores.
- Martins, A. M. S. (2007). O papel da avaliação no jardim-de-infância – potencialidades e riscos. Porto: Universidade do Porto.
- Martins, I. P.; Veiga, M. L.; Teixeira, F.; Tenreiro-Vieira, C.; Vieira, R. M.; Rodrigues, A. V.; Couceiro, F. e Pereira, S. J. (2009). Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores. Lisboa: Ministério da Educação.
- Martins, M. E. G.; Loura, L. C. C. e Mendes, M. F. (2007). *Análise de dados. Texto de apoio para professores do 1.º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Migueis, M. R. e Azevedo, M. G. (Coors). (2007). *Educação matemática na infância*. Vila Nova de Gaia, Portugal: Gaia Livro.
- Ministério da Educação (2006). *Organização curricular e programas: Ensino básico – 1.º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2009). *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica: Núcleo de Educação Pré-Escolar.
- Neto, C. (2001). *Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de atividade física*. Lisboa: Edições FMH.

- Niza, I., Segura, J. e Mota, I. (2011). Guião de implementação do programa de português do ensino básico – escrita. Lisboa: Ministério da Educação.
- Nóvoa, A. (Coor). (1992a). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (Coor). (1992b). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Nunes, E. e Breda, J. (2008). *Manual para uma alimentação saudável em jardins de infância*. Lisboa: Direção Geral de Saúde.
- Oliveira-Formosinho, J., e Andrade, F. F. (2011). O espaço na pedagogia-em-participação. In J. Oliveira-Formosinho (Ed.). *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora.
- Pacheco, J. A. (1995). *O pensamento e a acção do professor*. Porto: Porto Editora.
- Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação: uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. e Feldman (2001). *O Mundo da criança*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereirinha, J. D. L. e Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Lisboa: Intervenção – Associação para a promoção e divulgação da cultura.
- Pérez, M.R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino, O currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pérez, M. R. e López, E. D. (2000). *Aprendizagem e curriculum. Didática sociocognitiva aplicada*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Pérez, M. R. e López, E.D. (2001). *Diseños curriculares de aula. Un modelo de planificación como aprendizaje-enseñanza*. Argentina: Novedades Educativas.
- Polya, G. (2003). *Como resolver problemas: um aspecto novo do método matemático*. Lisboa: Gradiva.
- Ponte, J. P. e Serrazina, L. (2002). *Didáctica da matemática do 1ºciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Post, J. e Hohmann, M. (2003). *Educação de bebés em infantários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Postic, M. (1990). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora, Limitada.
- Quintanilha, V. (2011). Crianças e artistas com Sofia Areal. *Revista Educadores de Infância*, N.º 68, pp.20-21.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L.V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Robalo, J. e Grosso, C. (2012). *Matemática em família*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. D.Alte (2002). *A infância da Arte, a arte da infância*. Edições ASA.
- Rosa, S. S. (2002). *Brincar, conhecer, ensinar*. São Paulo: Cortez.
- Reis, M.P.I.F.C.P. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Education.
- Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é refletir sobre o ensino*. Rio Tinto, Portugal: ASA Editores SA.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus. Apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Education.

- Santos, H. (2001). Amar os Livros. *Revista Educadores de Infância*, N.º 72, p.19.
- Santos, M. C. (2001). *O direito a ser canhoto*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Serrazina, L. (Coor) (2008a). *Sentido de número e organização de dados: Texto de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Serrazina, L. (Coor) (2008b). *Geometria: Texto de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Serrazina, L. e Matos, J. M. (1998). *O geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Silva, A. S. (2000). *A educação artística e a promoção das artes, na perspectiva das políticas públicas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Silva, M. C. (2006). *Audição Pública – 13 de outubro de 2006*. In J. Vidal (Coor). *Audições públicas no debate nacional sobre educação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação
- Silva, E., Bastos, G., Duarte, R. e Veloso, R. (2011a). *Guião de implementação do programa de português do ensino básico. Leitura*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Silva, F., Viegas, F., Duarte, I. M. E Veloso, J. (2011b). *Guião de implementação do programa de português do ensino básico. Oral*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Silveira-Botelho, A.T.C.P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: Uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Education.
- Sim Sim, I., Duarte, I, e Ferroz, M. J. (1997). *A língua materna na educação básica: Competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sim Sim, I. e Viana, F. L. (2007). *Para a avaliação do desempenho da leitura*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.

- Siraj-Blatchford, I. (Coor.) (2005). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editora.
- Sobrino, J. G. (2000). *A criança e o livro*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, A. B. (2000). *A criança com Dificuldades de Visão*. Lisboa: Escola Superior de Educação.
- Sousa, de R. (1995). *Didáctica da educação visual*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Spodek, B. e Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Brasil: Artmed.
- Striker, S. (2001). *Young at art: teching toddlers self-expression: problem-solving skills: appreciation for art*. New York: Owl Books
- Tavares, J. C. F. (2010). *A importância da literatura infantil na educação de infância*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Cabo Verde. Departamento de Ciências Sociais e Humanas.
- Thurler, M. G. e Perrenoud, P. (2006). *Cooperação entre professores: a formação inicial deve preceder as práticas?* Cadernos de Pesquisa, V. 36, N.º. 128, pp. 357-375, maio/ago.
- Vasconcelos, S. (2008). *Recursos didácticos – Ensino Pré-escolar*. Lisboa: Santilana Constância.
- Viana, F. L. (2009). *O ensino da leitura: a avaliação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Viana, F.L. e Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a ler - da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.
- Villas-Boas, M. A. (2000). *Parceria entre a escola, a família e a comunidade: trabalhos de casa para desenvolvimento da literacia*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento.

- Vygotsky, L. S. e Luria, R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Wiertsema, H. (1998). *Cem jogos de movimento*. Lisboa: Edições ASA.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições Asa.

Referências eletrónicas

- Declaração dos Direitos da Criança. Recuperado em 2013, fevereiro 3, de <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dc-declaracao-dc.html>.
- Departamento das Expressões Tecnológicas. *A importância da expressão plástica na aprendizagem*. Recuperado em 2012, julho 9, de http://www.avjoaolucio.com/moodle/file.php/25/a_importancia_da_disciplina1.pdf.
- Gioca, M. I. (2001). *O jogo e a aprendizagem*. Recuperado em 2012, agosto 2, de http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/O_JOGO_E_A_APRENDIZAGEM.pdf.
- Jesus, S. N. (2008). *Estratégias em sala de aula*. Recuperado em 2012, agosto 3, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2753/2101>
- Lino, T. A. L. R. (2005). *Crianças com Défice de Atenção*. Recuperado em 2012, agosto 1, de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0041.pdf>.
- Ongaro, C. F, Silva, C. S. e Ricci, S. M. (2006). *A importância da música na aprendizagem*. Recuperado em 2012, julho 9, de <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>.

- Zacharias, V. L. C. F. (2007). *Importância do faz de conta – VYOTSKY*. Recuperado em 2012, fevereiro 8, de <http://pt.scribd.com/doc/504407/A-CRIANCA-E-O-FAZ-DE-CONTA>.

Legislação

- Circular n.º4/DGIDC/DSD/2011, do Ministério da Educação (2011), Avaliação da educação pré-escolar. Recuperado no dia 9 de julho de 2012, de <http://www.dgidc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=215>.
- Decreto-Lei n.º3/2008, de 7 de janeiro.
- Decreto-Lei n.º 241/2001.
Perfis gerais de competências definidos para os educadores de infância e para os professores do 1.ºCEB. Publicado em Diário da República a 30 de agosto de 2001.
- Despacho n.º 5220/97, de 10 de julho – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.
- *Despacho-Normativo n.º30/2001*.
Orientações e disposições relativas à avaliação das aprendizagens no ensino básico. Publicado em Diário da República a 19 de julho de 2001.
- Decreto-Lei n.º6/2001, de 18 de janeiro de 2005.
- Despacho Normativo n.º1/2005, de 5 de janeiro.
- Lei de Bases do Sistema Educativo Português. *Lei n.º 49/2005*. Publicada em Diário da República a 30 de agosto de 2005.
- Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar. *Lei n.º5/97*. Publicada em Diário da República a 10 de fevereiro de 1997.
- Ofício Circular Nº2 (2005). Visitas de estudo ao estrangeiro e em território nacional, intercâmbios escolares, passeios escolares e colónias de férias. Direcção Regional de Educação de Lisboa, Ministério da Educação.